

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
NÚCLEO DE ESTUDOS INDICIÁRIOS

PLANO DE SEGURANÇA LOCAL

DIAGNÓSTICO HISTÓRICO-SOCIOLOGICO

Serra
2007

ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO	3
2. INTRODUÇÃO	5
3. RESULTADOS GERAIS	13
3.1- O processo de industrialização tardia no ES e os impactos negativos dos grandes projetos no município da Serra.	13
3.2 - Identidade e História. A imagem deteriorada dos bairros.	37
3.3 - A representação simbólica dos bairros	48
3.4 - A imagem midiática dos bairros construída pela imprensa	53
3.5 - Desigualdades e violência	56
3.6 - A violência como forma de socialização	59
3.7 - Impunidade e os direitos humanos	62
3.8 - Mapa georeferencial	65
3.9 - Ausência de integração nas ações das secretarias.....	74
3.10 - Oficinas e sustentabilidade	77
3.11- Falhas identificadas nos programas voltados para os jovens em situação de vulnerabilidade social.	79
3.12 - A representação social deteriorada da imagem do jovem.....	81
3.13 - Gravidez na adolescência e paternidade não reconhecida.	91
3.14 - A visão da polícia	95
3.15 - Imagens positiva da Serra.....	100
4. RECOMENDAÇÕES	102
4.1 - O inferno são os outros.....	102
4.2 - Identidade e história dos bairros.....	102
4.3 - Representação simbólica dos bairros.....	103
4.4 - Imagem do bairro na imprensa	103
4.5 - Desigualdades e violência	103
4.6 - Violência como forma de socialização.....	104
4.7 - Impunidade e direitos humanos.....	104
4.8 - Mapa georeferencial dos equipamentos públicos e privados e perfil dos homicídios..	105
4.9 - Integração nas ações das secretarias	107
4.10 - Oficinas e sustentabilidade	108
4.11 - Programa voltado para os jovens em situação de vulnerabilidade social	108
4.12 - Representação social deteriorada dos jovens.....	109
4.13 - Gravidez na adolescência	109
4.14 - Polícia também é gente.....	109
4.15 - Imagens positiva da Serra.....	110
5. SUGESTÕES DE OFICINAS	111
6. REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
7. RELAÇÃO DE ANEXOS	117
8. ANEXOS	118
8.3 - Ficha Técnica.....	118
8.4 - Roteiro das Entrevistas	119
8.5 - Relatório de Campo	120
8.6 - Transcrições dos relatos editados	150
8.7 - Quadro Sinóptico relacionado aos problemas detectados.....	221

1. APRESENTAÇÃO

Equipe do projeto

Coordenação

Coordenadoria Geral: Márcia de Barros Ferreira Rodrigues

Coordenadoria Administrativa-Financeira: Cláudio Márcio Coelho

Coordenadoria da Análise Documental: Deivison Souza Cruz

Coordenadoria de Campo: Rachel Franzan Fukuda

Coordenadoria Mapa Geo-referencial: Paulo Roberto Fabris

Assessoria

Assistente de Coordenação: Clarkson Diniz, Isaias Alves

Assessoria de Comunicação: Maria Helena de Almeida Macedo

Consultoria

Consultoria para análise Geo-referencial: Gustavo Debortoli

Consultoria de Projeto: Márcia Cristina Alves

Equipes de apoio:

Equipe de Análise Documental: Daniela Henrique Oliveira da Costa, Franciane Honorato, Grazielle Fernandes, Iljorvanio Silva Ribeiro, Milton Monteiro Neto, Priscila Peixoto Colodette.

Equipe de Campo: Amílcar Freitas, Jamila Rainha, José Faustino Carneiro, Ludmila Martins, Leyse da Cruz Ferreira, Matusalém Dias de Moura Sobrinho Florindo.

Mediação Institucional: Karideny Nardi Modenesi Gomes, Robson Rangel Gonçalves, Rodolpho da Cruz Rangel.

Resumo: O Trabalho de campo da análise qualitativa foi composto metodologicamente por: pesquisa histórica por meio da história oral; fontes documentais tais como jornais, documentos oficiais, fotos, atas de reunião, manifestos; observação participante; entrevistas em profundidade com a população em geral e os jovens em particular e representantes do poder público local: secretários, vice-prefeito, ex-prefeito, policiais, lideranças formais e informais etc.

Bairros pesquisados: Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Alterosa e Nova Zelândia.

Resultados: o presente diagnóstico apresenta uma análise sociológica das causas endógenas e exógenas da violência e criminalidade nos bairros selecionados e também uma reflexão sobre a história dos bairros apontando os problemas detectados. A partir dos problemas detectados elaboramos uma série de recomendações e sugestões de oficinas a serem discutidas com a comunidade e principalmente com os jovens na faixa etária de 10 a 25 anos que constituem no público alvo.

Apresentação: power point

2. INTRODUÇÃO

“Do rio que tudo arrasta se diz violento,
mais ninguém diz violentas as margens que o comprimem”

Bertold Brecht

Nossa pesquisa e o diagnóstico seguem os parâmetros e orientações da SENASP e se inscreve na perspectiva de analisar o fenômeno da violência e da criminalidade a partir da ótica da segurança cidadã. Do ponto de vista do método, a pesquisa baseia-se no pluralismo documental e teórico-metodológico dado a natureza do objeto “violência”, que é um fenômeno multicausal. Seguimos a orientação do paradigma indiciário e nesse sentido, nossa metodologia possui elementos de continuidade e ruptura com procedimentos metodológicos das ciências sociais ainda devedores do paradigma positivista. Assim, sem deixar de lado o paradigma racional-indutivo (continuidade), introduzimos o paradigma indiciário de base psicanalítica (ruptura). Tal metodologia tem o propósito de superar a dicotomia ainda existente entre racionalidade e irracionalidade, assim como dar conta da dimensão do imaginário e da fantasia (inerente ao humano), na ação política a partir de pistas ou sintomas tomados como sinais. Busca-se a interface interdisciplinar que remete ao campo dos estudos de fronteira entre História, Teoria política e Psicanálise para o estudo do fenômeno da violência.

O fenômeno da violência em geral e o aumento significativo do índice de delito em particular, têm se apresentado na sociedade contemporânea como um desafio constitutivo e definidor de políticas públicas para a promoção do desenvolvimento

humano. Diante desse fato observa-se um crescente interesse por dados numéricos traduzidos em estatísticas por meio de gráficos, estimativas e mapas de cunho espacial e georeferencial, com o objetivo de mensurar o desenvolvimento do fenômeno social da violência e do delito. Sem dúvida, esses procedimentos quantitativos são extremamente relevantes e imprescindíveis como norteadores ou indicadores da dinâmica do fenômeno da violência em qualquer aspecto. Inclusive, a construção desses dados é o primeiro passo em pesquisas e/ou projetos que visem à intervenção social. Entretanto, por ser a violência um fenômeno social multicausal e multifacetado, o grande desafio que já se coloca de imediato, quer no mapeamento ou registro quantitativo, quer na análise qualitativa, é a compreensão e explicação do fenômeno social da violência nas suas causas, conseqüências e nuances histórico-sociais, culturais, econômicas, políticas e subjetivas. Dessa forma, a complexidade do fenômeno coloca de pronto a impossibilidade de uma definição heurística como também, a insuficiência de um tratamento unilateralmente quantitativo. Os números não registram ou mensuram afetos e sentimentos que, por sua vez, são inerentes a qualquer fenômeno social, inclusive e principalmente a violência ou criminalidade.

O primeiro aspecto que se destaca é a variedade de formas de apresentação do fenômeno social da violência tais como: violência doméstica, que engloba o estudo das contradições e conflitos da e na dinâmica familiar; de gênero, que engloba as diferenças e desigualdades culturais no desempenho dos papéis sociais dos indivíduos enquanto homens e mulheres; infantil, que diz respeito aos mecanismos de proteção ou abandono dos menores, quer no âmbito familiar, quer no âmbito social ou institucional; a criminalidade urbana, que envolve vários delitos como latrocínio, homicídio, genocídio com viés étnico, sem falar na dimensão simbólica ou das representações sociais diferenciadas desse fenômeno.

Estas ponderações preliminares podem parecer, a princípio, enfadonhas ou prolixas, porém são necessárias para a percepção não só da complexidade como também da ineficácia de soluções imediatas ou em curto prazo. O conhecimento teórico e as experiências práticas atestam o quanto é preciso uma abordagem holística para que programas e/ou planos de intervenção social atuem na prevenção e não repressão, para

que a médio e longo prazo a promoção do desenvolvimento humano se torne sustentável no campo da segurança pública. Por isso, a estratégia metodológica da nossa pesquisa trabalhou com a mensuração estatística e georeferencial como suporte para a análise qualitativa histórica e sociológica no aglomerado estudado no município da Serra no Espírito Santo, a saber: Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Alterosa e Nova Zelândia. Portanto, a ênfase do nosso trabalho é a abordagem qualitativa de base interpretativista na compreensão do fenômeno da violência.

Isto posto, destacamos que o principal pressuposto do qual partimos para a compreensão da violência e da criminalidade em nosso país de forma geral e particularmente no aglomerado estudado, é que o tema da violência tornou-se nas últimas décadas um tema político-ideológico, ou seja, uma questão política, precisa. Por quê? A crise da polícia após o término da última ditadura militar tornou-se patente e a sociedade civil não conseguiu até o momento, discutir a passagem da polícia política para a polícia civil, de forma clara. Embaralhou-se de tal forma essa discussão no Brasil, que não se consegue separar o aumento da criminalidade em função do processo de industrialização-urbanização capitalista acelerado, desigual e sem planejamento, que de resto aconteceu na maioria absoluta dos grandes centros urbanos mundiais; da crise institucional da polícia face à mudança do seu desempenho numa conjuntura de ditadura para o estado de direito. Assim, a complexidade das relações sociais no meio urbano brasileiro, não foi acompanhada por uma atuação renovada da polícia em termos de competência técnica, intelectual e principalmente institucional, para enfrentar o desafio do controle social numa perspectiva holística da segurança pública num estado democrático de direito.

Este quadro se agrava em países como o Brasil onde a dependência econômica no campo internacional, fruto das opções políticas históricas, tornaram as desigualdades mais gritantes. A presença do Estado no Brasil republicano se configurou de forma autoritária ou pelo vícios autoritário paternalista da ideologia do favor, tão familiar a nós brasileiros. Como consequência, a desigualdade encontrou diversas formas de manifestação, como na distribuição de renda, escolaridade, oportunidade de trabalho, lazer, moradia, saúde, estética, consumo etc. Isto propiciou um campo enorme para as

angústias e medos na sociedade como um todo, gerando desconfiança, inveja, raiva, intolerância, ressentimento e quebra de laços sociais de solidariedade. Este fato, por sua vez, estabeleceu um estado de passividade, indiferença e ódios recíprocos entre segmentos da sociedade como a polícia - que tem como função a manutenção da segurança pública e o uso legítimo da força – e a população excluída do processo de divisão do bolo em todos os aspectos.

Resumindo, as circunstâncias histórico-culturais do nosso país e as opções tomadas pelos “donos do poder” no período republicano, até meados dos anos 80 do século XX, produziram um déficit enorme para a grande parcela da população brasileira que se viu marginalizada e excluída do projeto republicano. Ou seja, os pobres, os negros e os índios não foram incluídos no projeto civilizador. O efeito dessa exclusão secular foi indelével e se faz presente cotidianamente no noticiário dos jornais e na mídia, onde a população pobre, na sua grande parte afro descendente, aparece simultaneamente como vítima e algoz de delitos escabrosos que atormentam a todos nós. Entretanto, o resultado desse processo não poderia ser outro senão o esgarçamento do tecido social, tensão e conflito exarcebados nas relações sociais rurais e urbanas, seletividade do sistema penal e conseqüentemente impunidade seletiva, paternalismo na relação Estado e sociedade, seletividade elitista do ensino, desemprego, controle repressivo das massas e ausência de política de integração etc.

Diante desse quadro, estou convencida de que não adianta lamentações, devemos agir a partir das circunstâncias que estão postas e pensar as possibilidades de futuro e a eficácia de políticas ou programas de prevenção à violência e do controle à criminalidade. Para tal devemos levar em conta cinco pressupostos:

1- o fenômeno da violência é constitutivo da sociedade humana, portanto podemos e devemos controlar esses fenômenos mantendo-o em índices aceitáveis para o desenvolvimento humano;

2- embora o fenômeno da violência não se reduza ao aspecto econômico é inaceitável a desvinculação de ambos, principalmente num país como o Brasil;

3- sem pesquisa social e investimento na capacitação profissional dos agentes de segurança não se constrói política pública preventiva e eficaz de controle a criminalidade;

4- medidas de curto prazo não se sustentam, o que não quer dizer que medidas jurídicas e econômico-sociais de caráter mais imediato não sejam bem vindas tais como, penas alternativas, fechamento dos bares em horários determinados, vídeo monitoramento em áreas de risco, polícia comunitária, núcleo de resoluções de conflito, bolsa família, cotas na universidade, programas sociais, capacitação técnica da polícia, presença ostensiva do Estado no seu papel de responsabilidade parental etc.;

5- a inclusão social deve ser afetiva, já que esta dimensão do psíquico é a que muda de forma mais lenta, no entanto, é a mais importante porque se não transformamos o afeto, a ação não é verdadeira e não produzirá o efeito esperado em longo prazo. Os operadores sociais devem incluir afetivamente o outro, para que assim possam exercer a responsabilidade parental enquanto representantes do Estado.

Na esteira da crise, sobretudo política, que vivemos e cujo principal sintoma aparece na questão da polícia (também por muitos nomeada como questão da violência) o que temos é o rastro, a cauda do dragão da ditadura cuja transição para o estado de direito democrático ainda não se completou. O velho não morreu e o novo ainda não nasceu.

Inclui-se aí a responsabilidade parental do estado, ou seja, conjunto de práticas políticas e ideológicas encetadas a partir de um lugar de poder dentro de uma dada lógica institucional. A expressão em Pierre Legendre (1992) aparece sob a forma de *função parental*, porém *Gisálio e Gizlene propõem responsabilidade parental*, com a qual concordamos.

A responsabilidade parental do Estado implica a idéia de filiação, o que é da máxima importância. Na interpretação de Pierre Legendre, o conceito de *filiação* é fundacional. Pois o processo de formalização institucional dos Estados no ocidente

cristão increveu-se dentro da problemática da **Referência**. O que implica afirmar o conceito de Estado para além de aspectos sócio-econômicos, portanto, da idéia de mercado. A partir de uma perspectiva do juridicismo ocidental, o Estado organiza e é organizado, prioritariamente, como uma forma histórica destinada a fazer produzir efeitos normativos. Estes efeitos representam os fundamentos da vida dos sujeitos individuais e coletivos; e a normatividade é lugar de realização de um jogo de imagens tributário da razão mesma da vida. Como a religião, o Estado, na cristandade ocidental, é a origem subjetiva e social do Interdito.

Em outras palavras, o Interdito possibilita o imperativo da diferenciação, que consiste, dentro da espécie falante, em controlar, civilizar, e por fim, simbolizar duas questões interligadas: a morte (o homicídio, especialmente do pai - o parricídio) e o incesto. Portanto, representar os fundamentos da vida, em todas as culturas, não tem outra implicação que não instituir as imagens fundantes, onde repousam sucessivas remissões ao princípio da diferenciação de imagens que estão na base da genealogia, o que quer dizer do princípio do Pai para os dois sexos. A Referência é, pois, o discurso que põe em cena o que estamos denominando responsabilidade parental do Estado.

Para Gisálio e Gizlene (1997 e 2002), a responsabilidade parental do Estado, do ponto de vista social, político, ideológico e jurídico, não significa paternalismo, no sentido pejorativo, muito embora, em algumas situações históricas, a prática política e ideológica dos Estados venha revestida de paternalismo no sentido estrito do termo. Geralmente, sob o paternalismo, verifica-se uma *Referência em excesso* destas mesmas responsabilidades parentais e tende a se produzir efeitos políticos, ideológicos e, sobretudo, sociais de fragilização dos segmentos mais vulneráveis da sociedade, semelhante àqueles onde ocorre à ausência da responsabilidade parental do Estado. Como o excesso é sempre um indício, o Estado na tradição cristã ocidental, enquanto Referência peca tanto por ausência (descompromisso com os setores populares), quanto por presença excessiva (paternalismo), gerando nos dois casos, vulnerabilidades e fragilidades sociais.

Após esse prelúdio e de acordo com as indicações da Organização Mundial da Saúde, a África juntamente com a América Latina é a região mais violenta do mundo em termos de violência homicida. Esse dado, além de triste, é denunciador do déficit o qual nos referimos anteriormente e demonstra o descaso histórico das políticas públicas voltadas muito mais para a repressão e o castigo, ou seja, controle das massas, do que para a prevenção, como reza a herança iluminista e da filosofia liberal que considera a pessoa humana um sujeito de direitos. O Brasil integra esse quadro e podemos citar alguns dados históricos que marcam essa tradição punitiva que vem da herança ibérica e inquisitorial da nossa colonização portuguesa tais como:

- a) Abolição/república e a exclusão dos negros e afros descendentes pobres do projeto civilizador republicano;
- b) construção do mercado de trabalho e de um discurso jurídico ideológico baseado na seletividade penal no processo de criminalização;
- c) binômio raça x nação implicando numa política de branqueamento e processo civilizatório autoritário;
- d) Seletividade no processo de cidadania traduzida no binômio, código criminal x civil – quem é cidadão?
- e) a definição da polícia enquanto instituição de repressão baseado em critérios jurídicos cristãos inspirados no código canônico e na idéia de culpa e punição;
- f) governos republicanos de corte conservador e autoritário;
- g) binômio polícia/política, ou seja, militarização da questão da segurança pública, marcadamente no golpe de 64;
- h) modelo econômico excludente e conseqüentemente esgarçamento dos laços sociais de solidariedade, gerando ódios e ressentimentos recíprocos;
- i) representação social da violência e seus efeitos no imaginário e no sentimento do tecido social como um todo.

Diante do exposto passemos para a prática. Como recuperar o déficit brasileiro e pensar uma segurança cidadã? Em primeiro lugar é preciso definir o que entendemos por segurança cidadã: um conjunto de medidas políticas que se destina a prevenir e controlar a violência e o delito, bem como programar políticas de reformas

institucionais que integre os diferentes setores ligados à segurança pública desde os níveis municipal, estadual e federal. A perspectiva da segurança cidadã está centrada na participação efetiva de todos os sujeitos, buscando o envolvimento direto ou indireto destes nos processos de decisão, gerenciamento e execução de políticas públicas, a partir do binômio participação/sustentabilidade. O objetivo maior almejado pela segurança cidadã é a construção de um pacto político ancorado numa rede comunitária de proteção social de baixo para cima. Esta concepção não pode ser entendida sem o estabelecimento de relações mútuas entre os componentes básicos e os sistemas decisórios que estruturam a sociedade. Ou seja, secretarias de defesa social e coordenadorias de governo promovendo ações conjuntas dos órgãos de justiça tais como, ministério público, poder judiciário, polícia civil, militar e federal.

Enfim, a segurança cidadã é um pacto social baseado na idéia de que as dificuldades devem ser encaradas como desafios e não como obstáculos, e que a solidariedade social é a base para o desenvolvimento de uma cultura da paz na resolução dos conflitos. Isso é possível, e a condição para uma segurança cidadã é a interlocução e interação das instituições que zelam pela segurança pública, e para tal é preciso entender a política como arte (conciliação, diálogo, parceria, troca) e não como missão, porque missão é da ordem do absoluto, do infalível, portanto, não humano.

3. RESULTADOS GERAIS

A pesquisa nos bairros analisados identificou os seguintes problemas:.

3.1- O processo de industrialização tardia no ES e os impactos negativos dos grandes projetos no município da Serra.

O inferno são os outros

Uma das causas apontada para a violência na Serra é a presença de grande número de “estrangeiros” que acabam por provocar desordens de vários tipos causando um caos no município (habitação, emprego, saúde, educação etc.). Essa fala está presente, de forma diferenciada, tanto no discurso dos representantes do poder público quanto da população em geral. Entretanto, para o poder público esse “estrangeiro” tem cara, são os “baianos” (categoria ideológica utilizada para designar quem é de fora ou designação estigmatizada dos nordestinos em geral), enquanto para a população em geral esse “estrangeiro” não tem uma cara definida. Independente das nuances dos discursos, o fato é que os “estrangeiros” são apontados como uma das causas da violência e do agravamento da precariedade de infra-estrutura para a população em geral nas áreas da saúde, escola, moradia, emprego etc.

Atribui-se, em função das obras de expansão da CST, no momento atual, a suposta invasão dos “baianos” no bairro de Jacaraípe, na Serra, ao qual são apontados como principal causa de transtornos para o bairro. Os “baianos” terminam por ser expostos como principais culpados de diversos problemas para o município, tais como: o aumento significativo de gravidez na adolescência, o maior do Brasil, o aumento de crianças sem registro de paternidade e também à violência. Esses fatos estão diretamente ligados à migração de mão de obra sazonal promovida pelas grandes empresas, gerando uma demanda que o município não tem condições de atender.

No entanto, cabe ressaltar, que o aumento significativo da migração interna para áreas de maior concentração em atividades industriais está diretamente relacionado ao processo acelerado de urbanização e industrialização que o Brasil sofreu a partir da década de 1960. “Os anos 60 são determinantes para a passagem de um Brasil rural para um Brasil urbano-modernizado, tendo como componente o peso das migrações internas, que se constituíram no movimento mais expressivo para a redistribuição espacial da população urbana”. Em 1980, 67,6% da população brasileira estava se alojando nas cidades, mostrando as efetivas tendências do país. Em 2000 essas tendências já estão legitimadas num quadro de crescimento urbano desordenado e caótico que reflete a grande complexidade socioespacial do Brasil, que abriga 81,2% de sua população nos centros urbanos” (SIQUEIRA: 2006; 22).

Tabela I Brasil: população rural-urbana. 1960/2000

Anos	População Total	População urbana	%	População rural	%
1960	70.992.343	32.007.817	45,1	38.984.256	54,9
1970	94.508.554	52.605.052	55,7	41.903.502	44,3
1980	119.002706	80.436.409	67,6	38.566.297	32,4
1991	146.825.475	110.990.990	75,6	35.834.485	24,4
2001	169.544.443	137.697.439	81,2	31.847.004	18,8

Fonte: IBGE. Censos Demográficos do Brasil. 1960 a 2000 In SIQUEIRA: 2006;22.

No ES, em particular, foi a partir da década de 70 que se verificou esse processo com a implantação dos chamados grandes projetos. Entretanto, a despeito das diferenças regionais no ritmo desse processo, gostaríamos de destacar que mesmo nos centros metropolitanos mais dinâmicos, o processo de urbanização/metropolização, no quadro da atual globalização da economia, está associado ao crescimento urbano desordenado, a enormes carências de infra-estrutura. No entanto, a questão da mundialização da economia explicita ainda mais a fragilidade do Brasil face ao quadro de desigualdade econômica e social, o quadro não é novo. “Historicamente, o desenvolvimento atual das

idades brasileiras se confunde com a configuração sócioespacial metropolitana, principalmente, na magnitude dos problemas relativos à própria população das cidades, que passou a se elevar em termos de aglomeração. O que se assiste hoje é o agravamento desse quadro na lógica da economia globalizada e de novo modelo de modernização” (SIQUEIRA: 2006; 11 e 12).

Podemos afirmar que a questão urbana e a fragmentação social é um novo paradigma de interpretação das sociedades capitalistas contemporâneas. Entretanto, não podemos nos refugiar na lógica modernizadora dos anos 90 para explicar os recentes problemas urbanos que se expressam no Brasil. “A metropolização é um fenômeno quantitativamente novo, entretanto os fenômenos que afetam as cidades brasileiras não são novos. O crescimento populacional urbano, apoiado no êxodo rural, por conta de antigos problemas do campo, é uma marca da expansão urbana brasileira, que não se justifica na lógica das novas interpretações. Os problemas urbanos, potencializados pela existência de numerosas favelas e de outros desenvolvimentos sociais negativos, também são antigas expressões da precariedade das condições de vida nas cidades brasileiras. As cidades brasileiras são o espelho do crescimento urbano e desenvolvimento fragmentado. Olhar a paisagem urbana das metrópoles brasileiras, marcada por uma ostensiva diferenciação, coloca-nos diante do espetáculo e da frágil coesão sócio-urbana em que a sociedade se articula e se afirma num mundo que se divide entre a “cidade legal”, referenciada com seus valores e estilos de vida, representada pela qualidade de seus serviços urbanos e ocupada pela população integrada ao seu contexto socioeconômico, seja a elite tradicional, seja os novos grupos ascendentes, e a “cidade ilegal”, na qual a desordem urbanística se estabelece, principalmente, por meio de favelas e loteamentos periféricos. Na década de 90, a performance das metrópoles no Brasil, independente do porte e da região geográfica, já era muito parecida. A polarização social, visível nas cidades e em suas periferias, já expressava uma imagem impar do universo das regiões metropolitanas” (SIQUEIRA: 2006; 13 e 17).

A cidade de Vitória emerge como centro metropolitano num processo de urbanização acelerada abrigando favelas espalhadas na região do centro, ocupando os

morros e ganhando lugar de destaque na paisagem urbana da cidade. O processo de diferenciação espacial e social, aliado à inexistência de uma política habitacional eficiente voltada para a população de baixa renda, constituiu-se em um instrumento propulsor do rápido alargamento da periferia da Grande Vitória, que, sem infra-estrutura ou condições mínimas da habitação, passou a abrigar considerável parcela da população do estado. Neste quadro, o crescimento urbano foi marcado pela expansão da periferia, principalmente por meio de invasões e loteamentos clandestinos em morros, baixadas e mangues, posteriormente aliado à construção em massa de habitações populares de baixo padrão (SIQUEIRA: 2006; 19e 20).

Em 1970, Vitória possuía 218 estabelecimentos indústrias. Nos dez anos seguintes, foram criadas ao redor da cidade inúmeras empresas. Na década de 1980 registrou-se o número de 646 indústrias. Vitória passou a comportar indústrias de transformação. No período de 1970 a 1993, as indústrias localizadas em Vitória cresceram em torno de 336%. O crescimento industrial a partir de 1970 contribuiu para que Vitória tivesse seu espaço expandido para seu entorno com a instalação de pequenas empresas. Em 1996, das 150 maiores empresas estabelecidas no Estado, 34,6% passaram a operar no município de Vitória, tornando a cidade com maior concentração de trabalhadores. (NADER: 2003)

De acordo com Nader, o período histórico que marcou o desenvolvimento estadual a partir de 1960 surtiu efeitos expressivos tanto na economia quanto na questão urbana e social. O Espírito Santo da segunda metade do século XX – voltado para a monocultura das pequenas propriedades tocadas pela mão-de-obra familiar – foi se afastando das atividades tradicionais dando espaço à industrialização.

Os projetos indústrias implantados pós 1970 de forma brusca e sem planejamento estratégico, principalmente do ponto de vista dos impactos sociais e ambientais, promoveram a rápida decadência das atividades tradicionais e atraíram para Vitória a população rural, que ficou desempregada depois da erradicação do café, além de imigrantes de outras regiões do país. A estimativa é de que 250 mil pessoas desempregadas e de mão-de-obra desqualificada para a indústria, chegaram à Grande

Vitória (região metropolitana) na década de 1970 (NADER: 2003). Esse acelerado processo de industrialização/urbanização transformou a paisagem de Vitória e deflagraram num segundo momento, a ocupação e invasão dos espaços periféricos, manguezais e morros que se situavam no centro da ilha.

O documento “Município de Vitória. Situação Sócio-Econômica (1978)” mostra que, em 1970, a área de cidade era de apenas 81 quilômetros quadrados e o complexo portuário era a maior expressão de desenvolvimento da cidade. Nesse período, segundo o documento, de uma vez só 50 mil trabalhadores rurais e suas famílias vieram para a capital. A população de 50.922, em 1950, passou para 83.351 após o fluxo migratório. Dez anos depois passaria para 133.019 habitantes (ibidem). Em sua pesquisa Nader afirma que em 1970 a taxa de ocupação urbana era de 1.643,42 habitantes por quilômetro quadrado, em 1980 foi para 2.562,47, aumentando, em 1991, para 2.911,42 habitantes.

Entre as empresas implantadas e ou ampliadas nesse período se destacam a CDRV, Aracruz Celulose e CST, juntas elas foram responsáveis pela geração de 24% do total de renda interna estadual, em 1985. Em 1980, a ilha de Vitória já se urbanizara tornando-se um centro populacional com grande expansão de favelas. A estimativa é de que em 1983, 47% da população de Vitória estavam vivendo em favelas e que a cada dia eram construídos 20 novos barracos de madeira e alvenaria.

A construção de grandes indústrias criou muitas expectativas quanto à geração de empregos e atraiu fluxos migratórios. A construção da fábrica da Aracruz Celulose absorveu cerca de 14 mil trabalhadores e da CST atraiu para a cidade mais de 40 mil pessoas. Na primeira fase, a demanda era por mão-de-obra não qualificada, o que só veio acontecer com a implantação da operação industrial. A Aracruz Celulose empregou inicialmente 2.500 pessoas e a CST 4.674.(ibidem).

Os censos demográficos, após a década de 1970, registravam a presença de pessoas de todas as regiões do país, especialmente da região sudeste. Em 1970, o censo demográfico identificou 59.385 pessoas não naturais do município vivendo na cidade,

ou seja, 44,64% da população residente em Vitória. A maioria dos migrantes era procedente de Minas Gerais, o equivalente a 11.075 pessoas. Em 1971, 74% da população estadual concentravam-se na zona urbana, sendo que 13,44% na capital.

Nader esclarece que o contingente populacional que vinha do interior do Espírito Santo superava os de outros estados, vindas de áreas urbanas e rurais, chegando, em 1970, a 29,76% de toda população da capital. Na década de 1980, devido a incentivo do Governo Federal para assentamento em Roraima, houve uma pequena diminuição na migração para Vitória do interior do Espírito Santo, o que representou uma queda de 17%. Entretanto, de 1990 a 2000, a migração interna teve aumento considerável.

Em nível nacional a partir dos anos 60, as metrópoles, juntamente com as cidades de médio porte, passaram por uma contínua mudança na distribuição espacial da população, alternando simultaneamente o perfil urbano das cidades. “De 1960 a 2000, verifica-se a estratégia desenvolvimentista, apoiada no trinômio desenvolvimento-industrialização-urbanização, e no final do século, pelo novo paradigma da modernização” (SIQUEIRA: 2006; 21). Na década de 80 verifica-se um acelerado movimento migratório de natureza rural-urbana, em todas as regiões brasileiras, em função da atração provocada pelo crescimento industrial e de serviços e pelas transformações estruturais provocadas na agricultura. “O censo de 1980 registra os contornos definitivos da urbanização do país, 67,6% da população era urbana, e a crescente concentração dessa população se fazia presente tanto em áreas metropolitanas tradicionalmente mais dinâmicas quanto naquelas atingidas pela modernização mais recente da economia, destacando-se, neste contexto, Vitória, a cidade de porte médio do sudeste atingida pelas novas oportunidades modernizadoras da economia, enquanto projeto de desenvolvimento integrado. No início dos anos 80, Vitória já estava abrigando 34,9% da população total do estado em sua região metropolitana. (SIQUEIRA: 1991; 132).

Em 1980 e mantendo-se em 1990, as dez metrópoles com maior concentração urbana do país foram: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória, Porto Alegre,

Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém. Entretanto, o crescimento desigual e desequilibrado social e regionalmente é gritante. (SIQUEIRA: 2006; 25).

Tabela II. Brasil: Distribuição regional da população- 2000 PIB-1970-1996

IBGE. Censos Demográficos do Brasil. 1970 a 2000.

Brasil		PIB		População
Regiões	Área	1970	1996	2000
Norte	41,8	2,2	5,1	7,6
Nordeste	18,5	12,1	13,5	28,2
Sudeste	10,8	65,0	58,3	42,7
Sul	6,7	17,0	15,8	14,8
Centro Oeste	22,2	7,3	6,7	6,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Brasil: área total. 8.547.403 km quadrado. In SIQUEIRA: 2006; 23

Tabela III: Brasil: População rural – urbana por regiões. Ano: 2000

Regiões	Rural	%	Urbana	%	Total
Norte	3.914.152	2,3	9.005.797	5,8	12.919.949
Nordeste	14.759.717	8,7	32.919.667	9,4	47.679.384
Sudeste	6.851.646	4,1	65.410.765	38,6	72.262.411
Sul	4.780.924	2,8	20.290.2287	12,0	25.071.211
Centro-Oeste	1.540.569	9,0	10.070.923	6,0	11.611.492
Brasil	31.847.008	18,8	137.697.439	81,2	169.544.447

Fonte: IBGE. Censo demográfico do Brasil. 2000. In SIQUEIRA: 2006; 25

As tabelas acima mostram um quadro de ação contraditória do papel do Estado brasileiro que, apesar do projeto de integração nacional e desconcentração produtiva implementado, a partir da década de 70, não conseguiu resolver os problemas estruturais que sustentam as bases históricas do desequilíbrio regional presente no processo de desenvolvimento industrial brasileiro, tradicionalmente legitimado na manutenção de

um longo projeto de concentração (da população, de renda, de poder, de investimentos, de atividades industriais, de propriedade) e de desigualdades em vários níveis.

Diante desses fatos seria interessante comparar esses dados de concentração urbana (crescimento desigual e desequilibrado regionalmente), com os índices de violência e homicídio nestas dez metrópoles com maior concentração urbana. De todo modo, como veremos mais adiante, a região metropolitana da Grande Vitória, que figura entre as dez metrópoles com grande concentração populacional, possui os problemas urbanos típicos, dentre os quais, o aumento dos índices de violência e criminalidade, com ênfase no homicídio, proporcionado em grande parte pelo tráfico de droga e pelas desigualdades decorrente da ausência da responsabilidade parental do Estado, que incluí uma atuação ineficaz da polícia num estado de direito.

Isto posto, faremos uma relação entre déficit habitacional e modernização no município da Serra, fazendo um link com as questões apontadas até o momento, destacando as particularidades do município e dos bairros estudados.

O Conjunto Habitacional Dr. Pedro Miguel Feu Rosa e diversos loteamentos, como Vila Nova de Colares, bem como os demais bairros dos loteamentos que se encontram no entorno do CIVIT - Centro Industrial da Grande Vitória são parte intrínseca do processo de modernização do ES e da racionalidade estratégica das elites capixabas que articularam espaços industriais e de moradia num mesmo local.

Descrevendo o CIVIT, Bittencourt (1987) aponta que a “área piloto da CIVIT - Centro Industrial da Grande Vitória, sob a administração da SUPPIN, foi inaugurada em novembro de 1974, com 170 ha brutos e 70 ha de áreas úteis, dotadas de acesso pavimentado, água, esgoto, drenagem, telefone e energia. Como 67% da área já se encontravam comprometidas, a SUPPIN projetou infra-estruturar mais 460 ha de terra. Os módulos industriais foram vendidos a preços subsidiados contribuindo também para implantação de inúmeras unidades industriais. Até 1980 o CIVIT recebeu 22 indústrias em seu Plano Piloto, com ocupação de aproximadamente 70% de seus lotes

urbanizados. No setor I existiam 14 empresas em operação e quatro em implantação e no setor II, três áreas estavam reservadas para implantação de novas empresas”.

Durante fins dos anos 70 e meados da década de 80, a criação de conjuntos habitacionais e o ordenamento de loteamentos na região metropolitana, ao contrário de ser uma demanda à posteriori, fruto de uma demanda de moradia, articularam-se, ao contrário, enquanto parte integrada do processo de industrialização do Espírito Santo e em função da predição de demanda, relacionando ao mesmo tempo, crescimento econômico e populacional, com a demanda imobiliária. O contexto de construção do conjunto Habitacional Dr. Pedro Miguel Feu Rosa articula-se diretamente com a definição do condomínio industrial do CIVIT.

Com base nesses dados podemos inferir que o efeito do crescimento demográfico de Vitória na década de 70 (“inchaço”), não se configura enquanto condição suficiente para a construção dos diversos conjuntos habitacionais pela COHAB, uma vez que tal concentração populacional, destarte seus problemas sociais, poderia ser “resolvido” via expulsão, repressão estatal, lógica do mercado, tanto no sentido do crescimento do valor dos aluguéis quanto e uma expansão desordenada para os municípios próximos como aconteceu na ilha de Vitória. Entretanto, a expansão das áreas industriais para o município de Serra é parte de uma decisão política que veio a desdobrar-se em uma massa de investimentos que transformaram radicalmente o uso do espaço neste município. Neste sentido, buscou responder a uma lógica de integração entre o espaço industrial e residencial, sendo o último em função do primeiro.

Cabe ressaltar que é comum encontrar referência de status para locais em que a construção fora destinada à moradia de trabalhadores da CST ou CVRD, como exemplo podemos citar a construção do PRU no bairro Jardim Camburi. Na Serra foram construídos o Conjunto Marajá, conjunto Feu Rosa, José de Anchieta, André Carloni, Serra Dourada (I, II e III), Laranjeiras, Chácara Parreiral, Barcelona, Bairro de Fátima, dentre outros, sem contar os diversos loteamentos legalizados nos últimos 25 anos. Entretanto, o que deve ser destacado é que a dimensão e quantidade de intervenções urbanas partem de um contexto mais amplo, a qual a construção de um conjunto

diversificado de atividades indústrias, tal como o CIVIT anteriormente citado, se articula.

Há várias conseqüências nesse processo. Em primeiro lugar, tal elemento contextual não autoriza em grande parte a hipótese de analogia com as conclusões derivadas de outras regiões metropolitanas brasileiras, quando trata das ocupações urbanas como resultado de um desordenamento estatal. No caso da Região Metropolitana de Vitória, o que existe é um ordenamento estatal prévio, seja no ordenamento da destinação social do espaço, seja de modo mais concreto, na construção de moradias sem uma demanda efetiva, mas presumida. Por sua vez, é a presença humana em um espaço previamente planejado que não encontra é planejada. É deste paradoxo, de um ordenamento do espaço e um desordenamento da presença humana que sintetiza parte das contradições do projeto de industrialização e desenvolvimento. A questão, a saber, é como tal processo vem a ocorrer.

Uma outra conseqüência é que, ao atrair uma massa de mão de obra de baixa qualificação no processo de construção das plantas industriais e conjuntos habitacionais, a lógica do processo de industrialização não se destinou a integrar tal massa a esse processo e sim aludiu a uma mão de obra já qualificada enquanto operariado urbano. Há, portanto, simultaneamente, fluxos migratórios de técnicos qualificados juntamente com o processo de consolidação de diversas indústrias e da fixação de uma mão de obra pouco qualificada advindas do interior do ES e outros estados.

A continuidade da expansão econômica baseada neste tipo de trabalho pouco qualificado, típico deste primeiro momento, mostra-se inviável em um momento posterior. O processo de migração para profissões que demandam conhecimento técnico passa a ser quase uma condição de mobilidade vertical inter-geracional (abrangendo gerações distintas e com ascensão social) a qual os filhos podem ter maiores chances de mudar de posição na estrutura social.

No primeiro momento da industrialização capixaba não ocorre expansão do setor industrial na medida necessária à absorção de uma mão de obra excedente, pois estamos

falando do contexto recessivo da década de 80. No entanto, também não se verifica um planejamento estatal anterior, no sentido de qualificação necessária para migração da mão de obra pouco qualificada para o setor técnico. Advindos do campo há pouco tempo, essa mão de obra apresenta barreiras educacionais e culturais que não podem ser desconsideradas. Ocorre mobilidade horizontal intra-geracional, de lugar e de profissão, no sentido de troca de um trabalho agrário pelo urbano, mas que a mudança de posição na estrutura social apresenta seus limites.

A desproporcionalidade entre a necessidade de empregos para construir uma fábrica e operá-la, agrega-se, a um excedente de mão de obra e a continuidade de atração da cidade sobre o campo, retro-alimentando tal processo. Neste contexto de continuidade de fluxos migratórios, o déficit de renda gera um déficit habitacional. A construção de conjuntos habitacionais não se voltou à resolução desta carência e sim para atender a demanda de um operariado industrial necessário às indústrias ali implantadas.

Ocorre neste momento uma inflexão crucial. A demanda por mão de obra que gerou todo um movimento de agenciamento nas cidades do interior, converte-se, na década de 80, em excedente de mão de obra. Em resumo, grande parte da massa de homens que participaram da primeira e segunda fase da industrialização capixaba pós década de 70, fica a deriva no momento posterior. Isso não significa que não houve crescimento econômico na década de 80, pelo contrário, é justamente tal crescimento que, operando em uma mudança da matriz de empregos e continuidade de fluxos migratórios, gera um cenário de retro-alimentação da situação apontada.

Neste contexto (final da década de 70 e década de 1980), as ocupações de conjuntos habitacionais, espaços vazios entre bairros e loteamentos vêm a ocorrer como produto desta inflexão que ao mesmo tempo gera oportunidade, criada pelo Estado com a construção dos conjuntos habitacionais, e por outro lado, não gera condições empregatícias para a mão de obra local e nem lhes permitem acesso ao mercado de trabalho por falta de qualificação. Entretanto, é ilusão pensar que há uma piora das

condições de vida destas populações, apenas a pobreza rural desloca-se para o meio urbano, tornando-se visível.

Todavia, apesar deste sentimento de melhoria social advindo da mobilidade rural-urbano que a precisamente a centralidade do trabalho na construção das identidades e das relações intra-familiares que, uma vez quebrado, fragilizado, não pode mais ser devidamente contrabalançado por uma comunidade de origem agrária que, no contexto urbano e na presença do Estado enquanto personificação da solidariedade orgânica (Durkheim) se sente órfã.

Na medida em que cresce o grau de incerteza em prover a si mesmo e filhos, ocorre a percepção real do distanciamento do Estado, no sentido de políticas públicas e emprego. Em um contexto rural tradicional, tal ausência, mediada pelo trabalho, outras estruturas sociais e do poder paternalista, não teria maiores efeitos dada a menor complexidade das formações sociais e da subjetividade dos indivíduos. Entretanto, o contexto da década de 80 no Brasil e particularmente no ES, é marcadamente diverso, onde a fragilidade econômica convive bombardeada com a emergência do mercado enquanto símbolo de mobilidade social e os meios de comunicação anunciando toda uma demanda de consumo e promessas, ambos insatisfeitos. É neste momento que podemos verificar uma quebra dos laços sociais. Esta quebra é traumática, mas ainda dentro de um código moral com diversas mediações e contextualizações.

Ocorre então uma adaptação à nova ordem urbana e em função das fragilidades sociais destas camadas sociais frente ao Estado, criam-se condições propícias para o aumento significativo e crescente da corrupção e atores criminais, advindos ou não de seus meios. São exemplos os agenciamentos de votos, o favoritismo, toda uma série de articulações entre as demandas e a mediação dos atores políticos e também, do conflito com os aparelhos de controle social (polícia e judiciário). Esse processo deflagra a fragmentação, desorganização sócio-espacial e a concentração populacional com graves efeitos dentre os quais o aumento da violência e criminalidade urbana nesse aglomerado industrial.

Visto isto, pode-se inferir que os “estrangeiros” oriundos da migração interna (interior do Estado), ou externa ao Espírito Santo, como os baianos, mineiros ou cariocas, são fatores exógenos e não únicos responsáveis pelo agravamento das condições sociais e econômicas do município da Serra na Grande Vitória. Só há sentido ao serem relacionadas com os fatores endógenos, como a industrialização e urbanização acelerada, planejamento inadequado de política habitacional para a população de baixa renda, carência de infra-estrutura básica, de escolas, concentração de renda, não qualificação da mão de obra local. A expansão do mercado econômico advindo da modernização cria um subproduto que são os problemas sociais e instabilidade política.

Diante do exposto, faremos agora uma análise da relação entre modernização e criminalidade.

Samuel Huntington (1975), em estudo clássico, é enfático no papel da modernização na produção da desordem social, e também, neste contexto, da violência social. Para o autor, enquanto a modernidade associa-se a estabilidade, a modernização implica em um período longo ao qual a instabilidade é a marca da sociedade em mudança. Para Huntington, uma sociedade em processo de modernização é eminentemente uma sociedade *anômica*, no sentido durkheimiano.

Dentro de uma gama maior de indicadores, Huntington associa a modernização ao crescimento dos indicadores de violência, corrupção e instabilidade política. O Espírito Santo, nestes últimos 30 anos, passou, e ainda vem passando em algum grau, por todos estes processos.

Norbert Elias, por sua vez, relaciona os processos de internalização de normas sociais e autocontrole ao quadro histórico de referências relacionadas ao estado e as instituições. A estabilidade do Estado vincula-se à estabilidade emocional dos indivíduos e os processos de autocontrole à capacidade histórica, de tempo longo, da preservação do próprio Estado. Hábitos sociais e estabilidade institucional são dois aspectos de uma mesma moeda para este autor.

Para Elias, é o grau de tensão nas relações dos indivíduos enquanto comunidades e o Estado, que permite maior ou menor estabilidade para ambos. Deste modo, é o conjunto de fatores desestabilizadores, seja em tempo longo, ou curto, que põe em risco o “processo civilizatório”. Processo civilizatório este que, mesmo em sociedades avançadas, pode sofrer retrocessos, revivendo a barbárie dos indivíduos sob a máscara da modernidade. Assim os indivíduos sofrem tanto os efeitos das transformações de tempo curto quanto longo nas sociedades em mudança.

A situação do ES configura-se com estudos internacionais mais amplos. Em especial, é plausível que se considere a hipótese dos sociólogos da escola de Chicago, formulada na década de 40, quem afirmam que, em períodos de mudança rápida, por efeitos da industrialização, migrações, modernização, mobilidade horizontal e vertical na estrutura social, os índices de criminalidade são maiores que nos períodos inerciais.

No que trata as interpretações de Elias, há duas ponderações, no que trata a instabilidade da identidade capixaba, pois mesmos nas décadas de 40 e 50 havia ainda disputas de territórios com Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, bem como a instabilidade política pós-democrática, decorrente da modernização. Em termos de um processo de longo prazo, as tensões na baixa expansão da capitania do ES vis a vis as de Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Considerando o caso da região metropolitana do ES, James Doxsey, em estudo clássico sobre a diferenciação populacional na região metropolitana, afirma pela primeira vez que a sociedade capixaba na década de 70 pode ser qualificada enquanto pré-industrial. Assim sendo, ao longo dos últimos anos, tal industrialização é recente e cujos efeitos, principalmente sociais, não se encontram, ainda, suficientemente mapeados, constituindo-se em um campo de questões sociológicas ainda em aberto. Tal conclusão tem implicações decisivas na abordagem que hora se desenvolve.

O Rio de Janeiro, capital do Império e da República até o governo Kubitschek, teve um processo de modernização que se pode qualificar de tempo longo, sendo a formação de favelas e bairros pobres ocorrido desde o início do século XIX, formando um território entrecortado de áreas ricas e pobres e uma periferia bem definida. Em São Paulo a industrialização e urbanização remontam ao segundo Império, sendo sua dinâmica metropolitana ocorrida de modo “concêntrico”, com a existência clara de um centro e uma periferia - a cidade dos anéis (Pasternak & Bogus, 2003). Já Belo Horizonte industrializou-se ao longo do séc. XX acompanhando a dinâmica de RJ e SP e, enquanto “cidade planejada” resguardou-se durante algum tempo da *favelização*.

No caso do Espírito Santo, é o espaço de apenas uma geração que diferencia uma sociedade pré-industrial de uma moderna. A velocidade, conjunto, profundidade e complexidade deste processo de transformações sociais e econômicas significaram a transformação de modos de vida tradicional e implicaram decisivamente na sociabilidade e constituição emocional dos indivíduos. A modernização ocorrida na região metropolitana gerou impactos sociais, culturais, políticos e psicológicos que podem exceder a capacidade de adaptação de diversas camadas sociais e dos indivíduos, bem como criarem equilíbrios instáveis e prejudiciais à própria sociabilidade.

Uma crise de referenciais entre gerações mostra uma clivagem nos modos de vida e de sociabilidade entre uma geração e outra, implicando de referências para uma geração mais jovem, que não se reconhece no passado e outros mais idosos, que não se vêem no presente. A modernização no Brasil, já em si um processo tardio e veloz comparado com a Europa e EUA, não foi um processo uniforme. Enquanto diversos países passaram ao longo de até um século e meio, compondo várias gerações de transformações econômicas, culturais e psicológicas, a região metropolitana de Vitória, por sua vez, processa isto em apenas uma geração!

A criação de empregos, educação, industrialização, expansão dos meios de comunicação e urbanização cria todo um mercado legal, mas também um longo período de reacomodação e transição das camadas sociais em novas relações e estruturas de poder na modernidade. Se este fator já em si potencializa o conflito, agrega-se ainda

tudo um mercado ilegal que cresce a sombra da legalidade, sendo um atrator de indivíduos para o crime comum e organizado.

Ao mesmo tempo, a instabilidade criada pela modernização cria instabilidade política nas instituições e corrupção em vários setores, e esta é, por consequência, um vetor de violência na própria sociedade, criando processos discricionários para as camadas acima da lei, constituindo-se naquilo que Zaffaroni (1990) denomina de seletividade penal. A este respeito, não é demais lembrar que o cumprimento de acordos e contratos no mercado ilegal estrutura-se no uso (ilegítimo) da força. É a tibieza do Estado, notadamente de seus aparelhos de justiça e de polícia, nos períodos de transição para modernização, que incentivam a cupidez e rapinagem de grupos criminosos e corruptos sobre os recursos públicos e privados.

Em termos sociológicos este é um tempo curto no quais as aspirações, lealdades, crenças sociais e expectativas, não se transformam no mesmo compasso das transformações econômicas. Ao observar a tabela seguinte, a única idéia que se tem é a de um crescimento no numero de pessoas, todavia, a questão do numero é apenas um ponto de partida para situar o aparecimento de um novo contexto social cujas rupturas com o passado não ocorrem de modo análogo ao aspecto econômico.

Tabela 1: População dos municípios da região metropolitana de Vitória [1970-2005]

Ano	Espírito Santo	Vitória	Vila Velha	Cariacica	Serra
1970	1599333	132097	120193	99500	17286
1980	2023338	207.736	203000	125.752	82581
1990	2600618	258777	264617	274357	222158
2000	3097293	292304	345965	324285	330.874
2005	3.408.365	313.312	396.323	355.456	383.220

Fonte: IBGE

Gráfico 1: Crescimento populacional dos municípios da Grande Vitória - ES(1970-2005)

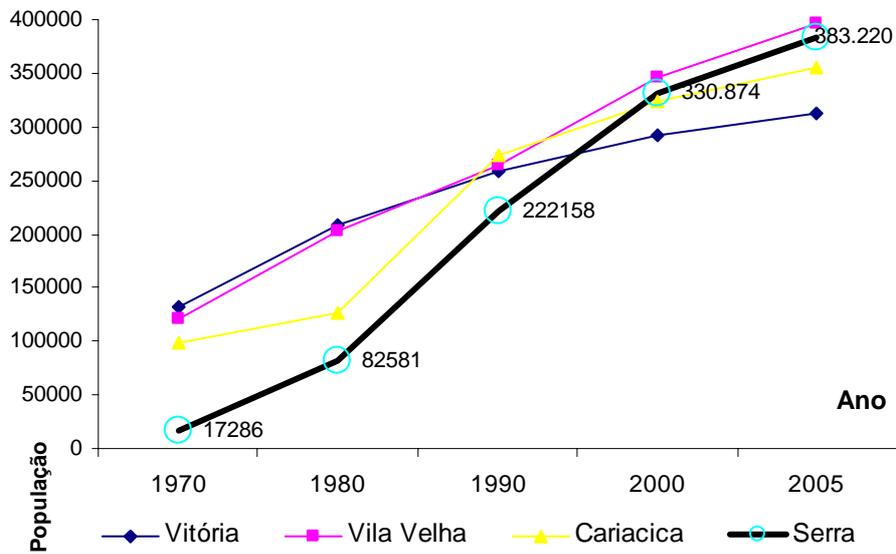
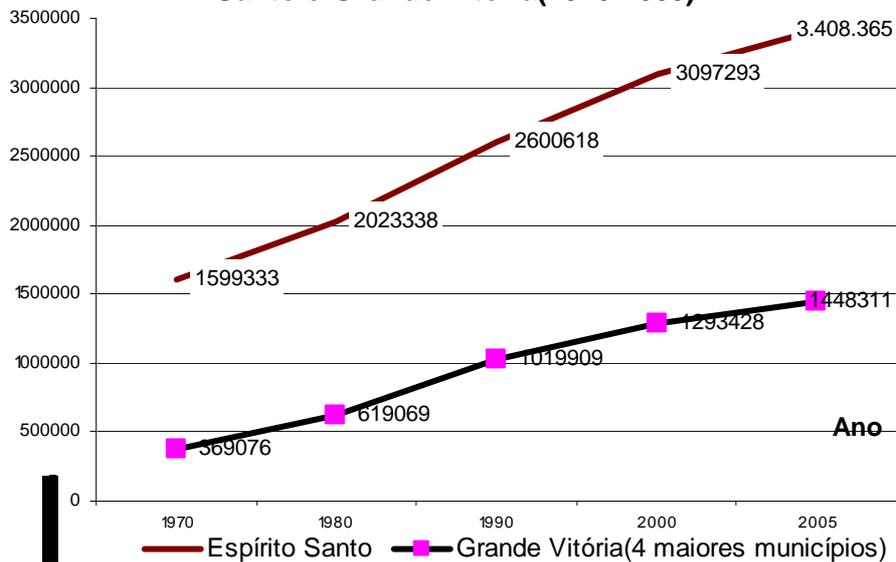


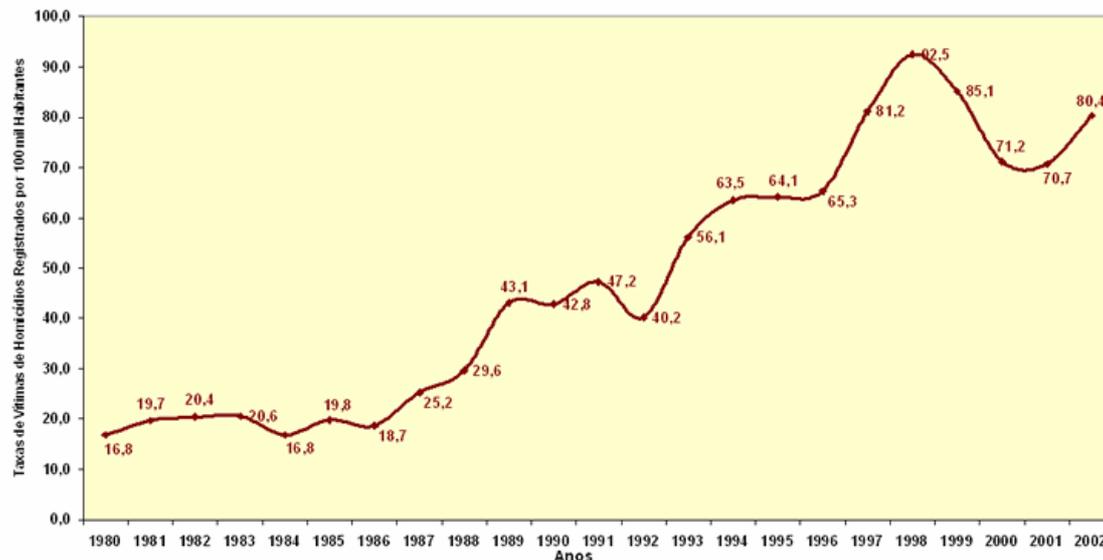
Gráfico 2: Crescimento populacional do Espírito Santo e Grande Vitória(1970-2005)



Em seguida podemos observar o gráfico relativo à taxa de homicídios:

Gráfico três

Comportamento das Taxas do Total de Vítimas de Homicídios¹ Registrados pelo Ministério da Saúde² por 100 mil Habitantes, na Região Metropolitana de Vitória², entre 1980 e 2002.



Fonte: Ministério da Saúde / Fundação Nacional de Saúde – FUNASA

Organização dos dados: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP / Departamento de Pesquisa, Análise de Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa e Coordenação Geral de Análise de Informação.

1 - Valores Absolutos obtidos a partir do banco de dados dos Sistemas de Informação Sobre Mortalidade (SIM) – 1979-1999/1996-2002

2 - Foram consideradas as Regiões Metropolitanas e os Núcleos Metropolitanos divulgadas pelo Censo 2000 do IBGE.

A partir de análise dos dados dos censos de 1980, 1991 e 2000 (Valladares and Prêteceille 2003), observa-se que, considerando apenas as cidades e regiões metropolitanas com população igual ou superior a da Região metropolitana de Vitória no início da década de 80, esta metrópole foi a 4ª que mais cresceu na década de 80 e 90. Já em um contexto das 50 maiores cidades do Brasil, considerando as regiões metropolitanas, a RM de Vitória aparece em 20º e 13º na década de 90, sendo o crescimento populacional de 3,66% aa, na década de 80; e 2,65% aa, na década de 90.

Quando se compara as taxas de crescimento demográfico com as taxas de criminalidade em outras cidades, deve-se ponderar na busca de fatores explicativos contextuais, pois muitas cidades com igual ou superior crescimento não apresentam taxas de criminalidade equivalentes a da região metropolitana e de Serra em particular. Cidades com taxas de desigualdades iguais ou superiores parecem, também, não apresentar indicadores equivalentes. Não que ambos não tenham importância, mas apenas que tais aspectos demográfico (crescimento populacional) e econômico (desigualdade) devem ser contextualizados ao modo como são tratados na região

metropolitana e Serra em particular. É neste âmbito que a explicação contextual ganha importância.

Tabela 2: Taxa de homicídios por 100 mil habitantes
[Regiões metropolitanas período: 1980-2002]

	Média 1980-1984	Média 1985-1989	Média 1990-1994	Média 1995-1999	Média 2000-2002	Variação %
Vitória	18	26,3	49,5	77	73,8	311
Salvador	4,2	8,5	17,3	23,4	16,9	300,2
Petrolina/Juazeiro	13,1	20,6	32,7	42,7	50,7	285,9
Porto Alegre	7,2	11,9	21,8	23,1	26,8	274,5
Campinas	11,5	12,5	18,3	32,4	37,9	230,7
Belo Horizonte	11	9,8	12,1	18,3	32,4	193,1
Recife	25,8	34,9	44,2	59,8	72,5	181,4
Florianópolis	4,7	5,7	5,6	7,9	13,1	178,7
Baixada Santista	18,1	22,1	24,5	45,3	50,2	178
Curitiba	9,2	10,9	15,4	21,2	25,6	177,9
Foz do Rio Itajaí	5,5	5,1	8,1	11	14,8	168,8
Rio de Janeiro	20,2	23,1	40,7	57,2	52,4	159,9
Goiânia	10,8	13,5	20,5	19,7	27	150,9
Brasil (média RMs)	17,8	22,7	29,8	39,3	40,7	128,8
São Luís	7,5	13,2	19,7	17,3	17,1	128,3
Teresina	7,7	8,9	9,5	11,1	17,5	126,8
Entorno de Brasília	15	19,7	29,4	31,1	34	126,7
Londrina	11,2	9,7	8,5	12,8	24,3	116,7
São Paulo	26,9	38,4	42,9	57,8	56,7	110,7
Norte/Nordeste SC	4,7	6,1	8,9	9	9,3	99
Vale do Aço	6,6	8,5	2,4	2,5	11,7	77,5
Vale do Itajaí	2,6	2,6	5,2	5,8	4,4	71
Maceió	27,7	39,7	35,5	32,2	43,4	56,7
Belém	14,5	16	23,1	19,5	20,3	39,7
Tubarão	3	3,2	2,7	2,9	4,2	38,5
Fortaleza	19,1	16,5	15,9	21,4	24,8	29,6
Natal	13	9,9	11,7	12,3	11,5	-11,1
Maringá	10,1	8,4	11,1	10,2	8,4	-16,7

Fonte: SIM/MS/Datasus. Elaboração: Ipea.

Com isto, o problema inicial, dos efeitos da modernização no ES, seja em função de sua especificidade e de sua extensão na histórica recente, converte-se não em uma resposta, mas o ponto de partida para uma relação mais profunda entre criminalidade e modernização na Grande Vitória e o seu efeito no contexto regional nas últimas décadas. É esta hipótese macro que conduzirá a análise daqui por diante.

Deste modo, a associação entre modernização, criminalidade e violência não implica numa relação causal simples. Cidades que tiveram maiores taxas de crescimento econômico e populacional não apresentam, necessariamente, maior taxa de criminalidade. O que ocorre é a ausência de políticas de Estado articuladas com as especificidades estaduais da modernização, capaz de controlar e diminuir o que é, em princípio, potencializa e cria um problema social que, deixado a si próprio, tende a corroer as bases da sociabilidade urbana. A instabilidade política dos governos Max Mauro, Albuino Azeredo, Vitor Buiáiz e José Ignácio criaram contextos de incapacidade relativa dos governos estaduais em gerar respostas às demandas sociais crescentes.

Cabendo diversas contextualizações da pesquisa social às especificidades locais, a teoria da modernização parece explicar e articular suficientemente o conjunto de transformações ocorridas na sociedade capixaba. Mas explicar tem sido o papel da academia, enquanto cabe ao Estado agir. Neste sentido, o controle da violência faz-se não apenas com políticas repressivas, mas também com a criação de condições para a cidadania e as políticas sociais, articuladas com as políticas de segurança.

O que se observa é que a construção do espaço metropolitano ao longo da década de 80 molda-se a construção de uma sociabilidade segregadora em função de que o planejamento do espaço não sucedeu a um planejamento da ocupação humana. A distância cognitiva na relação centro-subúrbio é potencializada pelo crescimento de uma distância física da urbanidade metropolitana na década de 80 que se aprofunda na década de 90 e se consolida nos anos recentes.

O boom de ocupações a loteamentos, territórios vazios entre bairros (as invasões), conjuntos habitacionais, áreas verdes e posterior processo de verticalização; bem como o a defasagem ao atendimento das demandas sociais das populações migrantes, criaram, na origem de diversos bairros, e não somente Feu Rosa e Vila Nova

de Colares, processos de ilegalidade, semi-legalidade, e também zonas de controle privado e falta de controle estatal sobre operadores e aparelhos públicos.

A ausência do Estado faz-se sentir nestas áreas não pela presença apenas de um banditismo, mas também pelo controle privado de recursos públicos por parte de operadores de Estado, sendo esta parte da baixa eficiência de aparelhos educacionais, polícia, postos de saúde e creches. Em síntese, os empregos em aparelhos públicos transformaram-se em moeda de troca política com resultados questionáveis do ponto de vista social. O baixo capital social destas comunidades é um fator importante para relacionar-se a baixa capacidade de fiscalização e controle de gestores e aparelhos públicos.

Entretanto, nada parece superar e potencializar tal distância cultural socioeconômica do que a marca da violência. A fragilidade destas populações tanto frente ao Estado quanto aos meios para garantir sua própria integridade física, faz parte do discurso comum de diversos entrevistados por nossa equipe de campo. Entretanto, ao contrário das políticas de saúde, educação e infra-estrutura, as políticas de segurança demandam na agenda pública, solução imediata.

Voltando ao passado, vimos que o macro-processo de modernização da Grande Vitória programou um salto de uma sociedade pré-industrial para industrial, ou seja, a criação de um operariado urbano disciplinado e estabelecido. Tal não se deu como planejado. A expectativa de uma classe média industrial não se realizou em virtude de que a migração concentrou na Grande Vitória massa maior de mão de obra pouco qualificada. A reprodução destas condições iniciais permaneceu ao longo destas últimas duas décadas. Ao mesmo tempo em que o ES persiste com taxas de crescimento econômico superior aos demais estados do Brasil ao longo da década de 80 e 90, tal crescimento não é proporcional ao crescimento populacional vegetativo e advindo da migração.

É possível elogiar a iniciativa planejadora dos governos militares. Entretanto, apenas a organização do espaço, sinal de certa racionalidade do governo militar e de sua capacidade de antecipação, não sucedeu a uma expansão, no ritmo necessário, proporcional das políticas sociais capaz de criar condições para a uma melhor sociabilidade. Sem considerar a quantidade de ocupações e invasões, a quantidade de conjuntos habitacionais construídos e ocupados ao longo da década de 80, faltou, na sua construção, aparelhos comunitários, como praças, escolas e creches.

Com o fim da ditadura militar, parece que a capacidade de operação do governo do ES, em gerar políticas públicas, entra em colapso. A ascensão dos governos civis (Camata, Max Mauro), mais permeáveis às demandas populares, não implicou em uma capacidade de geração de políticas públicas na velocidade necessária. Há, ao mesmo tempo, um colapso advindo tanto do excesso de demanda quanto do atraso no atendimento de demandas, mais perceptível nos governos municipais. Esse quadro vem se alterando lentamente mais ainda esta aquém do necessário. É preciso investir mais e diminuir a defasagem do déficit urbano. Nesse sentido o planejamento estratégico administrativo e operacional é fundamental para transformar o que é obstáculo, em vantagem competitiva.

No caso específico de Feu Rosa e Vila Nova de Colares, estes dois bairros foram produtos de quatro processos de ocupação ininterrupta, a saber, (a) primeira e segunda etapa de Feu Rosa, (b) demais etapas de Feu Rosa, (c) Vila Nova de Colares e (d) área verde de Feu Rosa. Assim, o que ocorreu foi um processo ininterrupto de chegada de indivíduos e famílias nestas localidades ao longo dos últimos 20 anos.

Um agravante maior ocorreu em Vila Nova de Colares durante o Governo Municipal de Adalto Martinelli. Além do fato de sua ocupação ter derivado de uma população de baixa renda advinda de diversos bairros da Serra, no local onde poderiam ser alocados aparelhos públicos, é transformado em um aterro sanitário. Tal processo é profundamente degradador da comunidade e um sinal, simbólico e efetivo, do tratamento social dispensado à comunidade pelos aparelhos públicos municipais. O

entorno do aterro sanitário foi completamente esvaziado de famílias com melhor estrutura interna e ocupado com camadas crescentes de famílias cada vez mais pobres, sendo esta uma das áreas de maior vulnerabilidade social da região. Tais exemplos de localização de aterros sanitários e químicos próximos a comunidades fragilizadas já fora evidenciadas por estudos sociológicos americanos, que viram neste processo um meio de fragilização de minorias étnicas.

Textuais

...a Serra é muito mais complicada porque a área territorial dela é muito grande e é na horizontal, então você vê que é muito difícil porque vão criando bolsões de pobreza em determinados locais e isso, em especial, depois da obra da CST, porque naquela ocasião eles puxaram pra cá, convocaram mão de obra desqualificada. Então muitas pessoas migraram, principalmente da Bahia pra cá, nós temos um volume enorme muito grande, na obra da CST, de funcionários que vieram da Bahia, esse pessoal veio com mão de obra desqualificada, depois da produção, que foram utilizados os trabalhos braçais deles, essas pessoas foram dispensadas e obviamente entre eles ficaram em um litoral lindo desse e voltarem pra Bahia, as vezes pra um recanto feioso, eles não quiseram voltar, os filhos foram crescendo aqui, as famílias obviamente desempregadas e sem uma estrutura, os filhos acabaram entrando no mundo do crime e é o que nós vemos, na sua grande maioria, os filhos sendo vitimados, não somente vitimados pessoas da Bahia e Minas, como também muitos autores são oriundos daquela região. (Repres. Policia)

Eu vim trabalhar, eu sou de Aracruz, aí vim pra trabalhar aí na Vale. (..) Mas aí eu sei que os baianos despencaram, viram que tinha serviço na Vale do Rio Doce (mas) Quando acabou ficou tudo por aí sem trabalho. Iam um dia, mas voltavam porque não tinham dinheiro. (Eles) Vem aqui e faz uma outra família não é? CST, Vale do rio doce e Aracruz não é? Quando surgiu a Aracruz trouxe muita baianada e mineirada pra cá...E é uma pena, porque aí começou a miséria, vinha pra cá e não arrumava emprego

não é. .É. Aí vinha caminhão da diocese, vinha caminhão dali da igreja de Laranjeiras, vinha do Banco do Brasil, vinha da Escelsa, vinha de tudo quanto é lugar... Caminhão cheio, fechado de mercadoria, tinha vezes que a sala não dava, a varanda ficava cheia até em cima de mercadoria...(Morador de Feu Rosa).

Bastante, aqui é aqui que tem migração de Minas, Bahía, Rio de Janeiro, interior do próprio Espírito Santo, aqui é assim... um lugar que acolhe muita gente de fora --- [a chegada dessas pessoas esta ligado a o que , na sua opinião?] acho que as duas coisas, especialmente a questão financeira, em busca de um trabalho melhor, como as empresas daqui de grandes nomes são conhecidas lá fora, então as pessoas já criam uma expectativa, ingressar nas empresas pra que possam... então assim, é bem grande o numero de pessoas que vem com essas expectativas.(Morador de Feu Rosa).

(...) a história dos conjuntos habitacionais, na realidade, era a necessidade de crescimento que no Espírito Santo ocorria e que o governo, tinha a participação dele para que as pessoas de baixa renda conseguissem ter o seu imóvel.(Repres. Cohab).

3.2 - Identidade e História. A imagem deteriorada dos bairros.

Violência e ocupação urbana

A identidade da população do aglomerado urbano estudado está construída numa dialética da volubilidade entre o que é legal e ilegal e aponta para uma pluralidade de direitos ou um acordo social, para além do direito burguês, ou melhor, não capturado pela sua lógica de ordem. É uma dialética entre dois mundos: da ordem e da desordem. A ignorância simbólica da Lei é um fato, já que o limite, o interdito, não é vivenciado, experimentado. Terra de ocupação é terra sem lei. O Estado não cumpre sua responsabilidade parental deixando fendas enormes onde se dá o afrouxamento dos laços sociais dificultando o estabelecimento de redes sociais de proteção social, que é seu dever. Dessa forma, na brecha deixada pelo estado a população pratica na sua lide cotidiana uma dialética que transita entre o que é lícito e o que não é. Sem garantia legal que legitime sua propriedade, fruto na maioria das vezes da invasão, a população se sente abandonada e entregue a própria sorte. Desenvolve uma vulnerabilidade principalmente relacionada à fragilidade política que vivenciamos hoje nas relações sociais marcadas pelo excesso e diante da autoridade auto-investida de poder autoritário, neste caso principalmente a instituição policial.

Num quadro de sucessivos abandonos prevalece falta de confiança e temor face à insegurança que acompanha o processo de ocupação sem planejamento e sem uma política habitacional para a população de baixa renda. Sintomaticamente esse fenômeno social sinaliza a quebra de laços de solidariedade social e aponta para o surgimento de novas subjetividades organizadas segundo uma lógica particular e inédita ainda não desvendada e expressa no que denominamos de individualismo fóbico, ou seja, conjunto de intolerância e medo do outro (GISÁLIO: 1997). Seguindo a linha de argumentação do Prof. Gisálio, partimos da imbricação teórica da ignorância simbólica da Lei (figura paterna no sentido Lacaniano) com a ausência da função parental do Estado (P.

Legendre: 1983), na busca da compreensão de um tipo de vulnerabilidade social que Berlinck (1988) denomina de insuficiência imunológica psíquica¹.

Esta condição de vulnerabilidade social verificada nos bairros estudados possibilita entender os mecanismos de atuação, ou melhor, compreender como ela se manifesta diante do poder e da autoridade absolutistas. Por autoridade e poder absolutista entendemos a intolerância e o individualismo inscritos no pensamento tomista e nas suas permanências reeditadas e de longa duração presentes no pensamento ocidental, o qual a historiadora Gizlene Neder (2000) e Gisálio (1997e 2002) tem pesquisado e definido como pensamento absolutista e que por sua vez remete a um leque de sentimentos absolutistas alicerçados no princípio da perfeição.

Na relação da fundação do bairro com a construção da identidade dos moradores no aglomerado estudado, percebe-se nos relatos dos moradores a presença marcante da desconfiança em relação às autoridades constituídas. Estas desconfianças esta alicerçadas no temor e horror que produz simultaneamente uma insuficiência marcada pela passividade e descrença. Isto diante do Estado que é displicente e permissivo, ou seja, irresponsável e omissor. É o poder da autoridade que se faz presente de forma autoritária pela omissão. Dessa forma, a ocupação dos bairros se efetiva com a permissividade e ao mesmo tempo omissão do estado num contexto de industrialização e urbanização acelerado como já apontamos detalhadamente item anterior.

No relato dos moradores sobre a fundação dos bairros estudados, é freqüente a referência ao assentamento designado, no aglomerado, especificamente em Feu Rosa, aos desabrigados do morro do Macaco que foram assentados ali porque estavam sem

¹ Um estado psíquico marcado pela incapacidade de reagir diante de qualquer situação desfavorável, ou conflituosa. Nestes casos, são freqüentes desistências, sentimento de derrota, passividade, suicídio, depreciação, punição por meio de mutilação do próprio corpo etc. Este tipo de insuficiência segundo Berlinck, é ocasionada por um trauma originário que se caracteriza pela violência denominada simbólica. Esta violência simbólica marca o indivíduo na sua instância psíquica causando um sentimento que pode ser traduzido pela sensação de inadequação, não pertencimento familiar e societário, perseguição e exclusão, gerando uma incapacidade ou insuficiência na ação, em diversas dimensões da vida cotidiana do indivíduo impedindo-o, por exemplo, de realizar atividades ou atitudes pró ativas ou produtivas.

moradia devido à catástrofe das enchentes na ocasião. Alias, ocorreu uma segregação feita de início pela própria COHAB, quando determinou uma área específica para assentar as pessoas advindas do morro do Macaco. O argumento para tal decisão, segundo entrevista com o presidente da COHAB na ocasião, foi que essa decisão visava manter as pessoas juntas numa determinada quadra do loteamento para preservar a comunidade... “Na realidade, o Morro do macaco era um aglomerado” (conferir trecho da entrevista em anexo).

Essa segregação demonstra a total falta de planejamento estratégico do governo estadual capixaba, no sentido de realmente realizar uma política habitacional eficiente. O governo federal teve a iniciativa, que pretendia ser preventiva, e autorizou as construções, no entanto a desorganização acompanhada do descaso para com a população a qual as construções foram destinadas, produziu conseqüências até hoje.

O conjunto habitacional da COHAB na Serra, construído para abrigar a mão de obra operária para as indústrias instaladas na região (CST e CVRD), não atendeu ao propósito para qual foi pensado. Primeiro porque o custo do financiamento era alto para a população local de baixa renda. O segundo porque não tinha infra-estrutura básica nem legalização dos contratos, quando foi autorizada a ocupação. Ou seja, as construções estavam prontas, tinha-se o loteamento aprovado, mas não se tinha a averbação das construções, necessária para o registro total do empreendimento. O terceiro fator é que só em Feu Rosa foram construídas 3.700 casas, ou seja, um empreendimento muito grande, na ocasião, criando um bairro extremamente difícil de administrar. Além do que, as pessoas ou foram despejadas nas casas, como as pessoas do morro do Macaco, ou invadiram e ocuparam o loteamento, sem controle por parte da COHAB e com consentimento do governo local. O quarto fator é que, sem infra-estrutura básica, longe do centro urbano e o que é pior, completamente desqualificada para o trabalho nas empresas ali sediadas. A população ficou entregue a própria sorte, o que gerou inúmeros conflitos. (ver trechos de entrevista com moradores, representantes da COHAB e noticiário dos jornais, em anexo).

No mapa simbólico que construímos a partir do relato dos moradores, aparece nitidamente o espaço segregado, no imaginário da população, reservado para os moradores do morro do Macaco, localizado simbolicamente na entrada do bairro de Feu Rosa. Acrescenta-se ainda o fato de que a origem desses moradores é comumente associada às práticas ilegais de roubo e apropriação ilegal dos bens patrimoniais. A origem da delinquência original estaria nos hábitos adquiridos pelos moradores do Morro. Os relatos expressam um olhar peculiar estabelecendo uma forte ligação entre pobreza, exclusão social e a criminalidade. Este olhar além do preconceito explícito representa um desafio para a construção de uma identidade coletiva e de um sentimento de comunidade. Ao que parece, a condição de “viver no morro” demarca as características de apropriação indevida, roubo ao patrimônio, promiscuidade e etc. E por fim, demarca também a fronteira entre os “homens de bem” e os outros. Antropologicamente falando, o mito de origem ou mito fundador do aglomerado urbano estudado é constituído por uma imagem deteriorada.

Dessa forma, um dos elementos que deve ser considerado na compreensão das dinâmicas sociais na região é a peculiar relação que as famílias têm com a propriedade ocupada. Esta relação tem origem no sonho da casa própria, que por fim está sedimentada nas representações sociais do lar, da família, da prosperidade, do aconchego. A casa, não deve ser compreendida apenas enquanto uma construção, a casa tem uma dimensão simbólica de pertencimento, e por extensão, o usufruto dos benefícios da luz, da água, do esgoto, da iluminação, da pavimentação. É da união destes benefícios que a sensação de segurança encontra sua base. E para ter todos estes benefícios, é necessária a posse legal e regulamentada da propriedade. Somente com esta regularização, o sonho da casa se concretiza e se torna possível construir laços efetivos com a terra e com a comunidade.

Os efeitos desastrosos da forma como se deu o surgimento dos bairros em questão, é patente. A ocupação sem planejamento estratégico, onde famílias inteiras foram abandonadas em loteamentos sem infra-estrutura básica e segregadas, propiciou que as condições de sociabilidade se deteriorassem nestes bolsões de miséria. A população teve que se prover por conta própria. O surgimento e desenvolvimento do

sentimento abandono se reforça tendo na invasão a medida imediata face à negligência do Estado. Este fato proporcionou a ação gradativa de atividades ilícitas e criminosas na região. O descaso e o desamparo marcado pela ausência do Estado são tão evidente, que as informações acerca das deficiências na estrutura dos bairros é deslocada, pela imprensa, para notícia apenas dos eventos traumáticos envolvendo morte. Assim, como já apontado alhures, grande contingente de pessoas foram depositadas em conjuntos habitacionais (COHAB) sem estrutura mínima e isolados do centro urbano, sem nenhum documento que lhe atestasse a permanência legal. (conferir trecho da entrevista do presidente da COHAB, em anexo). O temor se agrava com a onda de invasões e despejos que aconteceram na Grande Vitória, agravados pela conjuntura política da abertura, anistia, diretas já (Figueiredo, Tancredo, Sarney, Collor), ou seja, o período de 1984-1994, quando ocorreu o surgimento dos bairros analisados.

A imagem construída pela mídia foi acompanhada pelas pesquisas nos principais jornais de Vitória, A gazeta e Tribuna, no período de 1984-1994 - origem do conflito, formação dos bairros e de 1995-2006 – a construção do bairro como violento e local de criminalidade por excelência. Destacamos que neste processo, pelo menos até o fim dos anos 90, não há lugar para discussão sobre a ausência ou descaso do Estado, ausência de políticas públicas para atender minimamente os problemas de infra-estrutura nos bairros, falta de planejamento, causa endógena do modelo estrutural de industrialização do ES. Tudo ficou implícito e deslocado para uma naturalização e busca da explicação em fatores exógenos (migração dos baianos ou mineiros, assentamento das pessoas oriundas do morro do macaco). A “culpa” do desordenamento social foi inculcada no outro como se este “outro” fosse o único responsável pelas transformações sociais ao qual participa de maneira caudatória. É nesta separação entre a capacidade de ação da tecnocracia no que trata às políticas sociais, que o fracasso relativo da modernização se situa.

A história dos bairros em questão comprova que a forma de ocupação, a imagem construída na mídia e o desinteresse do poder público durante o processo de ocupação, criaram identidades deterioradas e estigmatizadas para os moradores da Serra e da região estudada, em particular. Verificamos também na fala dos moradores, o

deslocamento para os fatores externos ou exógenos - assentamento das pessoas do moro do macaco e recentemente a invasão dos baianos -, como uma das causas principais dos problemas do bairro. Neste sentido, a cobertura da mídia serve enquanto referência, mas esconde o fato de que a grande maioria desta população não veio do morro do Macaco, mas de outros locais. Vindos do interior do ES, da zona da Mata em Minas Gerais, norte do Rio de Janeiro e sul da Bahia, a tessitura que une as diversas trajetórias é única e enquadra-se na busca de melhores condições de vida advindas da industrialização.

Em termos de proposta, para romper com essa imagem e redefini-la, é preciso, além de focar na infra-estrutura local, regularizar as ocupações, dar legitimidade aos direitos adquiridos, ter como meta a criação de mais escolas de tempo integral, melhorar a pavimentação urbana, luz, esgoto, asfalto etc., Todo um trabalho de longo prazo visando a ressignificação da comunidade e a construção de imagens positivas, seja internamente, mas também externamente, é preciso criar uma série de símbolos positivos de pertencimento que reforce à auto-estima das pessoas.

No mapeamento georeferencial da região, ficou explícito que existe um elevado grau de trabalho informal configurado no comércio por meio de bares e biroskas. Há indícios inclusive que estes bares e biroskas possam funcionar como “boca de fumo”. Repete-se aqui que a presença do depósito de lixo em Vila Nova de Colares é visto como degradante pela população e é também motivo de uma divisão espacial pejorativa e discriminadora, criado pela própria população e também verificado no mapa simbólico que nos referimos anteriormente.

A construção das identidades sociais é um processo dialético e contraditório. E é fundamental a existência de elementos positivos para que esta se desenvolva de forma satisfatória. Vincular a história de vida ou do bairro à reflexão dessa construção é metodologicamente o melhor caminho para intervir e apontar saídas junto com a comunidade para que esta possa se representar afirmativamente.

Os aspectos negativos já foram apontados, resta agora desenterrar os aspectos positivos dessa história como diria Michael Foucault. O início desse processo parece já

ter começado recentemente quando em quatro de maio do corrente, um grupo de estudantes de Vila Nova de Colares apresentou um vídeo contando a história do bairro a partir de relatos dos moradores antigos, como forma de estimular a auto estima dos moradores do bairro discriminados pela imagem de violência vinculado fortemente pela mídia.

Em nossa avaliação, não importa se o conteúdo ou intenção do vídeo é ingênuo ou parte da banalização da violência. Importa a tentativa de mobilização da população, em especial dos jovens, no sentido de resgatar sua identidade e história. Esse é o primeiro passo para reverter o processo de imagem deteriorada dos bairros e provocar o encontro da comunidade com o seu espelho e enfrentamento dos seus medos e fantasmas. Como consequência, teremos a diminuição da vulnerabilidade social, principalmente dos jovens, e da criminalidade, ajudando o poder público na tarefa da segurança cidadã. Tal afirmação parte da experiência prática de que, sem identidade afirmativa e positiva, o caminho é a degradação e a marginalidade.

Na Serra, conjuntos foram invadidos ou destruídos

Caótica. Esta é a situação de alguns conjuntos habitacionais financiados pela Cohab-ES. Na grande Vitória, os maiores problemas estão nos conjuntos Pedro Feu Rosa e André Carloni, na Serra, e Marcello Noronha e Cristo Rei, em Caracica, onde a maioria das unidades foi invadida, destruída ou abandonada.

O conjunto Pedro Feu Rosa, na Serra, serve bem de exemplo para mostrar como foi utilizado o dinheiro do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço (FGTS) do trabalhador brasileiro. São 3700 casas entregue ao completo abandono. Depois de retirarem portas, janelas, tanques, caixas d'água, redes elétricas e hidráulica, as pessoas estão se arriscando mais um pouco e carregando o telhado, feito com folhas de aminhanto.

O mato tomou conta dos quintais, é difícil saber onde estavam colocadas as janelas. Nas ruas, o retrato do abandono a que está relegado o conjunto. Desertas elas demonstram apenas a passagem da destruição. A rede de água está praticamente inutilizada. Não é difícil encontrar um cano derramando água pelas ruas.

Os relógios de medição foram arrancados, bem como os de marcação de energia elétrica. A iluminação pública funciona até demais: As luzes ficam acesas mes-

mo durante o dia. Nas ruas, os buracos-escavações de obras não terminadas também demonstram desleixo das empreiteiras.

Os poucos moradores encontrados da região onde estão as casas mais conservadas, onde é menor a destruição, são novos no conjunto. Chegaram há pouco tempo e não têm muito do que reclamar. Cesário Rosa Pereira, 33 anos, casado, três filhos, mudou-se para lá no dia 2 de abril. Pagou a primeira prestação, R\$ 186,00, e 10 dias depois perdeu o emprego.

Mesmo assim, Cesário acredita que logo vai encontrar nova vaga, mas reclama da falta de comércio onde possa fazer as compras, e da quantidade de mosquitos, principalmente no cair da tarde e à noite. Estas também são as queixas de Valdete Paixão Souza, 33 anos, que aponta uma lagoa de água parada como a causa do aparecimento dos mosquitos.

Valdete é casada, tem cinco filhos e mora há aproximadamente dois meses no conjunto. Segundo ela, sua casa está muito boa, bem diferente de quando lá chegou. Já Angelita Campos, 25 anos, que mora em frente à casa de Valdete, foi para o conjunto Pedro Feu Rosa há cerca de 15 dias. Ela criticou a Cohab-ES por haver lhe entregue a casa sem as mínimas condições de moradia.



Limpeza da área

A limpeza da área começou há uma semana quando chegaram os primeiros invasores que ocuparam os lotes de frente da avenida principal. Atualmente, o local já está praticamente todo ocupado até próximo da lagoa de Jacunem. Edna Freitas, há cinco dias está morando debaixo de mangueira antiga, à beira da lagoa. Ela foi despejada de seu barraco em São Pedro. "Agora tenho que dormir aqui também por causa da madeira para construir o barraco", fala apontando para quatro pedaços de paus expostos ao sol para secarem.

Os lotes estão praticamente todos delimitados com pedaços de barbante ou linha. As crianças, os velhos e as mulheres ocupam a linha de frente do trabalho. "A prestação da nossa casa está em torno de Cz\$ 800,00 e nós não temos condições de continuar pagando", diz Edna Lima dos Santos Pereira, mãe de cinco filhos, uma das moradoras do Conjunto das Flores, que está invadindo a área de frente do bairro. Se permanecerem no terreno ou não — a área pertence a particulares — não preocupa os invasores que estão dispostos a lutarem até as últimas consequências para terem esse direito garantido. "Se a gente ficar aqui, então a gente vende o direito na casa do Feu Rosa", comenta Ulisses de Matos, acrescentando que o direito de um embrião, com um cômodo está por volta de Cz\$ 15 mil e de quatro cômodos Cz\$ 70 mil, no bairro das Flores.

Cinco cadáveres foram encontrados pelos invasores enterrados em locais diferentes na área da invasão. "Isto é um cemitério clandestino", comentou José Carlos Santos Pereira. Zildete Ferreira das Neves Rosa, no entanto encontrou algo diferente, um Luis-caixeiro, que durante muito tempo resistiu a perseguição mas acabou morrendo depois de três pauladas. "Agora, vamos levá-lo para casa, ferventá-lo e depois fazer um bom ensopado", disse a mulher.

Ilustração 1 - Reportagem acerca da situação de abandono do, então recém criado, Conjunto Habitacional Pedro Feu Rosa. Fonte: A Gazeta, 29 abr. 1986.

Ilustração 2 - Reportagem sobre a ocupação de uma área próxima ao Conjunto das Flores (anteriormente denominado Pedro Feu Rosa) por moradores deste local. Fonte: A Gazeta, 16 set. 1986.

Textuais

(...) Bom, nós viemos pra cá em 1985, em decorrência da tragédia que aconteceu em tabuazeiro, mais precisamente no morro do macaco, naquela ocasião ficaram muitas pessoas desalojadas tanto desse bairro já mencionado como de outras partes, isso nos forçou a vir para Feu Rosa em caráter provisório. Na realidade nós viemos num grupo, tanto do bairro tabuazeiro como de outras regiões, que as pessoas estavam desalojadas

e estavam em locais consideradas como área de risco, e a prefeitura em contato com o governo do estado resolveu alojar o pessoal no Feu rosa até que encontrasse uma solução para o problema que aquele grupo estava vivendo naquele momento, mas o certo é que foi um total de 188 famílias. Olha isso se tornou realmente, como é que eu diria, um imbróguio, eles ficaram nos enrolando e uma hora dizia que.. Em determinado momento eles diziam que iam construir em um local, em determinado momento eles diziam que iriam construir em outro e nós ficamos aproximadamente quase um ano nesse jogo de empurra, e havia também uma outra situação, que ninguém queria assumir a responsabilidade, o governo dizia que a responsabilidade era de competência da prefeitura e a prefeitura dizia que era do estado, e os dois, ou seja, a administração municipal e a administração estadual diziam que era uma questão de competência da COAB. Nós tivemos que brigar com os três órgãos até que se chegou a um consenso que a prefeitura então tomou para si a causa, a solução do problema.... O Governo achou por bem nos colocar aqui exatamente porque Feu Rosa na época era um bairro praticamente desabitado, ou seja, tinha um pequeno numero de moradores, as casas estavam... A maioria estava vazia, então eles acharam por bem nos colocarem aqui, porque tinha espaço físico, tinha estrutura.... Todas as dificuldades advindas da burocracia, então nós tínhamos uma expectativa de que eles iriam fazer conforme prometeram, só que nós chegamos aqui e fomos colocados nessas casas em caráter provisório e esse provisório foi se alongando, se estendendo, e começou a mudar governo, estadual, governo municipal, e a gente percebeu que as coisas não iam andar. aí nós mudamos o discurso, nós queríamos permanecer em Feu Rosa, e que essas casas fossem doadas aos ocupantes sem qualquer ônus, foi isso que nós fizemos. Foi provada uma lei quando o então prefeito Hermes Laranja resolveu fazer a doação dessas casas. Através desse projeto de lei ele celebrou um convenio com a COAB, e adquirindo essas casas com financiamento com prazo de amortização da dívida de doze anos, e a promessa de que as casas seriam financiadas em doze anos e que no final dos doze anos nós receberíamos um título de proprietário desses imóveis, sem qualquer ônus. Já completou agora no ultimo mês de janeiro, de 2007, completaram-se 22 anos e nós ainda não recebemos essa escritura, apenas 82 pessoas receberam, de um total de 188. Quando chegamos nos deparamos com dificuldades de toda ordem, porque o bairro não tinha orelhão sequer, não tinha padaria, não tinha uma padaria, não tinha

açougue, não tinha farmácia, não tinha supermercado, praticamente só tinha as casas mesmo, não tinha escola, enfim, não tinha absolutamente nada que pudesse dar tranqüilidade as pessoas.....e como se não bastasse todas essas carência nós também enfrentamos nos problemas disso nos primeiros dias problemas sérios no que se refere a transporte...(as casas estavam quase que completamente depredadas, tinha casas que só tinha mesmo as paredes, apenas as paredes, não tinha nada mais, janela, não tinha porta, não tinha telhado, nada mais, somente as paredes inteiras). A situação era bastante difícil pra todos, sem exceção, pela situação do desemprego, pela dificuldade de se deslocar para o emprego, as pessoas, a grande maioria, estava desestruturada financeiramente.... tinham muitas casas desocupadas, então essas casas foram utilizadas como escola, em caráter provisório... Assim, aquelas coisas improvisadas, tudo improvisado.(Antigo Morador do Morro do Macaco)

Então o conjunto ele ficou muito tempo sem um registro legal em cartório. Um registro total, porque o registro do loteamento foi feito. Não foram feitas, totalmente, as averbações das construções. Então, com isso, nós demandamos aí um esforço muito grande de vários prefeitos, né? (Repres. Cohab)

(...) é uma coisa natural, às vezes, um perfil de pessoas que vivem na marginalidade se aproveitam dessa desorganização, porque para eles, quanto mais desorganizado melhor. Então a gente teve uma época de alto índice de roubo, tráfico e ultimamente você até que não tem visto muita coisa não. Mas isso também com a melhoria do padrão das pessoas que começaram. Porque daquelas que começaram desde o início, houve aquelas que foram comprando direito.(Repres. Cohab)

3.3- A representação simbólica dos bairros

Os estabelecidos e os outsiders

As entrevistas em profundidade demonstram a existência de uma representação simbólica do espaço geográfico por parte da população, expressando os conflitos e as estruturas de poder informal entre os moradores dos bairros, mas também, presente no sentimento dos operadores e gestores públicos, de uma dificuldade de se situarem, a depender do ponto estruturador de sua personalidade.

Existe simbolicamente uma divisão que se configura entre os de dentro e os de fora e do centro para a periferia e que divide em zonas os bairros de Feu Rosa e Vila Nova, gerando uma divisão entre os próprios moradores de cada bairro. Inspirados em Norbert Elias, poderíamos dizer que se estabeleceu uma relação entre os estabelecidos, ou seja, os moradores mais antigos, “originários”, ou que se definem como tal e os outsiders, ou seja, os de fora, vindos de outros estados ou do interior do ES.

Esta relação é implícita, simbólica e dialética. Marcadamente preconceituosa e conflituosa ela se estabelece em termos de origem social e da organização do espaço social. No entanto, é fundamental entendê-la para programar qualquer ação de intervenção.

O quadro abaixo ilustra essa relação:

Em termos de pessoas e origem social

Estabelecidos	Outsider's
Capixaba	Migrante (de fora)
Mineiros, cariocas (fluminenses), paulistas	Capixaba
Capixaba da capital	Capixaba do interior
Descendente de migrantes europeus (italianos, alemães)	Capixabas pardos e negros
Capixaba	“Baiano”
Branços(capixabas, imigrantes)	Não brancos (pardos e negros)

Em termos da organização do espaço social na Serra

Estabelecidos	Outsider's
Serra sede (Centro tradicional)	Laranjeiras (Novo Centro)
Laranjeiras/Jacaraipe	Feu Rosa
Vitória/Vila Velha	Serra/Cariacica
Feu Rosa	Vila Nova de Colares
Feu Rosa (ruas comerciais)	Feu Rosa (ruas paralelas, ponto final)
Feu Rosa (bairro)	Feu Rosa (área verde)
Vila Nova de Colares (ruas comerciais)	Vila Nova (baixadas, entorno do aterro sanitário, ponto final)

Para percebermos espacialmente esse detalhe indiciário, construímos um mapa simbólico dessa configuração espacial a partir das entrevistas em profundidade com os moradores do aglomerado estudado. Esta representação se concentrou em Feu Rosa e Vila Nova de Colares e será apresentada separadamente do conteúdo deste diagnóstico.

O entendimento dessa configuração simbólica, seguindo o critério geo político de dividir por região o município da Serra, propicia um gerenciamento melhor do controle da criminalidade e é fundamental para a compreensão do crime de homicídio no aglomerado em questão. Pra tal, foi elaborado um conjunto de mapas georeferenciais da região estudada no período de janeiro a dezembro de 2006. Nele destacamos a concentração espaço temporais de homicídio por tipo, mês, dias da semana, horário e local (rua). Essa estratégia esta baseada no critério de que, quanto menor a área estudada mais eficaz é o controle. Assim, os mapas produzidos oferecem inúmeros cruzamentos que permitem perceber dados quantitativos importantíssimos para uma análise cartográfica e posteriormente sociológica, oferecendo informações para melhor controle e prevenção da criminalidade nos locais selecionados.

Os cruzamentos dos mapas demonstram uma forte tendência de relação entre a concentração da localização dos bares e a ocorrência de homicídios por crime de tóxico. Assim, fica bem evidenciado a mistura explosiva entre álcool, drogas, bares e a maior possibilidade de ocorrência de desentendimentos, brigas e uma possível relação entre alguns conjuntos de bares enquanto boca de fumo, e o tráfico, na região estudada. Levando em conta essas relações poderíamos inferir indiciariamente, que existe uma concentração de atratores como droga, tráfico, álcool, bar, arma de fogo e identidade deteriorada em locais específicos do aglomerado. Reforça nosso argumento o cruzamento do mapa simbólico de divisão da região estudada com o mapa da concentração do homicídio por tóxico e o da localização dos bares. Há uma coincidência nessa correlação. Ou seja, as áreas sobrepostas dos três mapas mostram concentrações coincidentes dos homicídios por tóxico perto da concentração dos bares e perto das áreas identificadas pela população como representação simbólica de área deteriorada, a saber, em Feu Rosa – área destinada às pessoas vinda do morro do macaco e final da linha de ônibus. Em Vila Nova de Colares - área do brejo e área próximos ao “lixão”.

Num outro pólo, merece destaque também, embora Laranjeiras não tenha sido alvo do nosso estudo, a especulação imobiliária e crescimento da área de serviços em

Laranjeiras. É importante mensurar e intervir nos impactos negativos desse processo em andamento e planejar o aproveitamento dos aspectos positivos.

A região de Laranjeiras é alvo da especulação imobiliária para um setor da classe média e alta, e isso coloca a questão da demanda na área de serviços juntamente com um processo acelerado de expulsão da classe baixa e média do bairro. Contudo ainda não foi pensada estrategicamente uma política de qualificação da mão de obra local para esse setor. Continua-se insistindo na indústria que não emprega a mão de obra local e funciona como um atrativo para a migração sazonal, o que agrava as condições de infra-estrutura. Em contrapartida, as grandes indústrias da região não empregam a contento a mão de obra local, por esta não ser qualificada.

Assim, a responsabilidade social das empresas não atende satisfatoriamente, a demanda criada por elas no que diz respeito à infra-estrutura local, habitação, saúde, escola e emprego. É preciso investir na profissionalização na área de serviços que se apresenta como um potencial importante para empregabilidade da mão de obra local. E negociar mais parcerias com as empresas para o enfrentamento da situação de vulnerabilidade social da população do aglomerado em torno das áreas industriais. Enfatizamos que o planejamento estratégico evita os erros que foram cometidos no passado e pode transformar os obstáculos em vantagem competitiva.

As informações detalhadas dos mapas de concentração espaço-temporais de homicídios no aglomerado estudado serão apresentadas na parte quantitativa do diagnóstico por Gustavo Debortoli, membro da equipe executora da pesquisa. E o mapa simbólico será apresentado no momento oportuno da exposição deste diagnóstico.

Textuais

Fama ruim, porque é como eu te falei no início, aqui tem muita boca de fumo espalhada, infelizmente. Mas no início era bem pior, nossa sem comparação, e ainda existem muitas. E onde tem esse tipo de coisa né, às vezes acontece que a pessoa às vezes nem foi morta de dentro do bairro. Era de fora. O carro, às vezes, não foi

roubado aqui. Ele foi roubado num bairro nobre e a pessoa traz pra dentro de Vila Nova, aí a fama fica em Vila Nova, mas eles não olham esse lado. As pessoas só querem descer a lenha no bairro, o bairro é que leva a fama. Esse é o aspecto ruim, a gente sofre muito preconceito. (Morador de Vila Nova de Colares)

Por você não ser conhecido, você fica assim com qualquer pessoa que se aproxima de você, se ficar!! Se não conhece o cara, você tem aquela idéia que o bairro é violento igual aqui, então qualquer um que chega perto de você fala que é bandido pô, a partir daí eu falo, se mora em Feu Rosa tá doido eu não vou naquele lugar de jeito nenhum e eu falo a mesma coisa do bairro dele, lógico que eu não vou falar isso com ele, eu vou falar do bairro de alguém. (Morador de Feu Rosa)

O lado de Feu Rosa está tudo bonitinho, tudo asfaltadinho, esta um brinco! Aqui, o foco de vagabundos... Porque eles ficam tudo aqui... De vez em quando você olha tem gente com arma na mão aqui, debaixo da casa aqui, ali... Mata um ali... Entendeu? Então isso daí influi, porque se eles viessem aqui e fizessem isso daí, rua, botasse lâmpada... Agora, no meio do mato não, entendeu? Eles tinham que asfaltar e colocar lâmpada, colocar postes, que aí diminuía...” Olha, o pessoal de Feu Rosa não aceitavam os alunos de Vila Nova de Colares... não tem muito tempo que o posto de saúde eles não aceitavam...(Morador de Feu Rosa)

3.4 - A imagem midiática dos bairros construída pela imprensa

Diga com quem anda e eu te direi quem tu és

A mídia se apresenta como um dos elementos que contribuem para a construção de uma imagem negativa do bairro, sobretudo em Feu Rosa. Há um ressentimento muito grande dos moradores com as mídias, principalmente os jornais que de acordo com eles: “buscam divulgar apenas os crimes que acontecem no bairro, deixando de lado as coisas boas”. Os moradores ressaltam que muitas notícias veiculadas não colocam a verdade dos fatos.

A forma como a mídia retrata tais bairros, interfere de forma negativa na identidade dos moradores locais. Moradores afirmam inclusive que há pessoas que mentem onde moram, pegando até mesmo outros ônibus para não serem alvos de preconceito.



Ilustração 3: Notícia sobre a descoberta de um cadáver em Feu Rosa. Fonte: A Gazeta, 17 mar. 1986.



Cadáveres — Dois corpos ainda não identificados pela Polícia foram encontrados por populares, na manhã de ontem, nos bairros Seringal, entre Viçosa e Guarapari, e Chácara Maringá, em Vila Nova de Colares, Serra. Policiais militares e também da Delegacia Especializada de Crimes Contra a Vida estiveram nos locais onde os corpos foram encontrados, mas não conseguiram maiores detalhes que pu-

dessem levar à identificação das duas vítimas. Os homens foram mortos a tiros. Em Seringal, a vítima foi atingida com pelo menos cinco tiros, conforme informação da Polícia. Em Chácara Maringá, o morto era um travesti, que estava vestido somente com uma calcinha feminina, suíã e sem camisa. Até o final da tarde de ontem os dois corpos continuavam no Departamento Médico Legal (DML),

sem que tivessem sido reconhecidos. Em Seringal e na Chácara Maringá, os policiais esbarraram na lei do silêncio, e não encontraram quem pudesse fornecer informações, a fim de esclarecer os crimes. Com receio de se envolver, os moradores simplesmente argumentam que nada viram ou ouviram, mesmo que o fato tenha acontecido diante de suas casas.

DISQUECONSUM 327-5599
Compre agora eletrodomésticos, brinquedos, material de construção, etc., pelos menores preços, nas melhores lojas.
Ligue 327-5599
Um Shopping Center na sua mão.

Ilustração 4: Notícia sobre a descoberta de um cadáver em Vila Nova de Colares. Fonte: A Gazeta, 03 nov. 1993.

Textuais

Eles (jornais) falam que a Serra é o bairro que tem mais violência, mas eu já falei anteriormente, mas a estatística é o seguinte, ela mente, porque todo o setor que você vai aí tem violência, mas a Serra eles põe em primeiro plano “ah, a Serra é o bairro mais violento”, mas não é assim, é porque lá não divulgam. Aqui como eu disse anteriormente, as coisas acontecem é na Serra, é no feu Rosa, é Vila nova de colares, quer dizer, então fica difícil, mas a Serra é um bairro tranqüilo, eu moro aqui há 21 anos, não é como eles dizem: “Feu Rosa mata todo dia”, não, não é assim não, eu até acho que é um cunho político isso aí, briga política, o bairro violento, município violento, as autoridades não tomam providencia não? Então fica aquela imagem assim... Só a Serra que tem esse índice de seqüestro, homicídio, estupro, e porque os outros não? É porque os outros não divulgam... Ó, Ilha do boi mata, tudo acontece de

ruim lá dentro, mas você não vê, é muito difícil dos jornais, da imprensa falar, agora Feu Rosa, Serra de um modo geral... Por exemplo, goiabeiras, eu tenho parente que mora em goiabeiras, minha cunhada... Acontece muitas coisas, acontece muitas coisas, mas é muito difícil você ver... (Morador de Feu Rosa)

Dizem aí “ah, mas o Feu Rosa é um bairro violento”, não, em todo lugar tem violência, Ilha do Boi tem violência, Ilha do Frade tem violência, Jardim Camburi, Jardim da Penha, Praia do Canto tem violência, só que não divulgam lá, não divulgam, não sei por que, mas não divulga. Na Serra eles dizem que é o bairro mais violento, mas eu discordo, eu discordo porque eu moro aqui já há 21 anos, e como eu já falei anteriormente e se você for olhar lá, é pior do que aqui, só que não divulgam. (Morador de Feu Rosa)

(...) quando é notícia boa ou é Laranjeiras ou é Jacaraípe, quando as coisas são as notícias ruins, especialmente envolvendo a criminalidade, é Feu Rosa. (Morador de Feu Rosa)

3.5 - Desigualdades e violência

Pobreza e violência ou desigualdade social e violência?

No discurso do poder público aparece a desvinculação da miséria com o fenômeno da violência. Este argumento é considerado politicamente correto e funciona como uma crítica à esquerda. Assim, o argumento pretende dizer que o pobre ou miserável não é violento necessariamente, o que é correto. Entretanto, num país como o Brasil onde a desigualdade de renda é enorme, essa desvinculação joga fora a água do banho com a criança dentro. O que precisa ficar claro, é que a violência tem relação direta com a desigualdade social, embora não se reduza a ela, pois, se não fosse assim, como entender que a população carcerária no Brasil é pobre, negra, masculina e jovem? Entretanto, existem desigualdades que causam outros tipos de violência, tais como: desigualdade de gênero, de lazer, de estética, de escolaridade, de consumo, de acesso à saúde, de moradia, de poder etc.

O denominado crime de colarinho branco, por exemplo, produz um tipo de violência que deriva também da desigualdade social, já que para burlar as normas, minimamente o indivíduo tem que estar estrategicamente posicionado na estrutura de poder, seja ela legal ou ilegal, ou seja, formal ou informal. Assim, é preciso destacar a distribuição do poder desigual e hierarquizada como uma faceta da desigualdade, portanto, uma forma de violência. Isto posto, é mister afirmar que a desigualdade, seja lá em que faceta se apresente, é causadora de violência. Por isso é preciso atacar as causas. Oferecendo não só oportunidade aos jovens, mas fundamentalmente acesso aos direitos, é preciso formar cidadãos.

As diversas formas de desigualdade, numa sociedade global que se apresenta como igual ou padronizada, propicia angústia e medo, especialmente na atual sociedade de consumo que ora vivenciamos, gerando desconfiança, raiva, intolerância a limites, ressentimento e quebra de laços sociais de solidariedade, podendo estabelecer um estado

de passividade e/ou indiferença, ou ódios recíprocos entre segmentos do extremo da sociedade.

Isto posto, cabe ressaltar que a fatalidade e niilismo estão muito presentes nos discursos da população. O tom de fatalidade e ceticismo do discurso oficial e popular é um fato marcante e preocupante, pois a idéia que se tem é que a causa já é perdida. O que configura um indício forte do não reconhecimento e desprezo, inconsciente por vezes, do “outro” enquanto não merecedor afetivo e efetivo de cuidado e proteção por parte do estado e de seus representantes legítimos. As reportagens sobre a fundação dos bairros em estudo, a forma de ocupação histórica e o desinteresse com a população, por parte do poder público é fato de destaque. Mas o tom fatalista não resiste a uma imersão na história, pois a perspectiva histórica é o antídoto correto para vislumbrar as possibilidades. Daí a importância metodológica do resgate histórico da formação dos bairros para entender as causas endógenas e mitológicas ou ideológicas da situação atual e apontar soluções. Nesse sentido, apontamos a necessidade, para o resgate da autoestima da população desses bairros, fazer uma história dos bairros e das famílias. É preciso dar visibilidade a essas pessoas, fazê-las sentirem-se partícipes do processo.

Textuais

(Lembrança da Infância) Porque a gente queria um brinquedo e minha mãe não tinha condições de dá.. Nem meu pai, nem minha mãe... Queria ir num parquinho... Não tinha condições... Uma coisa que a gente queria, um biscoito mais caro, a gente não tinha condições. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

O bairro está completamente habitado e na grande maioria dos lotes mora mais de uma família, em alguns lugares construíram prédios, noutros lugares construíram nos fundos, então nós temos mais de uma família e aí a gente tem aí um certo distanciamento porque na realidade Feu Rosa e Vila Nova estão tão próximos um do outro que na verdade, nas adjacências, parece mais uma cidade disfarçada de bairro. (Morador de Feu Rosa)

(...) a gente até coloca no popular que a Serra de 97 pra cá ainda é um bom lugar pro pobre viver. (Repres. Poder Público)

(...) você tem aquela região ali da MORAR (Laranjeiras) com prédios ali que já está trezentos mil reais um apartamento ali... condomínios fechados também...tem um ali perto do Yahoo numa área enorme que não tem nenhuma casa mais, já estão todas vendidas, que vai começar com cento e sessenta mil reais um terreno, ali do lado do Yahoo... E essa classe média e média alta vão formar um novo tipo de configuração política aqui, mas por enquanto ainda é a Serra dos excluídos, diferente de Vitória. (Repres. Poder Público)

3.6 - A violência como forma de socialização

Tráfego e mercado de trabalho: disputa de território

A violência e a criminalidade na ausência do poder parental do estado, passam a ser a forma de socialização dos jovens desprotegidos e abandonados. Ocupando esse espaço, o tráfego é uma das formas, talvez a principal, do processo de socialização e ingresso dos jovens no mercado de trabalho. A falta de alternativa é perversa e exclui esses jovens pobres, negros e afro descendentes da convivência social e depois, cobra cinicamente deles, a convivência pacífica ou cordial na mesma sociedade que os exclui. Esse paradoxo é um dos geradores de ódios e ressentimentos que explodem em episódios violentos potencializando também psicopatologias como formas de subjetivação.

Nas entrevistas como os moradores percebe-se duas representações distintas sobre os jovens. A primeira, presente também entre os atores políticos é desqualificadora e preconceituosa. Os jovens são percebidos como ameaça, como criminoso, sobretudo quando estão reunidos em grupos. Esta representação encontra-se mais expressa quando nos discursos sobre os bailes funk's. A reunião dos adolescentes e suas formas de interação, incompreensíveis em alguns momentos para os demais membros da comunidade, é apresentada como ameaça.

Outro discurso expõe o jovem como indivíduo sem objetivos, sem contornos e, portanto, sem autonomia para expressar-se e atuar como agente transformador. Nestes casos, as teorias sobre “cabeça vazia, oficina do Diabo”, ganham magnitude. Algumas falas apontam para a existência de dois discursos. O primeiro, de negação da violência, que se encontra mais solidificado entre a população mais antiga dos bairros. E o outro, de neutralização, este está mais presente entre os jovens. A violência se apresenta de forma mais concreta, sem mascaras e ao mesmo tempo sem choques. A violência é um elemento constituinte da realidade social ao qual fazem parte e interagem com ela de forma dialética.

A criminalidade acaba sendo um atrator para a população jovem. A criminalidade passa a ser o processo de socialização desses jovens. Nesse aspecto, o tráfico é uma das formas de socialização e do ingresso desses jovens no mercado de trabalho, via tráfico. A ausência do Estado no cumprimento de sua responsabilidade parental deixa o espaço vazio. Assim como a família também não vem exercendo sua função e encontra-se em situação de vulnerabilidade. Esse fato é identificado como família desestruturada. Expressão, com a qual não concordamos, pois dá a idéia de modelo de família. Preferimos a designação dinâmica familiar, pois remete ao fato de que toda relação social tem uma dinâmica, um movimento de transformação com conflitos e contradições.

A péssima relação da polícia com a população jovem é outro fato que agrava o quadro. A polícia é percebida como uma instituição violenta, ineficiente e corrupta. Nos relatos percebe um misto de medo e de revolta. Medo, em função da crença de que há uma associação entre bandidos e policiais. E de revolta, pois acreditam que a Polícia deveria proteger a população. Em resumo, os moradores não se sentem seguros e protegidos isso é reforçado ainda mais frente à morosidade da justiça.

Textuais

E pra morar no bairro tem que saber viver, se não você não consegue viver. Eu brigava muito, batia em muita mulé, muita mulé de bar, muitas... Muita confusão, já fui presa, saí... Assim, não de droga não, de bater em mulé mesmo, mas pra viver dentro de Feu Rosa tem que te pique. Num é qualquer um que mora não. Igual eles discrimina muito o bairro... Que o bairro mata muito(...) bairro Feu Rosa é mais perigoso, realmente! Essa parte aqui, mais no ponto final, é a mais perigosa que tem. Mas a gente sabe viver. Assim o que eu passei na infância eu não queria que meu filho passasse. Só que aí, seu eu pudesse eu ia embora de Feu Rosa, só que isso num é fácil. Quem vem pra Feu Rosa... Sair é muito difícil. Muito difícil pra sair. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Os telefones, praticamente os telefone são todos gravado, tudo grampiado. Tem gente que não liga de telefone, liga pro orelhão, liga pro celular, entendeu? Intaum tem que saber viver. Tem vez que uma vez tava lá em casa eu, meu irmão, nós tava aqui na calçada. O cara passou pela gente e matou um ali perto. Nós fomo lá ver, o cara tava caindo. Quer dizer... Viu quem foi e pra que fala? Pra gente num interessa. (...) Tem gente que morre por causa disso, tem que saber viver entrar e saber viver. Tem gente que não gosta de vim nem aqui dentro de Feu Rosa porque Feu Rosa é bravo.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

A gente vê muito envolvimento com drogas né, boquinha de fumo daqui, boquinha de fumo dali. Eu acho que se tivesse uma delegacia dentro do bairro, porque a gente vê que só a presença deles aí no bairro já melhorou e muito. Se tivesse uma delegacia a gente ficaria mais tranqüilo, melhoraria mais ainda. Igual eu que trabalho por conta própria ali na avenida principal, porque aqui nós não temos pracinha. A gente fica com medo né, e ficamos cismados com algumas coisas. Então a gente vai trabalhar porque não tem escolha né, mas se tivesse eu não iria.(Morador de Vila Nova de Colares)

(...) então essas crianças que já estão com problemas na escola, são aquelas que o professor,o diretor diz assim: “Eu não agüento mais esse menino”, então é esse menino que mais precisa, vamos dizer assim, da atenção, da escola, é aquele que as vezes se a gente não der um reforço, uma atenção, ele é excluído até da escola.(Repres.Poder Público)

A professora tem medo. Porque qualquer coisa que você faça pode ser interpretado (sic) pelos seus familiares como uma ofensa, como uma infração ao direito. E o que nós temos de professor aqui indo para a delegacia DPCA, negócio de doido. Então tem amedrontado....(Repres.Poder Público)

3.7-Impunidade e os direitos humanos

Para os amigos tudo, para os inimigos a lei.

No discurso do poder público identificamos a questão da impunidade como justificadora da continuidade da violência. No entanto, chamamos a atenção para uma confusão conceitual entre impunidade e ausência de acesso à justiça por parte da população, o que torna o discurso da impunidade um argumento para explicar a violência em todos os sentidos. O que precisa ser discutido e ser assumido pelo Estado ou pelo poder público local é a obrigação de garantia dos direitos. A impunidade se apresenta, sobretudo entre os formadores de opinião, como um dos pilares responsáveis pelo aumento da criminalidade. Em outras palavras, a impunidade é percebida como ausência de resposta efetiva das instituições de poder aos crimes de homicídios: morosidade na investigação dos casos, não conclusão dos inquéritos, abuso de autoridade, não cumprimento da lei penal, em alguns casos, cumplicidade do judiciário com o crime organizado etc.

E a falta de movimentação policial é percebida ou como incapacidade, e em alguns casos, como falta de vontade das corporações policiais (PM e PC) em atuarem de forma efetiva na resolução dos crimes. O que é interpretado por alguns moradores como uma relação “amigável” entre policiais e criminosos.

Chama à atenção nos discursos em geral a ausência de relação direta da violência com o desrespeito aos direitos humanos. Entretanto, é preciso destacar que a impunidade é apenas um dos pontos de desrespeito aos direitos humanos. A impunidade é reflexo da seletividade do sistema penal. Neste caso temos o Relatório da USP, divulgado recentemente, que aponta o desrespeito aos direitos humanos como sendo ainda a causa principal da violência no Brasil. Sem dúvida a impunidade é um dos mais freqüentes desrespeitos aos direitos humanos no Brasil, mas as causas da impunidade são históricas e culturais, portanto de mudança em longo prazo. Neste caso é preciso que a presença do estado se faça ostensiva e repressiva no sentido de cumprir a lei e dar

acesso a população aos canais legais de resolução dos conflitos. Nesse sentido a inauguração do primeiro núcleo de resolução de conflitos pela SENASP, na Serra, foi uma vitória. Além dos programas que a secretaria de Direitos humanos já vem executando no sentido de agilizar e dar acesso à população à justiça.

Textuais

A impunidade, ela, ela, ela contribui para continuação do crime né? Um fomento pro crime, porque as pessoas é (sic) presa e é absolvida. E muitas vezes a comunidade sabe detalhes e a gente não conseguiu provar que ela é culpada e tal. E aí ela volta a fazer. E a gente tem muito isso aqui. Muito re-trabalho. Pessoas são presas pela mesma prática muitas vezes.(Repres. Policia)

Então eu acho que precisamos que o Judiciário possa ser mais ágil nas suas ações, precisamos que a policia militar tenha uma estrutura para que faça prevenção, pra não ter que fazer a repressão. E precisamos que quando tenha que ter a repressão, que ela seja feita com rapidez, com eficiência, e que dê resultado. Se essas coisas não funcionam, você cria a sensação de impunidade. E a sensação de impunidade faz com que essas coisas vão aumentando.(Repres.Poder Público)

Outra coisa as leis, elas são muito ultrapassadas, o nosso código penal brasileiro ele está ultrapassado, então o que é que acontece, o cidadão ele pratica a ação porque ele sabe que ele vai ficar impune. No passado ele pensava duas vezes pra fazer as coisas, então hoje ele faz. Pra começar, o menor, o adolescente, ele faz porque sabe que vai ficar impune, em função do estatuto; segundo, o cidadão maior de idade, faz também porque ele sabe que fez ali, cometeu um delito ali, um assalto (...). A policia não vai atrás que não adianta, pega o cara vai e solta, o juiz também não tem o poder de segurar você preso porque a própria constituição ela ensina, dá esse direito ao cidadão brasileiro, em função da cidadania e da democracia que eles falam aí.(Morador de Feu Rosa)

Tem um monte de vagabundo que estão livres, é culpa da presidência e do governador, porque eles não têm emprego suficiente pra todo mundo, tem empresas aí que exigem

uma série de burocracia pra poder estar botando uma pessoa pra trabalhar, pra botar pra trabalhar, e não dá bom salário, começa por aí. Aí se eles lá começarem a respeitar os direitos do preso, eles lá dentro já provaram que eles tem poder cá fora, se eles lá dentro “Ó, nós somos bem tratados aqui e eu não quero que ninguém lá fora faça bagunça, se fazer nós temos a nossa forma de cobrar de vocês aí”, acabou com a malandragem, eles acabam, eles próprios acabam com a malandragem. Aí acabou polícia, acabou tudo, não precisa mais de polícia nos bairros... eles já provaram isso, já foi provado... Eles não vêem isso, eles não vêem que a força deles é muito mais forte... Quanto mais polícia for colocando não vai resolver, de forma alguma, vai resolver quando eles tratarem eles da forma como devem ser tratados por lei. (Morador de Nova Zelândia)

3.8 - Mapa georeferencial

Equipamentos públicos e privados e perfil dos homicídios

O mapa georeferencial dos instrumentos públicos e privados da região estudada é um demonstrativo da falta de infra-estrutura nos bairros com destaque para os seguintes itens: a educação do ensino médio e profissionalizante. Há apenas uma escola de ensino médio e seis de ensino fundamental (sendo uma particular). Trabalho informal configurado no comércio de bebidas em bares e biroskas. Foram registrados 251 bares no aglomerado estudado. Forte presença das igrejas, com prevalência das evangélicas, que atraem pequena parcela da juventude local. Foi registrada a existência de 144 igrejas, de diversas vertentes. Carência de espaços de lazer, tendo em vista o número de habitantes do aglomerado estimado em cerca de 39 mil habitantes. Foram registrados três clubes, quatro praças, 1 campo de futebol, quatro casas de jogos. Quanto à assistência à saúde. Foram registrados três consultórios odontológicos e dois postos de saúde, uma unidade de saúde em Feu Rosa e um posto de saúde em Vila Nova. Em relação à assistência a mãe que trabalha fora, foram registrada 19 creches, sendo que apenas uma creche é pública. Quanto à segurança policial, registramos apenas um posto policial em Feu Rosa, que é a unidade do 2º pelotão da 2ª companhia do 6º Batalhão. Fato preocupante, porque é desproporcional ao número de habitantes e aos índices de criminalidade da região. E por último, quanto aos espaços públicos que poderiam ser destinados a formas de expressão das aspirações e manifestações artísticas dos jovens nesses bairros; registramos um terreno público aberto na Rua das Avencas e uma quadra aberta na Rua dos Cravos.

Quanto à proliferação das igrejas, uma pergunta se faz. Por que os jovens não estão nas igrejas? Como já apontamos, o mapeamento georeferencial demonstrou que existe um grande número de igrejas evangélicas, mas uma participação pequena de jovens nos cultos, face o número de igrejas existentes. Uma pergunta se coloca então, se os espaços de lazer são poucos e se os jovens não estão nos cultos, onde estão? No discurso tanto do poder público, onde grande parte do secretariado se declara

evangélico, quanto da população, é forte a relação entre falta de valores religiosos e aumento da violência e criminalidade. Dessa forma, se a religião é considerada um freio social, onde o controle social exercido pelas igrejas esta falhando? Por que há essa enorme discrepância entre o numero de igrejas e a presença de jovens nos cultos? Vamos aprofundar essa questão nos grupos focais com os jovens.

Quanto ao perfil das vítimas de homicídio no aglomerado estudado destacamos o seguinte para o período de janeiro a dezembro de 2006. Ocorreram 313 homicídios na Serra, sendo que 57 no aglomerado estudado. De acordo com as formas de caracterizar as vítimas de homicídios classificamos os 57 homicídios por gênero: a maioria absoluta foram homens, 94,75%. Por faixa etária que é de 15 a 24 anos 35% e entre 15 e 44 anos 77%. Por instrumento empregado, arma de fogo 94% em 100% dos casos e uma média de 4,7 perfurações por vítima na região da cabeça. O que caracteriza execução, eliminação ou chacina realizada por justiceiros, pistoleiros, milícias ou organizações criminosas ligadas ao tráfico de entorpecentes, contrabando ou jogo.

Em relação ao critério raça, a maioria absoluta das vítimas no aglomerado estudado é da raça negra, que segundo os critérios censitários no Brasil inclui pardos e negros. Com relação à motivação do crime a tendência nacional se repete no aglomerado, pelo menos nos registros de autor conhecido. Os motivos são conflitos inter pessoais entre parêntese amigos.

Já o homicídio por tóxico e o tráfico, segundo informação obtida em entrevista com o delegado da divisão de homicídio de Vitória, Danilo Baiense, o tráfico de drogas em Feu Rosa e Vila Nova de Colares, ainda não está organizado, por isso a briga de mercado intensa e a divisão em áreas de conflito.

Visto isso, chamamos a atenção para a importância de se diferenciar os tipos de crime para uma melhor interpretação dos dados estatísticos e compreensão do fenômeno da criminalidade.

O crime de homicídio ligado ao tráfico é volátil, migra, mata-se em Vila Velha e mora-se na Serra ou Mata-se em Viana e mora-se em Planalto Serrano. Além do que,

há uma integração do grupo local com o tráfego internacional, segundo depoimento de Danilo Baiense delegado da divisão de homicídios de Vitória. Por isso é preciso ter muito cuidado com as estatísticas sobre os homicídios, pois a análise dos dados frios pode mascarar resultados.

Outro dado importante a ser destacado é o fato da delegacia de divisão de homicídio ser centralizada em Vitória, com uma boa infra-estrutura tecnológica e de pessoal, e a Serra ter ficado de fora. A centralização da divisão de homicídio em Vitória prejudicou a Serra. Falta infraestrutura para realização das operações de urgência e atendimento cotidiano.

Sobre os tipos de crime de homicídio destacamos a importância de sua identificação para análise estatística. O crime comum divide-se entre psicopatias e o crime ocasional, seja este último movido por interesse financeiro ou não. No primeiro caso, trata-se de uma relação direta de aspectos biológicos e psíquicos. Entretanto, as psicopatias podem ser potencializadas por processos estruturais que impactam no grupo primário, famílias e diretamente no indivíduo. Já os crimes ocasionais, podem ser associados à anomia social vinculado ao processo de modernização, seja no sentido durkheimiano ou o ressignificado por Merton. A singularidade, a ação individual e a não vinculação com uma estrutura econômica que a sustenta, não necessariamente sobreposto e nesta ordem, são suas marcas principais.

Há, no substrato deste fenômeno, o efeito da migração, da urbanização acelerada, das mudanças das relações de gênero, da clivagem geracional, da ineficiência de mecanismos de controle interno dos indivíduos e da existência de códigos de comportamento baseados em honra, cuja resposta baseia-se na possibilidade de uso da violência. A cultura de estranhamento impõe um comportamento de proteção de mulheres, da honra individual/familiar baseada na retaliação imediata de ameaças etc. Neste aspecto, pode-se atribuir tal parâmetro como um jogo de dilema de prisioneiro, onde a perspectiva de retaliação é a estratégia dominante.

O caso do crime organizado, que demanda, portanto, toda uma logística a fim de garantir a continuidade de um empreendimento ilegal, estrutura-se, por um lado, na

própria violência como mecanismo de manutenção de acordos, uma vez que o mesmo encontra-se fora dos contratos legais passível de controle pelos mecanismos de justiça. A violência, neste caso, é parte da própria relação ilegal do crime, entretanto, não é única, articulando aspectos econômicos e simbólicos, como a encenação de poder, por exemplo.

A capilaridade do crime organizado, presente em grupos especializados em assalto, tráfico de drogas e seqüestro, apresenta sua versão “soft” nos setores médios e da elite, que operam em mecanismos de corrupção pública e privada, assim como o tráfico de influência e sonegação de impostos. A relação de conflito entre o aparato estatal e o crime organizado tende a mostrar, em muitos casos, uma relação entre setores de controle social (polícia e justiça) e políticos inseridos no crime organizado. A força do crime organizado em uma sociedade depende, em grande parte, do grau de participação e anuência de seus operadores com o crime. A literatura especializada, bem como parte do senso comum, tem se atido à influência, enquanto vetor de incentivo, de que a impunidade dos crimes de corrupção, envolvendo setores médios e de elite, se sustenta na sensação de impunidade geral e no incentivo à prática criminosa, o que é em parte verdadeiro, pois sem a anuência dos operadores e indiretamente da sociedade, isso não ocorreria. Por isso não podemos deixar de enfatizar a relevância do fator cultural, pois a prática do “jeitinho brasileiro” leva a seletividade da impunidade e se alicerça num absolutismo excludente e autoritário que produz efeitos perversos para as camadas mais fragilizadas da população, esta sim, punida no rigor da lei.

No tange especificamente à Feu Rosa e Vila Nova de Colares. Há na região, duas vertentes deste tipo criminal organizado. Uma é a corrupção de operadores estatais e outra a de grupos de tráfico de drogas. Cabe ressaltar o contingente populacional e o tamanho da região articulado ao peso econômico e político destas localidades. Há apenas um posto policial, uma unidade de saúde (Feu Rosa) e um posto de saúde (Vila Nova). No que trata a escolas, há apenas uma escola de ensino médio e 6 de ensino fundamental (sendo uma particular). Há apenas uma creche pública. A questão, a saber,

é como estes recursos públicos são apoderados por operadores de estado, como é administrado, distribuídos, qual o grau de participação e controle da população local em torno destes.

Em relação à corrupção de operadores estatais, e para-estatais, de segurança, não é generalizada, mas existe e deve ser evitada com aumento do controle social por parte da comunidade e não apenas por atores políticos buscando controlá-las em benefício restrito. Todavia, muito se tem dito de uma ausência do Estado nestas localidades, ou de sua presença débil, todavia, o que há, na presença realmente existente, é uma perversão do público no que tange a isonomia de procedimentos e probidade administrativa. No caso de operadores estatais e “pequena política”, pautado pelo desvio de verbas, troca de facilidade como, emprego e compra de votos no caso de cabos eleitorais, vagas em creche/escola, remédios; venda velada de proteção para empreendimentos privados e mesmo para redes ilegais de agiotagem e tráfico, no caso de operadores de justiça.

Considerando o contexto empírico de Feu Rosa e Vila Nova de Colares, as descrições dos processos sociais mais amplos que perpassam o seu entorno, bem como os processos em nível micro, o contexto da violência na Região metropolitana, e na Serra em particular, extrapolam explicações únicas e univariadas. O que se observa é uma sobreposição de fatores explicativos, demandando, também, múltiplas explicações. Corroboram para tal conclusão não somente a descrição do processo que envolve a formação dos bairros e das transformações do município nestas últimas duas décadas, mas também, e principalmente, a taxa de assassinatos de jovens.

Outro aspecto que merece destaque e que não ainda não foi mapeado é o aumento significativo das psicopatias na sociedade contemporânea. Podemos dizer que a manifestação dessas perturbações psíquicas na contemporaneidade, já se constitui num fenômeno social, e como tal, se liga aos conflitos da sociedade moderna e se relaciona com questões urbanas tais como as manifestações de violência e da criminalidade. As

psicopatias podem ser potencializadas por processos estruturais que impactam o grupo primário, família, e diretamente o indivíduo, além de poder ser canalizado por um aumento de oportunidades à execução de crimes, sem perspectiva de punição. Há, portanto, a necessidade de articular propostas relacionadas à eficiência dos aparelhos de justiça, de saúde pública e políticas públicas a fim de detectar e tratar as psicopatias. Trata-se de uma responsabilidade parental do Estado.

Os detalhes do perfil das vítimas de homicídio e o mapeamento geo referencial dos equipamentos públicos e privados no aglomerado estudado estão detalhados na parte quantitativa do diagnóstico que será apresentada por Gustavo Debortoli, membro da equipe executora da pesquisa.

Textuais

A infra-estrutura do bairro praticamente começou de investimento, por volta de 1992-93, de investimento público que aqui entrou, aqui não tinha absolutamente nada, não tinha investimento de energia, nem água, nem luz, nem telefone, nem escola, nem correio, coleta de lixo, saneamento básico, área de lazer, campo de futebol, Igreja, procuramos trazer estes equipamentos para dentro da comunidade, e agir neste sentido. Depois de 93 até 98 chegou tudo muito rápido, com muito esforço pessoal e de grupo de pessoas interessadas na comunidade, no crescimento, aí nós conseguimos quase incontestavelmente obter todos estes equipamentos com muita insistência e determinação [no entanto percebemos que no bairro faltam áreas de lazer]. (Morador de Alterosa)

Não tinha asfalto, não tinha... Única área de lazer era o cemitério Jardim da Paz (risos), única coisa que tinha aqui para você passear minhas visitas que vinham de São Paulo eu levava tudo para o cemitério (risos)... Tinha parquinho, levava as crianças e fazia fotos, única coisa que tinha aqui era o cemitério Jardim da Paz. (Morador de Alterosa)

Nós chegamos aqui, quando vim morar aqui não existia luz, não existia água, nós pegávamos água da lagoa, aí nós fomos fazer um trabalho com esses outros moradores que tinha aqui e buscar junto a CESAN junto a ESCELSA, a trazer água para cá, luz para cá. (Morador de Feu Rosa)

Não tem uma escola, não tem um posto, não tem nada; mas eles falam que é porque muito pequenininho e é muito pouco morador. Aí por isso que não cresce igual Vila Nova, Vila Nova você vê, na época que esse bairro aqui já existia há muito tempo Vila Nova nem em sonho, Feu Rosa nem em sonho e ó Feu Rosa como está, Vila Nova né, Vila Nova que é recente olha como Vila Nova está?(Morador de Nova Zelândia)

Não tinha rede de esgoto, não tinha asfalto, sabe! A maioria das águas era de “gato”, a CESAN não tinha passado legalizando... Tinha um lixão aqui que incomodava, o lixão era terrível, ninguém suportava o cheiro, sabe! Então foi terrível, à noite então quase ninguém dormia com o cheiro do lixão, era muito mosquito, um cheiro horrível, incomodava demais. (Morador de Vila Nova de Colares)

Aspecto negativo que eu acabei de mencionar é a violência. A falta de espaço para a pratica de esportes, o bairro cresceu e ficou de certo modo inchado, muita gente morando em pequenos espaços, isso faz com que as pessoas se distanciem uma das outras e gera uma situação de violência mesmo, de desconhecimento, de falta de consideração. A medida que a população foi crescendo a frota de ônibus não acompanhava a demanda (...) Problemas com calçamento de ruas , rede de esgoto e lixo acumulado] Pra você passar você tem que tirar o calçado e passar no esgoto, na água. problema que a água escoar, a água do bairro escoar toda aqui, de Feu Rosa, então aqui desce barro, desce lama, entope tudo, aí porá cima entope tudo, aí é uma porcaria! Dia de chuva aqui pra gente ir trabalhar...E outra coisa também é que a gente não tem segurança, porque não tem policiamento, tem a DPM, mas fica difícil você ir lá,... Tinha que ter uma delegacia, uma administração, não tinha? Não tem... tem um DPJ que tem dois policiais. As escolas que tem aqui no bairro elas não tem sala de aula suficientes pro tanto de alunos...(Morador de Feu Rosa)

Eu sou evangélica, da igreja batista, aqueles que não procuraram uma igreja evangélica pra seguir e ficaram lá fazendo aquelas coisas, morreram todos.....muitos bailes funks e foram fechados, e as pessoas que conseguiram fechar abriram igrejas no lugar e isso foi bom, porque diminuiu um pouco da criminalidade, da marginalidade, diminuiu um pouco com eles colocando as igrejas e fechando esse lugar de diversão, diminuiu um pouco. (Morador de Feu Rosa)

(...) o crime aqui na Serra, ele é muito da situação do município, são discussões, são brigas, às vezes é problema de ciúmes da esposa, do elemento lá na comunidade de vice-versa, discussões entre parentes, e acaba numa situação dessas. Não que não aja a figura do tráfico, isso infelizmente... Mas a gente sabe que o grande número de homicídios aqui é em decorrência dessa situação, e eu acredito que o município já tenha esse levantamento já. (Repres. Poder Público)

A grande maioria ficam, às vezes ficam, no que a gente poderia estar chamando aí de emprego provisório, ou de muita baixa remuneração e aí ocorrem tantos conflitos de... Enfim... Brigas, etc... Que acabam culminando em homicídios aí. (Repres. Poder Público)

Qualquer garoto com 12, 13, 14 anos de idade, ele tira a sua vida com a menor sensibilidade, sem qualquer critério. Porque o tráfico faz com que ele crie um horizonte que ele não tem. Então ele tem condições de ter uma melhor alimentação, ele tem um dinheiro para tomar a sua bebida. Tem diversas namoradas. Tem toda aquela facilidade que ele como cidadão comum numa sociedade desajustada com esta a nossa a gente não vê. (Repres. Poder Público)

E assim, 'os' 19 [anos] assim 'foi' o mais difícil atravessar 'os' 19 anos porque aí que eu conheci o que era um crime assim, o que era uma arma, o que era um tráfico de droga, o que que... Era assim 'tá' conhecendo novas pessoas assim e outro... Mulheres assim também incentivava muito assim a participar daquilo ali sim aí já... (Morador de Vila Nova de Colares)

Então assim, só assim vai ter alguma coisa, só assim vai chamar atenção dos outros assim... “Se eu matar uma pessoa ali na esquina eu vou ter moral.” Né! (Morador de Vila Nova de Colares)

O que mais marca a gente aqui no bairro né? É a violência né? É a violência... Aqui, assim, meninos que eu vi crescer, hoje em dia não existe mais. Já morreram. Então é muita violência. (Morador de Feu Rosa)

Poderia ser melhor, poderia ser mais tranqüilo, quando falo até em relação assim, nem em tanta violência de roubo né, que é uma coisa que não acontece aqui, todo mundo acha que acontece mas não acontece, aqui dentro lá uma vez ou outra alguém pega uma bicicleta por causa do lance das drogas dos viciados, o bichos (os viciados). (Morador de Feu Rosa)

Não, é porque se eu andar com um tipo de pessoas que... eu não tem preconceito nenhum, a maioria são um amor de pessoas, mas se eu to andando com ele vai chegar amanhã e vai falar, “vai faz, usa”, se eu não usar no meio de monte de jovens eu sou careta, então se eu sei que isso pode acontecer, eu acho melhor evitar, então podem me chamar do que for que eu não vou ta nem ai.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Com dez anos tem criança no tráfico, na violência aqui, dez, onze anos.(...) Não passa nem dos 17, é como eu falei, a faixa etária aqui é de 17 anos.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

3.9 - Ausência de integração nas ações das secretarias

Planejamento estratégico e Gestão Pública: uma necessidade

Nas entrevistas com os secretários, percebe-se que há pouca interligação entre as políticas sociais ou programas de ação desenvolvidos pelas secretarias do município da Serra. Além do que, a estrutura burocrática é lenta. Essa é uma queixa comum dos secretários. Dessa forma, cada secretaria cria seus programas a partir de uma identificação de demanda sem pesquisa qualitativa sistemática prévia. Falta pessoal de apoio qualificado para essa tarefa. Nesse sentido, o número de programas e ações desenvolvidas é grande, mas como não há entrosamento, a eficácia é questionável. Outro fato que reforça esse argumento é a ausência de avaliações por parte das secretarias desses programas. Assim, embora exista uma consciência da necessidade e das dificuldades de uma política integrada, falta estrutura administrativa adequada e maior número de profissionais qualificados e adequados aos cargos nas secretarias.

Existe uma consciência no poder público local, da necessidade de integração das suas ações para o controle da violência e do alto índice de homicídios na região da Serra, mas isso ainda não ocorre de fato. É urgente uma reforma administrativa que possibilite à integração, diminua os entraves burocráticos e propicie um enxugamento dos programas que se sobrepõe uns aos outros, e conseqüentemente uma melhor utilização dos recursos públicos.

Os programas voltados para juventude, principal alvo da prevenção, pode tornar-se mais eficazes e eficientes se os programas agirem de forma integrada. No momento, o que verificamos é que as secretarias têm uma visão operacional do problema, falta uma visão estratégica, uma gestão integrada.

A existência na Serra de um Fórum que reúne os mais significativos representantes da sociedade política e civil organizada é um dos pontos extremamente positivo no estabelecimento de metas e ações de combate a violência, mas a integração das ações

das secretarias ainda não acontece, constituindo-se num dos entraves para o funcionamento eficaz das metas estabelecidas pelo Fórum. Os esforços da secretaria de Defesa Social, criada pelo Fórum com o propósito de integrar as ações das secretarias, têm sido louvável, mas esta secretaria precisa ser politicamente considerada estratégica para que ela possa ter força para dialogar com secretários e implementar as medidas urgentes como reforma administrativa, integração das ações de intervenção e melhor planejamento dos programas e dos gastos dos recursos públicos.

Textuais

Aqui na prefeitura o que a gente tem, assim, o entrave maior é a questão da máquina, a burocracia, mas isso ainda... Sabe... Eu acho que isso tinha que ser melhorado. Mas essa relação assim com secretariado, intersetorial, é uma relação boa, eu acho que a gente consegue construir isso bem, até porque também eu acho que tudo é uma questão de construção. (Repres.Poder Público)

Quanto à questão administrativa tem dificuldade, a estrutura das secretarias é muito arcaica, funcionava pra atender a Serra há vinte anos atrás, então é uma estrutura defasada, é uma estrutura pesada, arcaica e pouco informatizada, não tem recursos administrativos... E também tem uma rotina muito demorada, a compra de um lápis dura uns três meses em média... (Repres.Poder Público)

Ou seja, Um coronel é superior na hierarquia a um tenente coronel, que é superior ao major, dentro da hierarquia, que é superior ao capitão, que é superior ao tenente, até chegar ao soldado. Essa hierarquia atrapalha um pouco no relacionamento, pra você... Isso tá no regulamento, pra você chegar pra conversar com o coronel, dentro do trabalho, você tem que obedecer essa cadeia de comando, ou seja, você tem que chegar primeiro pro seu comando de sucesso?(Policial)

Eu acho que o prefeito terminou de pavimentar, pelo menos aqui na minha rua, foi no ano passado. Quem começou a pavimentação foi o prefeito Sérgio Vidigal e quem

terminou foi o atual prefeito Audifax. Um começou e o outro terminou. (Morador de Vila Nova de Colares)

E a gente às vezes tem que tomar decisões por cima dos papéis, né? Senão o papel segura. É um entrave grande na máquina. É complicado.(Repres.Poder Público)

Nós trabalhamos ainda com as informações vindas da Secretaria de Segurança Pública. Nós não temos um banco de dados.(Repres.Poder Público)

3.10 - Oficinas e sustentabilidade

Oficinas: um meio para a sustentabilidade dos projetos sociais

A origem dos movimentos sociais na década de 70 e o surgimento do clientelismo político no município esta associada à forma de participação da comunidade e desgaste político partidário. O que se observa é o temor de que o controle dos aparelhos comunitários e recursos sejam capturados por grupos restritos usados em benefícios eleitorais.

Despolitizar partidariamente os espaços comunitários é considerado pela maioria da população como uma condição para uma participar mais efetiva, já que a política partidária é vista da pior forma. O poder público tem que levar esse dado em consideração na realização das oficinas. Existe vontade de participar, mas existe uma grande recusa em participar politicamente de forma partidária, vinculando participação e benefícios sociais como moeda de troca por votos. A cidadania tutelada e vista de forma crítica, principalmente pelos jovens mais engajados politicamente. É necessário destacar que nos relatos dos moradores das regiões pesquisadas identifica-se um processo de cooptação das lideranças por partidos e atores políticos. Este processo acompanha a fundação das associações de bairro e interferiu de forma significativa no processo de associativismo da região, sendo responsável inclusive pelo enfraquecimento da participação nas comunidades. Alguns moradores queixaram-se de que muitas ações “coletivas” visavam de fato interesses particulares, e que não há mais um espírito de associação.

Os movimentos sociais em Vitória na década de 1970 e 1980, lutavam por infraestrutura e tinha na Igreja católica uma forte aliada e por isso tinha voz. Entretanto, começou aí a cooptação política por votos e o clientelismo pelos partidos. Essa herança histórica brasileira e secular deixou raízes na região e vez predominar o vícios assistencialista. Nesse sentido, é comum, inclusive no setor público, não se falar em direitos legítimos e garantidos pela constituição, mas em favorecimento das condições e

oportunidades. Em alguns casos, aparece na fala dos entrevistados, a questão paternalista de não se evidenciar os direitos, mas de perceber este, como um favor, e não como dever do Estado e direito do cidadão.

Nesse contexto, encontramos ainda no discurso oficial da Serra e na relação da população com este; uma postura clientelista. Assim, as oficinas são consideradas uma benesse do poder público e tomada como um fim em si mesmo, além do que, são decididas de cima para baixo.

Nesse sentido, gostaríamos de ressaltar que as oficinas devem ser encaradas como ações intermediárias. A comunidade precisa e quer ser consultada sobre políticas de intervenção e oficinas. É preciso desenvolver políticas públicas que permitam o desenvolvimento comunitário e sustentável, com redes de proteção para quebrar a cadeia histórica de clientelismo embutido nas relações sociais e políticas no Brasil.

Textuais

(Participação do jovem) Sinceramente... Se eu falar para você que tem... Eu diria que não. (...) Eu acho que a própria juventude ela precisaria de ser melhor orientada para dentro das pastorais, para dentro das igrejas, através da própria sociedade. (...) Porque o jovem não tem essa cabeça livre. É preciso que alguém dê o pontapé inicial. (Repres. Poder Público)

Ainda não estão totalmente inseridos (os jovens). Então eu acho que quando estas políticas forem implementadas de fato, nós poderemos chegar a este estágio do próprio jovem dar a contribuição. (Repres. Poder Público)

3.11- Falhas identificadas nos programas voltados para os jovens em situação de vulnerabilidade social.

Quero ser protagonista

Os programas voltados para os jovens em situação de risco social em geral, são concebidos de cima para baixo. Os jovens, via de regra, não são protagonistas. Os programas das secretarias voltados para a população alvo (14 a 26 anos), não inseriram ainda, os jovens como sujeitos do processo. Com exceção do programa Adolescente Cidadão que prevê a participação em algum momento do programa. Em geral os jovens se sentem excluídos do processo de decisão sobre as políticas sociais voltadas para eles.

Os programas executados pelas secretarias contam com a participação dos jovens a partir do que é oferecido e não a partir do que eles gostariam de fazer. A intenção e as ações desenvolvidas pelas secretarias são bem intencionadas, mas a falta de integração efetiva entre elas e a ausência de avaliação dessas ações, tornam os programas vulneráveis. É preciso que as secretarias possam realizar avaliações periódicas dos jovens que participam dos programas e principalmente averiguar os motivos daqueles que não participam.

Nota-se a falta de infra-estrutura para que os secretários atuem com mais competência e empreguem os recursos de maneira mais eficiente. A ausência de uma equipe de apoio específica e com pessoal qualificado para realizar pesquisas qualitativas e quantitativas e avaliar os projetos em andamento dando um retorno, é imprescindível para que os projetos atinjam os objetivos programados e permita uma melhor organização e planejamento das ações propiciando a integração, entretanto, na maioria das secretarias isso não acontece. Ressalta-se, entretanto, que as secretarias tentam fazer o melhor possível dentro das condições que existem. É unânime também entre os secretários à necessidade de uma reforma administrativa urgente para agilizar os processos e permitir a melhor contratação de serviços.

Textuais

(...) então a gente vai vendo assim, pelo que a gente conversa, pelo acompanhamento que a gente faz que é com as assistentes sociais realmente atende a quem precisa, mas o resultado disso a gente não tem condições ainda de estar fazendo essa avaliação.(Repres.Poder Público)

Criasse um espaço já na visão dos jovens. Talvez se estude o perfil do jovem, se procure...Mas eu não tenho conhecimento que o próprio jovem tenha sido o autor daquela idéia, de ser uma proposta dele.(Repres.Poder Público)

Aí eles dão uns cursos lá para as pessoas carentes, mas eu vejo assim: aquilo ali é mais para as donas-de-casa, que não estão fazendo nada e querem fazer alguma coisa. (Morador de Vila Nova de Colares)

(...) eu acho que nosso bairro precisa é de coisas de verdade, projetos de verdade para trabalhos de verdade, coisas assim que dê realmente futuro aos jovens, que... Não ficar fazendo bordado, bordadinho, flor de meia... Sabe, devia ter alguma coisa assim boa mesmo, realmente boa, que tivesse profissionalização dos jovens para alguma coisa séria, não que não seja o trabalho é ótimo, o trabalho...(Morador de Vila Nova de Colares)

3.12 - A representação social deteriorada da imagem do jovem

Juventude perdida?

A representação da imagem dos jovens em situação de vulnerabilidade social por parte do poder público e da população em geral é preconceituosa. Isto significa o não reconhecimento afetivo do “outro”. O poder público tem uma visão operacional do problema e não uma visão estratégica. A representação social da imagem dos jovens na população e por vezes, no poder público, é deteriorada e desqualificadora. Os jovens são vistos como problema, por vezes sem solução e causam medo. São vistos como uma ameaça ou causa perdida. Há necessidade de melhor conceituação para o poder público, do que é ser jovem. Isso é importante para uma política estratégica.

Identificamos no discurso da população a necessidade de planejamento estratégico para as crianças almejando prevenção para a geração seguinte. A população infantil precisa de medidas urgentes de prevenção para que a geração seguinte não venha ficar numa situação de vulnerabilidade social.

A expressão vulnerabilidade é muito ampla e diz respeito às circunstâncias favoráveis de sujeição a um ataque, do exterior ou não, de qualquer natureza. O ataque pode ser compreendido no sentido de um prejuízo, uma ofensa, uma derrota e até a morte. Neste aspecto a vulnerabilidade pode ser de natureza social, econômica, política, ideológica, ou de ordem psicológica ou orgânica. Entretanto, estas distinções são de ordem analítica, pois na realidade a vulnerabilidade se expressa num emaranhado de efeitos psicossomáticos e mesmo político-ideológicos. Por isso, em nossa opinião é preciso uma análise mais subjetiva para entender as motivações da criminalidade e do homicídio.

Existe outro tipo de vulnerabilidade que é uma vertente da social, trata-se da vulnerabilidade penal. Segundo Eugênio Raul Zaffaroni, o sistema penal gera um grau de periculosidade para todos os cidadãos e não apenas para o preso. Isso se deve à

seletividade do sistema penal, a violência e reprodução da violência do sistema prisional como um todo.

Exemplo: Lombroso descreveu o estereótipo do criminoso do seu tempo. A teoria que formulou é o que menos importa. Importa reter que: os estereótipos variam historicamente e culturalmente, por isso a vulnerabilidade penal atinge pode atingir a todos nós. Os árabes são vítimas disso, os coreanos, os judeus, os ciganos, os negros, afro descendentes, mexicanos, bascos, italianos do sul, nordestinos, turcos, os baianos na Serra. Depende do país em que se esteja e da cultura inerente a ele e do momento histórico. Este fato gera insegurança em toda população, principalmente naquelas que vivem em locais onde a presença do estado ainda não é ostensiva, causando o que Berlinck denomina de Insuficiência Imunológica Psíquica. Com este conceito Berlinck chama atenção para o aspecto subjetivo da vulnerabilidade, ou seja, a subjetividade historicamente constituída sem destacar o exclusivismo dos aspectos orgânicos ou mesmo somáticos presentes na constituição do sujeito. Na constituição do sujeito esta presente vários modos de subjetivação, ou seja, idiosincrasias, maneira própria de ser, sentir e agir de cada indivíduo. A Subjetivação é a própria subjetividade, pois o sujeito se constitui somente por essa via. Histeria, perversão, obsessão, psicopatias são modos de subjetivação e devemos estudá-las e incorporá-las ao conhecimento científico em relação ao comportamento humano, principalmente nos casos de violência e criminalidade urbana.

O pensamento tradicional e conservador, de efeito repressivo e traumático continuado, são capazes de produzir diferentes padrões de insuficiência imunológica psíquica. Por isso, um pensamento que se preocupe com o desenvolvimento da tradição explícita, só fará agravar a repressão e a origem traumática original. É preciso mostrar as possibilidades e as probabilidades de romper com a insuficiência, para torná-la suficiente. Daí a importância da perspectiva histórica. Por isso optamos nessa pesquisa pela entrevista em profundidade e a reconstrução da história dos bairros.

É importante destacar que os jovens que se encontram na situação de vulnerabilidade social torna-se alvo fácil para o tráfico. No caso dos jovens e

adolescentes do município da Serra, identificou-se posturas agressivas e mecanismos de negação e recusa, face à fragilidade dos laços afetivos na dinâmica familiar e o efeito de sucessivos abandonos. Essas atitudes podem ser traduzidas como pedido de socorro, entretanto, é interpretado como ausência de valores familiares, falta de caráter ou agressividade justificada por um viés racista calcado num determinismo biológico e racial.

Nesse sentido, é importante contribuir para o esclarecimento dessas reações tratando-as como um pedido de socorro, portanto dentro de uma visão humanista que pretende trazer para a cena o sujeito e os processos subjetivantes como experiências ricas de aprendizado e crescimento. Nossas pesquisas apontam para a importância de incluir o estudo das emoções, no sentido psicanalítico, ou seja, emoções inconscientes, assim como as formas de subjetivação, inclusive as perversões, como fonte de conhecimento político sobre o simbólico das sociedades humanas e as expressões dele no comportamento social da contemporaneidade.

A postura adequada é o diálogo, não como solução “salvacionista”, mas no sentido de compreender os enigmas que cercam os fenômenos psíquicos, para que possamos ler como aponta Esteban Levin (1995) o corpo na linguagem das crianças, dos jovens e adolescentes, possibilitando a emergência do sujeito suficiente, e em última instância, do cidadão no exato sentido da palavra. É imprescindível retirar a culpa do sujeito e remeter os fatos à explicação histórica e as conseqüências político-afetivas resultantes desse processo.

As pesquisas prévias realizadas na Serra, serviram de laboratório para análises que apontam para importância do reconhecimento corporal para a constituição do sujeito e da cidadania. Não existe sujeito sem corpo e sem sujeito não existe indivíduo e por conseqüência não há cidadão. Berlinck (1988) ilustra isso muito bem quando relata um estudo que fez com dois meninos de rua considerados delinqüentes e perigosos na periferia de São Paulo. A partir do trabalho com argila e com desenhos, o autor relata um resultado surpreendente. Os meninos não conseguem, embora tenham respectivamente entre 11 e 14 anos, representar a imagem do próprio corpo ou de uma

casa. Este fato é gravíssimo em termos psicanalíticos, pois nesta faixa etária o jovem já deve ser capaz de representar seu corpo, ou melhor, já deve demonstrar consciência sobre a totalidade de sua imagem corporal, podendo dessa forma, estabelecer relações com as outras pessoas e com as instituições; a partir dos códigos sociais existentes e da representação da realidade como um campo estruturado em termos da noção de Lei, ou seja, o que é permitido e o que é proibido. A Lei confere organização, ordem. O corpo é o campo na qual a Lei incide, constituindo-o e constituindo-se. Quando o sujeito tem a imagem totalizada e organizada do próprio corpo, a incidência da Lei separa, distingue e só assim é possível o sujeito manter-se íntegro. Quando isso não acontece, não é possível a constituição do sujeito, pois ele se representa fracionado, separado, cindido. Estes mecanismos, via de regra, estão presentes nas relações familiares e na sua dinâmica afetiva produzindo efeitos danosos na constituição do sujeito.

Dado os impasses e as dificuldades contemporâneas quanto ao limite, ou seja, o interdito temos atualmente na vivência cotidiana, um acentuado absolutismo afetivo que se expressa no ditado popular “fulano parece que está com o rei na barriga”. Esta exaltação narcísica, segundo Pierre Legendre, está consubstanciada na vitória simbólica do “sujeito-rei”. Teríamos algo da ordem da maximização do individualismo possessivo, que avança na direção de um individualismo calcado na intolerância mais brutal e no medo do outro, ou seja, o individualismo fóbico. E isto, independente da condição social do sujeito. Verificamos a partir dos resultados das pesquisas realizadas, que a dinâmica da dialética familiar no aglomerado estudado evidencia tanto a ausência da responsabilidade paterna quanto a responsabilidade parental do estado. Portanto, os jovens da Serra em de risco social se enquadram nessa situação.

Neste nível teríamos a ignorância simbólica da Lei em dois sentidos: jurídico e psicanalítico. Jurídico se refere a ignorância simbólica do poder parental do estado, ou seja, ignorância simbólica do pai institucional, que pode impor limites, que tem autoridade sobre seus filhos (cidadãos), que é uma autoridade legal e por vezes, legítima, por que nem tudo que é legal é legítimo e vice-versa. No caso brasileiro temos que acentuar o autoritarismo desse pai, seu excesso, por causas e opções histórico-culturais e os efeitos políticos e ideológicos.

No sentido psicanalítico, trata-se da ignorância simbólica da figura paterna, seja por falta ou por excesso. Acrescentem-se aí os ingredientes do patriarcalismo e seus efeitos, tais como: a misoginia, a homofobia, a rigidez e vigilância, repressão sexual, o triângulo edipiano e a questão fálica feminina, entre outros desdobramentos.

Partindo desse pressuposto, destacamos que é na configuração familiar e na dinâmica dos papéis estabelecidos pela função paterna e materna, que primeiramente a imagem corporal se constrói. Assim, entender os mecanismos de atuação da vulnerabilidade psíquica face à ausência da noção de Lei e seus efeitos na constituição da subjetividade dos jovens na contemporaneidade é fundamental para entendermos a pulsão de morte, as psicopatias sociais e a violência letal entre os jovens.

Isto posto, vamos estabelecer uma relação entre juventude, violência e sociabilidade fazendo um link com as questões apontadas.

Ao compreender a lógica da construção de lugares sociais, de sociabilidades e de mecanismos de identificação dos indivíduos enquanto criminais ou potencialmente criminais, as opções para a construção da identidade são dadas a priori para uma massa de jovens que cresce neste processo. Há, ao longo da década de 90 e posterior, uma positivação da identidade negativa da criminalidade. O que significa isto? Que ao construir a identidade social, a opção é dada a priori (ser bandido) pelo local de moradia. Neste processo, o funk, ao criar uma linguagem própria, roupas e símbolos de status, e, portanto, também de pertencimento, criam uma identidade e ao mesmo tempo reforça de modo relacional, uma identidade negativa que serve como justificção da segregação.

Ao restar a opção da positivação da negatividade, os jovens passam da ausência de identidade para uma identidade que se transforma em um beco sem saída, capturada

pelo tráfico e vítima preferencial da violência policial. A própria captura do funk pela criminalidade, em processo que ocorre correlato ao fenômeno ocorrido no Rio de Janeiro, é um sintoma que o fenômeno musical, deveras importante na socialização dos jovens, poderia ter tomado outros rumos, não fosse à resistência de reconhecimento do direito a cultura desta geração, por parte do Estado. É a ausência de opções ou de investimento nos movimentos culturais juvenis que cria o perigo de sua ilegalidade, não pelo seu viés de contestação da ordem, mas a legitimidade de uma ordem social violenta onde a inserção no mercado de consumo não se dá pela inserção no mercado legal.

A violência juvenil fruto desta sociabilidade violenta, ocorre num contexto em que a juventude perde o caráter positivo, embora idealista, de projetar-se enquanto futuro e esperança do país. A crença na juventude, que marcará todo o período republicano, dissipou-se ao final do século pelo fato de que tal crença ajustar-se não apenas ao crescimento de oportunidades econômicas, mas também na contestação e participação política. Entretanto, a junção da democratização e recessão econômica da década de 80 e 90 juntou-se à consolidação de uma massa migrante no espaço urbano. Ao perder a confiança no futuro, perdeu-se a confiança na juventude e, em termos simbólicos, operou-se o fracasso de uma geração.

Se a virada rural-urbano em várias regiões metropolitanas no qual tal processo fora mais lento, apresenta-se enquanto problema para uma nova camada juvenil resultante desta transição, tal fenômeno parece ser mais brutal no caso do ES, em função do exíguo tempo em que tal processo se deu. Essa geração no ES, não apenas diferem em termos de socialização dos seus pais, quanto apresentam perspectivas novas. Enquanto que a ligação dos pais com um sentimento de ordem e tradição rural pode estruturar os seus compromissos com regras sociais, as perspectivas para os filhos são de outra natureza, mais amplas e, talvez, mais insatisfatórias.

A violência, enquanto fator vitimizador de homens, conta, também, com um forte componente de transformações das relações de gênero durante este período. No caso de jovens criminalmente inseridos, tal inserção é meio de construção de referências de status, poder e pertencimento e, como resultado disto, acesso as mulheres.

Existe um fator comum nos dois casos, da inserção masculina e feminina na criminalidade, apontadas nas nossas pesquisas locais, que trata do enfraquecimento da figura masculina. Alba Zaluar, em *A Máquina e a Revolta*, ou na Obra/filme de Evandro Lins (*Cidade de Deus*), aponta, de forma fragmentada, tal processo com o enfraquecimento da figura do pai e a formação de uma mentalidade, nos mais jovens, com a do consumo e realização financeira e individual, menos ligado à família, tradição e valores. O que se coloca aqui, enquanto hipótese é a articulação do enfraquecimento da figura masculina pela geração dos pais, com a formação do *ethos da hipermasculinidade*, já apontado por Zaluar em diversas pesquisas.

O enfraquecimento da figura masculina é um processo de mudança de relações de gênero em termos do mundo rural-urbano, mas também da expansão do mercado de trabalho feminino nas cidades. Agrega-se a isto, em muitos casos, tanto a ausência efetiva do pai quanto o desemprego e fragilidade econômica decorrida deste. Tal processo, enquanto fator desagregador da personalidade masculina, talvez seja parte constituinte tanto das agressões entre casais quanto de alcoolismo, crimes de honra e por motivos fúteis.

O efeito social deste processo, enquanto hipótese é a formação da imagem masculina pela geração posterior, sem compromissos sociais efetivos. A figura do homem jovem criado neste ambiente não se liga a figura do pai ou de compromissos sociais mais amplos presentes na geração anterior. Em um contexto de enfraquecimento generalizado da figura masculina de uma geração mais velha, só resta aos adolescentes e homens jovens constituírem-se a si mesmos enquanto referência. Tal probabilidade, não

determinística, é crucial, o que importa é que a ausência de figuras de identidade e apoio para os meninos, estes tem alguma probabilidade de compensarem tal déficit entre jovens em situação igual ou com jovens que se mostrem mais “homens” que os demais, em grande parte pautada pela descrença social, fragilidade familiar, laços sociais frágeis e, também, criminalidade.

Mais especificamente, no que trata ao tráfico e consumo de drogas nos bairros pobres, é um fenômeno econômico-cultural e psicológico, bem como parte do exemplo desta sociabilidade violência. É econômico no sentido que gera ganhos financeiros para traficantes e para sustentar parte da corrupção policial, sem a qual as bocas de fumo não funcionariam, ainda mais em um contexto de que policiais operando na comunidade residem no local e mais de uma década. É também cultural e psicológico no sentido de que é uma alternativa barata de lazer em comparada às alternativas de sair do bairro. Em termos comparativos, exemplo disto é que o custo de sair do bairro para ir ao cinema ou a um shopping custa mais do que uma pedra de crack. O retorno da “felicidade” no uso de drogas pode ser compensador comparado às demais alternativas e diminuir a tensão cognitiva dos indivíduos. É preciso compreender que no entorno do tráfico há um grupo muito maior de consumidores. O risco do tráfico associado à violência encontra-se justamente no não pagamento de dívidas, nas disputa por territórios e por mulheres.

Textuais

Como eu disse, é por conta das drogas, porque as drogas é dinheiro fácil pra eles, então tem crianças de 12 anos fumando, crianças de 12 anos traficando, e o dinheiro do jeito que vem, vai, não adianta você chegar pra eles e conversar, eu tenho muitos conhecidos que falam “não, dinheiro suado é melhor, pelo menos você batalhou honestamente.” “ah não, é difícil,” é resposta deles é “eu ralo todo mês pra ganhar R\$350,00 no final do mês e aqui em dum dia eu posso tirar isso.” Mas aí acaba usando, acaba não pagando e acaba morrendo, porque quando eles ficam devendo eles morrem.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Não, a minha escola não, ela é a coordenação por si, eu acho que igual eu falei, eu cheguei a falar com a diretora que quem faz a escola são os alunos, igual com quem faz o bairro é a gente, ela acha que a gente não tem direito de opinião, é muita intriga que tem um com o outro, os alunos com a diretoria, então ela não tem aquele incentivo de “ah, vamos estudar” igual, eles estão diminuindo os professores porque ta tendo muita evasão pela parte da tarde, então aumentaram a carga horária pra ver se isso melhora, eles estão tentando isso todos os meses, mas é porque não tem incentivo pros alunos ficarem na escola, só fica quem tem em mente “ eu quero terminar o ensino médio”.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Elas não querem nada com nada, não querem saber de estudar, meninas novas de 12 anos que já tem relação sexual com homem que não tem... não é parceiro delas, com um e com outro, usam drogas, um dia desses mesmo usaram aqui na frente de casa, e não tem futuro nenhum no caso, são poucas que, quando eu vim pra cá “Arnaldo” a gente cresceu... cresceu não entendeu? São poucas que querem ter um futuro né? (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Eles (menores) tem a casa deles, tem o lar deles, mas eles vão pra lá pra pedir comida, pedir dinheiro, assaltar, quer dizer, eles tem uma certa culpa, “ah é o menor”, mas o menor também ele é responsável porque é o seguinte, quando ele está assaltando ele estupra, seqüestra, ele está vendo aquilo ali, ele está praticando a ação, então se ele está praticando a ação ele tem consciência do que ele está fazendo, deveria mudar a lei, a promotora tava dizendo, deveria mudar a lei, pra ele ser punido igual a eu, se eu fizer uma coisa errada eu vou ser punido.(Morador de Feu Rosa)

Aquela época, as coisas funcionavam mais, as pessoas respeitavam mais, o adolescente não é? Ele tinha mais respeito aos idosos, os mais novos também tinham mais respeito, hoje com esse negócio do estatuto do adolescente é um problema, os caras não respeitam os idosos, não respeitam você, é um problema, e está difícil, o que é que o governo tinha que fazer era arrumar um mecanismo pra tirar essas crianças das ruas, abrir uma biblioteca igual, esqueci de te falar, vai ter uma biblioteca ali, o espaço já está alugado, vamos montar a biblioteca, a associação fez um convênio com a CST que

ela vai doar os computadores e vai botar biblioteca pras crianças fazerem pesquisa, estudar, pra tirar aquelas crianças das ruas e tomar o tempo deles, não eles ficarem na rua, nas esquinas, fazendo coisa errada.(Morador de Feu Rosa)

Na terça-feira da semana passada o tenente Ricardo andou pelo bairro de bermuda, camisa e com uma pistola na cintura atrás de um jovem que mora perto da igreja católica, ele é usuário e disse no bar que iria matar o tenente, o tenente foi atrás do jovem e o agrediu na rua até cair no chão, ajoelhou o jovem e deu três tiros para cima, a polícia faz batidas nos jovens que ficam na esquinas e no bar perto aqui de casa, eles dizem que receberam denúncias, mas eu acho que eles fazem isso por conta própria e também quando o policial civil suspeita que o sujeito é usuário.(Morador de Alteroza)

Aí começou a vir o pessoal do funk também. Na época comecei a trabalhar com esse pessoal do funk. Tinha o Adão, que já tinha passagem pela polícia. Uns garotos de 16, 17 anos. (Morador de Feu Rosa)

Terrível isso que eu vou falar... Você pega um país em que você, é... Vender droga é muito mais rentoso do que trabalhar... Né? O camarada tem o exemplo do pai, trabalhou a vida inteira ganhando salário mínimo. Conseguiu construir uma casinha com a maior dificuldade... E aí ele pega e..., com pouco tempo que ele está na atividade, de droga, ele consegue muito mais do que o pai dele conseguiu na vida toda, porque é um lucro alto, né? É... O jovem, né? Ele pode achar que isso seja vantajoso. A diferença básica que tem nisso é que o pai dele viveu 70 anos. Né? Os anos 50... 60... E a possibilidade dele passar dos 21 é muito pouca. (...) Mas muito jovem prefere viver menos tempo nessas condições. De viver de droga. E ele tem carro, tem namorada, tem mulheres, tem armas... Do que viver 70 anos! Como o pai dele e a mãe dele viveram. Essa é uma das facetas também.(Repres. Policia)

3.13- Gravidez na adolescência e paternidade não reconhecida.

A ignorância simbólica da Lei.

O índice de gravidez na adolescência na Serra, atualmente é o maior do Brasil (índice de 27%), assim como também é grande o número de crianças não registradas. Esse fato tem relação com a não de obra operária sazonal e “estrangeira” devida às empreiteiras das grandes empresas localizadas na região CST, Aracruz e obviamente com o processo de urbanização e modernização desigual e desordenada na região metropolitana do Espírito Santo. Além da dinâmica e a fragilidade das relações afetivas na configuração familiar. Principalmente no que diz respeito à ausência da figura paterna, ou e quem exerça essa função.

Pesquisa recente (1999-2003, nos EUA e Nova Zelândia) demonstra que filhas de lares em que o pai biológico estava presente tendiam a chegar à puberdade e a viver sua primeira experiência sexual mais tarde do que aquelas de lares em que o pai biológico estava ausente. Quanto mais próxima e mais afetiva a relação entre pai e filha, mais as meninas demoravam a alcançar a maturidade sexual. Uma relação de cumplicidade entre pai e mãe retardava ainda mais a puberdade. Garotas que viveram sem os pais na primeira infância teriam duas vezes mais possibilidade de completar o processo da puberdade até os 12 ou 13 anos e sete vezes mais probabilidade de engravidar precocemente. (“Pai atrasa a menstruação?” Revista Época nº. 457 de 19 de fevereiro de 2007, pág. 60e 61).

O problema situa-se de modo mais complexo, articulando fatores bio-psico-sociais. Diversas pesquisas recentes apontam que ausência da figura paterna, ambiente doméstico estressante, traumas na infância, explicam a maturação sexual precoce. A ausência de políticas de gênero para esta população, baixas oportunidades econômicas, de lazer, déficit de afetividade, apatia e envolvimento com drogas terminam por levar a gravidez precoce, sem que os indivíduos tenham condição financeira e psicológica para

criar os filhos. A questão, em termos sociais, é que a gravidez na adolescência ocorre em um ambiente de fragilidade social, reproduzindo um ciclo de baixas.

Textuais

E no caso do público de 7 a 14 anos, que é o menino que já está envolvido... Que já mexe com drogas, que eu acho que é a falta da estrutura familiar, tem um detalhe da população nossa aqui, que 60%... O ministério público fez uma pesquisa há uns dois anos atrás aqui... Um procurador, um promotor que é da vara da infância ele pegou alunos das escolas municipais, das escolas estaduais e ele verificou que 60% dos meninos não tem paternidade, que dizer, são famílias desestruturadas.(Repres.Poder Público)

(...) eu penso que nós estamos indo aí pra uma terceira geração de famílias de pessoas que tenham sido orientadas, porque as pessoas são mães muito cedo, as vezes com quatorze as vezes com quinze anos, e também as vezes que não conseguiram receber da família uma formação, não teve uma boa estrutura, numa linha de pobreza muito grande... (Repres.Poder Público)

Hoje já não tem mais isso não, hoje as meninas não 'brinca' mais como a gente 'brinca' antes, dava uma idade de 13 / 14 anos, as meninas já querem casar já, já quer arrumar um marido, já quer morar junto, já quer ter filhos e a gente ver as meninas aqui mesmo nessa rua.... Tem uma menina de 12 anos assim, eu pensei: "Pô! quando ela tiver este menino vai pensar que é a boneca dela, porque ela é tão pequenininha, tão pequenininha que nem parece...(Morador de Vila Nova de Colares)

Nesse caso específico que eu comentei com você ela falou que estava virando moda no bairro dela, tipo assim "As patricinhas do meu bairro estão todas engravidando", é como se dissesse assim: "Se os exemplos estão engravidando eu também vou engravidar". Eu não sei definir bem o porque, mas é certo que algumas até pra testar

se são férteis ou não, surge a dúvida “Será que eu posso ser mãe?”, e as vezes elas testam isso.(Repres.Poder Público)

Tenho amiga que fico grávida, tem 4 filhos e não conseguiu Bolsa Família também.(...) A gente pensa em sumir, deixa dá o neném pro zoutro ou tirar o neném. Você sabe muito bem... Eu só não pensei em sumir porque eu tinha meu pai e minha mãe. Entendeu? Porque senão eu acho que não agüentaria a pressão. Que é muito... Fica muito carente, sente só, como vou cuidar dessa criança, pedir fralda, comida, pedi uma coisa, aí vem pedi uma coisa e você não tem dinheiro pra comprar. É complicado. Não queria passar... Porque a minha infância não foi boa. (...) Acho que ninguém mandou você arrumar filho cedo, quem mandou você arrumar filho cedo? Ninguém. Arrumou tem que cuidar. Matar? Tem pessoas que tira, quer tirar... Eu falo pra você: se eu é... O caso de eu ter um filho hoje em dia, comigo mais velho assim. Eu não tiraria, mas se eu tivesse sozinha, como eu tive meu filho eu tiraria. Tiraria... Tiraria porque... Medo de não poder a uma criança... Medo de bota uma criança no mundo e não poder criar... Ah você vai deixar com quem? Não sabia trocar uma fralda, eu não sabia... Hoje em dia eu não sei nem amarrar o cabelo de uma criança, eu não sei... Se não fosse minha mãe. Aí aconteceu de eu ter filho, ficar 3 meses internada, quase morrer, aí que eu fiquei meio traumatizada de ter filho.(...) Teve amiga minha que tirou com 6 meses... Era um menino. Caiu dentro do vaso. Mas ficamo lá... Ficamo horrorizada... Mas ia fazer o que? Já tinha feito... Entregar pra policia? Bater? Matar? Entregamo na mão de Deus, Deus sabe o que faz.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

A cada dez mulheres aqui, oito estão grávidas, foi feita uma estatística, eu tive acesso a essa informação, é... de pais de cada vinte mulheres que vão fazer pré natal, mais de quinze são adolescentes e mãe solteiras, então é, bem... comum, é um dado bem alarmante...(...).....não tenho nada contra, nada errado um adolescente engravidar, a nível despreparação psicológica, emocional, financeira, as vezes um jovem de quatorze, treze anos... já no ultimo mês.....(...) Antigamente não tinha não[muito caso de gravidez na adolescência]... porque, eu lembro que eu ficava ali na..(incompreensível). Eu tinha acesso assim....olha você podia contar literalmente, passavam nove, passavam dez, oito eram grávidas, isso foi de uns quatro anos pra cá, talvez meninas que eu conheci com

*oito anos de idade, hoje elas estão com doze já são mães, conheci entre aspas né!? (...)
Você via mas não era assim, hoje é... tem meninas de doze, treze anos... já tiveram
filhos, estão com os filhos no colo já. Doze, treze anos, é uma fase pra ta brincado de
boneca, brincando na rua estudando...qual tipo de ocorrência que está ocasionando
isso?eu acho que é um ciclo vicioso,a raiz do problema é uma família sem estrutura.
Por exemplo, essas meninas que hoje, tem doze, treze, quatorze anos... ela tem filhos,
daqui a dez anos, os filhos delas já estarão adolescentes, eles provavelmente terão
filhos também...Exatamente,Porque eles não tiveram...um estrutura... um espelho, algo
pra se visualizar, um exemplo pratico, um pai legitimo,difícilmente essa criança com
cinco anos mora com pai e mãe, irmãos. Então é como se fosse uma bola de neve... vai
se proliferando...(Morador de Feu Rosa)*

3.14- A visão da polícia

Policial também é gente

A instituição policial no Brasil esta associada à função autoritária, punitiva e excessivamente repressiva que desempenhou historicamente e que se reflete hoje na crise política que se instalou pós- 64. O dilema que vivemos ainda que diga respeito à transição da polícia política para a polícia civil e os efeitos advindos dessa situação. A questão política instalada nos remete a crise política ou policial que emergiu na década de 1980 e é apenas o fio do novelo. Na verdade o dilema da sociedade brasileira como um todo, é a necessidade urgente de ordenamento social e de uma política de segurança pública num estado de direito. A crise se instalou devido à incapacidade do Estado juntamente com a sociedade política e civil de enfrentar os fantasmas da ditadura e discutir seriamente sobre a permanência dos instrumentos autoritários e repressivos que ainda existem na instituição policial, tanto na formação acadêmica quanto no funcionamento e no trato com a população civil.

Entretanto, percebemos uma geração de policiais civis e militares, dispostos a lutar por reformas e nesse sentido indicamos algumas de suas justas reivindicações.

O depoimento dos policiais em relação à violência nos bairros em questão é marcado por um ressentimento, eles se sentem muitas vezes impotentes diante das demandas que chegam até eles no cotidiano. As queixas em geral são com relação à falta de estrutura para o exercício do trabalho como, poucas viaturas, contingente de pessoas, carência e falta de integração nas informações. Também reclamam que todos os problemas de infra-estrutura acabam nas mãos da polícia, falta de armamento adequado, por vezes os bandidos estão mais bem aparelhados em termos de armamento do que eles, muitas vezes os policiais tem que atender doentes, as viaturas servem de ambulância, o atendimento a menores que vagam pelas ruas e os órgãos que deveriam acolhê-los não o fazem etc. Outra queixa importante é que as condições de trabalho e a imagem ruim da população em relação à polícia é também um agravante para o aumento

da tensão, a hierarquia rígida, enfim os policiais se queixam da falta de atendimento psicológico e canais legítimos, sem punição, para que eles possam extravasar suas angústias e medos.

Resumindo as principais queixas são: a) Atendimento de demandas de outras áreas do serviço público, transformando a PM em órgão assistencial (transporte de gestante, socorro a acidentado, detenção e condução de alienado mental, etc.); b) excesso de tempo (demora) nas Delegacias de Polícia Civil, onde são finalizadas as ocorrências atendidas pela PM; c) o número de equipes (policiais e viaturas) inferior em relação à demanda gerada pelo setor de atendimento pelo sistema 190-CIODES, ou seja, falta de efetivo para atender toda a demanda operacional; d) demora do COPOM em repassar as ocorrências para as viaturas; e) Informações incompletas que dificultam a localização do solicitante; f) execução de serviços que fogem ao âmbito de competência da PM; g) emprego de PMs como auxiliares de outros órgãos: Prefeituras (na fiscalização), Infância e Juventude, Polícia Civil, motoristas de juízes; h) Ocorrências de vulto que acabam por empregar, muitas vezes todas as viaturas disponíveis (sequestro-relâmpago, assalto à banco, rebeliões em presídio, perseguições com cerco tático); i) Falta de tecnologia de comunicação e dados na própria viatura, como computador de bordo, que facilitaria a consulta de placas de carros, nomes de suspeitos, conhecimento de ocorrências anteriores que tenham correlação umas com as outras; j) Área geográfica muito extensa; l) Motivação pessoal dos integrantes das viaturas (salário, descaso, qualidade de vida, satisfação pessoal, carga emocional, falta de recursos humanos, falta de setores de análise e acompanhamento psicológico e de saúde dos policiais (o HPM é uma falácia) falta de uma política de educação física para a tropa (não basta colocar no papel que as terças e quintas, após as 16h30 é para praticar atividade física. Isso abrange o setor administrativo.

E o operacional? Teoricamente, este pessoal é o mais preparado fisicamente e não o é. Muitos processos administrativos disciplinares de pouca ou nenhuma relevância ou valia, em desfavor dos policiais, são também agravantes tais como, chegar atrasado para o serviço, faltar ao serviço, não comparecer em juízo quando requisitado

para depor como testemunha e muitos outros. Por último, falta reciclagem de instrução e de especialização, cursos e outros que mantenham o pessoal atualizado.

Textuais

Percepção sobre a polícia

(...) eu fui pego pela terceira vez, eu 'tava' dormindo, aí a polícia chegou assim, aí me bateu bastante aqui na sala, me bateu bastante no meu quarto aqui assim. (Morador de Vila Nova de Colares)

Se bem que hoje em dia nem em policial a gente pode confiar, mas ainda assim para algumas pessoas ainda transmite um pouco de segurança, né! Que não há...(Morador de Vila Nova de Colares)

Aqui nós temos policiais que dão cobertura aos marginais, para tráfico de drogas, para assassinato. Eles sabem quem vai morrer e saem do bairro para o cara ir lá e matar. Já vi fazer ocorrência em Jacaraípe para o cara matar aqui. Então o crime aqui tem essa característica... Marginal por marginal era fácil de a gente combater....botava fogo nisso aqui, dava uma (?). Mas quando a própria polícia está envolvida aí fica difícil. Eles se comunicam! (...) traficantes aqui do bairro, por celular eles se comunicam. Esta chegando no começo bairro eles já sabem logo do gerente da droga, dali, da rua debaixo...Eles já ligam: - Olha, esconde tudo e joga ali para qualquer lado que nós estamos indo aí! Então como é que se combate a droga assim? Se quer ela para combater, esta avisando o cara a esconder a droga que ele mesmo entregou dentro da viatura.(Morador de Feu Rosa)

Hoje em dia a justiça nossa é tão lenta, tão fraca, que eles fazem as coisas e acham que vão ficar impune, que ninguém vai atrás, como não vão mesmo, é difícil, então por isso fazem né. É normal ,é normal, a pessoa ir ali, fazer o que faz ali a polícia vem, recolheu o corpo e pronto, acabou, e quem assassinou esta solto, andando por aí. Até assim, a própria polícia quando vem buscar um corpo, que eles vem fazer o serviço eles ficam

questionando com parentes daquele corpo que eles ganham muito mal pra fazer aquilo... Isso deixa a gente mais inseguro ainda no lugar que a gente mora, não tem segurança nem nada, se precisar de algum policial pra fazer alguma coisa, pra te ajudar em alguma coisa... Você não tem segurança... O DPJ é só pra dizer, nem pra ocorrência é, porque lá eles não prendem, não botam ninguém preso não... E eles fazem os assassinados do lado, tem crime do lado lá... E eles nem aí... Tem caso de assassinato aqui da policia, da polícia, não é o recolhimento do IML não, é a polícia, de demorar seis, sete horas, a polícia, pra chegar no local. Pra você ver como é o policiamento. (Morador de Feu Rosa)

Ofenderam e eu deixei pra lá. Deixei pra lá porque não vale a pena. Ta errado e se você for dar queixa... Uma amiga minha, num é fanta, foi presa. Eles bateram, espancaram ela. Chego na delegacia o delegado mandou fazer o corpo delito pra resultar algum exame resultado disso. Não é só... Mas agredir uma pessoa... Tem que ter motivo para agredir... Não é chegar e bater... Não é nada.. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Melhoraram bastante a segurança, colocaram bastante polícia aqui, até que a segurança melhorou bastante e permanece hoje, tem o sargento aí, inclusive até o presidente da Associação de Morador é o sargento que é o comandante da Companhia daqui, porque o DPM era só DPM depois passou a ser Companhia, a Companhia de Laranjeiras veio para cá... Pelo menos hoje a segurança 'tá' bom, 'tá' bom hoje está melhorada... Hoje a segurança aqui é bastante é boa mesmo.(Morador de Feu Rosa)

Visão da Polícia

Então a senhora teve o carro roubado e eu tive uma botija de gás roubada. Na visão do policial o carro é o mais importante. Mas você tem um seguro e pode comprar outro carro. E aquela botija que faz a comida de meus filhos, eu não posso comprar outra.(Repres. Poder Público)

Antes da criação e da unificação da divisão de homicídios aqui nesse prédio, vários crimes de homicídio ficavam nas delegacias distritais, quando eu reassumi aqui, em 2003, comezinho de 2003, houve uma correção nas delegacias distritais e uma série de inquéritos de expedientes foram transferidos para a divisão sem sequer terem sido instaurados esse inquéritos das distritais, eu em um dia só archivei aqui 700 portarias instaurando inquéritos policiais de crimes, inclusive, de autorias conhecidas, que saiu nas distritais, foram quase quatro mil de expediente que vieram para a divisão de uma vez só, então isso aqui inchou de uma natureza que eu fiquei aqui com quinze mil inquéritos policiais. (Repres. Policia)

Pessoas envolvidas com segurança pública buscar estar estudando para entender o que ocorre. Para tentar explicar os fenômenos que ocorrem e atuar de uma maneira eficaz. E aí a gente começa a estabelecer as políticas de segurança. (Repres. Policia)

Eu vejo assim, que o policial ele é frustrado por que, por que as coisas acontecem, ele é tido como culpado, por que ele não evitou, mas não é um problema dele, O problema não é somente da policia, não é somente da policia militar. A policia militar é uma parte de um todo. Essa sensação [é uma sensação assim, a primeira coisa que as pessoas lembram é da polícia militar, esquecem do todo. Eu acho isso ruim, pra gente, policial, por que acaba de uma certa forma denegrindo a imagem da instituição, como se a instituição é que não foi eficiente mas não é um problema institucional. Um problema maior, social. A culpa não tem que cair sobre a polícia militar. Acho que quem errou é ... talvez quem tem errado, de uma certa forma, é a própria sociedade. ela é a vítima mas tem uma parte de culpa.(Repres. Policia)

Por que o camarada tem que fazer três, quatro bicos no horário de folga. Quando chega 'no' serviço ele ta 'pocado'. Vai trabalhar, mas não vai produzir nada. Ficar dentro da viatura com braço cruzado. Qual o aproveitamento de uma cara desses... Tem que investir mesmo em recursos humanos e dar condições pra ele trabalhar.(Repres. Policia)

3.15- Imagens positiva da Serra

É bom morar na Serra. Depoimento de moradores, principalmente, de Nova Zelândia, declaram isso. É interessante confrontar essa visão com a história específica do bairro. Entretanto, cabe ressaltar que a despeito dos pontos negativos dos bairros estudados, as pessoas expressam seus sentimentos positivos em relação ao lugar onde moram. O que significa dizer que existe uma ligação afetiva com o bairro, apenas ela precisa ser explicitada e reconhecida.

E isto não implica absolutamente que os moradores não apontem as carências e deficiências existentes. É um direito reivindicar condições dignas de moradia e é um dever do Estado. Porém, essas duas facetas se confundem, ocasionando uma relação equivocada entre criticar as condições de moradia com gostar do bairro. É importante romper com isso por meio de estímulo às formas de expressão desse pertencimento, a despeito da luta pela melhoria das condições de habitação.

Textuais

Pelo fato de já conhecer a Serra, eu sabia que a Serra estava em crescimento, por gostar da Serra, estar integrado socialmente na Serra por familiares e amigos é que esta perspectiva ela sempre foi positiva. De crescimento, né?! Todo mundo crescendo junto, economicamente e socialmente.(Morador de Alteroza)

As conquistas sociais que tivemos aqui, o ganho social que nós tivemos aqui nos deixou muito motivados a continuar na luta que nós tínhamos aqui... Foi a vinda da escola, a implantação das Igrejas na comunidade, que tem um trabalho social importante dentro da comunidade, a realização dos dois projetos mais caros que foi o saneamento básico e o asfaltamento, né?! Isso foi o que nos deixou mais satisfeitos.(Morador de Alteroza)

Não, para ser sincera a você eu estava para casar e o meu patrão disse assim: olha eu vou te (sic) dar uma casa para você lá no bairro Feu Rosa, na Serra, que é um bairro que eu tive lá. Ele é engenheiro da Vale, né! - vai crescer muito (patrão). Eu disse: Deus me livre! Não quero nem morta, sabe! Mas aí Deus sabe que a gente não sabe o dia de amanhã, eu vim aqui na casa desse policial e dei uma volta com ele aqui pelo bairro e falei: Nossa esse bairro vai crescer muito! E olhei também o pessoal do Morro do Macaco, que morava mais para atrás, nós morávamos perto lá da rua onde nós colocamos o ônibus, né! A chegada mais do bairro. Aí eu olhei tinha aqueles cômodozinhos/ biombozinhos que chamava casinha de pombo, falei: Seu Senna, como

que a gente mora aqui? E ele falou: Jôze, isso aqui vai crescer muito. Aí eu tive essa visão também, eu falei: Não, eu vou para lá porque a gente vai crescer naquele bairro, vamos trabalhar juntos...(Morador de Feu Rosa)

Mas quem vem aqui dentro, encanta com esta comunidade, as pessoas de fora. Para você ter uma idéia hoje tem muito mineiro que tem casa aqui que vem no verão para poder... A gente mora perto da praia, 5 minutos da praia, eu amo morar aqui dentro de Feu Rosa.(Morador de Feu Rosa)

Tranquilo porque é um lugar sossegado não tem zoada, não tem briga, não tem violência, graças a Deus! Aqui é tranquilo.(Morador de Nova Zelândia)

Sofremos muito sabe?! Mas estamos lutando até hoje... Agora graças a Deus! Aqui melhorou muito, agora temos ônibus, nós temos água, nós temos luz, telefone, graças a Deus! (Morador de Nova Zelândia)

E meu discurso é um discurso de otimismo. Eu não sou derrotado não. Eu acho que nós vamos achar a solução. Estamos buscando. As pessoas que estão lidando com segurança pública estão estudando.(Repres. Policia)

4. RECOMENDAÇÕES

4.1- O inferno são os outros

A partir da relação histórica e sociológica que articula o processo de industrialização/urbanização/modernização e aumento da violência e criminalidade no ES a partir da década de 1970, e dos fatores exógenos a esse processo, como a migração interna e externa e os fluxos e refluxos do capitalismo internacional; recomenda-se o deslocamento do foco de análise nos fatores externos, para uma análise interna conjuntural e regional dos impactos desses processos no entendimento da questão da violência e criminalidade urbana no estado, assim como, a partir desse quadro, avaliar o impacto dos novos projetos em curso (petróleo, gás natural, mármore e granito), para construção de uma política pública planejada e efetiva de prevenção social, para que os atuais obstáculos possam vir a ser vantagem competitiva.

4.2- Identidade e história dos bairros

- ✚ Reforma fundiária com distribuição de títulos de propriedade para os moradores que se encontram na ilegalidade. Somente com esta regularização, o sonho da casa se concretiza. E somente a partir daí é possível construir laços efetivos com a terra, com a comunidade;

- ✚ Retirada completa do lixão de Vila Nova de Colares e transformação em espaço de loca, pois esse fato denigre o lugar e gera uma situação de reforço a segregação;

- ✚ Resignificar e construir uma imagem positiva dos bairros, via história oral e documental;

- ✚ Investir em infraestrutura construindo mais escolas de tempo integral, posto de saúde, treinamento de mão de obra qualificada para o setor industrial, sobretudo na área de serviços;
- ✚ Realizar em conjunto com a comunidade um vídeo contando a história dos bairros enfocando tantos os aspectos negativos quanto os positivos. Isso é importante porque ajuda a desmistificar mitos e preconceitos e encarar a realidade de frente buscando soluções em conjunto.

4.3 - Representação simbólica dos bairros

- ✚ Compreender essa divisão e aproveitá-la em prol da comunidade;
- ✚ Criar estratégias de fomentar a profissionalização de mão de obra para área de serviços.

4.4 - Imagem do bairro na imprensa

- ✚ Construir uma imagem positiva do bairro na mídia;
- ✚ Expor na mídia vídeos que aponte os pontos positivos e negativos dos bairros.

4.5 - Desigualdades e violência

- ✚ Reforçar e redimensionar as ações da secretaria de Promoção social na busca de maior oferta de qualificação profissional tanto na área industrial como na área de serviços;
- ✚ Estimular debates e seminários envolvendo a população e o setor público focado em relatos de experiências que deram certo

4.6 - Violência como forma de socialização

- ✚ Oficinas temporárias e programas efetivos permanentes que ofereçam realmente alternativas para os jovens;
- ✚ Garantir a remuneração adequada e capacitação dos professores habilitando-os a lidar com situações de conflito juvenil, assim como oferecendo acesso a técnicas pedagógicas e didáticas que facilitem o processo ensino-aprendizagem nas escolas;
- ✚ Estimular a permanência ou fixação dos professores residentes na região nas escolas, criando um laço de afetividade e solidariedade entre professor –aluno e comunidade –escola;
- ✚ Investir pesado em programas sociais para crianças e pré-adolescentes. É urgente garantir uma geração sem vulnerabilidade. É preciso desmontar a crença de que a profecia se cumpre por si mesma.

4.7 - Impunidade e direitos humanos

- ✚ Reforçar e multiplicar os agentes para atuar no núcleo de resolução de conflitos recém inaugurado em Laranjeiras;

- ✚ Realizar seminário com esse tema específico com representantes do poder judiciário;
- ✚ Inserir na gestão pública a missão da Segurança pública como uma questão de integração e não de controle social repressivo, exclusivamente. A população precisa ser integrada e não controlada;
- ✚ Projetos de recuperação social para jovens criminalmente inseridos.

4.8 - Mapa georeferencial dos equipamentos públicos e privados e perfil dos homicídios

- ✚ Obras que não só a médio e longo prazo, embelezem o município, mas que ofereça opções de lazer e condições de vida na Serra;
- ✚ -Criar redes de proteção para a população em geral e para os jovens em particular. O Estado têm que garantir sua presença nas comunidades mais carentes e intensificar e solidificar sua presença onde já existe;
- ✚ Negociar junto as grandes empresas, a partir de dados quantitativos e qualitativos, a responsabilidade social destas em relação construção de condições para o desenvolvimento sustentável da região em torno das empresas. Ou seja, a implantação de novas empresas fica condicionada a um contrato com o poder público no sentido de uma parceria de fato na construção e manutenção financeira, com supervisão da comunidade, de escolas, postos de saúde, creches, infraestrutura de saneamento, escolas profissionalizantes, assim como a empregabilidade da mão de obra local. Estas medidas se realmente efetivadas em continuidade pode proporcionar um desenvolvimento sustentável para a comunidade, rompendo com o clientelismo histórico;

- # Distinguir para a análise estatística inclusive, o crime comum incluindo psicopatias de origem subjetiva e social ou motivos de ordem social ocasionado por aumento da tensão; do crime originário do tráfego e do crime estatal e paraestatal;
- # Levar a delegacia de homicídio da Serra para a divisão de homicídio de Vitória que é centralizada e conta com boa infraestrutura;
- # Instalação no município de uma Central de Ocorrências para recebimento de ocorrências atendidas pela PM, em crimes previstos na Lei nº 9.099 (de menor potencial ofensivo), desde que não tenham necessidade de encaminhar a vítima ao DML) –projeto Dione e Marcos;
- # Presença ostensiva do estado por meio de vídeo monitoramento das áreas identificadas no mapa georeferencial, onde ocorrem a maior concentração de homicídios (ruas, avenidas);
- # Instalação de rádios de comunicação à distância em pontos selecionados onde a população possa se comunicar diretamente com a polícia em ronda;
- # Fechamento dos bares que funcionem sem alvará e estipular horário para o funcionamento dos que estiverem legalizados;
- # Recomenda-se reforço policial ostensivo com policiais bem capacitados nas ruas e avenidas identificadas no aglomerado estudado com maior incidência de homicídio, assim como melhor iluminação, pavimentação das mesmas;
- # Criar centros de referência de saúde mental a exemplo de Vianna. Por quê? Apesar de existir quatro unidades regionais na Serra para atendimento de doentes mentais - Serra Sede, Feu Rosa, Jacaraípe e Serra Dourada II, não há um lugar específico para atendimento desses doentes, que são atendidos dentro da unidade de saúde. O que não é bom, pois a discriminação em relação à doença

mental é muito grande. Esta recomendação é importante porque a população sofre com as psicopatias que cresceram muito, principalmente a esquizofrenia e as psicoses, afetando o bem estar geral das pessoas acometidas e o convívio social, já que esse componente psíquico pode se agravar com as condições sociais inadequadas, causando danos à sociedade como um todo. É preciso otimizar esse serviços à população. O tratamento de doenças psíquicas é um direito do cidadão e dever do Estado.

- ✚ Trazer as igrejas para um diálogo ecumênico com foco na violência.

4.9 - Integração nas ações das secretarias

- ✚ Recomendações: seminário interno para identificação e análise dos mapas de ações dos projetos de cada secretaria;
- ✚ Fortalecimento da Secretaria de Defesa Social como aglutinadora das secretarias com fim social;
- ✚ Maior apoio do Prefeito para uma reforma administrativa;
- ✚ Reforma administrativa que agilize a burocracia e permita um entrosamento efetivo entre as secretarias. Existe disposição para tal, no entanto, é uma questão de decisão política em médio prazo, já que essa reforma implica alterar a “cultura” já estabilizada na gestão que possibilite à integração, diminua os entraves burocráticos e propicie um enxugamento dos programas que se sobrepõe uns aos outros;
- ✚ Organização de outro seminário interno que reúna os secretários para discutir os organogramas e os projetos de intervenção social tendo como meta a integração das ações e a melhor utilização dos recursos;
- ✚ Propomos parceria das secretaria, particularmente aquelas voltadas para execução de ações e programas sociais, com a universidade pública ou

particular, para que esta secretaria tenha uma equipe de estagiários capacitados para realizar pesquisas e avaliar resultados constituindo-se em uma equipe de apoio para a execução dos programas.

4.10 – Oficinas e sustentabilidade

- ✚ Realizar um seminário envolvendo a população e o setor público com o foco nas experiências de oficinas e no fato que as oficinas são um meio e não um fim;
- ✚ Estimular a sedimentação das lideranças positivas na comunidade. Os espaços comunitários devem ser empoderados pelo poder público e sem vinculação partidária e depois lentamente passada para as lideranças políticas comunitárias.

4.11 - Programa voltado para os jovens em situação de vulnerabilidade social

- ✚ Reformular e criar projetos em que os jovens sejam protagonistas;
- ✚ Fortalecer a vocação da cultura local da juventude serrana;
- ✚ Incentivar o protagonismo dos jovens estimulando espaços de expressão artística e esportiva, se possível em médio prazo, com infra-estrutura adequada e não adaptada;
- ✚ Legitimar os espaços de lazer que já existem e que são genuinamente freqüentados pelos jovens. É preciso inserir os jovens no processo de tomada de decisões;

4.12- Representação social deteriorada dos jovens

- ✚ Trabalhos de reforço à auto-estima potencializando os projetos recriando cotidiano e juventude cidadã;
- ✚ Incentivar e viabilizar a criação, junto aos estudantes, de programas de monitoria ou grêmios estudantis, possibilitando a participação destes no processo educativo enquanto espaço comunitário e solidário. Ou seja, aumentar a interação social entre os jovens e a escola;
- ✚ Incluir a escola como espaço de cidadania. Escola de tempo integral é extremamente importante para direcionar o processo de socialização. Nesse sentido verificamos um bom trabalho da Secretaria de Educação, que está caminhando nesse sentido. Esse processo deve ser estimulado e incentivado como diretriz política.

4.13- Gravidez na adolescência

- ✚ Projetos e oficinas com foco na subjetividade dos jovens levando em consideração os aspectos atuais da sexualidade na sociedade contemporânea.

4.14 - Polícia também é gente

- ✚ Criar programas junto às corporações policiais que aproximem a população da polícia, que permita a criação de laços de solidariedade. Romper a barreira do medo e desconfiança que historicamente marca essa relação;

- ✚ Investir pesado na formação profissional das polícias para que ela possa criar seus quadros de intelectuais e melhorar sua atuação junto à população, sendo mais técnica e não só repressora. Sabendo resolver os conflitos a partir de uma atuação cidadã de proteção.

4.15 - Imagens positiva da Serra

- ✚ Criar mecanismos para que a população possa expressar sua imagem do bairro destacando os aspectos positivos presentes na comunidade;
- ✚ Estimular eventos em que a população possa contar sua história, falar dos seus fantasmas e exorcizar seus medos.

5. SUGESTÕES DE OFICINAS

Como recomendação geral, indicamos que as oficinas que já existam como ações das secretarias, continuem desde que, sejam efetivamente freqüentadas e representem de fato adesão dos jovens. Recomendamos que seja feito o mais rápido possível uma avaliação do grau de adesão das oficinas já em desenvolvimento, para que haja uma triagem das mesmas, assim como a identificação das causas da não adesão. Dessa forma, se otimiza a função das oficinas como meio e não como fim, enxuga-se as ações e melhora-se o desempenho, preparando o “terreno” para a maior integração entre as ações das secretarias e para uma nova postura das mesmas no sentido de consultar os jovens antes de implantar oficinas. Essa atitude marca uma postura de gestão democrática que consulta antes e avalia depois. Recomenda-se ainda que a implantação e avaliação sejam realizadas tanto por métodos qualitativos, que são mais rápidos, como também e, sobretudo, por métodos qualitativos que são mais eficazes no que diz respeito a medidas de médio prazo e com perspectiva de sustentabilidade das ações dirigidas à comunidade. Além do que, segue a diretriz da Segurança Cidadã indicada pela SENASP, vinculando a política do município às orientações do governo, o que é muito importante para captação de recursos no âmbito federal.

1-Oficina que aborde o tema da sexualidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência de forma lúdica e a partir da experiência dos próprios adolescentes que já enfrentou e\ou enfrentam o problema;

A sugestão é que sejam realizadas dramatizações, vivências, dinâmicas, peças de teatro em que os próprios adolescentes, orientados por um intermediário que apenas conduz o processo, realizem o roteiro e o texto abordando o tema. Ou seja, que eles sejam os urdidores e protagonistas dessa realidade sentida e vivenciada por muitos deles. É importante destacar que as experiências apontam que para a eficácia de trabalhos de prevenção nessa área, é preciso intervir nos afetos e sentimentos. É preciso que o adolescente internalize simbolicamente uma imagem integrada do seu corpo. É preciso abordar o tema a partir do desejo, ou seja, o que tem de gozo e prazer na gravidez para o adolescente, porque ela é vista como sinônimo de status no grupo, ou

como uma experiência de provar fertilidade, como uma forma de ganhar visibilidade, como forma de sair do ambiente familiar, como um meio de ganhar dinheiro (via pensão), como carência afetiva etc.

2- Oficinas de música que legitimem e incentivem os gostos e preferências culturais dos jovens na região enfocada;

3- Aproveitar o programa Escola Aberta e realizar oficinas nos finais de semana para a comunidade em geral, ou seja, misturar jovens, adultos, homens e mulheres e a polícia em atividades que permitam integração entre eles;

4- Firmar acordo com polícia militar para realização do Programa Recriando Cotidiano para a corporação.

5- Escolinha de futebol - Preferência nacional;

6- Oficinas de arte;

Estas oficinas devem estar em acordo com a vocação cultural da região dos jovens. Foi detectado que a vocação dos jovens dessa região se dá na área da música, expressão corporal e artes visuais, como o grafite.

6. REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 2, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ARIÈS, P. (org.). *História da Vida Privada*, vol., 3, 4 e 5, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: Zahar.

ARIÈS, P. O amor no casamento. In Sexualidades ocidentais. Lisboa: Contexto, 1983.
BOURGUIÈRE e outros, *História da Família*, Terramar, Lisboa, 1996 4 volumes, especialmente vol. 3, “As mil e uma famílias da Europa”, pp.15/ 83.

BOSSY, John. *A Cristandade no Ocidente*, Lisboa: Ed. 70.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. volume II. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERGALLI, Roberto. *História Ideológica do Controle Social*, PPU. Barcelona, 1989.

BERLINCK, Manuel Tosta. “Insuficiência Imunológica Psíquica” Estudos Gerais da Psicanálise In *Psicopatologia Fundamental*, Escuta: São Paulo, 2000.

BERLINCK, Manuel Tosta. *Psicanálise da Clínica Cotidiana*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

BITTENCOURT, Gabriel. 1987. *A formação econômica do espírito Santo: o roteiro da industrialização do engenho às grandes Indústrias (1535-1980)*. Rio de Janeiro, Vitória: livraria Editora Cátedra, Dpto estadual de cultura do estado do Espírito Santo.

BOURDIEU, Pierre. “Fieldword in Philosophy’ in *Choses dites*, Paris, 1987.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. *Emoção e Política*, Porto Alegre, Sérgio Fabris Editor, 1997.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Édipo e Excesso*, Porto Alegre, Sérgio Fabris Editor, 2002.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio & NEDER, Gizlene. *A violência na boca do povo in Revista DIREITO E AVESSO*, Ano III, n.3 Edições Nair, Brasília, 1983.

CERQUEIRA, D. and W. Lobão (2004). Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro **47**: 233-269.

COLEMAN, J. S. *Foundations of social theory*. Cambridge Belknap Press of Harvard University Press. 1990

- ELIAS, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1994
_____. A sociedade de corte. Lisboa Estampa. 1995
_____. Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro J. Zahar, . 1997
- EXERCÍCIOS DE INDICIARISMO. Márcia B.F. Rodrigues (Org.) Vitória: UFES/PPGHIS, 2006.
- FOUCAULT, M. & FARGES, Arlette. *Le désordre des familles*, Paris: Gallimard.
- FREUD, Sigmund. “A interpretação dos sonhos” “O inconsciente”, Cinco Lições de Psicanálise in *Obra Completa*, Standard Edition, Imago, Rio de Janeiro.
- FREUD, Sigmund. Neurose de transferência: uma síntese, Imago, Rio de Janeiro, 1987.
- GAY, Peter. Freud para historiadores, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1989.
- GAY, Peter. *A educação dos sentidos*, São Paulo: Companhia das Letras.
- GINZBUR, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais. Cia Das Letras, São Paulo, 1989.
- GINZBURG, Carlo. Relações de Força, Cia. das Letras, São Paulo, 2002.
- GOFFMAN, E. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1988
- HUNTINGTON, S. P. A ordem política nas sociedades em mudança. Rio de Janeiro Forense-Universitária. 1975
- JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio, Ática, São Paulo, 1996.
- JAMESON, Frederic. O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico. Ática, São Paulo, 1992.
- LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas*, 2 vol., Porto Alegre: L&PM.
- LEGENDRE, Pierre. O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática”, forense Universitária, Rio de Janeiro, 1983
- LEVIN, Esteban. A Clínica Psicomotora. O corpo na Linguagem. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1995.
- MAIA, Marisa Schargel. Extremos da Alma. Dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- MACPHERSON, C.B. A teoria do individualismo possessivo: de Hobbes a Locke, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

- MAUSS, Marcel. Une catégorie de L'esprit humaine: la notion de personne, celle moi" , Sociologie e Antropologie, Paris, 1983.
- Merton, R. K. Sociologia : teoria e estrutura. Sao Paulo: Mestre Jou. 1970
- NADER, Beatriz. Mudanças econômicas e relações conjugais: novos paradigmas na relação mulher e casamento- Vitória(ES.) 1970-2000. Tese de Doutorado em História, USP, São Paulo.2003
- NEDER, Gizlene. Iluminismo Jurídico-penal luso-brasileiro: obediência e submissão Freitas Bastos, rio de Janeiro, 2000.
- NEDER, Gizlene & CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Criminologia e Poder Político. Sobre Direitos, História e Ideologia*, Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006.
- NEDER, Gizlene & CERQUEIRA FILHO, Gisálio. "Os filhos da lei", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol; 16, número 45, 2001.
- NEDER, Gizlene - Violência & Cidadania, Porto Alegre, S. A. Fabris., 1994.
- NEDER, Gizlene - *Ajustando o foco das lentes - um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil*, In Família Brasileira, SP, Cortez/ UNICEF.
- NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. *Vida Privada e Quotidiano no Brasil na Época de D. Maria e D. João VI*, Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- RODRIGUES, Márcia B.F. "Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário" In Revista Dimensões. Vitória:Universidade Federal do Espírito Santo-CCHN, nº 17, 2005, pp.213-221.
- RODRIGUES, Márcia B.F. "Exclusão e imaginário político: reflexões acerca das emoções no processo de inclusão social" In Exclusão social, violência e identidade/ Sebastião Pimentel Franco, Gilvan Ventura e Anselmo L. Laranja, organizadores. Vitória: Flor & Cultura, 2004, pp. 31- 40.
- ROUDINESCO, Elizabeth. Biografia de J. Lacan. Cia.Das Letras, São Paulo, 1994.
- ROUDINESCO, Elisabeth. A Família em Desordem. Cia. das Letras, São Paulo, 2005.
- SIQUEIRA, Maria da Penha. "Crescimento urbano: modernização e fragmentação social" in Sociedade e Pobreza. Vitória: universidade Federal do Espírito Santo. Programa de História Social das relações Políticas, 2006.
- SLENES, Robert. "Lares negros, olhares brancos: história da família escrava no século XIX", in *Revista Brasileira de História*, número especial: Escravidão, São Paulo, 1988.

VALLADARES, L. and E. Préteceille (2003). Análise e problemas metodológicos no estudo do sistema urbano, do Mercado de trabalho e da violência urbana , o caso do Brasil – research project on urbanização and models of development in latin america Center for migration and Development Princeton universit.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. “A criminologia como instrumento de intervenção na realidade”Porto Alegre, mimeo, 1990.

ZIZEK, Slavoj. “The grip of ideology: a Lacan an approach to theory of ideology” in Journal of politycal Ideologies (2001), 6(2), 191-214.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1990.

ZIZEK, Slavoj. “O espectro da ideologia” in Um Mapa da ideologia. (Org.) Slavoj Zizek. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

7. RELAÇÃO DE ANEXOS

- 1 - Perfil das vítimas de homicídio e levantamento georeferencial dos equipamentos públicos nos bairros selecionados.
- 2 - Relatório e mapas das concentrações espaço-temporais de homicídios e elementos relacionados na região estudada.
- 3 – Ficha Técnica
- 4 - Roteiro das entrevistas de história oral
- 5 - Relatório da pesquisa de campo
- 6 - Transcrição das gravações da pesquisa de campo editadas com os trechos das entrevistas mais significativas em relação aos problemas detectados.
- 7 - Quadro sinóptico relacionando os problemas detectados na região estudada com a dimensão social e a teoria em que se enquadra.
- 8 - Levantamento e relatório do noticiário do jornal a Gazeta 1984 a 1994 (digitalizado), em relação à criminalidade nos bairros estudados. (CD anexo)
- 9 - Relatório sobre as reportagens do Jornal A Gazeta em Feu Rosa, Nova Zelândia e Vila Nova de Colares de 1995 a 2006. (CD anexo)
- 10 - Vídeo da configuração espacial de Feu Rosa e Vila Nova de Colares, a partir de relato dos moradores. (CD anexo)

8. ANEXOS

8.3 – Ficha Técnica

FICHA TÉCNICA – CONTROLE DE ENTREVISTAS	
DATA: _____	FITA: _____
Bairro: 01() Vila Nova de Collares 02() Feu Rosa 03() Alteroza 04() N.Zelandia	
Entrevistado: _____	
Exerce alguma liderança no bairro, se sim qual? _____	
Nomes de outras lideranças: _____	
Idade: _____	
Estado Civil:	
01() Casado	04() Divorciado
02() Solteiro	05() Viúvo
03() União Estável (ajuntado, amigado)	
Filhos, se sim quantos? _____	

8.4 – Roteiro das Entrevistas

Moradores Jovens

BLOCO I - Memória da infância

1. Conte um pouco sobre sua infância em Feu Rosa/Vila Nova de Collares
 - a) Como era o bairro quando você era pequeno?
 - b) Infra-estrutura: saneamento, iluminação, pavimentação, drenagem etc.
 - c) Quais eram as opções de lazer? E as escolas. Fale um pouco sobre
 - d) E sobre os moradores: características culturais, sociais, econômicas etc.
 - e) Quais os aspectos positivos?
 - f) quais os aspectos negativos?
 - g) E sobre o relacionamento com os vizinhos, o que você poderia falar?
 - h) Havia algum grau de associação/mobilização da comunidade?

BLOCO 2 – Resgate da história da família

- a) Você se recorda quando os seus pais vieram e com quem vieram?
- b) Por qual motivo?
- c) Quais expectativas tinham? As expectativas foram atendidas? Fale um pouco sobre.

BLOCO 3 – Trajetória do Bairro (na perspectiva individual)

1. Deste tempo, da sua infância e adolescência em Feu Rosa/Vila Nova de Collares, o que mais lhe marcou? (acontecimento, fenômeno, sentimento etc)

2. Você poderia relacionar acontecimentos que para você são marcantes na história do bairro? Quais são eles e porque são significativos?

Moradores

BLOCO I - Resgate da Memória da chegada

1. Conte um pouco sobre sua vinda para Feu Rosa/Vila Nova de Collares
 - a) Quando veio e com quem veio?
 - b) Por qual motivo?
 - c) Quais expectativas tinha? As expectativas foram atendidas? Fale um pouco sobre.
 - d) Quais as primeiras impressões e percepções quando chegou?

BLOCO 2 – Percepções do Bairro

1. Como era o bairro quando você chegou?
 - a) Infra-estrutura: saneamento, iluminação, pavimentação, drenagem etc.
 - b) População: características culturais, sociais, econômicas etc.
 - c) Quais os aspectos positivos?
 - d) quais os aspectos negativos?
 - e) E sobre o relacionamento com os vizinhos, o que você poderia falar?
 - f) Havia algum grau de associação/mobilização da comunidade?

BLOCO 3 – Trajetória do Bairro (na perspectiva individual)

1. Neste tempo que você mora em Feu Rosa/Vila Nova de Collares, o que mais lhe marcou? (acontecimento, fenômeno, sentimento etc)

2. Você poderia relacionar acontecimentos que para você são marcantes na história do bairro? Quais são eles e porque são significativos?

8.5 – Relatório de Campo

RELATÓRIO DE CAMPO I

INTRODUÇÃO

Após a realização do mapeamento dos aparelhos públicos e benfeitorias privadas, deu-se prosseguimento a etapa seguinte do projeto: a realização de diagnóstico histórico e sociológico. O caráter central desta etapa, sua importância singular para o desenvolvimento das demais etapas do projeto exigiu um dispêndio em termos de tempo para realização de treinamentos em pesquisa qualitativa, a fim de preparar os pesquisadores bolsistas às circunstâncias de campo, num contexto de entrevista.

Os treinamentos tiveram como objetivo aprimorar o conhecimento dos bolsistas acerca da metodologia qualitativa, no geral, no que diz respeito a sua riqueza e especificidade, e no particular as técnicas de entrevista e grupos focais, suas singularidades, limites e potencialidades. O treinamento também teve a preocupação em alertar e precaver os pesquisadores quanto a situações comuns no processo de interação pesquisador-entrevistado, variáveis que devem ser respeitadas e contornadas no decorrer da coleta de informações.

A primeira parte do treinamento voltou-se para a apresentação, em linhas gerais, dos fundamentos teóricos e epistemológicos da pesquisa qualitativa, ressaltando suas qualidades enquanto metodologia impar na busca pela compreensão dos elementos subjetivos não mensuráveis, como visões de mundo, percepções, sensações, responsáveis pela construção de sentido por parte dos atores sociais tanto de suas ações e quanto da realidade a sua volta.

Especificidade da Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa é para muitos autores a metodologia que permite ao pesquisador conhecer as razões e os motivos que dão sentido às aspirações, às crenças, aos valores e às atitudes dos homens em suas interações. A pesquisa qualitativa, portanto, possibilita ao pesquisador atingir um nível de compreensão acerca da realidade humana. Compreensão esta que somente é acessível por meio da fala dos atores.

Neste sentido, buscou-se ressaltar a qualidade “*interacional*” da pesquisa qualitativa, onde o pesquisador e pesquisado numa relação dialógica juntam as peças do grande quebra-cabeça da realidade social e a partir deste processo constroem um discurso explicativo, sobre a mesma. O que evidencia o caráter central do pesquisador na condução da entrevista, e em todas as etapas de coleta de dados. Na abordagem qualitativa, o pesquisador assume uma postura aberta, no sentido de deixar livre de amarras que o impeçam de compreender os significados e valores que regem e sustentam a visão de mundo dos entrevistados.

A postura não diretiva e aberta, contudo, não significa desatenta e ingênua. O pesquisador deve dar voz ao entrevistado, sem contudo deixar-se perder meio a devaneios e discursos obtusos por parte do entrevistado – o que representaria uma situação de dependência. O diálogo deve-se manter horizontalmente, onde o pesquisador deverá intervir quando necessário a fim de que todos os itens que necessitem ser pesquisados sejam abordados de forma efetiva.

Características da Entrevista individual em profundidade enquanto técnica de pesquisa

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. Em outras palavras, a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante.

Deste modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante.

As entrevistas mais comumente utilizadas nas pesquisas qualitativas são as semi-estruturadas e as não-estruturadas. A opção por uma delas tem relação com o nível de diretividade e controle que o pesquisador pretende seguir. O pesquisador pode optar por menor diretividade possível, utilizando apenas a abordagem de temas, deixando o entrevistado livre para discorrer sobre o mesmo, fazendo apenas interferências pontuais. De outra forma, o pesquisador pode optar por uma entrevista um pouco mais estruturada, que segue um roteiro de tópicos ou perguntas gerais.

O argumento de defesa da não-estruturação está no caráter emancipatório da lógica dialógica. Em resumo, para alguns autores a pesquisa qualitativa se apresenta como uma abordagem que além de almejar compreender uma realidade particular, assume um forte compromisso com a transformação social, por meio da auto-reflexão (lógica dialógica) e, portanto tem um caráter emancipatório. Ao dar voz aos pesquisados, estes por meio do diálogo atingem um grau de conhecimento maior acerca da realidade social e de seu papel e posição dentro dela, o que pode desencadear um processo de conscientização e libertação.

Para os adeptos da abordagem qualitativa de pesquisa, a realidade humana é construída no processo de inserção do indivíduo em um contexto social particular, onde os participantes são vistos como pessoas que constroem seus discursos e baseiam suas ações nos significados derivados dos processos de comunicação com os outros, com quem compartilham opiniões, crenças e valores. Da mesma maneira a conscientização de si, de sua realidade, a reflexão sobre suas crenças, concepções, ações e valores amplia o poder de ação e transformação das pessoas.

Entrevistas individuais: Informações Operacionais

Após decidir-se pela metodologia qualitativa e a entrevista individual em profundidade, é preciso que se defina a forma como estes dados serão coletados. Esta definição deve estar adequada aos objetivos da pesquisa, no caso da etapa atual, diagnóstico, optou-se pela entrevista semi-estrutura a ser realizada entre moradores locais e lideranças.

Categorização e tipologia

- Quanto aos mecanismos de coleta:
 1. Face a face: entrevistador e entrevistado se encontram um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais;
 2. Mediada: Entrevistas feitas por telefone, por computador e por questionários.

- Quanto a estruturação:
 1. Estruturada: perguntas fechadas. Pesquisa quantitativa;
 2. Semi-estruturada: baseada em guia tópicos / roteiros;
 3. Não-estruturada: temas a serem abordados

O processo de seleção dos Entrevistados

Os critérios de escolha dos participantes a serem entrevistados é muito importante. A seleção deve ser feita de forma que consiga ampliar a compreensão do tema e explorar as variadas representações sobre determinado objeto. Ou seja, o mais importante a ser considerado neste processo de escolha não é numérico, já que a finalidade não é apenas quantificar opiniões e sim explorar e compreender os diferentes pontos de vista que se encontram demarcados em um contexto.

No caso específico desta etapa do projeto, onde objetivamos levantar um diagnóstico histórico, optamos por construir um banco de dados de atores sociais selecionados a partir de um critério filtro: ser morador do bairro ou trabalhar no bairro (no caso dos representantes do poder público). Os atores foram categorizados pelos seguintes critérios: a) sexo; b) idade; c) tempo em que reside no bairro; d) representação partidária; e) representação religiosa; f) se atua ou não como liderança.

Esta categorização tem como principal finalidade a de apresentar, de forma ampla e representativa, a diversidade de pontos de vistas da comunidade acerca de sua formação,

história e identidade. E, para tal, foi preciso um reconhecimento do campo a fim de diagnosticar os segmentos sociais existentes. Em particular percebemos a existência de pequenas e diferentes linhas de igrejas evangélicas, as quais estavam distantes da Associação de Moradores destes bairros, o que levantou a necessidade de uma abordagem mais direta (face-a-face) a fim de coletar alguns nomes e preencher nosso banco de dados e suprir a lacuna de pontos de vistas.

Outra categoria distante das Associações de moradores são os comerciantes, e que demonstram ser um segmento muito importante a ser ouvido, tanto em função de sua posição coadjuvante na construção da história dos bairros, assim como na participação direta no estabelecimento e manutenção das dinâmicas e das relações sociais.

Todos os contatos foram abordados e informados acerca da natureza do projeto e da importância de sua participação no resgate da memória social do bairro. Os dados sobre idade, sexo, tempo de residência foram cedidos de forma consensual.

Os atores públicos também foram contatados, em função de seu papel e atuação dentro das comunidades. E em função de sua visão exógena da comunidade. Estes atores deverão ser ouvidos a fim de identificarmos possíveis percepções particularizadas acerca das dinâmicas sociais e mesmo identificarmos elementos centrais na história dos bairros, e que possam de forma direta ou indireta responder pela construção das identidades locais.

Como definir a quantidade de entrevistas

É importante dizer que espectro de opiniões é limitado. Em outras palavras, dentro de um contexto social específico, onde um universo simbólico é compartilhado geralmente há um consenso em torno de pelo menos duas visões sobre um mesmo fenômeno ou realidade. Isto se evidencia a partir de um determinado número de entrevistas percebe-se o esgotamento das respostas, ou seja, elas tendem a se repetir e novas entrevistas não oferecem ganho qualitativo adicional para a compreensão do fenômeno estudado. E

quando isto ocorre, é possível identificar a estrutura de sentido, e as representações compartilhadas socialmente sobre determinado tema de interesse comum.

Por isso mesmo, quantitativamente falando a literatura sobre o assunto recomenda entre 15 a 25 entrevistas, ou pelo menos 2 entrevistados por segmento social. Neste sentido, acatando as recomendações dos autores, e levando em consideração o tamanho dos bairros a serem pesquisados, optamos por um total de 25 entrevistas, sobretudo para os bairros de Feu Rosa e Vila Nova de Collares. Já para os bairros de Alterozas e Nova Zelândia, pensamos em um número menor de entrevistados, 15, em função do tamanho e do tempo de formação destes bairros.

Etapas cumpridas até o momento:

1. Elaboração do tópico guia – Em andamento
2. Construção de um banco de dados (Anexo 1);
3. Seleção dos entrevistados – Em andamento

Etapas a serem cumpridas:

4. Construção de uma agenda das entrevistas;
5. Pré-teste/crítica do tópico guia;
6. Transcrição das entrevistas;
7. Sistematização das informações / tabulação dos textuais;
8. Análise de conteúdo e de discurso.

Referência Bibliográfica

GASKELL, George e BAUER, Martin W. (Ed). Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som. Um manual prático. GUARESCHI, Pedrinho A. (Trad.) Petrópolis, Vozes, 2002.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia, Petrópolis, Vozes, 2003.

MENANDRO, Paulo Rogério M, TRINDADE, Zeidi Araújo, BORLOTI, Elizeu Batista. Pesquisa em Psicologia. Recriando Métodos, Vitória, CAPES-PROIN, 1999.

ANEXO 2

Banco de dados - Seleção de Entrevistados						
Moradores	n°	Nome	Idade	Morador de Feu Rosa desde	Telefones	Representação
		1	Onosini	77	1986	
	2	Célio	20			Igreja Batista (Escola Aberta)
	3	Daniela	26	1990		Igreja Batista (Escola Aberta)
	4	Danilo	18	1988		Igreja Batista (Escola Aberta)
	5	Regina	20	1996		Igreja Batista (Escola Aberta)
	6	Dennis	17	1999		Igreja Batista (Escola Aberta)
	7	Ana	18	1988		Igreja Batista (Escola Aberta)
	8	Sandra	31	1984		Igreja Batista (Escola Aberta)
	9	Bárbara	18	1988		Igreja Batista (Escola Aberta)
	10	Nadir	36	1994		Moradora
	11	Antônio				
	12	Edna	39	2001		Moradora
	13	Mônica	16	1999		Moradora e Escola, estudante estagiária da EEM. Marinete de Souza
	14	Murillo				Morador

	15	Adilson				Morador (Origem morro do macaco, segundo Aloir)
	16	Rita de Cássia	42	1992		Moradora (candidata a vereadora pelo PMN)
	17	Francisco		1984		Morador
	18	Tarso	10	2002		Morador
	19	Maria Anita	contato com jovens	1987		Moradora (participou de programa de geração de renda)
Moradores		Nome	Idade	Morador de Feu Rosa desde	Telefones	Representação
	n°					
	20	Eduardo	14	1993		Morador
	21	Adriana	19	1997		Moradora
	22	Sara	20	1997		Moradora
	23	Edna Maria	34	2002		Moradora
	24	Marta	33	1992		Moradora
	25	Simone	34	1994		Moradora
	26	Elton	24	1987		Morador e Comerciante
	27	Rosineide	29	1988		Moradora
28	Romoaldo		1986		Morador	
29	José	47	1990		Morador	

	30	Maria das Graças	52	1989		Moradora e Funcionária do CIAC em Feu Rosa
	31	Eliane	36	1986		Moradora e Funcionária do CIAC em Feu Rosa (c/ filhos estudando na escola)
Comerciantes	32	Á conversar; indicação de lojista.				Comércio (Variedades)
	33	Á conversar;				Comércio
	34	José				Comércio
	35	Michel	23	1984		Comércio (Prop. Padaria Aliança)
	36	Geer	63	1999		Comércio (Prop. Sapataria)
	37	João	51	1992		Comércio (Prop. Loja - Moda Atual)
	38	Erasmio	51	1984		Comércio (Ceará Lanches)
	39	Denise	46	1989		Comércio (Abatedouro de Frango e Jogos)
	40	Jeane	24	1986		Comércio (Farmácia)
	41	João	36	2000		Comércio (Vendedor ambulante DVD e CD)
	42	José Raul		1981		Comerciante
Comerciantes		Nome	Idade	Morador de Feu Rosa desde		Representação
	n°					
	43	Keli		1986		Comerciante
	44	Ana		1988		Comerciante
	45	Josiane	21	1985		Comerciante
46	Gleiciani	18	1988		Comerciante	

	47	Edna		1986		Comerciante
	48	Ronaldo		1996	3243-3201	Comerciante (Miscelânea Armazém)
	49	Giseli Rodrigues	27	1988, moradora de Vila Nova	3245-2076	Comércio (Cabelereira)
Rep. de Aparelhos Públicos	50	Marli Celestina Moreira	42	2000	3243-4121 (Escola Profª. Valéria) / 9957-7743	Coordenadora do projeto Escola Aberta em Vila Nova
	51	Vera		não mora, trabalha no bairro há 16 anos	3324-3137	Escola (Diretora da EEM. Marinete de Souza)
	52	Marlene* (mais contatos somente em fevereiro na secretária com Arlete e com a pedagoga Creuza)		não mora, trabalha no bairro há 15 anos	3338-7247 (res) / 3243-6052 (escola)	Escola (Diretora da CEI - Gente Miúda)
	53	Rilma Dutra Bragança* (contato com a diretora, Rosane Regina Sonegheti)	60	não mora, trabalha no bairro há 19 anos	3243-3111 (escola) / 3323-7337 (res)	Escola (Secretaria da EMEF de Feu Rosa, perto do CEI Gente Miúda)
	54	Edison		1985	9234-0215	Escola (Conselho de Escola - Feu Rosa)
	55	Silvana	34	1986	9226-3202	Moradora e Funcionária do Posto de Saúde
	56	Maria Aparecida	39	1986	3245-3164 / 3055-0525	Moradora e Funcionária do Posto de Saúde
	57	Helena	24	1987	3243-3891	Moradora e Funcionária do Posto de Saúde
	58	Tenente André (2ª Cia - Jacaraípe)			3243-1612 (2ª Cia) / 3243-5166 (6ª Cia)	Responsável pela região de Feu Rosa

Rep. de Aparelhos Públicos	n°	Nome	Idade	Morador de Feu Rosa desde	Telefones	Representação
		59	Aloir		1985	
	60	Anailda		1997		Diretora do CAIC
Associações	61	Lindaura	53	1986		Projeto Alegria Criança de Viver
Agentes da dengue	62	Eleonice		Trabalha como agente da dengue		Agente da dengue
	63	Gilmara		Trabalha como agente da dengue		Agente da dengue
	64	Gilda dos Reis	37	Trabalha como agente da dengue		Agente da dengue
	65	Marinéia	34	Trabalha como agente da dengue		Agente da dengue
	66	Luiz Carlos Côrrea	21	Trabalha como agente da dengue		Agente da dengue
	Formadores de Opinião	67	DJ	Acima de 30		Organizava bailes na década de 80
68		Rogério e Fernanda	Acima de 30		Banda de MPB	Repres. Cultura
69		Rômulo	23 ?		Banda de Reggae	Repres. Cultura jovem

	70	Disselma	14		Liderança Juvenil. Tem atuação forte como líder de turma da escola Marieta S Lima	Jovens
--	----	----------	----	--	---	--------

Rep. de Igrejas	n°	Nome	Idade	Morador de Feu Rosa desde	Telefones	Representação
	71	Fabiano				Lideranças Evangélicas
72	Valsonir				Pastor da Igreja Reina. Chegou do RJ há 10 meses. <u>Não tem relacionamento amistoso com os pastores locais.</u>	

Banco de dados - Seleção de Entrevistados

Moradores	n°	Nome	Idade	Morador de Vila Nova desde	Telefones	Representação
	1	Antônia		51	1995	
2	Regina		20	1996		Igreja Batista (Escola Aberta)
3	Francielli		23	1991		Igreja Batista (Escola Aberta)
4	Camilla		13	1994		Igreja Batista (Escola Aberta)
5	Ludimylla		14	1992		Igreja Batista (Escola Aberta)

6	Rafaela	20	1991	Igreja Batista (Escola Aberta)
7	Elizabete	37	1993	Igreja Assembléia de Deus (Ministério Nova Aliança)
8	Diarcísio	27	1991	Igreja Assembléia de Deus (Ministério Nova Aliança)
9	Alexandre	21	1994	Igreja Católica
10	Antônio	18	1994	Igreja Católica
11	Maria	22	1994	Igreja Católica
12	Roberto	33	1992	Igreja Católica
13	Thayz	19	1991	Igreja Católica

Moradores	n°	Nome	Idade	Morador de Vila Nova desde	Telefones	Representação
	14	Vanderson	31	1996		Igreja Católica
	15	Alexandre	20	1991		Igreja Católica
	16	Naiara	21	1992		Igreja Católica
	17	José	54	1994		Igreja Católica
	18	Edilson	39	1986		Igreja Católica

	19	Nivaldo	40	1998		Igreja Católica
	20	Miguel	57	1999		Igreja Católica
	21	Osvaldino	61	1984		Igreja Católica
	22	Daniel	44	2000		Igreja Católica
	23	Luzia	43	2004		Igreja Católica
	24	Maria	43	1993		Igreja Católica
	25	Juraci	32	1992		Igreja Católica
	26	José	47	1990		Igreja Católica
	27	Jairo	21	1992		Igreja Assembléia de Deus (Ministério Madureira)
	28	Jhonatan	18	1992		Igreja Assembléia de Deus (Ministério Madureira)
	29	Paulo	39	2004		Igreja Católica
	30					Igreja Católica
	31	Maria	68	1994		Igreja Católica
Moradores		Nome	Idade	Morador de Vila Nova desde	Telefones	Representação
	n°					
	32	Aldecy	32	1995		Igreja Católica

33					
34	Tereza	42	1996		Igreja Católica
35	José	39	1990		Igreja Católica
36	Valdir	30	1995		Igreja Católica
37	Paulo		1990		Igreja Católica
38	Maria de F.	46			Igreja Católica
39	Pedro	52	1997		Igreja Católica
40	Carmélia	69	1976		Igreja Católica
41	Maria	47	1990		Igreja Católica
42	Rosângela	28	1998		Igreja Católica
43	Joelisa	73	1992		Igreja Católica
44	Vilma	36	1991		Igreja Católica
45	Zé	55	1994		Igreja Assembléia de Deus (Ministério de Serra
46	Dorotéia	32	1990		Escola
47	Jacinete	30	1990		Funcionária da Escola Prof. Maria Valéria e Moradora do Bairro
48	Ana		1988		Fucionária do Centro Social

	49	Sandra	32	1999		Moradora (funcionária de loja em Feu Rosa)
	50	Adão		1978		
Moradores	n°	Nome	Idade	Morador de Vila Nova desde	Telefones	Representação
	51	Deca (Faustino)				Igreja Evangélica (moradora)
	52	Geraldinho (com Faustino)				Morador
	53	Poliana	18	1992		Moradora
	54	Scheila	33	1998		Moradora
	55	Ana Paula	31	1991		Moradora
	56	Paulo Sérgio	39	2004		Morador
	57	Maurício	22	2004		Morador
	58	Felipe	15	1994		Morador
	59	Cherlon	15	1992		Morador
	60	Camila	15	2005		Moradora
	61	Mário César	14	1993		
	62	Erdilângela	18	1996		Moradora
	63	Eduardo	14	1993		Morador
	64	Kelvin	14	1983		Morador
	65	Maria Anita		1987		Moradora e Artesã
	66	Marta	33	1992		Moradora
67	Jenivaldo	48	1991		Igreja Católica	

	68	Roberto Martins Ramos	33	1992		Igreja Católica
Comerciantes	69	Marinalva	49	2004		Comerciante (Bar e Merceria)
	70	Gilmar	43	2005		Comerciante
	71	Ana	38	2000		Comerciante
	72	Cleidiano	17	2004		Comerciante
	73	Neiva	34	2005		Comerciante
	74	Givaldo	32	1996		Comerciante (Bar)
	75	Célio	22	1988		Comerciante (Bar)
Comerciantes		Nome	Idade	Morador de Vila Nova desde	Telefones	Representação
	n°					
	76	Ronildo	42	1991		Comerciante
	77	Valdivina				Feirante
	78	José	55	1996		Comerciante (Bar)
79	Egno W.	31	1984		Comerciante	
Rep. de Aparelhos Públicos	80	Gisalba				
	81	Domani	26			CRAS
	82	Edison		1985		Escola
	83	Marli	42	2000		projeto Escola Aberta em Vila Nova

	84	Maria	42	2004		Escola Aberta (Of. De Bordado)
	85	Maria	43	1996		Escola Aberta (faxineira do colégio)
	86	Luisa	43	1987		Escola Aberta (Of. De Pintura e Crochê)
	87	Tânia	41			Escola
	88	Maria	46			Escola
	89	Terezinha				Escola
	90	Dorotéia	32	1990		Escola
	91	Jacinete	30	1990		Escola
Associações	92	Lolita				Centro Social
	93	Railda		1991		Casa de Amparo
Associações		Nome	Idade	Morador de Vila Nova desde	Telefones	Representação
	n°					
	94	Dalza				Trabalho Social em Vila Nova
	95	Gilda				Trabalho Social em Vila Nova
	96	Antônio		1973		
	97	Adão		1978		
98	Nerli	42	1997		Associação de Moradores	

	99	Joselina				Associação de Mães e Amigos da Serra (AMAS)
	100	Rose			1998	Associação de Mães e Amigos da Serra (AMAS)
Cursos	101	Prof. Eliana	16-24			Cursos
Formadores de Opinião						
Rep. de Igrejas	102	Davi				Coordenador do Grupo de Jovens da Igreja São João Batista
	103	Ana Márcia				Coordenadora do Grupo de Jovens da Igreja São João Batista
	104	Silmara				Igreja Católica Santa Rosa de Lima
	105	Jonas	46		2003	Igreja Assembléia de Deus (Ministério Madureira)
	106	Ananias	72		1990	Igreja Assembléia de Deus (Ministério de Serra)
	107	Hamilton				Igreja Assembléia de Deus (Ministério Jacaraípe - CADEESO)

RELATÓRIO DE CAMPO II

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em primeiro lugar é necessário ressaltar o caráter puramente técnico e descritivo deste relatório, haja vista a natureza operacional das atividades desenvolvidas pela equipe de campo nesta fase do projeto.

A atividade operacional da coleta de dados, contudo, não significa isenção metodológica e muito menos, ausência de embasamento teórico. A coleta de dados é a principal fase da pesquisa e carrega em sua essência o instrumento teórico metodológico. É este que em última instância orienta e dá forma a ferramenta de sistematização dos dados. E aqui, cabe justificar a escolha da entrevista individual em profundidade como instrumento de coleta dados.

A primeira razão básica é a natureza do objeto a ser estudado: Diagnóstico Histórico dos bairros. E neste sentido, muito mais do que documentos, o que dá sentido a história é o que está marcado na memória de cada morador.

A segunda razão estaria na orientação teórica, e neste sentido, escolha esta na qualidade interacional deste instrumento, ou seja, pela capacidade que a entrevista individual tem de possibilitar ao pesquisador e ao pesquisado, uma situação de diálogo através do qual o entrevistado desvenda e revela a realidade social a partir de pequenas peças que a princípio lhe parecem desconexas, mas que são carregadas de significados. Ao responder uma questão de temas, e não de perguntas, é possível identificar e compreender os valores, as percepções, as expectativas e imagens que permeiam aquele universo. Uma vez reunidas, o conjunto das falas dos diferentes atores possibilita a reconstrução do grande quebra-cabeça da realidade social dos atores ali envolvidos.

A terceira razão estaria na qualidade libertadora e conscientizadora desta técnica. A entrevista individual ao privilegiar o diálogo permite ao ator não apenas expressar a

realidade em que vive, mas resignificá-la. Em outras palavras, a entrevista individual permite ao entrevistado-ator compreender a realidade que o cerca a partir da construção de um discurso explicativo sobre esta realidade. Ao explicar a realidade para outrem, o entrevistado não apenas relembra, mas toma consciência desta e a resignifica.

A postura não diretiva, aberta e receptiva do pesquisador na condução da entrevista permite espontaneidade ao ator e garante isenção na coleta de dados. Isto porque esta abordagem deixa o pesquisador livre das amarras que o impedem de compreender os significados e valores que regem e sustentam a visão de mundo dos entrevistados.

É por estas razões, que esta metodologia demonstrou ser mais adequada à orientação indiciária.

2. ASPECTOS OPERACIONAIS DA PESQUISA

No entanto, se por um lado a entrevista individual demonstra qualidades inquestionáveis enquanto instrumento de coleta de dados para a elaboração de um diagnóstico desta magnitude, por outro a sua aplicabilidade requer um exercício de paciência e perseverança.

A entrevista individual em profundidade, como grande parte das pesquisas qualitativas, requer entre outras coisas a disponibilidade dos atores. E disponibilidade, presume confiança, abertura, acessibilidade, vontade e tempo. Este último tem peso maior. É o tempo, muito mais do que a confiança, que age como fator impossibilitador, isto não por uma questão ambiental, mas por uma questão custo-benefício. O tempo se tornou moeda de troca entre os membros de nossa sociedade. As pessoas simplesmente não têm tempo, e o pouco que lhe resta para descanso tem um valor muito alto. E isto influenciou sobremaneira na coleta de dados. Dispensar o pouco de tempo que as pessoas tem para um bate-papo, uma entrevista demandou muita criatividade, vontade e perseverança dos pesquisadores de campo.

Não se faz pesquisa sem atores, sem entrevistados, sem chegar perto do objeto de pesquisa. Não se faz um diagnóstico sem estar em campo, sem nunca ter visitado o campo. E não há como estar lá sem sofrer os impactos desta imersão. O primeiro impacto é adequar-se as categorias espaço tempo. Entrevistar no momento e no local onde o entrevistado queira. Estar com os ouvidos apurados para ouvir tudo, mesmo aquilo que a princípio não parece dizer ou fazer nenhum sentido. Em pesquisa indiciária os detalhes fazem toda a diferença. E não se captura detalhes sem perder longos dias no campo.

A equipe de campo sofreu todos estes sintomas. Passou por ansiedade, por pressões mais diversas, de prazos e volumes. Prazos, dias, horas que não são contadas pelo mesmo medidor de tempo do campo. Uma grande lição e mesmo com todas as pressões um grande trabalho.

As regiões possuíam algumas peculiaridades. Vila Nova de Colares os entrevistados pareciam mais desconfiados, e necessitavam de um trabalho mais pedagógico. Em comparação, Feu Rosa havia uma maior disponibilidade, e mesmo uma maior vontade de falar, excetuando os moradores da área verde. A dificuldade maior nestes dois bairros foram os comerciantes. Nova Zelândia e Alteroza, bairros menores, facilitava na localização dos atores e pela proximidade os próprios moradores indicavam e apresentavam os pesquisadores aos demais moradores que abriam as portas.

A própria história e trajetória política dos bairros, em especial Vila Nova de Colares e Feu Rosa justifica a presença maior desconfiança quanto aos verdadeiros objetivos da pesquisa. Nestes bairros foi necessário maior pedagogia e cautela na apresentação das propostas do projeto. Entre as lideranças evangélicas houve um misto de abertura e desconfiança.

Muito mais do que medo. Nota-se nesta comunidade uma desilusão quanto as reais intenções do poder público. Os moradores revelam de fato medo de acreditar que alguma coisa poderá mudar. A descrença no estado é uma regularidade marcante.

Isto o fundo revela que para as próximas etapas será necessário um maior empenho do poder público em convocar a sociedade ao diálogo. Diálogo este há muito tempo encerrado. E esta tarefa se demonstra ainda maior frente a falta de representatividade e credibilidade das lideranças formais. Alguns entrevistados relatam a ausência de representatividade das Associações de Moradores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E ORIENTAÇÕES PARA A PROXIMA ETAPA

Uma vez superada a fase de coleta de dados, prosseguiu-se ao tratamento destes dados, na seguinte ordem:

- 1) Organização dos dados
- 2) Transcrição das entrevistas
- 3) Análise de conteúdo das entrevistas
- 4) Crítica e validação da análise e verificação de demais variáveis

Organização dos dados

Bairros	Total Realizadas	Total de Aproveitadas
Feu Rosa	25	30 entrevistas
Vila Nova de Colares	25	22 entrevistas
Alteroza	15	10 entrevistas
Nova Zelândia	15	10 entrevistas
Representantes da Policia	6	5 entrevistas
Representantes do Poder Público	12	13 entrevistas
Total	78	70 entrevistas

Transcrição das entrevistas

Para otimização e agilidade nas transcrições foi feito um treinamento em IBM via Voice, que no final mostrou-se pouco proveitoso em função da própria aplicabilidade de programa. Também foi estimada a distribuição em igual quantidade de transcrição entre os bolsistas de iniciação científica, conforme:

- Bolsista 1 = 14 transcrições
- Bolsista 2 = 14 transcrições
- Bolsista 3 = 14 transcrições
- Bolsista 4 = 14 transcrições
- Bolsista 5 = 14 transcrições

Estimou-se a produtividade de pelo menos 1 transcrição/ dia: totalizando 14 dias como prazo para conclusão das transcrições.

Contudo, houveram atrasos no decorrer do processo em função de um problema no computador onde ficavam arquivados as entrevistas, o que resultou na perda de algumas entrevistas.

Para não estender o prazo sobremaneira, foram contratadas três digitadoras para conclusão das transcrições. Esta medida resultou na dispensa de bolsistas, como forma de alocação de recursos. Desta maneira a equipe de bolsistas restantes (3) ficou responsável pelo tratamento e análise das entrevistas.

Naturalmente, toda quebra na harmonia de uma equipe, resulta em desânimo e ansiedade redobrada. A dispensa de dois integrantes resultou na saída de mais um integrante, voluntário, dias após. Contudo, sua substituição foi imediata, por outro bolsista voluntário. Conforme cronograma anexo.

Análise de conteúdo

O tratamento dos dados seguiu a seguinte metodologia.

1. Distribuição das entrevistas de acordo com as categorias: moradores (incluídos jovens, comerciantes e lideranças), representantes do poder público e representantes da polícia;
2. Leitura e análise dos relatos;
3. Identificação de questões chaves:
 - Processo de industrialização do ES
 - Identidade e história das invasões. O sonho da casa própria;
 - Ausência de Estado: Cidadania, impunidade e direitos humanos;
 - Minimização da violência e sentimento de fatalidade;
 - Violência e socialização;

- Infra-estrutura nos bairros: Descaso e esquecimento;
- Representação simbólica dos bairros;
- A imagem e papel da mídia;
- Ação dos movimentos sociais e clientelismo;
- A atuação e imagem da polícia;

Junto ao poder público alguns temas demonstraram regulares:

- Discurso moderador: Desigualdade x violência;
- Morosidade burocrática;
- A percepção dos jovens pelo poder público;
- Políticas públicas para os jovens;

A partir destas categorias. Foram feitas as considerações e encaminhadas à coordenação do projeto para confecção de relatório final.

6. ANEXOS

Março de 2007

Atividades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31										
Cont. Entrevistas Vila Nova de Colares	Feriado	x	Sábado	Domingo	x	x	x	x	x	Sábado	Domingo	x	x				Sábado	Domingo						Sábado	Domingo						Sábado										
Cont. Entrevistas Feu Rosa		x			x	x	x	x	x			x																													
Cont. Entrevistas Alterozas																				x	x	x	x					x													
Cont. Entrevistas Nova Zelândia																						x	x					x	x	x											
Organização do banco de entrevistas																														x		x					x	x			
Problemas na base de dados																																x	x								
Treinamento IBM Via Voice																																						x	x	X	

Abril de 2007

Atividades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30															
Resgate do banco de Dados	Domingo	x	x	x	Feriado	Feriado	Sábado	Domingo						Feriado	Domingo						Feriado	Domingo	Facultativo	Feriado				Sábado	Domingo																
Transcrições													x			x	x	x	x																										
Convocação dos bolsistas de ensino médio									x																																				
Dispensa dos bolsistas juniores – falta de recursos (VT)																		x																											
Dispensa de Bolsistas																														x															
Contratação de Digitadoras																																													
Saída de Bolsista voluntário																																													
Contratação de novo bolsista Voluntário																																													
Tratamento dos Dados																																													x
Elaboração Relatório																																													x

8.6 – Transcrições dos relatos editados

Relato das entrevistas transcritas e editadas com representantes da população, poder público e policiais

1- Processo de Industrialização no ES

Não... Não tinha de ruim porque as pessoas que vieram era tudo pessoa humilde né, todo mundo era unido, era aquela união, aí depois que veio chegando gente de fora, de outros lugares, é isso aí. (Morador de Feu Rosa)

E o bairro Feu Rosa ele tem uma história muito importante assim né... Porque este bairro ele foi criado, na realidade, para atender funcionários da Vale do Rio Doce, funcionários da CST, né? Era um conjunto habitacional para essas pessoas que vinham de fora, e, aí não deu certo teve aquela tragédia com o pessoal do Morro do Macaco, né! (Morador de Feu Rosa)

(...) ficaram aqui, até porque a CST estava ali, a Vale ali, então foi ficando ali...(Representante Poder Público)

Não, mais era Bahia parece que o pessoal falava que era baiano, Rio... Essas pessoas que vinham 'corrido', às vezes, de alguma coisa, vinham mais era para isso...(Morador de Vila Nova de Colares)

Antigamente era só casinha de tábua e tudo e as pessoas vieram com outras vontades de construir casas melhores e tudo e foi melhorando, a CESAN passou legalizou a água, as pessoas tem que pagar, luz todo dia tirava o "gatos" então a ESCELSA também teve que estar legalizando, devido a esse arrocho as pessoas foram tendo que estar se deslocando, eu acho que o que ajudou muito foi isso. O afastamento dessas pessoas que não tinham o que fazer, entendeu? Achavam que era só viver e não pagar nada, eu acho que mudou muito em questão disso aí.(Morador de Vila Nova de Colares)

Mas, naquele momento, o Estado não estava estruturado para receber uma quantidade tão grande de pessoas. E aí você vai ter problema. E onde o Estado não alcança, as pessoas resolveram os problemas por elas mesmas. As pessoas vão fazer sua própria justiça. Aí você tem aumento de homicídio. De confusão. De briga. Né? De roubo. Porque tem pessoas de cultura diferente, morar em um mesmo lugar sem estrutura, de uma hora para outra.(Policial)

"Agora o prefeito tá fazendo a creche integral aí o dia todo, também a policlínica de Vila Nova, tá vindo indústrias pra cá, está desenvolvendo bastante graças a Deus. Espero que melhore bem mais e Deus quiser que vire um futuro... Talvez eu possa até falar uma bobeira mais que vire uma futura Laranjeiras né".(Morador de Vila Nova de Colares)

"CST, Aracruz e Vale do Rio Doce. A maioria trabalhava lá, quem trabalhava né. Aí então as pessoas foram saindo das suas terras, do interior e tal e foram vindo

justamente para trabalhar nessas consideradas grandes empresas"'. (Morador de Feu Rosa)

*"Quando começou os projetos de construção da CST veio gente também, trabalhadores da Bahia, Pernambuco, Recife, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo então quando você... E o Espírito Santo, a terra, ela não estava preparada para essa migração de trabalhadores. Então quando você tem uma empresa, uma siderúrgica como a CST, e como a terra não tinha estrutura para receber esse povo todo. Então não tinha segurança, tinha uma segurança precária, saúde então Deus me livre"!
(Morador de Feu Rosa)*

Eu vim trabalhar, eu sou de Aracruz, aí vim pra trabalhar aí na Vale. (..) Mas aí eu sei que os baianos despencaram, viram que tinha serviço na Vale do Rio Doce (mas) Quando acabou ficou tudo por aí sem trabalho. Iam um dia, mas voltavam porque não tinham dinheiro. (Eles) Vem aqui e faz uma outra família não é? CST, Vale do rio doce e Aracruz não é? Quando surgiu a Aracruz trouxe muita baianada e mineirada pra cá...E é uma pena, porque aí começou a miséria, vinha pra cá e não arrumava emprego não é. .É. Aí vinha caminhão da diocese, vinha caminhão dali da igreja de Laranjeiras, vinha do Banco do Brasil, vinha da Escelsa, vinha de tudo quanto é lugar... Caminhão cheio, fechado de mercadoria, tinha vezes que a sala não dava, a varanda ficava cheia até em cima de mercadoria...(Morador de Feu Rosa)

Eu vim por causa de serviço, eu de Colatina eu fui pra Aracruz, eu trabalhei na Aracruz florestal um ano e pouco...., aí eu falei "Mulher, vamos pra Vitória, lá eu acho que o emprego é mais fácil" Quando eu mudei pra cá eu trabalhava dentro da área da CST, depois que eu saí da área da CST, eu entrei na Serrano, trabalhei na Serrano um tempo....(Morador de Alteroza)

a Serra é muito mais complicada porque a área territorial dela é muito grande e é na horizontal, então você vê que é muito difícil porque vão criando bolsões de pobreza em determinados locais e isso, em especial, depois da obra da CST, porque naquela ocasião eles puxaram pra cá, convocaram mão de obra desqualificada. Então muitas pessoas migraram, principalmente da Bahia pra cá, nós temos um volume enorme muito grande, na obra da CST, de funcionários que vieram da Bahia, esse pessoal veio com mão de obra desqualificada, depois da produção, que foram utilizados os trabalhos braçais deles, essas pessoas foram dispensadas e obviamente entre eles ficarem em um litoral lindo desse e voltarem pra Bahia, as vezes pra um recanto feioso, eles não quiseram voltar, os filhos foram crescendo aqui, as famílias obviamente desempregadas e sem uma estrutura, os filhos acabaram entrando no mundo do crime e é o que nós vemos, na sua grande maioria, os filhos sendo vitimados, não somente vitimados pessoas da Bahia e Minas, como também muitos autores são oriundos daquela região. (Repres. Policia)

Agora o interessante seria justamente levantar o problema do homicídio, talvez se vocês levantassem talvez o crime contra o patrimônio, você iriam ver que um volume muito grande de pessoas de fora estão envolvidas nos crimes contra o patrimônio. Essas pessoas que vieram de fora pra cá, eles não somente permaneceram aqui como trouxeram os parentes (...) eu tenho casos de pessoas que moram aqui em Vitória, que são baianos e moram aqui, e que se juntaram ao restante da família de lá e fazem até comboio de carro roubado daqui pra Bahia, eu cheguei a recuperar dois carros, de

dois de secretários de estado de segurança pública, na Bahia, levado por pessoas baianas...(...) essa mão de obra veio de Minas, mas um volume muito maior veio da Bahia.(Repres. Policia)

Bastante, aqui é aqui que tem migração de Minas, Bahía, Rio de Janeiro, interior do próprio Espírito Santo, aqui é assim... um lugar que acolhe muita gente de fora --- [a chegada dessas pessoas esta ligado a o que , na sua opinião?] acho que as duas coisas, especialmente a questão financeira, em busca de um trabalho melhor, como as empresas daqui de grandes nomes são conhecidas lá fora, então as pessoas já criam uma expectativa, ingressar nas empresas pra que possam... então assim, é bem grande o numero de pessoas que vem com essas expectativas.(Morador de Feu Rosa)

(...) a história dos conjuntos habitacionais, na realidade, era a necessidade de crescimento que no Espírito Santo ocorria e que o governo, tinha a participação dele para que as pessoas de baixa renda conseguissem ter o seu imóvel.(Repres. Cohab)

2- Identidade, História , Invasão e Ocupação

Um bairro pequenininho, maravilhoso, né! Isso aí não é coisa agradável não, a gente sabe que a tendência é aumentar e piorar, não é! Porque o crescimento está demais – E quando cresce de gente o perigo aumenta mais, não é? Quando tem pouca gente...(Morador de Alteroza)

Era um bairro assim, um bairro deserto, como eu falei para você não tinha moradores quase nenhuma a gente ficava aqui... Parecia que gente morava num lugar deserto, não tinha ninguém... Só ouvia porta bater quando a gente passava nas ruas, só ouvia as portas assim porque o vento batia, às vezes, fazia até medo parecia até um cemitério (risos)... Mas é mesmo, às vezes, fazia até medo.(Morador de Feu Rosa)

É a minha vinda para cá foi em 85, quando eu casei fui morar em Laranjeiras, pagava aluguel, aí Feu Rosa estava aqui, só tinha o pessoal do Morro do Macaco, né! E tinha mais... Moradores mesmo, pela COHAB só tinha mais três pessoas, então eu sou a quarta moradora daqui, vim para cá porque era um mais fácil não pagava aluguel, era um meio mais fácil da gente ter casa própria.(Morador de Feu Rosa)

Devido Vila Nova, é um bairro que as pessoas entram hoje, depois elas vão, fica indo e voltando, sabe?(Morador de Feu Rosa)

Olha para mim, no meu caso, foi eu ter conseguido uma moradia na época que eu não tinha, foi uma das coisas que mais marcou.(Morador de Feu Rosa)

É muito bom! Eu gosto né... [A casa é] ‘Feinha’, ‘veinha’, mas a gente gosta né! É da gente né! Igual a essa aqui, não era bonita, não era chique, igual a essa aqui, mas para mim era muito boa e a gente gosta como é. (Morador de Nova Zelândia)

Com os vizinhos? [Isso]. Eles na casa deles e eu aqui na minha. Às vezes, a gente se encontra e conversa... Na Igreja... Mas ninguém vai na casa de ninguém.(Morador de Nova Zelândia)

Aí Deus me ajudou e foi melhorando um pouco, foi melhorando, entrando mais gente, sabe! Nos lugares, foi melhorando... Depois, é bom, 'tava' muito sossegado, 'tava' muito sossegado aqui. Aí que depois que veio essa invasão para aí que pegou a ladroagem roubo, essas coisas assim, sabe assim...(Morador de Nova Zelândia)

Foi de uns tempos para cá mesmo, não tem muito tempo mesmo você citou bem, que virou esse tumulto doido não, porque até pouco tempo esse bairro era quieto, tudo era quieto aqui. Mas igual eu 'tô' 'te' falando deve ser porque mesmo de... Não existia Vila Nova, não existia Feu Rosa, agora todo mundo até fala, não sei se você já ouviu falar, se você mora aqui, mas todo mundo chama Vila Nova de invasão, né!(Morador de Nova Zelândia)

Que é invasão... Mas eu, por exemplo, não foi invasão eu comprei lá. Então, eu acho que sei lá, eu acho que foi povoando mais, então tudo isso foi tirando a tranqüilidade que tinha no bairro.(Moradora de Nova Zelândia)

A forma de ocupação do bairro, um ponto negativo preponderante pra uma cultura de violência no bairro; um início com falta de infra-estrutura e o início histórico do bairro, ele teve uma ausência do estado.(Policial)

Agora aqui nós temos outra questão também, na sua pergunta, a gente é um município que cresce muito rapidamente, eu estou sem os dados aqui, mas a gente cresce e o crescimento é muito rápido e outra coisa, quem procura o município pra morar é a pobreza, é a pobreza da Bahia, se você for conversar com os pais desses jovens, quem são? São pessoas que vieram de Minas e da Bahia...(Repres.Poder Público)

Um problema hoje que a gente vivencia aqui no nosso município e aí como bem colocado por você, a questão do homicídio, hoje a gente vive uma guerra interna, exatamente em função de um aumento quantitativo de imigrantes, que todo os dias vem pra Serra, justamente em função do crescimento...(Repres.Poder Público)

A nossa maior demanda de trabalho na assistência jurídica, que a gente mantém aqui no município, que essa sim é voltada para atender aos delitos, é justamente dessa camada da sociedade, do Sul da Bahia e de Minas gerais.(Repres.Poder Público)

Mas porque é que Chico City não é violento e Feu Rosa é violento? Porque a implantação, a arquitetura... O maior nível de ocupação daquele local ele por si só já é violento... (...) Quem foi pro biombo foi pra um quartinho e foi pra uma casa de dois quartos e foi pra uma casa de três quartos, então aí já começa a discriminação na construção... (Repres.Poder Público)

Os moradores eram... Tinha umas pessoas mais difíceis né! Na qual morreram, né: ladrões, assaltantes, pessoas que viviam brigando na rua... Tinha muita briga na rua, dificilmente final de semana a gente não via briga, morte... E eu sempre fui da comunidade então a gente sempre ia mais 'na' comunidade também da Igreja (Moradora de Vila Nova de Colares e Repr. Igreja Católica).

Eu me relaciono bem porque eu sou mais na minha, fico mais dentro de casa, procuro resolver as coisas da melhor forma, mas existe muitas intrigas, brigas entre o pessoal. Por ser um bairro de classe pobre eu acho que até eles se identificam bastante.

Para melhor não, só tenho conhecimento de coisas ruins. De mortes... Que ficou mais frisado na minha mente, até hoje eu fico vendo as cenas, sabe? É isso aí.(Moradora de Vila Nova de Colares)

É, tem a questão também daqui de Vila Nova que é a discriminação das pessoas por causa do bairro, aí se você fala que mora em Vila Nova, as pessoas já ficam assim assustadas (...). Só porque o que a gente ouve falar no jornal, o que a gente ouve na TV...(Moradora de Vila Nova de Colares)

E eu não acho legal essa coisa da discriminação do bairro e as pessoas 'te' vêm como sei lá o que porque você mora na Serra e porque você mora em Vila Nova de Colares é muito pior e é isso.(Moradora de Vila Nova de Colares)

Eu boto medo mesmo, boto terror, às vezes... “Eu moro em Vila Nova, então meu filho não se mete comigo...”.(Moradora de Vila Nova de Colares)

A gente pegava gato, energia tinha que pegar gato. Água também era gato. Só depois que veio o conjunto habitacional da COHAB começou a vim às melhorias.(Morador de Alteroza)

Hoje o bairro tem asfalto tem ônibus que passa perto e tal, mas com isso veio os malefícios, a poluição, veio a violência também, pro bairro, por que vieram pessoas de outros bairros que se instalaram aqui, com isso...(Morador de Alteroza)

De quando eu cheguei Isso aqui era um deserto. Era poucos moradores aqui. era um lugar assim onde a gente andava na luz da lua.Redde de esgoto não tinha. , não tinha calçamento. As casas eram todas assim, não estavam habitadas. E aquilo tudo parecia, quando dava vento assim, mais um filme de banguê-banguê.Porque as pessoas assim vinham e tiravam porta, tiravam janela. E se você assim, às vezes vinha um vizinho já tinha recebido a chave da casa, mas não vinha morar, porque via as condições do bairro. Não tinha instalação de esgoto. Não tinha instalação de água direito. Não tinha instalação de esgoto. Às vezes as pessoas vinham tirar porta, janela, e a gente ia falar, a gente tinha que sair fora. E a gente tinha que deixar carregar tudo. Era terrível... Vim lá de Maruípe para morar aqui. Mas nossa... Eu chorei demais, quando eu cheguei aqui. Eu não esperava que era assim. E muito ruim, no começo isso aqui era muito ruim. Antigamente a gente dependia de sair daqui. Tudo tinha que resolver em Vitória. Laranjeiras. (...)na época eu pagava aluguel. Ce entendeu? Eu pagava aluguel e estava ficando meio difícil. E por isso meu ex-marido quis. Tirou uma casa aqui. Não tinha nada. O povo muito carente também. Muita casa abandonada, muita casa fechada. (Morador de Feu Rosa)

Pode ser assim né!? o crescimento do bairro né? no caso. Porque eram eles, e de repente começou a chegar gente. Porque era deserto, ônibus de Laranjeiras pra cá não tinha, aí depois que começou a ter né!?...(Jovem /Morador de Nova Zelândia)

A vizinha mesmo aqui do lado mora desde a invasão, desde que o bairro foi invadido ela mora aqui. De primeiro entrava gente nas casas pra fazer assalto e matava quem tava deitado na cama, gente que estava comendo com o prato na mão. (Moradora de Vila Nova de Colares)

O que me marcou muito também é que no início aqui no bairro tinha um homem que se chamava Onofre. Ele foi que liderou tudo, de uma certa forma este bairro veio a existir,

a crescer e a progredir de certa forma pela interferência dele. Não que fosse a causa dele, porque de uma certa forma a causa era nossa, porque ele também morava no bairro. E ele nem precisava muito, porque depois nós fomos saber que era até bem estruturada a família dele, em termos financeiros. Então ele pegou a nossa causa. Ele resolvia as escrituras, ele conversava com o prefeito e com os vereadores. Ele também fazia passeatas e marcava reuniões que nem tinham local próprio pra funcionar, acabavam acontecendo embaixo de pés de árvores. Ele ia atrás da ESCELSA, atrás da CESAN, ele ajudou bastante. (Moradora de Vila Nova de Colares)

As impressões ao chegar, foram de um bairro com poucos moradores e com nenhuma infra-estrutura. Alterosa era considerada uma área rural. (Morador de Alterosa)

Meu pai sempre que gostaria de morar num lugar pra cá, minha mãe trabalhava de cabeleira, ela sempre mexia com esses negócios pro lado de cá, Ela veio pra cá. Meus avós mudaram pra cá. Depois meu pai mudou pra cá com minha mãe. Veio morando pra cá, Mudando pra cá... (Jovem /Morador de Nova Zelândia)

Chegava toda a sorte de gente né, não vou falar também que os caras que vieram do morro estragaram o bairro, não é isso, mas ficou mais complexo ainda porque, aí neguinho chegava e não tinha uma porta, ele ia na outra casa que tinha e pegava, você entendeu? Então não tinha banheiro, não tinha vaso... Aí eles iam na casa mais perto que eles achassem e pegavam. Aí como isso ficava fácil demais, tinha uns caras que abusam né, às vezes você já ia lá tirar telha de uma casa para você fazer um puxado, não era mais para você cobrir a sua casa, era pra fazer um puxado, então virou um negócio meio, né... Então, se comprar uma casa aqui, você tinha que comprar rápido e botar banca, engraçado isso. (Morador de Feu Rosa)

Era mato puro, poucos moradores, todos queriam nesse caso, por medo... O ônibus parava muito longe, muito mato, insegurança total (...) No começo havia muitos problemas de roubo, principalmente em um bairro novo que atrai a presença de malfeitores, as casas todas têm muro, compramos a casa sem muro, mas você não pode deixar de fazer, porque senão o bandido entra hoje e você deixa pra fazer o muro amanhã. Melhorou bastante fazer o muro. (Morador de Alterosa)

Feu Rosa tinha a característica de ser um conjunto habitacional, mas nos seus 80% de invasão. Então foi pra onde eu vim para cá para concorrer aí com as várias invasões. Tinha as pessoas que vieram, primeiro do Morro do Macaco, que foi onde rolou as pedreiras lá e esse pessoal veio para morar na primeira etapa. E eram casinhas só com um quarto, uma cozinha e um banheiro (...) Então a marginalidade começou com a chegada da ocupação do bairro. Se matava muito. Tinha os matadores, que hoje na maioria só tem um ou dois que estão vivos, mas o resto, que cometeram vários assassinatos, já foram assassinados. Tem nomes famosos de matadores aqui que não foram mortos aqui. Mas foram mortos aí no interior do Espírito Santo. (Morador de Feu Rosa)

Ah, eu sou de Feu rosa”, você chega e sente aquele impacto, mas não é, o Feu Rosa não é um bicho papão não, é um bairro humilde igual aos outros, com pessoas trabalhadoras, funcionários públicos, então tem aquela imagem, mas não é o que as pessoas falam não, de maneira alguma. (Morador de Feu Rosa)

Bom, acontecimento tem vários não é, mas eu vou citar um, o nome do bairro por exemplo, era Feu Rosa, agora é Bairro das flores, então foi feito um documento, então tirou aquele nome Dr. Pedro Miguel Feu Rosa, é um nome bonito, mas tinha que ser um nome da época que foi criado, bairro das flores, você pode observar que está Feu Rosa na placa, mas não é Feu Rosa, é bairro das flores, o nome é bairro das flores, então isso aí foi um marco como diz. (Morador de Feu Rosa)

Bom, nós viemos pra cá em 1985, em decorrência da tragédia que aconteceu em tabuazeiro, mais precisamente no morro do macaco, naquela ocasião ficaram muitas pessoas desalojadas tanto desse bairro já mencionado como de outras partes, isso ns forçou a vir para Feu Rosa em caráter provisório. (...) O Governo achou por bem nos colocar aqui exatamente porque Feu Rosa na época era um bairro praticamente desabitado, ou seja, tinha um pequeno numero de moradores, as casas estavam... A maioria estava vazia, então eles acharam por bem nos colocarem aqui, porque tinha espaço físico, tinha estrutura, estrutura entre aspas não é? (Antigo Morador do Morro do Macaco)

Eles (Governo) ficaram nos enrolando e uma hora dizia que.. Em determinado momento eles diziam que iam construir em um local, em determinado momento eles diziam que iriam construir em outro e nós ficamos aproximadamente quase um ano nesse jogo de empurra, e havia também uma outra situação, que ninguém queria assumir a responsabilidade, o governo dizia que a responsabilidade era de competência da prefeitura e a prefeitura dizia que era do estado, e os dois, ou seja, a administração municipal e a administração estadual diziam que era uma questão de competência da COAB. Nós tivemos que brigar com os três órgãos até que se chegou a um consenso que a prefeitura então tomou para si a causa, a solução do problema. (Antigo Morador do Morro do Macaco)

Todas as dificuldades advindas da burocracia, então nós tínhamos uma expectativa de que eles iriam fazer conforme prometeram, só que nós chegamos aqui e fomos colocados nessas casas em caráter provisório e esse provisório foi se alongando, se estendendo, e começou a mudar governo, estadual, governo municipal, e a gente percebeu que as coisas não iam andar, aí quando nós percebemos que a nossa expectativa foi frustrada aí nós mudamos o discurso e passamos a cobrar da prefeitura que.. Começamos a colocar pra prefeitura que nós não queríamos mais que fosse construído um conjunto habitacional ou núcleo habitacional em nenhum lugar da Grande Vitória, que nós queríamos permanecer em Feu Rosa, e que essas casas fossem doadas aos ocupantes sem qualquer ônus, foi isso que nós fizemos. (Antigo Morador do Morro do Macaco)

Então prefeito Hermes Laranja resolveu fazer a doação dessas casas, ele mandou um projeto de lei para a câmara, esse projeto de lei foi aprovado na câmara e através desse projeto de lei ele celebrou um convenio com a COAB, e adquirindo essas casas com financiamento com prazo de amortização da dívida de doze anos, só que completaram doze anos e nós não recebemos os documentos, e a promessa de que as casas seriam financiadas em doze anos e que no final dos doze anos nós receberíamos um título de proprietário desses imóveis, sem qualquer ônus, foi essa aí a decisão que nós fizemos, e é desse assunto que se trata a lei, só que se passaram esses doze anos e nós não recebemos, já completou agora no ultimo mês de janeiro, de 2007,

completaram-se 22 anos e nós ainda não recebemos essa escritura...(Antigo Morador do Morro do Macaco)

...quando nós chegamos aqui nós nos deparamos com dificuldades de toda ordem, porque o bairro não tinha orelhão sequer, não tinha padaria, não tinha uma padaria, não tinha açougue, não tinha farmácia, não tinha supermercado, praticamente só tinha as casas mesmo, não tinha escola, enfim, não tinha absolutamente nada que pudesse dar tranqüilidade as pessoas que estavam morando aqui e muito dificilmente a esse grupo que chegou, que inicialmente não tinha nenhuma segurança, nenhuma expectativa... Então ficamos assim, de um lado convivendo com as dificuldades da falta de recursos que o bairro não dispunha em termos de estrutura, condições adequadas para a moradia e do outro lado nós tínhamos um segundo problema que era a dificuldade...(Antigo Morador do Morro do Macaco)

...as pessoas estavam depredando as casas, as casas estavam quase que completamente depredadas, tinha casas que só tinha mesmo as paredes, apenas as paredes, não tinha nada mais, janela, não tinha porta, não tinha telhado, nada mais, somente as paredes inteiras. Outras casas tinham só janelas e portas mas que não eram fechadas, batia o tempo todo, e muita água que corria pelas ruas, e eles roubaram praticamente todos os vasos sanitários, janelas, portas...(Antigo Morador do Morro do Macaco)

A situação era bastante difícil pra todos, sem exceção, pela situação do desemprego, pela dificuldade de se deslocar para o emprego, as pessoas, a grande maioria, estava desestruturada financeiramente, a dificuldade para conduzir os filhos até a escola, porque como eu disse, não tinha escola aqui no bairro, então, inicialmente era muito difícil, eu até lembro que nós, os moradores do bairro, tinham uma tabelinha de horário e a gente andava com aquela tabelinha no bolso pra cima e pra baixo porque tinha uma preocupação com o horário do ônibus, pra não perder, porque se perdesse aquele horário a pessoa já sabia que iria ter dificuldade porque o outro horário iria ser muito demorado.(Antigo Morador do Morro do Macaco)

Tinha 188 famílias. Isso eu me refiro aos ex-moradores de Tabuazeiro, mas não vieram as 188 de uma só vez, de uma só leva. Essas pessoas vieram em momentos diferentes, eu sei que inicialmente vieram aproximadamente em torno de 100 famílias, aí depois foram vindo outras de acordo com as condições de cada um...(Antigo Morador do Morro do Macaco)

Uma foi a depredação de ônibus, eu lembro que os ônibus, logo que viemos pra cá, eu digo os ex-moradores de Tabuazeiro, aí a imprensa começou a divulgar, e aí Feu Rosa se tornou conhecido, se dizia assim: “os flagelados de Tabuazeiro estão em Feu Rosa”(...)a medida que a população foi crescendo a frota de ônibus não acompanhava a demanda, então tinha situações que passavam dois, três, quatro, cinco ônibus e a pessoa ficava no ponto, o ônibus não parava porque passava muito cheio, então a população reuniu e parece, não sei se chegou a queimar, mas apedrejaram, danificaram uns quatro ou cinco ônibus e aí a coisa melhorou.(...) outro fato que marcou também, que eu vi, que marcou muito a situação de um rapaz que possuía um trailer e ele foi assassinado e o pai quando veio assentou-se ao lado do corpo da vítima e começou a chorar, foi um fato que me marcou muito. (Antigo Morador do Morro do Macaco)

O loteamento aqui era do Dr. Djalma, tudo era loteamento, loteamento clandestino porque não tinha drenagem, pavimentação, não tinha nada, mesmo porque não era um bairro, ainda era zona rural, quando a Serra passou a ver essa região aqui como bairro depois que municipalizou, aí ela começou a ver os bairros que tinha pro lado de cá porque antes ela só via, como é que fala... Bairro das Flores... Só via o bairro das Flores (Morador de Nova Zelândia)

Exatamente com interesse de comprar um terreno, interesse porque a região da Serra tava ainda em desenvolvimento, tinha a possibilidade de terreno pra comprar, como eu comprei do Dr. Djalma, esse terreno eu comprei, eu comprei esse terreno de frente que desse de frente eu vendi e comprei esse aqui e construí aqui. Foi o meu interesse de vim pra cá. Porque antes de eu morar mesmo eu vim de Minas, vim de Minas pra cá e chegando lá em Vitória que eu trabalhava com táxi eu trouxe e a família e disse “Não, ficar pagando aluguel não, vamos olhar lá pro lado da Serra que a gente pode encontrar um terreno e comprar, então vamos”, aí olhei, encontrei um barraquinho e “ah quanto você quer de aluguel?”. E pra vender?(...) Foi por isso que eu vim cá pra Serra, foi por isso... Foi aqui que eu consegui comprar minha casa, ter a minha casa que eu tenho até hoje, vai pra vinte e tantos anos aqui, aqui nesse lugar. (Morador de Nova Zelândia)

Tem essa movimentação hoje porque as pessoas foram entrando devagarzinho, inclusive tem gente que até hoje mora em cima do terreno e que o terreno depois de uns anos, depois que municipalizou, o terreno quando eu vim pra cá o terreno era do INCRA, depois o Incra criou um órgão chamado Supim que foi administrar a terra do estado, que essa terra era passada pra prefeitura pra prefeitura se beneficiar em torno de trazer empresas pra vir pra cá, mas num conseguiu que às vezes eles foram invadindo... Porque na minha região mesmo eles invadiram bastante terra que era da Supim, teve gente morando ali em terra que era da Supim, inclusive teve gente aí que já sofreu constrangimento que eles vieram e tiraram...(...) O pessoal foi construindo, tem gente ali que está com problema pra fazer documentação. Às vezes o que eu estou falando não é importante não é? (Morador de Nova Zelândia)

Mais marcantes foram esses daí mesmo, essa drenagem, essa pavimentação, foi marcante porque as pessoas trabalharam muito em cima, do orçamento participativo, foram três anos de solicitação, então quer dizer, ficou marcado mesmo, não tem como você trabalhando em cima de uma comunidade, trabalhando em cima de um orçamento participativo dando as prioridades que era isso aí, não abria mão de forma alguma, então um ponto marcante dentro da comunidade foi esse, não tem outro, dentro da comunidade, que é beneficente pra comunidade, quase quatro anos de luta em cima de uma coisa só pra chegar aí onde chegou. (Morador de Nova Zelândia)

"(...)Bom, nós viemos pra cá em 1985, em decorrência da tragédia que aconteceu em tabuazeiro, mais precisamente no morro do macaco, naquela ocasião ficaram muitas pessoas desalojadas tanto desse bairro já mencionado como de outras partes, isso nos forçou a vir para Feu Rosa em caráter provisório Na realidade nós viemos num grupo, tanto do bairro tabuazeiro como de outras regiões, que as pessoas estavam desalojadas e estavam em locais consideradas como área de risco, e a prefeitura em contato com o governo do estado resolveu alojar o pessoal no Feu rosa até que encontrasse uma solução para o problema que aquele grupo estava vivendo naquele momento, mas o certo é que foi um total de 188 famílias.Olha isso se tornou realmente, como é que eu diria, um imbróguio, eles ficaram nos enrolando e uma hora dizia que.. Em

determinado momento eles diziam que iam construir em um local, em determinado momento eles diziam que iriam construir em outro e nós ficamos aproximadamente quase um ano nesse jogo de empurra, e havia também uma outra situação, que ninguém queria assumir a responsabilidade, o governo dizia que a responsabilidade era de competência da prefeitura e a prefeitura dizia que era do estado, e os dois, ou seja, a administração municipal e a administração estadual diziam que era uma questão de competência da COAB. Nós tivemos que brigar com os três órgãos até que se chegou a um consenso que a prefeitura então tomou para si a causa, a solução do problema.... O Governo achou por bem nos colocar aqui exatamente porque Feu Rosa na época era um bairro praticamente desabitado, ou seja, tinha um pequeno numero de moradores, as casas estavam... A maioria estava vazia, então eles acharam por bem nos colocarem aqui, porque tinha espaço físico, tinha estrutura....Todas as dificuldades advindas da burocracia, então nós tínhamos uma expectativa de que eles iriam fazer conforme prometeram, só que nós chegamos aqui e fomos colocados nessas casas em caráter provisório e esse provisório foi se alongando, se estendendo, e começou a mudar governo, estadual, governo municipal, e a gente percebeu que as coisas não iam andar. aí nós mudamos o discurso, nós queríamos permanecer em Feu Rosa, e que essas casas fossem doadas aos ocupantes sem qualquer ônus, foi isso que nós fizemos. Foi provada uma lei quando o então prefeito Hermes Laranja resolveu fazer a doação dessas casas. Através desse projeto de lei ele celebrou um convenio com a COAB, e adquirindo essas casas com financiamento com prazo de amortização da dívida de doze anos, e a promessa de que as casas seriam financiadas em doze anos e que no final dos doze anos nós receberíamos um título de proprietário desses imóveis, sem qualquer ônus. Já completou agora no ultimo mês de janeiro, de 2007, completaram-se 22 anos e nós ainda não recebemos essa escritura, apenas 82 pessoas receberam, de um total de 188. Quando chegamos nos deparamos com dificuldades de toda ordem, porque o bairro não tinha orelhão sequer, não tinha padaria, não tinha uma padaria, não tinha açougue, não tinha farmácia, não tinha supermercado, praticamente só tinha as casas mesmo, não tinha escola, enfim, não tinha absolutamente nada que pudesse dar tranqüilidade as pessoas.....e como se não bastasse todas essas carências nós também enfrentamos nos problemas disso nos primeiros dias problemas sérios no que se refere a transporte...(as casas estavam quase que completamente depredadas, tinha casas que só tinha mesmo as paredes, apenas as paredes, não tinha nada mais, janela, não tinha porta, não tinha telhado, nada mais, somente as paredes inteiras). A situação era bastante difícil pra todos, sem exceção, pela situação do desemprego, pela dificuldade de se deslocar para o emprego, as pessoas, a grande maioria, estava desestruturada financeiramente.... tinham muitas casas desocupadas, então essas casas foram utilizadas como escola, em caráter provisório... Assim, aquelas coisas improvisadas, tudo improvisado.(Moradora de Feu Rosa)

...ela veio criança praticamente, então ela que invadiu, ajudou a invadir no começo aqui, invadiu uma casa aqui outra ali com a mãe.... “Era criança quando eu vim pra cá, quando eu vim pra cá foi em 85, não tinha... As casas eram assim, sem janelas e sem portas, porque o pessoal tinha saqueado tudo, aí eles estavam invadindo as casas. A casa que a gente morava encheu de água, aí o homem que a gente ia pagar o frete pra tirar as coisas falou assim “Olha, eu acabei de levar mudança lá pro Feu Rosa, eles estão invadindo lá”, aí trouxe nossa mudança pra cá, não tinha janela nem porta, a gente colocava o lençol e quando a chuva batia molhava tudo, aí a polícia foi lá e falou “oh vocês vão ter que sair porque essa casa esta vendida” aí minha mãe falou “oh, eu estou com três famílias, eu e minhas duas filhas com as famílias delas aqui

dentro dessa casa, eu não vou sair, porque tem criança, e eu tenho condições de pagar as prestações da COAB”. Aí eles deram uma casa em outra rua pra gente, aí minha mãe passou a ter a casa no nome dela, pagar as prestações, aí nós ficamos até conseguir casa pras minhas outras duas irmãs também no bairro, e aí nós ficamos.” Quando eu mudei pra aqui você podia chegar em casa a hora que fosse, não tinha medo de nada, e hoje é diferente a gente não tem coragem de ir na praça por causa da violência, mesmo que a gente não tenha nada a temer a gente tem medo de uma bala perdida...quando nós mudamos pra aqui muitas casas não estavam prontas ainda, fizeram elas...Não tinha colégio aqui, só tinha um ônibus no horário de meio dia. Muitas vezes eu vim a pé[do colégio situado no bairro José de Anchieta- Serra] de lá pra cá.” [Salas de aulas improvisadas] aí depois eles pegaram uma rua ali em cima, rua das acácias, e todas as casas da rua foram feitas sala de aula. As casas tinham três cômodos, sala e dois quartos e a cozinha, então cada casa era feita três salas de aula, a sala era uma sala, os quartos eram outras salas, três salas de aula em cada casa.” { ...tinha ladrão, tinha muito ladrão aqui, mas escondido, era ladrão do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Pernambuco, de Minas Gerais, eles viviam por aí, vinham aqui pediam comida, pediam café...aí desmataram Feu Rosa, aí fizeram primeiro Feu Rosa, mas aí não podia habitar, porque era uma área industrial, então não podia porque a prefeitura não dava abrigo, era polemica pessoa abandonada, aí invadiram... aí a COAB veio aí prometeu mundos e fundos e tirou o pessoal daí, mas não deu casa pra ninguém. Aí o pessoal revoltou, pegou e invadiu de novo.Tudo invasão antes da COAB fazer as casas. Aí depois teve aquele negócio do morro do macaco, aí eles não sabiam nem aonde que iriam colocar as pessoas, aí começaram a colocar o pessoal aí.} Vila Nova de Colares é um loteamento que foi invadido.... Agora o povo que veio pra cá eles compraram dos invasores, dos invasores não tem mais ninguém... E esse povo veio A maioria era gente boa...eles moravam naquelas barracas de lona, a maioria acho que veio da Bahia... É, Bahia e Minas, mas eu acho que era mais da Bahia...Ali pra fora, um lado aí, botaram o nome de Nova Bahia...deixaram invadir tudo, daí Vila nova de Colares não tem lazer...(Moradora de Feu Rosa)

Eu mudei pra cá foi em 86... Foi em 86... Eu morava lá em Serra Dourada III, Quando eu vim pra cá isso daqui não tinha nada, isso aqui tinha uma, duas, três, quatro, cinco casas, seis com a minha, e foi doído aqui viu, muito mato, essas quadras aqui era tudo mato e foi difícil. Não tinha energia, água aqui, vinha uma mangueira lá da pista, descia essa rua aqui, deixava um ramal pra aquele rapaz ali, pra mim, e ia embora, lá ia numa casa lá, puxava pra outra, uma mangueira abastecia cinco, seis casas. Era tão difícil.(Moradora de Alteroza)

O nosso posto de saúde eu vejo, aquilo ali não tem estrutura pra ser um postinho de saúde, a gente se desloca daqui, para lá em Feu Rosa, não é longe, mas se tem um dentro do nosso bairro, por que não pode melhorar? Tem que descer lá em Feu Rosa, vê se a gente consegue uma consulta, alguma coisa, eu acho que poderia melhorar.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Foi o que o Arnaldo falou da época (da construção do bairro) que eles carregavam baldes nas costas porque não tinha água, é... foi isso, o que marcou foi isso, tinha que ir em tal lugar pra pegar água pra sobreviver. Eu não resistiria essa época não.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Quando eu cheguei, cheguei com meu pai, minha mãe, meus irmãos, tinha poucos moradores. Mas no começo era meu pai e pouca gente. Aí no começo a gente chegamos

e dormimos na varanda, porque roubaram as telha da casa da gente.. Aí dormimos na varanda da casa da minha avó. Foi consertando a casa... Ficamos três anos direitinho na casa e depois a mãe foi embora e o pai foi embora, ficou só as criança. Depois de...uns 8 meses ela veio, buscou a gente e levou a gente embora. Aí depois de tipo...uns 8 ano voltamos de novo pra Feu Rosa.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

Nós morava numa casa de barraco, aí chovia demais... Molhava... Rato... Essas coisas e a gente morava do lado de um chiqueiro. Minha mãe tava na quadra. E a gente sempre pediu uma casa com varanda, a gente queria uma casa com varanda de todo jeito. Então a gente tava na quadra, como era mais fácil ela construir uma casa, ela comprou uma casa aqui em Feu Rosa. Quando nós chegamos lá num tinha quase ninguém. Era chão, mato... Tinha mato para umas dez casas... (...)Uma casa tinha porta, outra casa não tinha janela, num tinha asfalto, era todo terra, chovia ficava aquela lama toda. Muito, muito mato tinha, eu lembro que tinha muito morcego aqui em Feu Rosa. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Antigamente, se deixasse a casa, se você fosse embora... Você podia voltar, a casa tava trancada. Hoje em dia... É invadia a casa... Hoje em dia você pode ir embora e voltar que ninguém invade. Antigamente invadia... Hoje em dia ninguém invade. (...) Morar, invadir... Tem muita gente que tem casa que é invadida, não comprou nem nada. Aí meu pai botou porta, telha... Quando nós chegamos noutro dia tinham roubado tudo. Roubado tudo. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Pra mim é muito assassinato e roubo, até que roubo hoje em dia parou. Mas tinha muito assassinato antigamente. Tinha muito assassinato. Num respeitavam ninguém na rua. Hoje em dia, mudou totalmente. (...) Uma base de...uns 8 anos atrás. Mudou muito. Que muita gente ruim já morreu também. Uns tão preso, acho que por isso bairro tá tranquilo.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

Meu irmão ligou: você vai cá, mataram o Jefim. Eu: tá mentindo. Mataram. Cheguei, ele tava caído. Muita gente... Até hoje ninguém sabe... Tem pessoas que sabem, e num comentam né? Melhor ficar neutro. Mas, ninguém sabe. Igual quando Sergio Vidigal chegou e Suely Vidigal chegou todo mundo ficou muito surpreso, né? Porque não cabe a mim... Mas ele era muito querido. Eu nunca vi o Sergio Vidigal, nem Suely Vidigal no enterro de ninguém. Foi uma coisa muito chocante que marcou o bairro Feu Rosa. (...) Foi uma coisa assim que ninguém imaginava. Sabe? Imaginava qualquer um. Menos ele. Não brigava, num via ele em confusão, não via ele em droga, não via ele em roubo. Ninguém sabe. Uns falavam que foi um velho... Ninguém sabe... Porque ele tinha muitos passageiros.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

Quando surgiu minha chegada aqui? Eu morava em Carapina... eu tinha vindo de Pernambuco, né? Aí vim, cheguei em Carapina. Fiquei morando de aluguel lá durante 5 anos. Aí, surgiu isso aqui... Aí meus irmãos já tinham vindo morar aqui... Aí me convidaram pra vim morar aqui. Aí eu vim, cheguei. Construí uma casinha pra mim... E to até hoje assim... ----- [os outros moradores] Olha... Eles vieram porque surgiram que tava... Tava tendo esse loteamento que era uma invasão. Essas coisas... E como todo mundo morava de aluguel... É... Quase ninguém tinha condições de pagar o aluguel né? Aí... Não né? Vamos pra lá! Conheci através de outras pessoas que moravam aqui e conhecia... E foi trazendo todo mundo e acabou que quase todo mundo tá morando aqui.--- [situação encontrada] Deus me livre! Não tinha! Não tinha nada... Era só

barraquinho de pau... Alguns, algumas feito de bloco... Casinha tudo pequenininha... E era feio! Outros era barraquinho de lona... Outros era barraquinha... Ficava montado aquelas barraquinha...---[os novos moradores] Olha... Mas a maioria das pessoas daqui são mais da Bahia. De Itamaraju, de Itabuna, de Teixeira de Freitas... Entendeu? Esses lugares... Das pessoas que eu conheço... Parece que Itamaraju inteiro veio pra cá. (Morador de Vila Nova de Colares)

Eu sou natural da Bahia né!? Eu vim pra Vitória, especificamente pra Feu Rosa por que eu já conhecia pessoas que moravam aqui, eram moradores já a um bom tempo, e eu vim com intenção de trabalho. O objetivo primário era esse, é com... ver o mercado de trabalho, a possibilidade de ter um trabalho que “adivinhe” o meu lado profissional.--- Eu conhecia muito pouco, é... por fato do Espírito Santo ser em si uma cidade bem divulgada, bem conhecida no Brasil inteiro, então isso eu acho é... da uma perspectiva de ter um mercado de trabalho mais acessível ----- Aqui no bairro tem muitos imigrantes, tem o Mineiro, o Carioca que é muito dado, Bahiano...E como o bairro tem uma denominação de religião muito grande, a gente procura prestar esse serviço a todos de uma forma que não sobrecarregue de alguma forma a comunidade e que não tome partido de uma denominação tal----- ... Em 83 foi a grande invasão em Feu Rosa... Foi mais de 83... (Morador de Feu Rosa)

...nós chegamos aqui, num pau de arara, nós morávamos em Ipatinga, Minas Gerais, e mudamos pra cá foi em 1982, foi maio de 1982,...E muita dificuldade porque aqui não tinha nada, só mato,... Ônibus aqui era a maior dificuldade, era de quatro em quatro horas um, só tinha um ônibus, pra gente fazer compra tinha que ir na Vila Rubim em Vitória porque não tinha nadaE muita dificuldade, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada, a gente pegava água lá embaixo, era tudo uma dificuldade, a gente nem sabia que existia associação de moradores, ---- ... Acho que são essas famílias que vieram... , Minas Gerais, os que vieram... Agora os que moram aqui, tem gente de tudo quanto é lugar, tem gente de Nanuque, tem gente daqui mesmo que é do Espírito Santo, de Linhares e de outros lugares...[motivo da ocupação] trabalho, porque lá [Minas] o trabalho era muito pesado, porque trabalho numa carvoaria era muito pesado..., um trabalho mais leve e com carteira assinada, então eles ganhavam mais...(Morador de Nova Zelândia)

Então o conjunto ele ficou muito tempo sem um registro legal em cartório. Um registro total, porque o registro do loteamento foi feito. Não foram feitas, totalmente, as averbações das construções. Então, com isso, nós demandamos aí um esforço muito grande de vários prefeitos, né.(Repres. Cohab)

(...) é uma coisa natural, às vezes, um perfil de pessoas que vivem na marginalidade se aproveitam dessa desorganização, porque para eles, quanto mais desorganizado melhor. Então a gente teve uma época de alto índice de roubo, tráfico e ultimamente você até que não tem visto muita coisa não. Mas isso também com a melhoria do padrão das pessoas que começaram. Porque daquelas que começaram desde o início, houve aquelas que foram comprando direito.(Repres. Cohab)

*(...) quanto mais desorganizada a coisa for, fica difícil até da própria polícia fazer as intervenções que devem ser feitas.(Repres. Cohab)
Porque quando você quita o financiamento, nosso contrato é uma promessa de compra e venda, ele não tem força de escritura pública.(Repres. Cohab)*

O imóvel ficava ali e eles tiravam tudo, porta, janela, depenavam o imóvel. Telhado. Eu lembro que o pessoal queria comprar casa, iam lá, tudo depenado o imóvel. A Cohab não se comprometia de arrumar, entregava o imóvel daquele jeito. Ela arrumava o imóvel.(Repres. Cohab)

Até porque, por questão de direito, eles têm que receber do estado a escritura e aquilo foi pago pela prefeitura de lá, de Vitória, que assentou eles aqui.(Morador de Feu Rosa)

(...) já tinha uma certa quantidade de pessoas e as portas das casas eram tampadas com carpetes, pedaço de madeira. Tinha também muitas pessoas que roubavam as portas, roubavam as janelas. Eu cheguei na ocupação. A coisa não era bonita, não.(Morador de Feu Rosa)

Na época, era cada um pra si e Deus para todos. Cada um vivia no seu cantinho.(Morador de Feu Rosa)

3- Representação simbólica dos bairros

Ele veio passeando comigo, toda a casa, e ele viu casa chique por aí tudo, cheia de grade, porque antes de rebocar eles já põem a grade... Medo, pavor... Eu falei: Não filho, isso é costume do capixaba, mesmo. Mas agora não é só costume não, é porque a coisa elameou, só falam de São Paulo e olha aqui Vitória com todo mundo nas grades, né! (Morador de Alteroza)

Eu vinha aqui a passeio ver meu filho e agora eu moro aqui, eu vinha a passeio e não achava ele bom (ênfase), bom era logo assim, né, agora que eu tenho aqui [em referência a casa] aqui eu acho bom aqui, né! Porque aqui é tranqüilo, né! O bairro aqui é tranqüilo, é muito bom! (Morador de Nova Zelândia)

Não tinha essa violência que tem agora. (Morador de Nova Zelândia)

Sossegado, tranqüilo... Hoje apavorou mais a vontade, mas mesmo assim é muito bom, mas era mais sossegado, era um lugar tranqüilo mesmo... Quer dizer, uma vez lá em Feu Rosa eu fui roubado, me roubaram lá, mas foi um aparelho de televisão, 'tava' dormindo...(Morador de Nova Zelândia)

A Serra por ser uma cidade altamente voltada para as indústrias, ela cria essa expectativa de que ela tem condições de absorver e não é verdade. (Repres. Poder Público)

Eu moro numa casa em Manguinhos, meus filhos têm casa na porta, a empregada da minha casa vai lá e prepara o file mignon, peixe, e tal, e eu algum dia já pensei em ir na casa dela pra ver o que os filhos dela comem? Ver lá meu filhos... Todo mundo estudando bem, e eu já fui na casa dela ver se os filhos dela estão na escola? Ela vai tomar conta, é baba do meu filho, e com quem os filhos dela ficam?

Não, ela estuda no Feu Rosa, particular. Porque público mesmo só tem em Manguinhos, né! E Feu Rosa se tem algumas públicas, não tenho nem idéia.(Morador de Vila Nova de Colares)

(...) se a gente quiser [brincar] a gente vai 'em' Manguinhos, na quadra de Manguinhos, que é a mais próxima daqui... Porque em Feu Rosa também não pode ir, porque os meninos de lá não 'deixa' a gente brincar lá, não deixa. Porque lá já tem o grupo deles, mais de 20, 30 brincando (...) (Morador de Vila Nova de Colares)

As crianças ficam brincando na rua, usam da rua como se fosse uma quadra, faz uma quadra pra bater uma bolinha, jogar um vôlei, disputa o espaço com os carros. Enquanto que, observa outros bairros maiores, Laranjeiras, as praças estão sendo reformadas, uma praça do lado da outra, praticamente. A gente fica um pouco chateado com isso.(Repres. Policia)

Manguinhos, toda as vezes que eu passo em frente a praça de Manguinhos, não tem ninguém praticando esporte em Manguinhos. Eles sabem muito bem que muitos moradores ali, só vão pra li nos finais de semanas, se não der sol o cara não vai. As casas que ficam ali, são casas que não são habitadas, tem praça, tem... Eu acho que os recursos são mal administrados, pra que uma praça onde não tem pessoas brincando?(Repres. Policia)

Eu não tenho que reclamar dos meus vizinhos, mas a maioria são Baianos né, a maioria que você perguntando aqui é Baiano todo lado que você vai eles dizem: eu sou Baiano, eu vim da Bahia, eu vim da Bahia, a maioria que vem pra cá, a maioria do povo aqui né, são todos Baiano, bom, eu, esses dias perguntei a menina assim, fui perguntando mas a maioria vem pra cá devido a falta de emprego na Bahia. Então vem com intenção de vim pra cá para ficar e para trabalhar e acaba ficando mesmo, a maioria daqui de Vila Nova vem tudo da Bahia. (Morador de Vila Nova de Colares)

Fama ruim, porque é como eu te falei no início, aqui tem muita boca de fumo espalhada, infelizmente. Mas no início era bem pior, nossa sem comparação, e ainda existem muitas. E onde tem esse tipo de coisa né, às vezes acontece que a pessoa às vezes nem foi morta de dentro do bairro. Era de fora. O carro, às vezes, não foi roubado aqui. Ele foi roubado num bairro nobre e a pessoa traz pra dentro de Vila Nova, aí a fama fica em Vila Nova, mas eles não olham esse lado. As pessoas só querem descer a lenha no bairro, o bairro é que leva a fama. Esse é o aspecto ruim, a gente sofre muito preconceito. (Morador de Vila Nova de Colares)

Por você não ser conhecido, você fica assim com qualquer pessoa que se aproxima de você, se ficar!! Se não conhece o cara, você tem aquela idéia que o bairro é violento igual aqui, então qualquer um que chega perto de você fala que é bandido pô, a partir daí eu falo, se mora em Feu Rosa tá doido eu não vou naquele lugar de jeito nenhum e eu falo a mesma coisa do bairro dele, lógico que eu não vou falar isso com ele, eu vou falar do bairro de alguém. (Morador de Feu Rosa)

Então aqui só ficam os desempregados, aqueles que ficam no botequinho e as crianças. Então esse bairro aqui, é um bairro de operário. (Morador de Feu Rosa)

Vila Nova no entornode Feu Rosa.é a área mais conturbada, porque é aonde os delinquentes moram. Infelizmente quanto mais pobre o bairro, aonde tem mais dificuldades de acesso, é onde o risco é maior. (Morador de Vila Nova de Colares)

O lado de Feu Rosa está tudo bonitinho, tudo asfaltadinho, esta um brinco! Aqui, o foco de vagabundos... Porque eles ficam tudo aqui... De vez em quando você olha tem gente com arma na mão aqui, debaixo da casa aqui, ali... Mata um ali... Entendeu? Então isso daí influi, porque se eles viessem aqui e fizessem isso daí, rua, botasse lâmpada... Agora, no meio do mato não, entendeu? Eles tinham que asfaltar e colocar lâmpada, colocar postes, que aí diminuía...” Olha, o pessoal de Feu Rosa não aceitavam os alunos de Vila Nova de Colares... não tem muito tempo que o posto de saúde eles não aceitavam...(Morador de Feu Rosa)

Olha, o pessoal de Feu Rosa não aceitavam os alunos de Vila Nova de Colares...Poxa, não tem muito tempo que o posto de saúde eles não aceitavam. (Morador de Nova Zelândia)

Chegou uma época lá em que a gente chegou a ter sessenta e três candidatos a vereador. Só em Feu Rosa. Entendeu? Então, quer dizer, havia ali... não havia uma integração. Porque aqui eu sou líder da primeira etapa ou da segunda ou da terceira, entendeu? Então quer dizer, eram interesses assim muito concentrados, que prejudica o interesse geral. Cada um vinha pedindo uma coisa e todo mundo queria a mesma coisa.(Repres. Cohab)

O lado negativo para mim foram as invasões. A omissão do poder público, de deixar invadir a área, que era considerada a área verde.(Repres. Cohab)

4- A imagem midiática construída dos bairros

Agora eu estou um pouco triste porque quando fui presidente da comunidade, nós tivemos um trabalho junto com a imprensa, com a mídia, porque aqui é assim, né: se mata alguém lá em Laranjeiras, eles dizem que mataram, mora aqui em Feu Rosa e vice-versa, em Jacaraípe eles falam isso. Então quando eu fui presidente da comunidade, nós fizemos um acerto com a mídia para que isso não acontecesse. Então onde acontecessem os casos piores, né! Os casos de morte, que eles divulgassem certo e assim foi.(Morador de Feu Rosa)

A mídia além de externar o clamor público, isso talvez eu nem deveria estar dizendo, mas vocês sabem, que além de externar o clamor público ela direciona o clamor, porque na nossa realidade não são raras as oportunidades porque os jornalistas nos ligam “Ah, o que é que você tem pra gente hoje?”, eu digo “Não, não tenho nada, graças a Deus na Serra não teve nada...”, “Mas poxa! Eu tenho que colocar alguma coisa no jornal”, então essa situação...(Repres. Polícia)

E com a liberdade de comunicação, com a liberdade da imprensa, da televisão, você trás muitas coisas para os jovens, de curiosidade... E você também assim... Você vê assim, uma coisa negativa que acontece no estado, ele serve de modelo para o outro estado. Então você vê o comando do crime fechando um bairro, aí daqui a pouco quer se importar aquilo. (Repres. Poder Público)

Mas como eles vão saber disso, sendo que eles não vêm aqui? É por jornal, pela televisão, pelo menos... Principalmente pelo Tribuna Notícias que faz questão de passar tudo, aí tem muita coisa, tudo que acontece vem aqui e passa na TV, passa nos jornais e as pessoas levam para fora, é isso...(Morador de Vila Nova de Colares)

Hoje ainda saem muitas reportagens sobre Vila Nova, mas antigamente era bem pior, quando você ligava a tela da televisão, ela sangrava. E Vila Nova sempre era o primeiro bairro que se destacava nessas reportagens, se eu não me engano era Vila Nova e Nova Rosa da Penha em Cariacica, eram os que mais se destacavam em violência".(Morador de Vila Nova de Colares)

Olha, na minha opinião, a população sem a mídia sofreria problemas sérios. Porque a gente vê que a mídia fala a verdade, ela não abafa os casos, mesmo que às vezes ela exagere um pouco. Aquilo que o povo não tem a coragem de falar, de botar a boca no trombone, a mídia mostra pro público e até pro mundo, porque a mídia anda o mundo todo. Então eu acho que a mídia tem um papel importante na vida do cidadão. Porque ela praticamente está nos ajudando a alcançar os nossos interesses e os nossos objetivos. Nos ajuda a resolver determinado problema, com a justiça em termos de prefeitura, de ESCELSA, de CESAN. De maneira geral, se a mídia não interferisse ficaria impossível resolver o problema. Na minha opinião né.(Morador de Vila Nova de Colares)

Dizem aí “ah, mas o Feu Rosa é um bairro violento”, não, em todo lugar tem violência, Ilha do Boi tem violência, Ilha do Frade tem violência, Jardim Camburi, Jardim da Penha, Praia do Canto tem violência, só que não divulgam lá, não divulgam, não sei por que, mas não divulga. Na Serra eles dizem que é o bairro mais violento, mas eu discordo, eu discordo porque eu moro aqui já há 21 anos, e como eu já falei anteriormente e se você for olhar lá, é pior do que aqui, só que não divulgam. (Morador de Feu Rosa)

Eles (jornais) falam que a Serra é o bairro que tem mais violência, mas eu já falei anteriormente, mas a estatística é o seguinte, ela mente, porque todo o setor que você vai aí tem violência, mas a Serra eles põe em primeiro plano “ah, a Serra é o bairro mais violento”, mas não é assim, é porque lá não divulgam. Aqui como eu disse anteriormente, as coisas acontecem é na Serra, é no feu Rosa, é Vila nova de colares, quer dizer, então fica difícil, mas a Serra é um bairro tranqüilo, eu moro aqui há 21 anos, não é como eles dizem: “Feu Rosa mata todo dia”, não, não é assim não, eu até acho que é um cunho político isso aí, briga política, o bairro violento, município violento, as autoridades não tomam providencia não? Então fica aquela imagem assim... Só a Serra que tem esse índice de seqüestro, homicídio, estupro, e porque os outros não? É porque os outros não divulgam... Ó, Ilha do boi mata, tudo acontece de ruim lá dentro, mas você não vê, é muito difícil dos jornais, da imprensa falar, agora Feu Rosa, Serra de um modo geral... Por exemplo, goiabeiras, eu tenho parente que mora em goiabeiras, minha cunhada... Acontece muitas coisas, acontece muitas coisas, mas é muito difícil você ver... (Morador de Feu Rosa)

Essa imagem do Feu Rosa é porque quando acontecem às coisas fora, aí a imprensa publica que é o Feu Rosa, aí você mora no bairro, você é um cidadão igualmente aos outros, você paga seus impostos, você paga seu IPTU, você paga seus impostos em dia, aí você chega num setor financeiro, seja qual for, aí mostra os documentos aí o cara olha “ah você mora em Feu Rosa”, dá impressão que é uma discriminação até, o cara não fala nada, mas você sente, o cara sente aquele impactozinho e você nota, eu noto, eu já notei isso aí, o cara não fala não... Mas então, porque o Feu Rosa? O Feu Rosa não é aquela imagem, então eles deveriam publicar outra imagem, elogiar o bairro,

dizer que o bairro esta evoluindo, que o bairro é rodeado de praias boas, o bairro é um bairro que tem varias indústrias ao redor dele... Quer dizer... Quando são coisas ruins, é o Feu Rosa, é o município da Serra...(Morador de Feu Rosa)

Uma foi a depredação de ônibus, eu lembro que os ônibus, logo que viemos pra cá, eu digo os ex-moradores de Tabuazeiro, aí a imprensa começou a divulgar, e aí Feu Rosa se tornou conhecido, se dizia assim: “os flagelados de Tabuazeiro estão em Feu Rosa”, “Os flagelados de Tabuazeiro estão no bairro de Feu Rosa”....., o cidadão lá na televisão fala assim, o presidente, o político: “ah que lá no bairro assim, é muito violento e tal e tal”, mas eles dificultam..A Gazeta veio aqui, fez um monte de matéria aqui e bla bla bla, aí de tanto eles questionarem sobre isso daqui eles falaram que iam fazer um asfalto subindo de lá. Até hoje rapaz, nem isso eles fizeram! (Morador de Feu Rosa)

Dizem aí “ah, mas o Feu Rosa é um bairro violento”, não, em todo lugar tem violência, Ilha do Boi tem violência, Ilha do Frade tem violência, Jardim Camburi, Jardim da Penha, Praia do Canto tem violência, só que não divulgam lá, não divulgam, não sei por que, mas não divulga. Na Serra eles dizem que é o bairro mais violento, mas eu discordo, eu discordo porque eu moro aqui já há 21 anos, e como eu já falei anteriormente e se você for olhar lá, é pior do que aqui, só que não divulgam. (Morador de Feu Rosa)

Eles (mídia) falam que a Serra é o bairro que tem mais violência, mas eu já falei anteriormente, mas a estatística é o seguinte, ela mente, porque todo o setor que você vai aí tem violência, mas a Serra eles põe em primeiro plano “ah, a Serra é o bairro mais violento”, mas não é assim, é porque lá não divulgam. Aqui como eu disse anteriormente, as coisas acontecem é na Serra, é no feu Rosa, é Vila nova de colares, quer dizer, então fica difícil, mas a Serra é um bairro tranqüilo, eu moro aqui há 21 anos, não é como eles dizem: “Feu Rosa mata todo dia”, não, não é assim não, eu até acho que é um cunho político isso aí, briga política, o bairro violento, município violento, as autoridades não tomam providencia não? Então fica aquela imagem assim... Só a Serra que tem esse índice de seqüestro, homicídio, estupro, e porque os outros não? É porque os outros não divulgam... Ó, Ilha do boi mata, tudo acontece de ruim lá dentro, mas você não vê, é muito difícil dos jornais, da imprensa falar, agora Feu Rosa, Serra de um modo geral... Por exemplo, goiabeiras, eu tenho parente que mora em goiabeiras, minha cunhada... Acontece muitas coisas, acontece muitas coisas, mas é muito difícil você ver... (Morador de Feu Rosa)

Essa imagem do Feu Rosa é porque quando acontecem às coisas fora, aí a imprensa publica que é o Feu Rosa, aí você mora no bairro, você é um cidadão igualmente aos outros, você paga seus impostos, você paga seu IPTU, você paga seus impostos em dia, aí você chega num setor financeiro, seja qual for, aí mostra os documentos aí o cara olha “ah você mora em Feu Rosa”, dá impressão que é uma discriminação até, o cara não fala nada, mas você sente, o cara sente aquele impactozinho e você nota, eu noto, eu já notei isso aí, o cara não fala não... Mas então, porque o Feu Rosa? O Feu Rosa não é aquela imagem, então eles deveriam publicar outra imagem, elogiar o bairro, dizer que o bairro esta evoluindo, que o bairro é rodeado de praias boas, o bairro é um bairro que tem varias indústrias ao redor dele... Quer dizer... Quando são coisas ruins, é o Feu Rosa, é o município da Serra. (Morador de Feu Rosa)

Infelizmente tem vez quem queima e algumas pessoas que faz coisa errada e acaba queimando o bairro como outros bairros vizinhos que acontece como Vitória, Jacaraípe. Tem muita coisa que acontece em Jacaraípe, é Feu Rosa. Aí acaba queimando o bairro.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

É porque as estatísticas mostram os bairros, você pega o jornal ta lá, os bairros mais violentos da Serra, aí Feu Rosa ta no meio, então... você sabe a nível geral, o que a mídia mostra, mas de fatos assim isolados, a...[mídia sensacionaliza] São fatos e fatos, se você sensacionalizar muito, você espanta os turistas. Se você abafar muito o caso, uma hora eles vão explodir, então eu acho que a mídia fica em uma situação delicada perante a isso.(Morador de Feu Rosa)

(...) quando é notícia boa ou é Laranjeiras ou é Jacaraípe, quando as coisas são as notícias ruins, especialmente envolvendo a criminalidade, é Feu Rosa.(Morador de Feu Rosa)

Não era uma comunidade, mas era uma ocupação. Eu entendia como uma ocupação. Apesar de muita gente pagar o aluguel, mas teve muita gente que invadiu. Era mais ou menos uma coisa de uma ocupação meio que desordenada, acho que o bairro não foi nem entregue pela prefeitura.(Morador de Feu Rosa)

Cheguei lá, encontrei um invasor dentro da casa, o dono da casa nem morava aqui, já estavam invadindo praticamente dentro da casa dele. Aí, ele me negociou a casa e eu tive que negociar com a família a saída.(Morador de Feu Rosa)

5- Desigualdades e Violência

Duas coisas que mais interessavam a comunidade era o asfaltamento da comunidade, porque o saneamento foi muito fácil da gente ter conseguido com investimento estadual, não houve nenhum investimento municipal e a escola, acho que são os dois temas que causaram muitas controvérsias.(Morador de Alteroza)

Por exemplo, nós temos em alguns bairros, aqueles bairros mais violentos da Serra, nós trabalhamos com essa questão do desmapeamento geral da questão da violência e da pobreza, se bem que violência não tem uma ligação direta só com a pobreza, mas como é uma secretaria que trata da pobreza então vamos colocar essa questão aí, e aí nessas áreas nós temos alguns trabalhos que a gente chama de jornadas ampliadas, essas jornadas fazem parte do trabalho sócio educativo que a gente chama, dentro desse sistema que é o trabalho com a família.(Repres.Poder Público)

Temos nossa filha lá, uma menina de 14, 15, 16 anos que quer uma roupinha de marca, que ter outra coisa. Se você não tem condições de dar e a coleguinha faz a cabeça. Daqui a pouco ela esta se prostituindo voluntariamente. Você vê isso aí normalmente.(Repres.Poder Público)

Porque a questão da droga, você tem que avaliar ela por dois lados. Quando você tem um poder aquisitivo e você acha que deve usar a droga. Ela não faz mal a sociedade. Faz mal a você. Porque você não assalta, você não estupra, você não vende os seus bens de dentro de casa. Né? Para você comprar a droga. Você pode ter a droga. Então

...se estiver fazendo mal, esta fazendo mal a você mesmo. Quando ela vem para a periferia, que o jovem, o cidadão não tem condições de manter. O que ele faz? Ele vende os bens de dentro de casa. Ele assalta a primeira casa. Ele assalta o primeiro lugar. Daqui a pouco ele se torna uma pessoa incontrolável e perdeu aquela cidadania dele.(Repres.Poder Público)

Não sei se você lembra aqui na subida do Sacré Couer, quatro meninos de classe média espancaram... O que é que o juiz fez? Primeiro que ele perguntou lá mesmo na FEBEM pra eles, ele falou "Oh, se vocês não aceitarem nossa alternativa é pra cá que eu vou te mandar", só que aquele pobre ali que mora em Vila Nova de Colares ele não tem essa oportunidade, ele é jogado lá, tanto que o percentual de negros é muito grande, de pobres... e o índice de recuperação é alguma coisa próximo a zero.(Repres.Poder Público)

Você está ali dentro, junto com as pessoas assim, aí você acaba se envolvendo naquilo ali, naquela coisa ali sim, aí um tem uma arma assim, aí, tipo assim, a gente já quer ter a mesma arma que ele tem é... Tem uma namorada bonita, ah! Eu também quero ter uma dessa aí, eu posso ter uma dessa aí e a gente via que só naquilo, só no crime que a gente pode conseguir, nunca pensava em outra coisa, nunca conseguia sair e... Só em baile funk a gente podia ter aquilo ali, só com roupa de marca que a gente pode ter aquilo ali assim. (Morador de Vila Nova de Colares)

Não é por aí, tá dentro de casa, tem que mostrar o que é certo ou errado. Mas se você não tem respeito no emprego, você é um pai de família, mas é mal remunerado no seu emprego, não te tratam com dignidade, que dignidade você vai dar a seu filho? Não é verdade? Quer dizer, é um ciclo, é um ciclo isso aí, a questão da criminalidade e da violência é uma coisa muito complexa, pode aumentar o efetivo da policia e dobrar, ou pagar melhores salários aos policiais, vai resolver não, se não olhar pra esse lado da família...(Repres. Policia)

É você dar o remédio na dose certa. Né? Porque no meio disso tudo, no meio dessa criminalidade, há uma população infinitamente maior, de pessoas honradas e de pessoas honestas, que querem viver em paz. Mas no meio dessas pessoas, como em qualquer lugar, há pessoas voltadas para ações criminosas. É preciso saber agir para que não prejudique a população mais pobre, jogando todo mundo na mesma vala, no mesmo saco, porque não é. (Repres. Policia)

(...) onde as pessoas têm condições básicas de vida suficientes. E aí você vai ter as pessoas que transgridem as regras, é o mínimo de pessoas possível. Porque a polícia, na realidade, ela existe para a exceção à regra. Um filtro social. Uma exceção à regra. Né? E agora quando... Quando muita gente faz parte dessa regra, a gente tem que saber que esse é um sinal que alguma coisa no lado social precisa ser corrigido.(Repres. Policia)

O que mais fala sobre Vila Nova é sobre violência, não tem jeito, aí é mais a violência mesmo. É igual eu te falei, o foco ainda é a violência, eu acho que precisa de muito policiamento, o bairro ainda é violento. Mas é igual eu te falei, é tudo devido ao tráfico de drogas. Quem não mexe com droga, não tem problemas com a violência em Vila Nova; mas se você mexe pode ter a certeza que o bairro é violento. A pessoa que mexe com droga não tem jeito, você ouve que fulano morreu com dez tiros, mas ele tinha

envolvimento com droga. Aí lá na frente você ouve que morreu um outro beltrano com doze tiros, certamente ele tinha envolvimento com drogas.(Morador de Vila Nova de Colares)

Tipo assim, as pessoa ligam querendo alugar o material, e eu vou agendando tudo. Quando elas perguntam onde eu moro, pra elas poderem vir aqui buscar, e eu falo que é em Vila Nova de Colares na Serra, aí elas desistem. Desistem depois de ter agendado, falam que vão ver se encontram um lugar mais perto da casa delas. Às vezes a gente está em um lugar conversando um diálogo maravilhoso com alguém, aí quando ele pergunta onde a gente mora e a gente fala que é em Vila Nova de Colares, aí pronto. Aí já muda tudo na hora. É chato, mas eu falei com o meu marido que nós não vamos mentir que moramos em outro lugar. Temos que mostrar pra eles que em Vila Nova tem pessoas honestas, que nós somos humildes, mas somos decentes. Nós não vamos mudar, porque se as pessoas honestas forem mudando por causa da fama do bairro, aí é que o bairro não vai mudar mesmo, porque só vai ficar aqueles né. Vamos persistindo, eu acho que vale a pena.(Morador de Vila Nova de Colares)

Eu não vou dizer que não tenha violência além do que necessita, mas (pausa) não é assim tão violento que você tem que ter cuidado com a pessoa que mora em Feu Rosa, aí é demais, aí eles acham que esse cara que mora lá em Feu Rosa deve conhecer os caras, deve ter tudo, mas eu tenho meus filhos para cuidar, pra zelar, pra educar. (Morador de Feu Rosa)

Um filho na particular é uma coisa, só que dois é completamente diferente, foi por isso que eu coloquei o mais novo no público e agora, logicamente, eu peguei a mais velha e coloquei no público também, eu não gosto de um com vantagem e o outro com desvantagem, é desvantagem o colégio público, infelizmente é, pra quem já tem uma experiência de colégio público e particular vê que a diferença é grande, mas o governo tá aí pra nos dar o que é necessário se a gente não tiver condição de por no particular, vão para o público mesmo. (Morador de Alteroza)

Então o menor às vezes faz uma coisa pior do que você, pior de que a mim, então ele tinha que ser punido, exemplarmente, igualmente aos outros, então porque é que eles fazem isso? Porque às vezes o pai é um irresponsável também, a mãe irresponsável e o governo não dá um suporte, então muda-se as leis, o cara fez então ele vai pagar pelo que ele fez, porque lá fora, nesses países desenvolvidos as coisas são diferentes. (Morador de Feu Rosa)

O que é que gera essa violência? É o laço social. O cidadão ele tá desempregado, eu falo pra minha esposa, às vezes ela não gosta, que ela trabalhou na justiça trinta anos e eu trabalhei no bombeiro, mas o que é que gera violência? É o cidadão desempregado, doente, não tem educação, não tem transporte, às vezes ele não acredita muito em Deus, ele tem a cabeça meio fraca, aí ele faz bobagens, se ele não for muito concentrado em Deus ele vai roubar, ele vê você chegar aí, então ele vai assaltar. Então se o governo olhasse para o lado social, desse emprego, desse moradia, as condições de trabalho pras pessoas, o governo fala uma coisa na campanha, chega, assume o poder e pronto, na prática não funciona, não funciona de jeito nenhum. (Morador de Feu Rosa)

Então os governantes o que é que tem fazer pra isso aí não acontecer? É investir no lado social, na segurança pública, pagar melhor o policial de um modo geral, o trabalhador, dar no salário dele, o salário mínimo dele, pra evitar isso aí, porque o nosso Brasil ele é bom, ele é rico em tudo, você vê que nós temos país aí que em dimensão geográfica é menor que o estado de São Paulo, nós temos aí o Japão, a China, acha que porque aquilo lá deste tamanhinho, e nós somos gigantes e estamos nessa situação? Alguma coisa está acontecendo de errado aí, ou a incompetência dos nossos governantes... Não sei...(Morador de Feu Rosa)

Eu gostaria, finalizando, eu gostaria o seguinte, que os políticos de um modo geral, governador Paulo Hartung, os prefeitos da Grande Vitória, Serra, Vitória, os políticos, os deputados, que revessem as leis, pra que no futuro melhore a nossa segurança, e assim todo mundo, todos nós vamos ganhar, porque tanto o judiciário vai ganhar como o executivo, o legislativo, tudo vai ganhar, mas que mude as leis, que crie mais empregos, que a educação melhore, a segurança melhore, a saúde, que dê um salário digno ao trabalhador seja ele qual for, da construção civil, policial militar, policial civil, o professor, o médico, enfermeiro. (Morador de Feu Rosa)

Porque tem que começar a entender de quem está preso pra fora e não ver o preso como uma renda, porque os políticos vêem cada um preso como uma renda, começar de dentro pra fora. E se ele chegou a preso lá ele saiu de uma comunidade, uma comunidade de baixa renda, ele teve vários empecilhos na hora de arrumar um emprego e teve que partir pra fazer um crime e foi preso. Ele preso ele foi maltratado, foi espancado, foi tudo lá. Aquilo que ele teve lá dentro repercute cá fora, eles estão batendo lá, está sentindo cá fora, quem está sentindo cá é o pai, o filho, mãe, ele está tomando porrada lá dentro, não é ele que está tomando porrada, é o pai, é a mãe, é o filho... (Morador de Nova Zelândia)

Um outro fator que contribui muito é o descaso do estado, prefeitura... Até destaque de uma maneira geral, com relação à própria população, não é? Uma falta de estrutura famílias, não existe um trabalho social em cima daquela comunidade, a Serra, por exemplo, houve um fator desordenado de solo. (Repres. Policia)

Olha só, um dos problemas maiores que se vê nisso é a falta de estrutura familiar, as pessoas, os casais, infelizmente, que você vê nessa classe mais pobre, isso não é privilégio só deles não, na classe média alta aqui eu tenho um monte de problemas aqui, mas o número é bem mais reduzido, mas nessa classe pobre principalmente, você pega uma mãe com cinco ou seis filhos, todos eles são filhos de pais diferentes. Eu faço muito trabalho durante a noite, as vezes vou pra forró, pra fechar esse forró, pra tirar essa meninada do gueto, chega ali você encontra que dois, três adolescentes, são filhos da mesma mãe e pais diferentes, você pega esses meninos de doze, treze, quatorze anos e você vai atrás dos pais pra entregar a mãe ainda fica contra você, porque ela acha que o filho tem direito de se divertir, porque ela quer colocar os filhos pra rua exatamente pra que ela possa sair com seus parceiros, então essa falta de estrutura familiar está sendo terrível. (Repres. Policia)

(Infância)Porque a gente queria um brinquedo e minha mãe não tinha condições de dá.. Nem meu pai, nem minha mãe... Queria ir num parquinho... Não tinha condições... Uma coisa que a gente queria, um biscoito mais caro, a gente não tinha condições. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Chegou uma época lá em que a gente chegou a ter sessenta e três candidatos a vereador. Só em Feu Rosa. Entendeu? Então, quer dizer, havia ali... não havia uma integração. Porque aqui eu sou líder da primeira etapa ou da segunda ou da terceira, entendeu? Então quer dizer, eram interesses assim muito concentrados, que prejudica o interesse geral. Cada um vinha pedindo uma coisa e todo mundo queria a mesma coisa.(Repres. Cohab)

5.1- Especulação Imobiliária

Isso em 99, e lotes vazios eram baratinhos, menina, baratinhos, Deus me livre sair daquela capital para entrar num mato desses. Laranjeiras, o que tem imobiliária... Como chama? Ele andando comigo em Laranjeiras, porque o meu genro queria que a gente comprasse uma casa ali. Tinha casa de 55 mil reais, dois andares e uma atrás (meia-água), eu jamais perdia esta de lá por isso aqui, Laranjeiras era terrível! Não tinha nada ali (...) Barátíssimo... E eu dizia como que a gente vai perde! Sai de São Paulo para vir para esta Laranjeiras... E olha agora, Laranjeiras está igual ao meu bairro lá em São Paulo.(Morador de Alteroza)

Ai agora tem um monte, quando eu mudei era pingadinho, tinha uns mais antigos que moravam aqui no tempo que era mato ainda, meu genro veio também da era matagal, e, agora cada vez que a gente pára um pouquinho, assim... Um mês dentro de casa, já tem mais uma casa, mais um morador – nossa, que rápido! – Casas para alugar: sai de manhã e já tem outro, você acredita?(Morador de Alteroza)

Era aos poucos, chegava um bocado de gente, de ‘repentemente’ ia um bocado embora, justamente pela falta de estrutura na época, né! Só vinha gente de Laranjeiras, vinha de Carapina e vinha de Vitória acostumados com escola perto de casa, na época, e supermercado todo, aí chegava aqui e não encontrava se desesperava e voltava para os seus lugares...(Morador de Feu Rosa)

Há muitas ocorrências? Há. Mas Laranjeiras, que é um bairro melhor economicamente, contra o patrimônio eles tem muito mais ocorrências do que aqui. Então a minha percepção do bairro seria essa, do bairro Feu Rosa e Vila Nova de Colares, a diferença deles pra um bairro como Laranjeiras é que eles são bem grandes, bem amplos, a população flutuante deles é bem menor e eles tem um padrão econômico mais baixo.(Repres. Policia)

(...) você tem aquela região ali da MORAR (Laranjeiras) com prédios ali que já está trezentos mil reais um apartamento ali... condomínios fechados também...tem um ali perto do Yahoo numa área enorme que não tem nenhuma casa mais, já estão todas vendidas, que vai começar com cento e sessenta mil reais um terreno, ali do lado do Yahoo... E essa classe média e média alta vão formar um novo tipo de configuração política aqui, mas por enquanto ainda é a Serra dos excluídos, diferente de Vitória. (Repres. Poder Público)

(...) daqui a pouco a Serra não é mais lugar de pobre... (Repres. Poder Público)

(...) a gente até coloca no popular que a Serra de 97 pra cá ainda é um bom lugar pro pobre viver. (Repres. Poder Público)

A gente resolveu alugar uma casa aqui em Vila Nova (...) O único lugar assim onde cabia no bolso da gente era Vila Nova então quer dizer... Então foi por isso que a gente decidiu vim pra cá porque aluguel naquela época aqui era bem mais barato, então quer dizer foi por isso que a gente decidiu vim para Vila Nova, mais porque condições financeiras né, não tinha como a gente procurar um bairro melhor. (Morador de Vila Nova de Colares)

Agente morava no bairro Jardim Carapina, na época, e por causa da economia que a gente tinha não dava para comprar uma casa ou um terreno naquele local, onde a gente morava né, aí através de informação de amigos, a gente veio aqui no bairro, em Vila Nova, andamos bastante e encontramos este terreno o qual cabia dentro do orçamento da gente, foi então que nós compramos, construímos e viemos morar aqui. (Morador de Vila Nova de Colares)

Os terrenos da localidade da casa foram vendidos pela imobiliária, já as casa ao lado do jardim da paz foram financiadas pela Caixa Econômica Federal, as casas de parque das alterosas foram vendidas pela Macafé, ainda existe a ocupação dos terrenos da área verde que houver duas tentativas de ocupação, mas foram retirados pela policia, hoje algumas casas construídas pela macafé que estão vazias foram ocupadas por moradores de Vila Nova e Feu Rosa".(Morador de Alterosa)

Era a facilidade na época de você comprar uma casa, o preço da casa e a forma de pagamento assim, era o lugar mais fácil que tinha, era o Feu Rosa (risos), na época ele não era essa loucura que é hoje né, até chegar essa... Tem a história do Morro do Macaco lá, que vieram um monte de família para cá, aí virou uma confusão danada, veio toda sorte de gente que antes não tinha, isso aqui era mais tranquilo, mas era muita gente do interior que veio para cá, muito gente de Minas, pela facilidade de se comprar uma casa e coisa e tal, é um lugar legal, bem situado e bem localizado. (Morador de Feu Rosa)

O bairro está completamente habitado e na grande maioria dos lotes mora mais de uma família, em alguns lugares construíram prédios, noutros lugares construíram nos fundos, então nós temos mais de uma família e aí a gente tem aí um certo distanciamento porque na realidade Feu Rosa e Vila Nova estão tão próximos um do outro que na verdade, nas adjacências, parece mais uma cidade disfarçada de bairro. (Morador de Feu Rosa)

6- A violência como forma de socialização

Eu não me conformo com isso, e lá [São Paulo] que é a fama, e, Vitória está em segundo lugar na criminalidade... Isso entristece, entristece a gente. Quanto constrói uma casa aqui, já é com grade, como se tivesse uma grade de animal, né! Tudo cheio de grade, grade na porta. Se Deus me livre der uma emergência quando eu tinha crise [de asma] eu não podia nem trancar, porque como eu vou abrir em crise, se eu não

enxergo e nem converso, né? E a gente preso dentro de casa querida, isso me apavora ainda, viu! (Morador de Alterosa)

E como eu ainda tenho esperança que isso aqui não seja só o bairro de Feu Rosa e sim a cidade de Feu Rosa, porque na realidade o bairro aqui ele é complicado, né! Quando eu fui presidente da comunidade, eu tive duas pessoas, que são briga política, eu já estive com duas armas no ouvido, um dizia assim para mim: Não olhe, você é bairro Feu Rosa ou bairro das Flores? Eu disse assim: Olha você está enganado, o registro do bairro é Bairro das Flores, Conjunto Habitacional Pedro Feu Rosa e esse é o nome do bairro; você pode procurar no cartório da Etelvina que este é o nome do bairro. Então... Só que ficou assim... A briga política, o Feu Rosa é que deixa as pessoas muitas vezes... E até morador daqui mesmo tem esta discriminação contra esta comunidade.

Porque, nós tinha (sic) aquela área ali, que hoje é o CAIC, essas indústrias, era uma área fechada, então o pessoal fazia muito de cova rasa, cemitério clandestino, né! Porque matavam as pessoas em uns lugares e enterravam ali e aí começou vim... O bairro foi tomando uma proporção quando o governo abriu, que era só as pessoas vim e ocupar as casas e ir lá e fazer o registro, né! Para eles passarem, então estava vindo gente de todos... De todo tipo... De todo, né!... Então nós ficamos com essa imagem desse bairro, né! (Morador de Feu Rosa)

Só que nele abrir esta doação, veio muita gente ocupando Vila Nova de Colares, na qual eu fiquei junto com a mulher dele lá ajudando dois dias e no terceiro dia a fila aumentou muito, eu vim em casa para fazer um café quando eu voltei o pessoal não deixaram (sic) eu entrar mais porque não me conhecia (sic) então pensaram também que eu queria pegar terra lá dentro, né! E tive que voltar com meu café e esperar para no outro dia já levar tudo de manhã. E foi doado Vila Nova e foi aonde cresceu, né! Depois da gestão do prefeito Motta, já era outro presidente de comunidade, né! Começou o pessoal a pegar a Área Verde e foi aonde [é] hoje... (Morador de Feu Rosa)

(...) então essas crianças que já estão com problemas na escola, são aquelas que o professor, o diretor diz assim: “Eu não agüento mais esse menino”, então é esse menino que mais precisa, vamos dizer assim, da atenção, da escola, é aquele que as vezes se a gente não der um reforço, uma atenção, ele é excluído até da escola. (Repres. Poder Público)

A professora tem medo. Porque qualquer coisa que você faça pode ser interpretado (sic) pelos seus familiares como uma ofensa, como uma infração ao direito. E o que nós temos de professor aqui indo para a delegacia DPCA, negócio de doido. Então tem amedrontado.... (Repres. Poder Público)

Então você não é contra o funk. Você precisa de preparar esse frequentador dessa música para que ele entenda que aquilo ali não é uma arena para ele resolver o problema dele. Não devia ser nenhum... muito menos lá. Aí você não pode querer dizer que você está discriminando o jovem porque ele é pobre não. Você tem que prepará-lo para ele ter uma cultura de boa convivência com a sociedade. (Repres. Poder Público)

Uma parte destes jovens estão (sic) na periferia, eles são coagidos. Eles trabalham para esse pessoal. E aí as rivalidades da boca tal com a boca tal da quadrilha tal é essa

coisa... Não é a música que nos preocupa. Não é a cultura da música que nos preocupa. O que nos preocupa é o uso indevido destes jovens que não está preparado para estar convivendo com isso. (Repres.Poder Público)

Aqui a gente fala que o diabo fez um quarto íntimo para ele aqui em Vila Nova, porque não tem como assim, todo mês aqui 'morre' três, quatro e quando não 'morre' quatro assim, você pode ter certeza que no outro mês vai vir morrer seis jovens assim.(Morador de Vila Nova de Colares)

(...) por exemplo, a criminalidade, você não deve nada, você não usa drogas, você não compra, você é um cidadão comum assim que trabalha e tal... Poxa! Você não vai ser atingido, só se for um engano, alguma coisa, mas ninguém vai fazer nada com você, porque você não deve nada a ninguém.(Morador de Vila Nova de Colares)

A questão do bailes funk, se acabarem com baile funk, vai acabar com a violência dos 'funkeiros' aquelas brigas entre eles, mas momentaneamente, mas pode ser também que eles se tornem vândalos. Vai ter que soltar a energia dele, ele ta ali, ele ta soltando a energia dele; se acabar o baile funk, ele vai ter que extravazar de outra forma.(Repres. Policia)

Fugas é às vezes as pessoas roubam carros de outro lugar. Então, como aqui é um lugar mais deserto, então, já aconteceram de abandonar carros aqui. Então, ali no morro mesmo, vive acontecendo abandono de carros. Então a polícia às vezes não dá tempo, porque aqui à noite, é muito escuro.Então, num certo ponto, a polícia não tem como ficar correndo atrás de bandido aqui, porque como você vai entrar no meio do mato? É meio difícil, né? (Morador de Nova Zelândia)

Agora tá um pouquinho melhor em vista do que era, tinha muita violência, na semana mesmo que mudei pra cá eu me assustei por que eu vim de um lugar que era mais calmo, pacato e quando eu cheguei aqui eu me assustei por que tinha matado três naquela semana que eu vim pra cá...(Morador de Vila Nova de Colares)

Era meio individual, durante a semana a gente estava trabalhando fora, aos sábados, aos domingos e feriados aproveitava para construir, então praticamente ninguém tinha tempo para ajudar ninguém, era cada um por si, e Deus por todos, assim, não tinha condição de ajudar em mão de obra, agora assim em termos de apoiar, incentivar, vamos que vai dar certo é assim mesmo no início é assim, isso a gente tinha apoio um do outro, um vizinho incentivando o outro, né".(Morador de Vila Nova de Colares)

É fraco o interesse dos moradores em participarem na associação e de estarem lutando pelas dificuldades do bairro. (Morador de Alterosa)

Era um negócio meio de fazenda né, você bate na porta do outro e cumprimenta, fala com todo mundo, e aí depois foi ficando meio tenso, o pessoal saqueava as casas e pegavam portas, pegavam janelas, pegavam sanitário... Eles pegavam tudo e depenavam a casa, telha, então você comprava uma casa, você tinha que entrar dentro rapidinho porque senão você ia passar raiva. (Morador de Feu Rosa)

Eu passei muitas noites em claro, muito medo, o bairro tava carente de tudo, insegurança total, tinha que ter muita coragem, a minha família ficou muito assustada,

de me ver morando aqui sozinha apesar de ter 30 anos de idade, eu assustei muito quem ia lá pra ver, a minha felicidade era tanta que eu comuniquei a todo mundo que eu tinha conseguindo a minha casa própria, a minha família ficou muito assustada.(Morador de Alterosa)

...às vezes era mais interessante eles entrarem nos nossos ensaios para fazer o circo... Porque é uma coisa interessante, às vezes as pessoas acham que os traficantes entram no meio. Não. Para os traficantes é interessante eles ficarem em volta. Do ensaio. Porque em volta eles ficam nas esquinas da praça Central de Feu Rosa. Nos nossos ensaios eles ficam nas esquinas. Eles ficam lá assoviando. Essa coisa... é... Eles já sabem qual policial que está... Pode ficar por aí que é fulano de tal... Beleza! E lá no meio eles não vêem. Porque é o tumulto. Pra eles não é interessante. (Morador de Feu Rosa)

o governo ele tem uma parcela de culpa, ele deveria olhar, porque eles prometem muito as coisas, eles prometem tanta coisa que “vai fazer isso, vai fazer aquilo”, mas na prática não funciona. Então se o nosso governante, primeiro Deus, se o nosso governante olhasse, não tinha essa violência não, eu acho que não tinha essa violência não...(Morador de Feu Rosa)

(O governo) Ele vem no seu bairro, do jeito que eles vem ele somem, eles tinham que dar continuidade, vim pra eles verem como que está evoluindo o bairro, como que esta o sistema de segurança, se tem muita violência, esses negócios. Eles só querem encher o bolso e o povo que se exploda, é difícil, é difícil, se a gente comentar vai a tarde todinha.(Morador de Feu Rosa)

O político sempre olha mais o lado dele, o lado individual, o lado do trabalhador ele não olha muito não, tem que haver uma certa cobrança porque senão não funciona, se não combater a área social nós não vamos... A violência não vai ter... Por isso que eu digo que o governo tem que olhar essas áreas, dar um suporte... (Morador de Feu Rosa)

Eu acho que o aspecto negativo que eu vejo no bairro é só a morte de muitos jovens, cedo, com 17 anos, eu perdi o meu irmão com 17 anos aqui também, mataram meu irmão com 17 anos, e isso pra mim é o mais negativo por enquanto. (Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

“Ah, foi fulano, ah, foi outro fulano” na época falaram que tinha um rapazinho também da idade dele que fez isso com ele, e que no outro dia ele morreu também, e eu não sei, quanto mais você tenta saber sempre aparecem novos personagens na historia, por isso que eu evito falar, de chegar com alguém “ah, foi isso que aconteceu... por que? ah, porque se envolveu com drogas... quem foi? Eu não sei.” (Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

aqui ninguém nunca pode falar nada, por exemplo, morreu alguém ali, “ah, você viu? Não, não vi”.Por mais que você viu, mas por que? É porque eu tenho medo de que aconteça alguma coisa comigo. Esse é um dos aspectos negativos, o povo tem medo do povo, aqui é bom que é organizado, mas ao mesmo tempo um tem medo do outro, por causa disso, da violência. (Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

E pra morar no bairro tem que saber viver, se não você não consegue viver. Eu brigava muito, batia em muita mulé, muita mulé de bar, muitas... Muita confusão, já fui presa,

saí... Assim, não de droga não, de bater em mulé mesmo, mas pra viver dentro de Feu Rosa tem que te pique. Num é qualquer um que mora não. Igual eles discrimina muito o bairro... Que o bairro mata muito(...) bairro Feu Rosa é mais perigoso, realmente! Essa parte aqui, mais no ponto final, é a mais perigosa que tem. Mas a gente sabe viver. Assim o que eu passei na infância eu não queria que meu filho passasse. Só que aí, se eu pudesse eu ia embora de Feu Rosa, só que isso num é fácil. Quem vem pra Feu Rosa... Sair é muito difícil. Muito difícil pra sair. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Os telefones, praticamente os telefone são todos gravado, tudo grampiado. Tem gente que não liga de telefone, liga pro orelhão, liga pro celular, entendeu? Intaum tem que saber viver. Tem vez que uma vez tava lá em casa eu, meu irmão, nós tava aqui na calçada. O cara passou pela gente e matou um ali perto. Nós fomo lá ver, o cara tava caindo. Quer dizer... Viu quem foi e pra que fala? Pra gente num interessa. (...) Tem gente que morre por causa disso, tem que saber viver entrar e saber viver. Tem gente que não gosta de vim nem aqui dentro de Feu Rosa porque Feu Rosa é bravo.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

Só uma que foi embora porque a mãe dela casou com um português. Aí foi embora. Teve uma que morreu. Mexeu com coisa errada e morreu. Eu lembro que por causa de besteira morreu... E que ficava ta todo mundo aí. Uma virou crente, uma é marombeira, uma é funqueira, uma é roqueira, uma é drogada...(...) ó uma mesmo que foi embora e uma que morreu. Porque ela se envolveu com gente errada. Entendeu? Aí mataram ela... A morte dela foi muito feia. Mas ela era muito muito gente boa. Mas ela deu mole... Né? Vou falar a língua que a gente fala: deu mole, né? Deu mole, morre. Fazer o que?(Jovem Moradora de Feu Rosa)

O cara falo que ia dá tiro, eu falei que é você mesmo e ponto. Se eu abaixar a cabeça eles muntam, qué bater, mas não vieram me bater não. Quem tem boca vai à Roma. Vou pro Paulista, pra fogueira, vou no jornal, faço o que for. Mas eu sei entrar e sei sair. Tem que saber respeitar os cara, também meu pai é muito respeitado aqui no bairro também. Meu pai é muito... Meu pai sabe quem faz, sabe quem usa, mas fica na dele. Cada um sabe da sua vida, não tem que ligar, denunciar, nem mandar nada disso. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

E tentar viver minha vida normalmente, sem me meter na vida de ninguém. Porque todas as pessoas que vem pro bairro, já vem de outro bairro corrido de alguma coisa que fez. Se a gente falar, ser fofoqueiro... Então isso acaba deixando a pessoa mal na história. Então acho que: quem sou eu pra falar. Eu sou suspeita, mas eu acho que, no meu caso, eu acho que lá não é tão ruim de morar não. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Hoje em dia, a gente pode andar na rua e sozinho. Não vai ter assassinato. Antigamente ninguém podia fica andando, tal hora dentro de casa, hoje em dia não tem isso. Cada um tem a liberdade de andar pra lá e pra cá... Se acontecer alguma coisa, você passa e pronto acabou.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

Uma coisa que muito me marcou e que eu também não esqueço foi a morte do Luciano. Eu era muito novinha e tava ali e não teve como eu ajudar. Eu não sabia nadar... Então até hoje eu não esqueço... E faz mal quando eu lembro. Então isso me marcou muito. Chega uma data que faz falta. (...) Ele morava dentro da casa da nossa mãe. Nossa, o menino era muito apegado à gente. Nós fomo pra praia escondido, nós ficamo

brincando, que fingia que se afogava. Aí ele morreu. Não conseguimos salvar.(jovem Moradora de Feu Rosa)

Não. Namorava com ele. Fiz 5 anos. O que mais me agrediu foi ele. Da minha turminha era eu. Elas achavam assim como era muito assim abusada não merecia isso. Até que um dia eu fui e denunciei ele, denunciei ele e aí acabou. Nós não conversa nada. Temos processo. Todo mundo me dá conselho, conselho, conselho, conselho... Eu peguei e acabei denunciando. Se não, não tinha denunciado. Se não talvez tava com ele até hoje apanhando. Fiquei com olho roxo, fiquei com ponto na cabeça... Fiquei tomando remédio por um bom tempo. E me machucou muito.(Jovem Moradora de Feu Rosa)
Tem que saber viver... E eles (policiais).. É o jeito deles. A gente tem que viver do jeito que eles manda. Se não a gente acaba se prejudicando por causa deles.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

E também quem mata policial fica muito complicado e eles num são besta, eles vem com 10, 5, 6 carros. Porque um carrinho, num entra não. Um não. Um policialzim não entra não. Tem que ser com uns 2 carro com 4 policial em cada carro. Um só eles num entra não. Sabe como é o sistema. Muito difícil parar um carrinho só. Uma vez parou 2, mas desceu 8 dentro do carro. 4 de um, 4 de outro. Sabe como é as coisas... Num entra um só.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

Eu acho assim que eles... Normal... Acho que é normal. Pra mim é normal. Muitas pessoas num acham né? Só que é bom às vezes nem ficar perto pra não se envolver, pra não acabar se envolvendo. Que tem vez que ouve as coisas aí falam: ih a pessoa tava ali aquele dia, tal, tal, tal... Ouviu... É melhor ficar... Agora tem amiga minha que é traficante, e é amigona minha, sai, tudo, mas tem hora que não... Tem momento que não gosto de ir a casa dela, não gosto de dar muito mole onde ela tá, porque aí depende da onde a gente senta, mata perto da gente... É terrível... Fora disso... A vida continua. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Naquela época foi ótimo,os filhos eram criados livremente, sem o perigo da droga, porque naquela época Feu Rosa, o conjunto, estava parado...Hoje, as drogas estragaram muito as nossas famílias, o medo, o terror que ela traz as famílias.... o caso da droga, eu não sei te explicar, eu só sei que através disso aí traz muita tristeza pra gente, ver os nossos jovens aí, morrendo, sem poder fazer nada, sem saber quem matou, sem saber porque morreu, porque geralmente eles não falam né, que está nesse mundão perigoso, que não tem saída , ou é cadeia ou é cemitério. De 2000 pra cá o tráfico aumentou demais da conta, muito mesmo eu acredito, pelo que eu vejo, é a realidade que nós vivemos...(Morador de Nova Zelândia)

7-Impunidade e Direitos Humanos

Então a ausência do estado enquanto polícia, enquanto justiça cresce a impunidade, cresce a sensação de que aquele mundo lhe é peculiar, lhe dá... E é aquele momento de glória dele. Aquele momento de ser temido, aquele momento em que aquela menina o procura para ser protegida... Ele é o rei ali, naquele momento. E quando você vai ver o fim dele é um presídio, ou talvez um cemitério. (Repres.Poder Público)

Você tem dificuldade de ter uma sobrevivência dentro de um mercado ingrato desse, porque hoje você viver com um salário mínimo você tem que ser um sacerdote, fica difícil você pagar um aluguel, você pagar escola de filho, você pagar a farmácia. Então você oferece uma situação e você diz assim: - Olha. Foi condenado a 300 anos. Pô! Esse cara apodrece na cadeia. Mas, em dois anos ou três anos depois, aquele cara esta no meio do nosso convívio, novamente. Então você cria a sensação da impunidade. (Repres.Poder Público)

Então eu acho que precisamos que o Judiciário possa ser mais ágil nas suas ações, precisamos que a policia militar tenha uma estrutura para que faça prevenção, pra não ter que fazer a repressão. E precisamos que quando tenha que ter a repressão, que ela seja feita com rapidez, com eficiência, e que dê resultado. Se essas coisas não funcionam, você cria a sensação de impunidade. E a sensação de impunidade faz com que essas coisas vão aumentando.(Repres.Poder Público)

(...) eu acho que a senhora tem que preparar as instituições para ela ter credibilidade, para que as pessoas tenham respeito por ela. Não precisa ter medo, temor. Mas precisa ter respeito. Se eu infringir isso aqui eu vou ser punido. Mas se ela cria essa sensação de insegurança, aí fica difícil. (Repres.Poder Público)

No momento em que iniciou o toque de recolher eu fui para o Bairro, solicitei a presença da policia. Fomos seis viaturas para dentro. E as pessoas acharam mesmo com a minha presença como morador do bairro, como policial aposentado, como vice-prefeito, que estava exercendo a função de prefeito e os policiais, eles tinham que obedecer aos traficantes. E obedeceram. Então você vê que perderam a credibilidade na instituição.(Repres.Poder Público)

Impunidade são aqueles que cometem crimes, independentes de qualquer situação financeira que eles está (sic), e que ele não é preso, que ele não cumpre a pena, que ele não é julgado, essa é a impunidade.Repres.Poder Público)

Enquanto esses caras estão soltos, essas famílias ficam coagidas, porque se eu sei que foi fulano que matou o meu filho e ele continua morando no mesmo bairro, na mesma casa, passando na minha porta do mesmo jeito, eu sei que ele que matou...(Repres.Poder Público)

A gente sabe que no Brasil tem que mudar muita coisa, tem que ter uma política de tolerância zero aqui como tem nos Estados Unidos em vários estados...Repres.Poder Público)

A impunidade, ela, ela, ela contribui para continuação do crime né? Um fomento pro crime, porque as pessoas é (sic) presa e é absolvida. E muitas vezes a comunidade sabe detalhes e a gente não conseguiu provar que ela é culpada e tal. E aí ela volta a fazer. E a gente tem muito isso aqui. Muito re-trabalho. Pessoas são presas pela mesma prática muitas vezes.(Repres. Policia)

Igual por exemplo aconteceu com a ESCELSA, a vizinha minha que mora mais embaixo queimou uma lâmpada do poste ela ficou ligando, ligando pra ESCELSA e nada deles virem. Aí um belo dia ela falou que se eles não mandassem alguém pra trocar aquela lâmpada ela ia chamar a tribuna, porque ela paga iluminação pública e tem que ter a rua iluminada. Aí a atendente da ESCELSA falou com ela que é porque Vila Nova de

Colares tem um dos maiores índices de roubo de energia. Minha vizinha disse que não queria nem saber, ela só queria que trocassem a lâmpada do poste porque ela pagava a conta de energia dela. Então quer dizer, nós temos esse problema também, eu pago a minha energia, todo mês, e não faço gato. Mas eles não querem nem saber, eles pegam todo mundo, botam num saco e amarram. Infelizmente, é muito preconceito que a gente enfrenta todo dia.(Morador de Vila Nova de Colares)

Têm muitas mulheres que sofrem agressão em casa.(Morador de Alteroza)

Costuma os dois serem daqui, o que matou e o que morreu, exatamente por esse tipo de coisa, aqui dentro não! Aqui você vai e anda cagando fininho como tudo mundo aqui, não vai aprontar nada aqui, é mais ou menos uma espécie de justiça interna. (Morador de Feu Rosa)

Droga sendo entregue em viatura pela polícia (...) Você vai denunciar alguma coisa, e você esta denunciando para o cara que ajuda. Então a lei do silêncio prevalece por isso. Você não sabe com quem você está lidando. (...) Olha, os processos são mal montados, as pessoas não, as testemunhas não falam. É a lei do silêncio. Eles tiram as fotos erradas, eles colocam os nomes das pessoas erradas nos processos. (Morador de Feu Rosa)

Então porque que às vezes, muitas vezes o adolescente ele pratica uma ação? Porque ele sabe que ele vai ficar impune, porque às vezes tem até aquela intenção assim de fazer, mas em função da impunidade ele faz, ele pratica a ação. Então eu acho que os governos muitas vezes são culpados, o governador, o presidente da república, nosso país é um país de todos, e se é um país de todos então vamos dar direito a todos, vamos olhar as crianças, por exemplo, eu ia falar pouquinho coisa, mas você falou que não tem problema...(Morador de Feu Rosa)

Outra coisa as leis, elas são muito ultrapassadas, o nosso código penal brasileiro ele esta ultrapassado, então o que é que acontece, o cidadão ele pratica a ação porque ele sabe que ele vai ficar impune. No passado ele pensava duas vezes pra fazer as coisas, então hoje ele faz. Pra começar, o menor, o adolescente, ele faz porque sabe que vai ficar impune, em função do estatuto; segundo, o cidadão maior de idade, faz também porque ele sabe que fez ali, cometeu um delito ali, um assalto (...). A policia não vai atrás que não adianta, pega o cara vai e solta,o juiz também não tem o poder de segurar você preso porque a própria constituição ela ensina, dá esse direito ao cidadão brasileiro, em função da cidadania e da democracia que eles falam aí.(Morador de Feu Rosa)

Tem um monte de vagabundo que estão livres, é culpa da presidência e do governador, porque eles não têm emprego suficiente pra todo mundo, tem empresas aí que exigem uma série de burocracia pra poder estar botando uma pessoa pra trabalhar, pra botar pra trabalhar, e não dá bom salário, começa por aí. Aí se eles lá começarem a respeitar os direitos do preso, eles lá dentro já provaram que eles tem poder cá fora, se eles lá dentro “Ó, nós somos bem tratados aqui e eu não quero que ninguém lá fora faça bagunça, se fazer nós temos a nossa forma de cobrar de vocês aí”, acabou com a malandragem, eles acabam, eles próprios acabam com a malandragem. Aí acabou policia, acabou tudo, não precisa mais de policia nos bairros... eles já provaram isso, já foi provado... Eles não vêem isso, eles não vêem que a força deles é muito mais

forte... Quanto mais polícia for colocando não vai resolver, de forma alguma, vai resolver quando eles tratarem eles da forma como devem ser tratados por lei. (Morador de Nova Zelândia)

Se você atingir cinco crimes hediondos, diretamente pra cadeira elétrica, opa! Ninguém quer! Duvido que algum deles levante o dedo pra aprovar uma lei dessas... Porque não querem... Por que é que eles não querem? Porque eles vão usar contra eles mesmo, eles vão usar uma arma contra eles mesmo? Não vão usar. Tem que entender que toda família tem gente errada, toda família tem gente errada, então precisa de que? De tratamento. E onde é que está o tratamento? É de psicólogo que precisa? Então vamos trabalhar com psicólogos, é tratamento pessoal? Vamos ter tratamento pessoal. Às vezes pegam o cara e já levam ele moído no cacete pra cadeia, levam o cara moído e ficam escondendo, até o cara sarar porque dizem que tem uma comissão de direitos humanos aí que trabalha em cima da repressão da violência dos policiais e tudo o mais. (Morador de Nova Zelândia)

Porque aqui pra acontecer alguma coisa com você entendeu... Você pode sair de manhã pra ir trabalhar e por causa de uma coisinha aí que você não dá já esta metendo um troço na sua cara, entendeu? Não querem nem saber se você é um pai de família, se você é uma pessoa conhecida, se você é uma pessoa boa, não querem nem saber, nem ligam... Hoje em dia a justiça nossa é tão lenta, tão fraca, que eles fazem as coisas e acham que vão ficar impune, que ninguém vai atrás, como não vão mesmo, é difícil, então por isso fazem né. É normal, é normal, a pessoa ir ali, fazer o que faz ali a polícia vem, recolheu o corpo e pronto, acabou, e quem assassinou esta solto, andando por aí. As coisas que acontecem aqui, os crimes, ficam impunes, ninguém faz nada. Muitos a justiça sabe, alguns, não são todos não, que trabalham por aqui sabem e fazem vista grossa. Que eles são pagos pra trabalhar pra população e eles não trabalham, deixam muito a desejar sobre saúde, educação, segurança... (Morador de Feu Rosa)

Viver é assim... Você vê e fica calado, você vê a pessoa matando, a pessoa que usa droga, a pessoa que mexe com droga, então você vê a pessoa, você sabe que a pessoa mexe com isso e você vai denunciar? Não pode. Você sabe que o que você faz no bairro as outra pessoa sabem. Não adianta ir falar que não sabe, que não tava denunciando. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Porque aí você tem que ter cuidado até com os direitos humanos, essa coisa toda... Porque quem tá morando na comunidade, são pessoas que precisam, são trabalhadores. E vão elementos para lá que já perturbam a coisa. Não se pode dizer que quem mora num bairro como Feu Rosa é marginal ou que o bairro é cheio de marginal. (Repres. Cohab)

7.1-Fatalidade e Nihilismo

E é um bairro assim... Que tem tudo, nós temos farmácia, nós temos... Tudo que você imaginar a gente tem aqui dentro, sabe? Não precisa sair daqui de dentro para comprar nada lá fora e com preços bons; só que muitos dos nossos moradores não valoriza (sic) a nossa comunidade e hoje a gente faz um trabalho na Associação de Mães divulgando o município para que a gente esteja mostrando isso, como que é Feu Rosa. (Morador de Feu Rosa)

Aí você pega o cara de dezesseis anos e joga tudo nas costas dele, porque não vai dar nada. Nem de interrogar ele você precisa.... Não eu matei 3, matei 4 porque ele sabe que ele tem instrumento. Ai você também não vai resolver isso reduzindo a menoridade do elemento. Você tem que preparar as instituições, preparar a sociedade, preparar a família do mesmo, para que ele possa ter uma vida decente. Se ele não tiver, o submundo do crime vai tomar conta dele. Não tem outra opção.(Repres.Poder Público)

A viatura pode passar na rua, sair da rua e acontecer um homicídio. Não tem como evitar isso.(Repres. Policia)

Um dia mesmo eu fui lá na receita federal renovar meu título porque eu fui lavar minha roupa e deixei ele dentro do bolso, aí de tanto lavar eu precisei mandar fazer outro. Aí eu cheguei lá e o rapaz falou que não tinha mais senha, aí eu disse que eu morava muito longe e ele me perguntou onde que eu morava. Aí eu falei que morava em Vila Nova de Colares e ele disse que o povo de Vila Nova de Colares sempre tem que ter uma senha aqui. Aí depois é que eu fui analisar o que ele quis dizer, ou seja, o povo de Vila Nova é um povo agressivo, violento, e que se ele não me desse uma senha eu podia fazer alguma coisa ali de errado, na minha opinião. E ele riu assim pra mim com um sorriso meio irônico sabe. Aí eu deixei pra lá e percebi que o importante é eu saber que eu não sou essa pessoa que eles acham que eu sou. Então a gente sofre, eu sinto a discriminação de Vila Nova de Colares na pele, por aonde a gente vai. É em loja às vezes, em banco, inclusive eu tenho umas cunhadas aqui que preferem dizer que moram em Feu Rosa ou em outro bairro qualquer. (Morador de Vila Nova de Colares)

Com toda a certeza social e profissional as pessoas têm preconceito com o morador de Feu Rosa. (Morador de Feu Rosa)

Antigamente assustava, dez, onze horas assustava bastante, era a terra de ninguém, muito sossego, mas quando apagavam as luzes muitos problemas, com a casa muito sossegada as vezes as pessoas achavam que você não tava em casa, mas você tava em casa, então era um lugar de muito medo, insegurança total, a terra de ninguém aparecia. Não tinha nada, futuro nenhum pra quem morava ali. (Morador de Alterosa)

É uma coisa que me marcou muito porque eu não tinha o costume de ver pessoas assassinadas jogadas na rua. Nós viemos de uma cidade de Minas que a criminalidade era quase zero, eram casos isolados. Quando eu cheguei pra aqui, eram marginais andando com a arma na mão. Um correndo atrás do outro e atirando. No outro dia um lá no meio da rua. (...) No outro dia passou um rapaz em Laranjeiras tomando conta do corpo do irmão e tocando os urubus. Aí passou aquela música Imagine do John Lennon e ele tocando os urubus. E aí a minha mulher até hoje quando vê Max Mauro ela fala que aquilo marcou a política dele e ela não vota nele por causa daquilo. Daquela imagem, que ficou tipo assim, como um filme na nossa memória. Então a vida ela não vale nada. (Morador de Feu Rosa)

Qual a diferença da ditadura militar para a democracia hoje? Ele não soube responder. Eu queria que alguém me respondesse, qual a diferença, ditadura militar, porque eles falam muito em ditadura “Ah, não sei o que ditadura”, e a democracia, porque eu estou com 61 anos de idade, eu sou obrigado a votar e se eu não votar eles vão cortar os meus direitos aí eu não recebo pagamento, não pego talão de cheque, não pego empréstimo, então é o seguinte: Democracia, cidadania, mas se o Brasil é um país

democrático... Eu sou obrigado a tudo, tudo eu sou obrigado, como é que eu vou exercer a minha cidadania? Eu canso de ver... Eu tomo os ônibus, onde tem ali os bancos com os banners no transcol, e eu vejo até os estudantes, eu não crio problema não porque eu não tou tão velho assim pra ficar exigindo o lugar dos outros, aí eu vejo os velhinhos lá em pé e o cara vai sentar, isso é cidadania eu oferecer meu lugar pra uma pessoa mais idosa, eu pegar o seu embrulho, a sua pasta, e os caras não fazem isso, então na pratica isso não funciona. (...) Minha esposa não gosta que eu fale, mas às vezes eu fico até estressado em certo momento, de tanta coisa errada que eles falam em democracia, cidadania, mas na prática nada disso funciona! (Morador de Feu Rosa)

Ah porque matou fulano...”. Não, mas aí é mundial, a violência está mundial não está centralizada só aqui no Brasil não, isso aí é mundial, nos países desenvolvidos, nos Estados Unidos, tem um monte de gente; No Iraque... No Iraque esses dias estava passando uma reportagem aí que foi setenta em um dia só, carro bomba... Quer dizer, violência... isso é mundial, não tem como você correr não. (Morador de Feu Rosa)

Se eu tivesse condições, eu mais ela, nunca que eu queria pra mim morar aqui no bairro, eu queria ir pra um lugar tranquilo, Mas infelizmente o destino quer que a gente fique por aqui então não tem jeito, então a gente fica aqui até Deus dar uma melhora... (Morador de Feu Rosa)

Qual a diferença da ditadura militar para a democracia hoje? Ele não soube responder. Eu queria que alguém me respondesse, qual a diferença, ditadura militar, porque eles falam muito em ditadura “Ah, não sei o que ditadura”, e a democracia, porque eu estou com 61 anos de idade, eu sou obrigado a votar e se eu não votar eles vão cortar os meus direitos aí eu não recebo pagamento, não pego talão de cheque, não pego empréstimo, então é o seguinte: Democracia, cidadania, mas se o Brasil é um país democrático... Eu sou obrigado a tudo, tudo eu sou obrigado, como é que eu vou exercer a minha cidadania? Eu canso de ver... Eu tomo os ônibus, onde tem ali os bancos com os banners no transcol, e eu vejo até os estudantes, eu não crio problema não porque eu não tou tão velho assim pra ficar exigindo o lugar dos outros, aí eu vejo os velhinhos lá em pé e o cara vai sentar, isso é cidadania eu oferecer meu lugar pra uma pessoa mais idosa, eu pegar o seu embrulho, a sua pasta, e os caras não fazem isso, então na pratica isso não funciona. (...) Minha esposa não gosta que eu fale, mas às vezes eu fico até estressado em certo momento, de tanta coisa errada que eles falam em democracia, cidadania, mas na prática nada disso funciona! (Morador de Feu Rosa)

“Ah porque matou fulano...”. Não, mas aí é mundial, a violência está mundial não está centralizada só aqui no Brasil não, isso aí é mundial, nos países desenvolvidos, nos Estados Unidos, tem um monte de gente; No Iraque... No Iraque esses dias estava passando uma reportagem aí que foi setenta em um dia só, carro bomba... Quer dizer, violência... isso é mundial, não tem como você correr não.

Mataram ele porque ele se envolveu com drogas, não nos comunicou e foi até aqui na rua de trás, e infelizmente ele ainda tinha 17 anos, por isso que eu falei que em 2001, porque tudo marca na nossa vida, eles ficavam na igreja ali, e eu falei que o bairro em 2001 ainda não era asfaltado porque eu tenho visão ainda daquele ônibus passando naquela lama, e por eu ter visto ele ter ido tão cedo, não ter terminado nem o ensino

médio, não ter conquistado nada, por isso que eu tenho medo de mim, “não eu vou conquistar” eu não quero seguir o mesmo caminho, eu quero ter orgulho de mim e dar orgulho também pros outros. (Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Porque ela fala que a destruição da vida dela foi esse bairro. Que ela perdeu um filho aqui. Não foi de assassinar não. Ela perdeu em frente na casa dela, caiu depois de muito tempo na cabeça dele. Aí ela já não gosta desse bairro, vive por viver, mas não gosta desse bairro.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

(...) acho que ser um morador de Feu Rosa é ser discriminado. muitas vezes, quando morador apresenta um currículo, ele dá sua residência é ouvir determinadas brincadeiras, algumas piadas. mas ao mesmo tempo eu tenho assim um orgulho muito grande de morar aqui (...)(Morador de Feu Rosa)

Tem aquela coisa ele quer ter o seletivo, mas ele não usa. Mas ele quer ter. Existe isso. Tem que ter [ônibus] seletivo. Mas você usa? Não. A mesma coisa é ter uma agência aqui. Mas quais são as pessoas que vão fazer a aplicação? Por que o banco vive muito mais disso. Então é isso que eles muitas vezes não entendem. Estão assim desinformados. Não sabem o contexto. Falo muito com eles: "rapaz, se aqui tivesse potencialidade para banco, não precisava nem de correr atrás não, eles estavam aí implorando, correndo atrás para instalar. (Morador de Feu Rosa)

8- Mapa georeferencial dos equipamentos públicos e privados e perfil dos crimes de homicídios

A infra-estrutura do bairro praticamente começou de investimento, por volta de 1992-93, de investimento público que aqui entrou, aqui não tinha absolutamente nada, não tinha investimento de energia, nem água, nem luz, nem telefone, nem escola, nem correio, coleta de lixo, saneamento básico, área de lazer, campo de futebol, Igreja, procuramos trazer estes equipamentos para dentro da comunidade, e agir neste sentido. Depois de 93 até 98 chegou tudo muito rápido, com muito esforço pessoal e de grupo de pessoas interessadas na comunidade, no crescimento, aí nós conseguimos quase incontestavelmente obter todos estes equipamentos com muita insistência e determinação [no entanto percebemos que no bairro faltam áreas de lazer]. (Morador de Alteroza)

De equipamento comunitário, como são loteamentos antigos não existia equipamento comunitário campo de futebol, praça, não existia... Nós tivemos que fazer, nós tivemos que abrir áreas que já existiam na comunidade e construir campo de futebol, uma área de lazer de atividade esportiva e, mais, era mais na rua... As crianças brincavam na rua de vôlei, de bola, né?! Então como todo bairro que nasceu de loteamento antigo não dispunha de áreas de atividade de lazer, então era muito carente nesta área.(Morador de Alteroza)

Gente não tinha nada nesse bairro, era paupérrimo, tudo que queria tinha que sair daqui, nem uma quitandinha, até hoje está fraquinho, mas muitas casas agora já têm muitos moradores, eu fico contente que muita gente já saí para estudar, para trabalhar, isto alegre muito... (Morador de Alteroza)

Não tinha asfalto, não tinha... Única área de lazer era o cemitério Jardim da Paz (risos), única coisa que tinha aqui para você passear minhas visitas que vinham de São Paulo eu levava tudo para o cemitério (risos)... Tinha parquinho, levava as crianças e fazia fotos, única coisa que tinha aqui era o cemitério Jardim da Paz. (Morador de Alterosa)

Foi um tempo meio ruim, mas né... Depois foi até que foi melhorando, foi... Não tinha... Só tinha ônibus uma vez por dia, né! E não tinha padaria, não tinha farmácia, não tinha supermercado, não tinha nada, só tinha mesmo um 'depositozinho' de pão ali na frente, que a gente comprava o pão... Não tinha colégio, não tinha nada. Aí eles abriram umas casinhas ali em cima, perto do... Onde hoje é colégio Antônio Engrássio, né! E dava aula para as crianças de Tabuazeiro... Aí nós ficamos aí até eles 'forma' colégio. Depois formaram colégio, fizeram supermercado, veio farmácia aí já veio mais ônibus, de manhã, meio-dia e de tarde... Por aí... Então foi isso aí que... (riso nervoso da entrevistada) Hoje nós estamos aqui, já tem de tudo aqui, tem farmácia, tem supermercado grande, tem lojas, que se a gente quiser comprar tudo aqui a gente pode comprar tudo aqui e não precisa ir 'na' cidade. Tem lojas de móveis, tem tudo... Praça, tem quadra, hoje fizeram este ginásio ali também na pracinha também, então cada dia aqui 'tá' melhorando o bairro, né! Agora só tem uma coisa, às vezes, dá muito mosquito, que esses... Tem um esgoto, às vezes, que fica vazando muito, mas o resto... É um pouco violento, essa violência é em todo lugar, não é só aqui em Feu Rosa, porque, às vezes, tem muitas pessoas 'fala' que aqui em Feu Rosa que é o bairro pior de violência, mas não é; em todos os lugares aqui, em todos os lugares a gente vê que tem a violência, né! Isso aí. (riso nervoso da entrevistada). (Morador de Feu Rosa)

Nós chegamos aqui, quando vim morar aqui não existia luz, não existia água, nós pegávamos água da lagoa, aí nós fomos fazer um trabalho com esses outros moradores que tinha aqui e buscar junto a CESAN junto a ESCELSA, a trazer água para cá, luz para cá. (Morador de Feu Rosa)

A Marinete que era uma professora que ajudava muito a gente e devido o ônibus andar muito lotado ela caiu e bateu a cabeça no meio-fio ali e veio a falecer por isso, então são acontecimentos que marcam a gente, são coisas tristes que a gente, às vezes, não quer lembrar, mas acaba lembrando, tá! (Morador de Feu Rosa)

O bairro aqui normalmente de quando ele foi habitado em torno [19]80 mais ou menos, ele não modificou, tal como você está vendo, se você andar no bairro é o que você está vendo. (Morador de Feu Rosa)

Como que ele era?! Poucos vizinhos, agora têm 'bastante' casas, em vista né! Não era asfaltado... Não tinha rede de esgoto e agora tem, né! Não tinha ônibus, tinha ônibus aqui do lado... (Morador de Nova Zelândia)

Quando a gente chegou aqui, os primeiros moradores daqui 'foi' nós, a gente 'mudamos' para esse bairrozinho aqui, mas do outro lado, eu não morava aqui não, depois meu filho comprou aqui, aqui na rua dentro e nós entramos aqui com a maior dificuldade não tinha nada, só tinha um barraquinho de 'tálbua' ali naquela esquina, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. (Morador de Nova Zelândia)

Não tem uma escola, não tem um posto, não tem nada; mas eles falam que é porque muito pequenininho e é muito pouco morador. Aí por isso que não cresce igual Vila Nova, Vila Nova você vê, na época que esse bairro aqui já existia há muito tempo Vila Nova nem em sonho, Feu Rosa nem em sonho e ó Feu Rosa como está, Vila Nova né, Vila Nova que é recente olha como Vila Nova está?! (Morador de Nova Zelândia)

Este bairro a mesma coisa, falava a mesma coisa, vai montando firma, aquele monte de firma, aqui atrás tem um monte de firma. E aqui mesmo assim para Nova Zelândia mesmo não tem benefício nenhum, apesar de que os próprios morador daqui 'gosta', porque dizem que é um bairro quieto, sossegado.(Morador de Nova Zelândia)

Então o poder público hoje, nós estamos trabalhando com que as empresas que venham para Serra elas possam estar gerando empregos e não apenas receitas. Porque você cria um problema, você recebe R\$ 10,00 e tem que gastar R\$ 20,00 com a questão de invasões, ocupações, com a falta de ordenamento.(Repres. Poder Público)

Não tinha rede de esgoto, não tinha asfalto, sabe! A maioria das águas era de "gato", a CESAN não tinha passado legalizando... Tinha um lixão aqui que incomodava, o lixão era terrível, ninguém suportava o cheiro, sabe! Então foi terrível, à noite então quase ninguém dormia com o cheiro do lixão, era muito mosquito, um cheiro horrível, incomodava demais.(Morador de Vila Nova de Colares)

Mas é isso, se tivesse um supermercado aqui a coisa melhoraria para caramba! Você não tem noção, a gente sobre três morros para poder ir 'no' supermercado fora o que você anda, poxa vida! R no sol quente, cara é muito ruim! Tudo tem que fazer em Feu Rosa... Quer pagar uma conta tem que ir 'em' Laranjeiras ou Feu Rosa, sei lá, é tudo muito ruim...(Morador de Vila Nova de Colares)

Uma luz que você põe, uma energia que você põe, uma luz em um poste, você está iluminando o local, e de uma forma ou de outra, contribuindo para que a pessoa se sinta mais segura, né? E pra que ela mesmo possa promover a segurança pessoal dela, né? (Repres. Policia)

Falta mais policiamento, patrulhas passar mais. Falta mais infra-estrutura, falta mais saneamento básico, nós não temos. Falta orelhão. Falta ônibus. Nós não temos orelhão. Para gente ligar, nós temos que ir lá no final da rua.....,a gente precisa de uma ambulância para socorrer igual às vezes a gente precisa aqui, ambulância é raro vim, sempre tá ocupada, nunca tá disponível. Acontece fugas aqui. Pessoal largando carros aqui. Acontece várias coisas aqui no nosso bairro. Falta melhorias no nosso morro, que não foi asfaltado até hoje. E com isso tem assim danificado muito os carros. Tem o pessoal não tem visto, né, o levantamento do morro lá. Passa gente estranhas. Então, a gente tem num certo ponto a gente tem muito medo, porque nós temos criança. E as pessoas não respeitam nosso bairro. Então, eles não visam melhoria. E o prefeito tem esquecido um pouco o nosso bairro. Depois que asfaltou, acho que ele não tem mais olhado mais pela gente não.... Nós não temos rede de esgoto aqui. Entendeu? A iluminação nossa às vezes é precária.....muita gente desempregada e muita gente necessitando de emprego.Falta creches aqui. Falta um posto médico pra gente..... gostaria que o prefeito olhasse mais pra gente. Né? Que colocasse mais segurança. Que pedisse aos donos dos terrenos onde estão aqui, tem a Colatinense, terrenos da Colatinense. Terrenos de uma juíza aqui que ninguém pode nem invadir, também não

pode habitar. E é um terreno perigoso porque está cheio de mato. (Morador de Nova Zelândia)

É não tinha pavimentação, era bem buracada, é cheia de esgoto corria céu aberto aquele valão ali mesmo, esse da principal era tudo céu aberto era tudo ruim mesmo aqui era um merda. É ruinzinho mesmo, a pavimentação e a infra-estrutura aqui não era muito boa, nem tinha na verdade. (Morador de Vila Nova de Colares)

Olha, para eu ser bem sincera viemos porque não tinha opção naquela época, a gente só veio porque não tinha outra opção, pra comprar em outro lugar, porque o bairro era muito defasado em termo assim... De moradia, não tinha água, não tinha luz, essa rua que eu moro, por exemplo, a praticamente um caminhozinho, tipo daqueles caminhos de roça, era muito roubo que dava na época, né? A gente tinha que carregar a água de muito longe na cabeça, era muito difícil naquela época, era muito difícil mesmo. (Morador de Vila Nova de Colares)

Sobre a infra-estrutura a iluminação do bairro foi colocada com poste de madeira apenas no início do bairro e esgoto corria a céu aberto na rua e sem pavimentação. (Morador de Alteroza)

Ah aqui era cheio de mato, pior que hoje. Mato mesmo... bastante mato (...) Tudo esburacado, igual o morro lá (...) Esgoto não tinha não, luz era básica. Mas esgoto não tinha não. Esgoto não. A maioria do pessoal nem sabia o que era esgoto, na época..." (Jovem / Morador de Nova Zelândia)

Lazer até hoje não tem nenhum, o que tinha muito lá, o que tinha aberto lá é o que a gente chama de "berosca", copo sujo, aí sim se divertia, a gente se divertia lá, não tinha o que fazer, tem uma parte muito engraçada, quem não tá acostumado toma susto, o playground das crianças da época era o cemitério, o Jardim da Paz fica do lado, e lá tem um parque maravilhoso, hoje tá meio deteriorado, mas no começo tava tudo novo, lá que era o playground das crianças. (Morador de Alteroza)

Feu Rosa foi entregue com rede de esgoto, água, luz. Mas depois esta luz nossa e a nossa água, ela foi ficando fraca. Não tinha pressão. Porque foram criados as áreas verdes e Vila Nova de Colares que começou usar a nossa água e a nossa energia, que eram os gatos. Os famosos gatos. (...) Eles colocavam uma madeira de escora de laje, faziam tipo uma cruz e desce, desce, desce. Colocavam um arame farpo de um lado e de outro e ligavam num poste. E a nossa energia, tinha queda de energia. E a água também faltava para nós porque lá estava sendo tirada a nossa água".(Morador de Feu Rosa)

Aspecto negativo que eu acabei de mencionar é a violência. A falta de espaço para a pratica de esportes, o bairro cresceu e ficou de certo modo inchado, muita gente morando em pequenos espaços, isso faz com que as pessoas se distanciem uma das outras e gera uma situação de violência mesmo, de desconhecimento, de falta de consideração. A medida que a população foi crescendo a frota de ônibus não acompanhava a demanda.....Problemas com calçamento de ruas , rede de esgoto e lixo acumulado] Pra você passar você tem que tirar o calçado e passar no esgoto, na água. problema que a água escoar, a água do bairro escoar toda aqui, de Feu Rosa, então aqui desce barro, desce lama, entope tudo, aí porá cima entope tudo, aí é uma porcária! Dia

de chuva aqui pra gente ir trabalhar...E outra coisa também é que a gente não tem segurança, porque não tem policiamento, tem a DPM, mas fica difícil você ir lá,... Tinha que ter uma delegacia, uma administração, não tinha? Não tem... tem um DPJ que tem dois policiais. As escolas que tem aqui no bairro elas não tem sala de aula suficientes pro tanto de alunos...(Morador de Feu Rosa)

O bairro cresceu e ficou de certo modo inxado, muita gente morando em pequenos espaços, isso faz com que as pessoas se distanciem uma das outras e gera uma situação de violência mesmo, de desconhecimento, de falta de consideração.(Morador de Alterosa)

A gente brincava, a gente chegava com os pé russo dentro de casa, porque não tinha asfalto. Hoje em dia o bairro está maravilhoso. Pena que divertir ainda não dá, tem que ir pra fila em Feu Rosa. Porque quebraram tudo. Não sabe conservar o bairro. Mas o bairro hoje em dia está melhor do que o antigamente, melhor que muitos bairros. (...) Tem alguns lugares, como na área verde... Essa área verde que eles falam que é invasão, falta água. Pro lado de cá é difícil faltar água. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

E escola aqui num é boa não, mas dá pra estudar. Aprende quem quer, quem não quer passa, é, burro, sem saber nada. (Jovem Moradorad e Feu Rosa)

...ainda há muita queixa da comunidade com relação a uma agencia de correios, uma Caixa Econômica pra facilitar a vida dos próprios moradores daqui do bairro...(Morador de Feu Rosa)

Porque nós aqui, nós não temos uma farmácia, nós não temos nada aqui, não tem um posto de saúde, não temos nada...(Morador de Nova Zelândia)

Era muito mais assim da informalidade. Tinha muita coisa informal. O segmento assim de construção civil e também comércio. A atividade comercial, mão-de-obra especializada... Eram poucos que tinham um perfil profissional. O pessoal tinha uma formação escolar não muito elevada.(Repres. Cohab)

Então a situação era essa, a gente ficava um tempão dando assessoria ao bairro, numa situação que era intermediário. A questão do ônibus, nós é que tivemos que mandar ofício para as empresas de ônibus.(Repres. Cohab)

A gente intervinha nesse sentido [linhas de ônibus, por exemplo], porque havia uma omissão por parte da prefeitura, faltava comprometimento. A gente entregou o conjunto com toda a infra-estrutura. Que custo que ela tinha ali? A gente gerou impostos para ela, gerou o próprio comércio, para beneficiar a prefeitura. Tanto é que o município da Serra é um dos mais avançados em termos de infra-estrutura. Por causa de que? Dos conjuntos habitacionais. (Repres. Cohab)

Tudo era na Cohab. Se faltava ônibus no bairro, se faltava médico, até médico, a gente fazia contato com posto de saúde para estar levando para lá para fazer atendimento, entendeu? Era tudo isso. A gente levava a questão dos cursos. A gente era o município dentro do município. E hoje não, tudo foi descentralizado, o município tem que assumir.(Repres. Cohab)

(...) os conjuntos eram construídos sem o equipamento, só com área definida, depois, o que a gente fazia, a gente se unia aos moradores, com aqueles moradores se organizava e juntos íamos aos poderes públicos para estar reivindicado isso. (Repres. Cohab)

8.1- Proliferação das Igrejas

Nossa, se a gente conseguisse utilizar todo esse potencial, de todas essas igrejas que existem na Serra, canalizando essa questão da juventude, oportunizar essa participação dessa juventude dentro da igreja, acho que já era meio caminho andado pra gente dar uma reviravolta aí (...). (Repres. Poder Público)

Eu sou evangélica da Igreja Batista. Eu já nasci evangélica dentro da Assembléia de Deus. Depois que me casei fui com o meu marido pra igreja Batista. (Morador de Vila Nova de Colares)

Mas com o tempo, eu acho que as coisas foram se ajeitando, mineiros com os, com os baianos, os capixabas, os cariocas, os paulistas foram ali se juntando dentro das igrejas, das comunidades. Uma coisa muito boa que ajudou muito nosso bairro aqui foram as comunidades, tanto a igreja católica, como as evangélicas. (Morador de Feu Rosa)

Eu sou evangélica, da igreja batista, aqueles que não procuraram uma igreja evangélica pra seguir e ficaram lá fazendo aquelas coisas, morreram todos.....muitos bailes funks e foram fechados, e as pessoas que conseguiram fechar abriram igrejas no lugar e isso foi bom, porque diminuiu um pouco da criminalidade, da marginalidade, diminuiu um pouco com eles colocando as igrejas e fechando esse lugar de diversão, diminuiu um pouco. (Morador de Feu Rosa)

Em Cariacica, tem um lugar chamado morro da Aparecida, é um local pequeno, só tem uma entrada, você curva o morro e sai pelo mesmo lugar, tem até uma saída por um outro local, mas é estrada de chão, eu estive lá um dia e contei dezesseis igrejas no morro da Aparecida e o índice de criminalidade altíssima, é altíssima. (Repres. Policia)

8.2- Especificidade dos Crimes – Percepções sobre as causas da violência

Mas tem o garoto ali de frente, logo na estrada, que é o primeiro, muito bonzinho, fora da droga, eu já tomei carreira dele, porque eu fui lá embaixo quando eu voltei, ele já tinha cercado a rua todinha... Sozinha, o menino foi lá pegou uma pedra deste tamanho assim, meio vinho e vinha como se fosse uma canetinha na mão, e, eu: O que é isso? Corri e passei pela outra rua. Então quem é que vai enfrentar? Aí depois alguém pegou e deu uma surra nele de coragem aí. Tadinho! Mas e a mãe desse... E o pai, que está numa cadeira de rodas, com traqueostomia... Os pés danificados... E ele bati naquele pai, ele bati... O pai reclama, mas a gente tem medo de fazer visita. Olha francamente viu? Eu tenho receio de fazer visita e lá precisa tanto de uma visita, mas quem é que sabe? Né? Como que funciona... Se aquele menino chega... O pai nem quer ele em casa, o pai um dia falou cansado, arfando, né... A traqueostomia... O filho voltou e ainda voltou com uma mulher para casa e veio me bater, a senhora já viu um filho bater no pai? Que resposta você tem para dar? Qual a resposta? Você podia responder? Ele falou: Eu vou chamar a polícia! Mas naquilo que ele falou, a polícia

veio ter com ele, mas não fica preso... Não tinha... Quem é que vai prender por muito tempo? Então, o bairro é maravilhoso, aqui tem coisa boa, mas já está... Sabe assim... Fazendo medo na gente. (Morador de Alterosa)

(...) o crime aqui na Serra, ele é muito da situação do município, são discussões, são brigas, às vezes é problema de ciúmes da esposa, do elemento lá na comunidade de vice-versa, discussões entre parentes, e acaba numa situação dessas. Não que não aja a figura do tráfico, isso infelizmente... Mas a gente sabe que o grande número de homicídios aqui é em decorrência dessa situação, e eu acredito que o município já tenha esse levantamento já. (Repres. Poder Público)

A grande maioria ficam, às vezes ficam, no que a gente poderia estar chamando aí de emprego provisório, ou de muita baixa remuneração e aí ocorrem tantos conflitos de... Enfim... Brigas, etc... Que acabam culminando em homicídios aí. (Repres. Poder Público)

Qualquer garoto com 12, 13, 14 anos de idade, ele tira a sua vida com a menor sensibilidade, sem qualquer critério. Porque o tráfico faz com que ele crie um horizonte que ele não tem. Então ele tem condições de ter uma melhor alimentação, ele tem um dinheiro para tomar a sua bebida. Tem diversas namoradas. Tem toda aquela facilidade que ele como cidadão comum numa sociedade desajustada com esta a nossa a gente não vê. (Repres. Poder Público)

Muitos dele acham que bater na mulher é algo absolutamente normal, mas tem uma relação direta com bebida alcoólica, com droga, mas a droga líquida, não a ilícita... A ilícita tem uma relação direta com as mulheres que nós estamos abrigando na Casa Abrigo, essas nós já estamos trabalhando com traficante mesmo... A violência doméstica não está só naquela violência... A gente está lidando com tráfico mesmo de drogas...(Repres. Poder Público)

Porque a gente se for tratar a questão da violência né, é muito mais só do homicídio, o homicídio é o que tira a vida, mas se tem um outro nível de violência aí que é tão grave quanto o homicídio...(Repres. Poder Público)

Agora eu saio na rua vendo as grávidas, cada dia mais você vê meninas mais novinhas engravidando, e tem razão de ser o índice maior mesmo, de tanto que eu vejo na rua, porque há um ano e meio atrás eu não prestava muita atenção né... Gente! É grande demais. E com isso aqui, um número alto de homens que vêm sozinhos, piora. Aí depois vai pro ministério público, sem pai, sem... O ministério público tem os índices da Serra... (Repres. Poder Público)

São grupos exterminando outros grupos, você não vê na Serra, não é comum na Serra ouvir o seguinte: “Olha, mataram um engenheiro depois de ser assaltado”, pronto, isso não existe. (Repres. Poder Público)

E a Serra, o grande problema nosso, é o que? É a droga. Eu acredito que se for olhar no Brasil inteiro, a droga que é o grande problema. Até porque é impossível, uma pessoa mexer com droga e não andar armado. E os nossos crimes, você pode verificar que mais de 90% é arma de fogo.(Repres. Poder Público)

(...) são execução de fato, num é uma briga na porta de um bar, né, em que o cara começa a falar de um time de futebol dele, o outro já se aborrece vai lá e atira, num é de repente, é, num é de repente uma discussão de vizinhos... Então a maior parte dos crimes são premeditados, tanto que o índice de apuração é mínimo, né, é mínimo, o que a prefeitura poderia fazer, nesse primeiro momento, primeiro investir em política social, criando estas estruturas nos bairros, né, vamos supor, asfalto, campos de esportes, escolas, postos de saúde, iluminando, né...(Repres. Poder Público)

E assim, 'os' 19 [anos] assim 'foi' o mais difícil atravessar 'os' 19 anos porque aí que eu conheci o que era um crime assim, o que era uma arma, o que era um tráfico de droga, o que que... Era assim 'tá' conhecendo novas pessoas assim e outro... Mulheres assim também incentivava muito assim a participar daquilo ali sim aí já... (Morador de Vila Nova de Colares)

Então assim, só assim vai ter alguma coisa, só assim vai chamar atenção dos outros assim... "Se eu matar uma pessoa ali na esquina eu vou ter moral." Né! (Morador de Vila Nova de Colares)

Nós "tinha" assim, cada um tinha uma função: que nem assim, os de menor assim sempre portava as armas assim, portava as armas e as drogas (...). (Morador de Vila Nova de Colares)

Aí ele fez algo para a outra galera lá de baixo, aí ele 'veio' aqui, falaram que ia matar ele, só que a gente não podia se meter no meio senão ia surgir uma nova rivalidade, aí nós "ia" ter que matar os de lá e os de lá matar os daqui e não ia ser legal assim por causa de um, aí a gente teve que sacrificar a vida de um para não se envolver todo mundo, aí teve que vir a morrer e não se envolver mais naquilo ali...(Morador de Vila Nova de Colares)

Passou nos jornais tudo assim, que ele matou uma garota assim, "amarrou ela" e "jogou ela" numa vala assim e ele conseguiu fugir e mesmo ele vindo para cá, vê na nossa galera, só que não tinha ninguém, só tinha eu já e eu não queria mais crime já, e, ele ficou em outra galera lá em outro bairro e os próprios amigos dele de lá assassinaram ele, queimaram ele vivo, queimaram ele vivo e assim e aí acabou...(Morador de Vila Nova de Colares)

A gente tem que sobreviver aqui, tem que sobreviver porque qualquer coisa, se pisar no calo de alguém assim, já é motivo é motivo de matar hoje aqui um garoto de dez anos já está matando, já pega uma arma e está matando assim, de onze, doze não tem mais como assim. Aqui mesmo morreu um de onze anos, que morava aqui, mas só que morreu lá em Feu Rosa, onze anos, onze anos é uma criança praticamente, não é muita coisa.(Morador de Vila Nova de Colares)

(...) a questão da violência esta implícita na gente, qualquer um pode ser violento. e por algum motivo existe a violência. E a gente enxergar que essa violência já parte de casa.(Repres. Policia)

A criminalidade nessa região.... Ela... Ela existe. Em decorrência também dos problemas sociais esta na cara, isso esta estampado. Mas hoje o que ta mais a patente é

a questão das drogas, hoje assim, a violência nessa região é mais em decorrência das drogas.(Repres. Policia)

(...) quem morre hoje é quem ta devendo droga, pro traficante é o cara que deu banho no traficante.(Repres. Policia)

(...) olha só, se o camarada hoje trafica, é usuário de drogas se a gente começar a reprimir, ele sai daqui e vai pra Planalto Serrano. Eles migram de uma área pra outra. O camarada ta em todos os bairros. Ele tem uma válvula de escape, ele esta aqui hoje, se amanhã se saturar essa área, ele sai daqui, vai pra planalto Serrano, vai pra... Tem sempre a mesma característica não foge muito do contexto não.(Repres. Policia)

Ou seja, você tem de manhã um conjunto de crimes que são mais próprios do período da manhã. No período da tarde, que é onde os comércios já estão com uma concentração de pessoal, de cliente, os bancos tão cheios. Aí você começa a ter outra característica de incidência de crimes. E conforme o lugar, outras características. E tudo isso a gente precisa ta acompanhando dia-a-dia para poder não errar e usar os meios e o nosso pessoal da melhor forma possível para atingir a eficácia no policiamento. Não é fácil. Não é fácil. (Repres. Policia)(Repres. Policia)

O crime fica migrando (...) A gente supre uma demanda e logo os criminosos e a criminalidade entende que aquilo foi estancado e logo eles vão procurar outra modalidade de crime para tentar ter êxito também. (Repres. Policia)

Que tem várias motivações: às vezes é droga, Às vezes é briga. É confusão, desentendimento, raiva.(Repres. Policia)

E muda também o tipo de crime que vai ocorrendo, ele vai mudando durante o dia. Com características bem definidas. Então essas viaturas rádios-interativas são muito ligadas à comunidade, atendendo o interesse das comunidades nos momentos em que ocorrem os problemas nas comunidades. (Repres. Policia)

Então hoje o tráfico de drogas é um grande problema pra segurança pública. E aí... Por quê? No tráfico de drogas não tem como fazer cobrança legal. Isso quer dizer, se uma pessoa me deve, não tem como eu ir 'no' juiz solicitar que ela me pague. Isso quer dizer, a lei é do terror. (Repres. Policia)

Então se alguém deve ao traficante e o traficante não recebe, ele cobra isso com violência. E aí a gente observa, estamos fazendo um estudo aqui, que grande parte dos homicídios, é difícil identificar, mas que grande parte dos homicídios, de alguma forma, está ligada ao tráfico de drogas. Na maioria das vezes o pessoal fala: meu filho era usuário. Tinha contato com o pessoal do tráfico. A gente não fica sabendo exatamente se foi morto exatamente por dívida. Só o morto que sabe disso. Né? E como ele morreu não há possibilidade de a gente colher essa informação.(Repres. Policia)

O que mais marca a gente aqui no bairro né? É a violência né? É a violência... Aqui, assim, meninos que eu vi crescer, hoje em dia não existe mais. Já morreram. Então é muita violência. (Morador de Feu Rosa)

Antigamente, o que marcou de tristeza foi como ficou o bairro. Foi uma morte uma vez que houve aqui no morro com uma Caravan, quando morreram dois casais brutalmente assassinados aqui no bairro. Isso chocou muito o nosso bairro. (Morador de Nova

Zelândia)

De primeiro entrava gente nas casas pra fazer assalto e matava quem tava deitado na cama, gente que estava comendo com o prato na mão. Era justamente porque o bairro era mais violento, hoje não. O pessoal antigamente não conhecia a verdadeira Vila Nova. Muita gente ainda acha que o bairro é violento por causa do passado de Vila Nova. Mas só que no passado era muito mais violento. No passado não passava um dia sem morrer uns dois, hoje a gente só vê gente morrendo no final de semana. Os vizinhos mais antigos contam como era em Vila Nova. A pobreza também era bem mais, o pessoal não tinha o que comer. (Morador de Vila Nova de Colares)

Vila Nova tem muito essa coisa de mortes né, não dentro do bairro, mas a gente ouviu falar muita coisa de morte. Até que assalto não, no passado era um problema sério, hoje em dia não, já não acontece mais com tanta frequência. (Morador de Vila Nova de Colares)

O acontecimento que mais me marcou foi os dois assassinatos que ocorreu no bairro, um por motivo de droga e o outro por agiotagem. (Morador de Alterosa)

Poderia ser melhor, poderia ser mais tranqüilo, quando falo até em relação assim, nem em tanta violência de roubo né, que é uma coisa que não acontece aqui, todo mundo acha que acontece mas não acontece, aqui dentro lá uma vez ou outra alguém pega uma bicicleta por causa do lance das drogas dos viciados, o bichos (os viciados). (Morador de Feu Rosa)

Problema com o pessoal do tráfico lá... aqui tem problema”, e ele tem que estar todo dia dentro do bairro e nós não, nós vamos ao bairro, mas na verdade somos forasteiros. (Morador de Vila Nova de Colares)

O que mais marca a gente aqui no bairro né? É a violência né? É a violência... Aqui, assim, meninos que eu vi crescer, hoje em dia não existe mais. Já morreram. Então é muita violência. A medida que a população foi crescendo a frota de ônibus não acompanhava a demanda ônibus não parava porque passava muito cheio, então a população reuniu e parece, não sei se chegou a queimar, mas apedrejaram, danificaram uns quatro ou cinco ônibus e aí a coisa melhorou. “Um rapaz que possuía um trailer e ele foi assassinado e o pai quando veio assentou-se ao lado do corpo da vítima e começou a chorar...”....

E olha que eu já vi bastante coisa feia aqui, tráfico, essas coisas. Fui ver aqui, eu nunca tinha visto uma pessoa assassinada na rua, aqui às vezes a gente levantava pra trabalhar e via um aqui, outro ali, no meio da rua...O fato que mais marcou foi a violência, porque quando eu vim pra aqui foi o assassina do meu irmão, todos os amigos dele já foram assassinados, todos. Ele era usuário de drogas. Porque aqui é muito difícil você criar os filhos e eles não se envolverem, porque é muito grande a influência do tráfico, então ele se envolveu, e a partir do momento que você não tem condições de pagar a dívida eles matam. (Morador de Feu Rosa)

Em virtude do grande envolvimento das pessoas com drogas, nós temos observado que muitas pessoas que são vítimas de homicídios tentados estão aí vivas e não sabem explicar da onde veio, porque ela tem problemas com tantas pessoas que elas acabam sendo vitimadas e não sabem, não tem a mínima idéia de onde veio. (Repres. Policia)

Um outro fator que contribui muito para o aumento da criminalidade, não só da Serra, mas de uma maneira geral, é o tráfico de entorpecentes, as pessoas tem morrido muito em virtude do tráfico, não que sejam traficantes, mas as vezes ele é um pequeno avião, ele é usuário, e pessoas também que nunca usaram drogas e não tem qualquer relação com drogas, não fazem tráfico, tem morrido em função da consequência do tráfico. Essas pessoas estão no local errado, no momento errado, com a pessoa errada. (Repres. Policia)

Esse forró em Jardim Tropical, que eu inclusive fechei umas três vezes, até que eu consegui fechar definitivamente, teve um dia que eu cheguei lá e estava muito vazio, ele estava com 120 pessoas, e dessas 120 pessoas, 70 eram menores, eu trouxe todos aqui pra divisão, eu enchi um ônibus da policia e trouxe todos pra aqui, chamei os pais, deu uma confusão (...) Esse forró foi fechado, mas o número de homicídios na região, inclusive no entorno daquele forró ali, em consequência desse forró, ele diminuiu consideravelmente, e acabou, porque no dia de forró nós tínhamos vários homicídios, vários homicídios. (Repres. Policia)

Olha só, o consumo de drogas lícitas ou ilícitas, isso contribui muito pro crime, o álcool é um dos grandes fatores que contribuem pro crime, você pode ver até no seu ciclo de amigos, você pode observar que os que bebem um pouco mais eles tem um pouco mais de coragem, eles tem mais desinibição, em determinado momento quando estão ali já um pouquinho altos, não precisa beber muito não, um pouquinho alto no álcool, essas pessoas ficam completamente desinibidas, elas ficam completamente corajosas, e em consequência disso tem ocorrido uma série de crimes. (Repres. Policia)

Nós não temos a estatística, mas é uma observação, essa observação nós fazemos e nós temos certeza que o dia que nós conseguirmos, se conseguíssemos limitar esses forrós, esses estabelecimentos até um determinado horário, nós provavelmente conseguiríamos reduzir os homicídios, isso é obvio. Primeiro você observa que nos dias muito frios e que chove muito, o crime cai, o crime cai, mas consideravelmente, porque a propensa vítima ela não vai estar vulnerável, porque as vítimas já estão marcadas, muitas delas já estão marcadas pra morrer, em virtude do tráfico de entorpecentes, em virtude de dividas com o tráfico e em virtude de outras coisas dessa natureza, essas vítimas já estão propensas a morrer, nesses dias os crimes diminuem porque a vítima não vai estar vulnerável, ela não vai estar em determinado local que o autor do crime, aquele propenso autor, ele sabe que ele vai encontrar a vítima em tal lugar, então ele também já não sai de casa porque ele já sabe também que a vítima não vai estar. Então isso nos dias frios, e nos dias chuvosos, você pode vir acompanhar dentro da divisão, o crime cai, com raras exceções, às vezes você vê uma chacina num dia desses, as pessoas são apanhadas em casa, o cara já sabe que a vítima vai estar dentro de casa, o crime vai ser feito dentro da residência, então a vítima está em casa, não importa, às vezes fica até mais fácil nesses dias porque a policia não vai estar ali, está chovendo muito e a policia vai estar dentro da viatura com os vidros fechados, então fica até mais fácil. (Repres. Policia)

Eu tive na ocasião uma série de inquéritos avocados pela administração porque envolviam pessoas influentes da sociedade, inclusive quando passamos a investigar a participação do Coronel Walter Ferreira numa série de crimes, nós tivemos alguns inquéritos avocados e tivemos delegados aqui da divisão transferidos para o interior do

estado sob o argumento de que iriam combater determinado crime, numa determinada região...(Repres. Policia)

As pessoas que fazem, moram aqui também, moram aqui por causa de droga as vezes, é muito raro não ter droga, elas moram aqui e a gente prefere não comentar, a maioria dos homicídios, as pessoas que cometeram, moram aqui, aí pra pessoal falar “ah, não quero falar”, porque é a famosa lei do silencio né? e uma das resposta é “ eu não tenho nada haver com isso, não vou ganhar nem perder falando”, e preferem ficar calados com medo que aconteça alguma coisa com eles, porque já aconteceu, já aconteceu de alguém ver e quando vê um crime, falar, e quem fez vir e fazer com ele também, então já aconteceu, e como aconteceu o pessoal ficou com medo, não fala, e isso faz gerar mais violência.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Não, não é nem por... é mais por... se eu uso drogas, eu comprei, não paguei, eu te mato, então é mais por causa disso, não é nem porque esse grupo vende e outro vende, então vamos matar eles, não é nem por causa disso, é por usa e não paga, é igual eu falei, aqui é um bairro humilde ainda, e aí vai viciando vai usando, vai usando.... e não tem condições de pagar, e eles acham que matando paga.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

9- Ausência de integração nas secretarias - Morosidade Burocrática

E as vezes as outras secretarias invadem a gente com coisas que a gente é obrigado a levar pra escola porque é programa do governo.. Então não existe essa área de discussão...(Repres.Poder Público)

A gente trabalha com o que nós temos, a gente não fica procurando não.(Repres.Poder Público)

Olha, é uma relação assim... É uma secretaria bastante solicitada, às vezes, a gente até tem um, é legal, mas a gente tem um tanto de problemas...(Repres.Poder Público)

Aqui na prefeitura o que a gente tem, assim, o entrave maior é a questão da máquina, a burocracia, mas isso ainda... Sabe... Eu acho que isso tinha que ser melhorado. Mas essa relação assim com secretariado, intersetorial, é uma relação boa, eu acho que a gente consegue construir isso bem, até porque também eu acho que tudo é uma questão de construção. (Repres.Poder Público)

E a gente às vezes tem que tomar decisões por cima dos papéis, né? Senão o papel segura. É um entrave grande na máquina. É complicado.(Repres.Poder Público)

Nós trabalhamos ainda com as informações vindas da Secretaria de Segurança Pública. Nós não temos um banco de dados.(Repres.Poder Público)

(...) tinha que ter uma política de segurança publica metropolitana... Não dá pra discutir essa questão localizada...(Repres.Poder Público)

Quanto à questão administrativa tem dificuldade, a estrutura das secretarias é muito arcaica, funcionava pra atender a Serra há vinte anos atrás, então é uma estrutura defasada, é uma estrutura pesada, arcaica e pouco informatizada, não tem recursos administrativos... E também tem uma rotina muito demorada, a compra de um lápis dura uns três meses em média... (Repres.Poder Público)

Agora, das ações sociais a gente tem uma série de dificuldades pra saber o que é que cada secretaria faz...(Repres.Poder Público)

Ou seja, Um coronel é superior na hierarquia a um tenente coronel, que é superior ao major, dentro da hierarquia, que é superior ao capitão, que é superior ao tenente, até chegar ao soldado. Essa hierarquia atrapalha um pouco no relacionamento, pra você... Isso tá no regulamento, pra você chegar pra conversar com o coronel, dentro do trabalho, você tem que obedecer essa cadeia de comando, ou seja, você tem que chegar primeiro pro seu comando de sucesso?(Policial)

Então, às vezes, essa tramitação de papel também acaba atrapalhando, aquela informação quando vai chegar lá na ponta, ela vai tá... Ela já tá assim... Com o tempo bem além... Eu poderia estar chegando pra você é falando normalmente, que fluiria mais rápido. Eu vejo assim, que a questão da hierarquia tem seu lado negativo, da questão das informações chegarem em tempo além daquele do normal... Acaba retardando. (Policial)

(...) acho que pela deficiência de outros órgãos a policia militar é mais exigida.(Policial)

Eu acho que o prefeito terminou de pavimentar, pelo menos aqui na minha rua, foi no ano passado. Quem começou a pavimentação foi o prefeito Sérgio Vidigal e quem terminou foi o atual prefeito Audifax. Um começou e o outro terminou. (Morador de Vila Nova de Colares)

Nós já tentamos mudar o nome do bairro. Porque o bairro Feu Rosa era bairro das flores. E não Feu Rosa. E nós tentamos mudar. Fizemos um plebiscito. Fizemos um plebiscito! E Bairro das Flores ganhou. Só que a Câmara de vereadores na época do Motta, derrubou o nosso plebiscito. Chegou no prefeito e vetou. A Câmara sancionou, o prefeito vetou. E voltou Feu Rosa.(Morador de Feu Rosa)

Eu esperava um pouco dos políticos, que eles olhassem um pouco pra gente, que nem esse lado aqui é todo invadido, que eles regularizassem as documentações... Eu estou aqui... Eu não tenho endereço, carta aqui pra mim,daqui pra lá, aliás, toda a área verde ninguém tem documento nem nada.(Morador de Feu Rosa)

A gente começou a abrir uma associação em 94, 94, não lembro direito o ano, a gente começou a fundar uma associação aqui, mas um presidente que era muito devagar, outro poder aquisitivo aí não tinha muito interesse. Ele conseguiu asfaltar a avenida, um pedaço em frente a casa dele sabe, fez assim ó, da casa dele pra cá era asfaltada, essa rua e a outra de lá, mas a nossa aqui e a outra, a outra e a outras de lá, lá no final, ficou tudo no bafo, e ele levou sete anos...."Esse negócio do orçamento é um negócio bom, mas no mesmo momento não é, porque e você só pode botar uma prioridade, você põe duas, mas só é eleita uma, então é muito demorado, muito

demorado o negócio do orçamento, e está nessa briga aí, esse ano já entrou escola, ano passado entrou um pedaço da rua que falta né, esse ano entrou escola, o orçamento de 2008 tem que entrar escola, nós temos que ir fazendo assim, ir juntando dinheiro pra fazer uma escolinha." (...)ruim é a promessa dos políticos e o não cumprimento, as mentiras dos políticos, os políticos são muito mentirosos rapaz, você vai lá e marca uma reunião: "Não... Porque o mês que vem começa", aí você naquela confiança vem aqui e espalha pro povo "Oh, o mês que vem começa aqui...", aí chega o mês que vem e nada, aí você passa por mentiroso, isso aconteceu muito comigo aqui, e no fim eu já nem falava mais nada, ía lá, eles me davam uma esperança, eu vinha e ficava quietinho, se acontecesse tudo bem, se não acontecesse ninguém ficava sabendo, passei por mentiroso muitas vezes aqui(...). O prefeito pra asfaltar aqui 1200 metros, que foi uma rua sem ser a que atravessa aqui a outra de lá pra cá, poxa, eu fiquei um ano correndo atrás disso, toda reunião, tinha uma reunião em Jacaraípe eu cortava lá, eu ficava rodeando ele até ele me dar atenção, e o asfalto foi feio, ele falou "tira o homem que eu asfalto o bairro aonde tem estrutura", aí tiramos o homem e eu comecei a perturbar ele, perturbar, perturbar, a ultima vez que...(Morador de Alterosa)

Só um dos problemas que nós enfrentamos aqui com relação ao combate ao homicídio, não somente no município da Serra, mas de uma maneira geral, é que isso foi jogado ao abandono durante muitos anos, eu assumi a divisão de homicídios em 2001, aqui, fiquei por um período muito curto, tendo em vista a interferência do estado, de uma maneira especial dos políticos, na gestão de investigação de homicídios.(Repres. Policia)

Antes da criação e da unificação da divisão de homicídios aqui nesse prédio, vários crimes de homicídio ficavam nas delegacias distritais, quando eu reassumi aqui, em 2003, comecinho de 2003, houve uma correção nas delegacias distritais e uma série de inquéritos de expedientes foram transferidos para a divisão sem sequer terem sido instaurados esse inquéritos das distritais, eu em um dia só arquivei aqui 700 portarias instaurando inquéritos policiais de crimes, inclusive, de autorias conhecidas, que saiu nas distritais, foram quase quatro mil de expediente que vieram para a divisão de uma vez só, então isso aqui inchou de uma natureza que eu fiquei aqui com quinze mil inquéritos policiais.(Repres. Policia)

Eu fiquei. E assim, não é aquele dinheirão, mas é uma parte que dá pra ajudar (Bolsa Família). Já corri atrás e desisti, porque eu não consigo. Num sei porque que eu não consigo. Já fui, já fiz 2 ou 3 vezes, fui em posto de saúde e nada. (...) Eles botam um monte de obstáculos, falam de coisas. Dos meus documentos, levei tudo que me pediram e o meu cartão até hoje. Aí fui na Caixa, foi negado. Aí pergunto porque, não respondem. Acho que isso não é resposta que dá pra ninguém. Tem que dá um motivo, porque que não fez.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

10-Oficinas e sustentabilidade

Eu acho que a falta de oportunidade de emprego, principalmente depois de 14 anos que saí do ensino fundamental nosso... Tem uns dizeres que eu fico ouvindo dos meninos na escola dizendo: "Eu vou estudar pra que se eu vou ser depois garçom, no máximo

garçom, ou vendedor de rua lá em Vitória?”... Então costume ter isso, falta de perspectiva... de ficarem perguntando “pra que isso?”...(Repres. Poder Público)

Eu acho que tem que investir pesado em formação profissional e dar uma mexida nesse processo de documentos aí, tem que atender essa população excluída aí, se não atender a tendência é aumentar o bolsão de pobreza e afastar o povo de onde eles já estão, afastar pra mais longe ainda...(Repres. Poder Público)

Então hoje eu acho que o poder público municipal, estadual e federal deveriam investir muito na mão de obra qualificada. Preparar esta mão de obra para o mercado. Porque mais o que temos problema aqui...o que mais temos problemas hoje é a ociosidade.(Repres. Poder Público)

Que nem a Serra, população operária, tem que ter curso profissionalizante, não podemos nos dar ao luxo de achar que todo mundo vai fazer vestibular e vai conseguir um superior pra poder após isso entrar no mercado de trabalho...(Repres. Poder Público)

Antes ele só ‘lajotava’ agora ele ta pintando, ele ta agregando valores ao seu serviço. De assalariado ele pode ganhar o triplo que ele ganha, orientando o cara a trabalhar no serviço com cautela, com segurança. Tudo isso é bom, não é ruim e é investimento mínimo, e resolve o problema da pessoa. (Morador de Alterosa)

(...) a metodologia inclui trabalhos em oficinas, em três faixas etárias distintas, 10 a 12 anos, 13 a 15 anos e 16 a 19 anos, e aí nós temos um planejamento, o conteúdo dessas oficinas, com a mesma temática, porém com uma abordagem diferente pra cada faixa etária.(Repres. Poder Público)

Conhecimento do corpo, sexualidade, planejando o futuro que a gente teria dinâmicas que enfoquem as conseqüências de uma gravidez na adolescência e o planejamento de uma gravidez, o planejamento familiar. Numa terceira oficina a gente enfoca a adolescência saudável do ponto de vista de viver longe das drogas então seria uma prevenção ao uso de drogas (...)a prevenção de violência.(Repres. Poder Público)

10 .1 - Movimentos sociais e clientelismo

Quando nós viemos para aqui, são pessoas oriundas de várias comunidades da Grande Vitória, e, para a gente ter mais experiência de luta social e militância política nós juntamos todos aqueles que tinham investimento de renda e que tivessem interesse no crescimento de vida, dos seus filhos e gerações futuras, elas teriam que se engajar nessa luta, foi assim que fizemos...(Morador de Alterosa)

Olha! É... Eu acho que o grande ganho para a comunidade, e, de um modo geral, aqui para Serra foi democratizar a escolha de obras no Orçamento Participativo. Este é o grande ganho, foi uma luta muito grande que nós tivemos com outras administrações passadas, e, que elas vieram a se concretizar com a administração Sérgio Vidigal, com muita dificuldade, muita briga também junto com a federação e este foi o grande ganho

que a comunidade de Alterozas e os demais bairros da Serra tiveram que é escolher a obra do ano seguinte, mesmo que ela não se cumpra...(Morador de Alteroza)

Mais pela Associação, porque tem uma equipe grande lá e que controla, e, se alguém inventar de ir lá para Serra pedir, já não vai ser bem atendido não, porque já tem esta Associação que leva e trás, né? (Morador de Alteroza)

Tinha uma associação, tinha um senhor aqui, eu nem sei... Um tal de Gabriel, [Pessoa ligada à Igreja Católica] né, ele reunia assim o povo os vizinhos que tinha, né, para se associar, explicar o que tinha que fazer no bairro, as pessoas que tinham que ajudar assim, né... Isso aí. Então era isso a associação que nós 'tinha', eram essas pessoas. A gente se associava, ele ajuntava as pessoas, conversava né, o que tinha que fazer, como era que a gente tinha que agir, negócio de... Assim, como, por exemplo, como nós 'podia' agir com pagamento de água, luz, né! Então ele explicava para a gente tudo isso, né, reunia e falava com a gente.(Morador de Feu Rosa)

Existia uma grupo de mães que mexia com leite, naquela época do governo, que eu não estou me lembrando o nome do governo que distribuiu o leite, Ticket de Leite, então como a Associação não dava para atender todas o pessoal do Morro do Macaco que era só 80 pessoas, aí criaram-se (sic) um grupo de mães para poder ter direito a mais ticket de leite, para atender a comunidade aqui.(Morador de Feu Rosa)

O bairro tem um nome, é um bairro complicado, porque é um bairro político, né! Várias facções políticas e a gente sofre com isso porque é uma discriminação muito grande com a comunidade de Feu Rosa, né! E essa Associação de Mães hoje a gente faz um trabalho mais em prol disso também, para a gente estar divulgando mais a comunidade de Feu Rosa, mostrando que não é isso.(Morador de Feu Rosa)

Para você ter uma idéia, quando nós viemos para cá aqui não tinha Igreja Católica, então nós celebrávamos debaixo daquela... Quem tem até hoje uma caixa que se chamava Caixa D'água, que foi nossa primeira água que veio para ali, né! E a primeira missa foi celebrada ali e depois foi celebrada nas casas, foi na minha casa, a 4ª missa foi na minha casa, as outras em diante ficou celebrando na casa de Zé Luís que hoje é um funcionário da Prefeitura da Serra, né!(Morador de Feu Rosa)

A gente tinha uns problemas aí de assalto no comércio, àquela confusão toda, aí nós juntamos uns 12 comerciantes e se eles 'topar' vamos fundar uma associação?! E nós achamos que na hora que a gente fundasse a associação [de Comércio] a gente teria uma condição melhor de negociar com o prefeito, com vereador, com esse pessoal todo.(Morador de Feu Rosa)

As duas coisas, no geral. Até porque eu conheço o bairro todo, conheço o pessoal todo e nunca ouvi ninguém falar em nada negativo; é porque aqui a gente não tem problema assim de enchente, de esgoto entupido é bem pouco e quando acontece a CESAN toma as providências, quando tem qualquer coisa que é necessário vê o presidente da Associação de Morador vai atrás e resolve rápido, né! Mas a atividade aqui é bem baixa... Quando também há uma necessidade do comércio precisar dele [presidente da Associação de Moradores], é só falar para ele também, logo ele resolve o problema... (Morador de Feu Rosa)

Sei lá. Elas [pessoas ligadas à Igreja Católica] que sabem, eu não tenho coisas com elas, não tenho muita ligação, elas para lá e eu para cá, elas trabalharam antes para isso acontecer né! (Morador de Nova Zelândia)

Aí com muito empenho, com muita dificuldade com a minha nora, que é muito inteligente [a nora de D. Alice é Cassiana, ex-presidente da comunidade de Nova Zelândia e membro participante da Igreja Católica], a Cassiana, então nós reunimos aí e resolveu, fomos lutando, lutando, até conseguir pôr água aqui; e luz aqui, nós ficamos sem luz, lamparina, vela, queimando vela...(Morador de Nova Zelândia)

E devagar ela foi fazendo porque ela ia [ex-líder comunitária do bairro] ‘na’ prefeitura e falava com o Sérgio Vidigal e falava... Ele trabalhou muito por aqui, apesar do outro [referência ao Prefeito Audifax] trabalhar também, mas a gente quase não se vê falar nesse homem. Sérgio Vidigal não ele é falado [ênfase], aí em todo lugar que ele ‘tava’ trabalhando o pessoal (...) o Sérgio Vidigal era falado... Agora este que entrou no lugar do Sérgio Vidigal... Você não vê falar no homem não ué! Pode até ‘tá’ trabalhando, mas não tá aproveitando isso aqui no nosso bairro não. Porque tudo é obra de Sérgio Vidigal, essas obras tudo que eles estão fazendo aí, tudo é obra dele, desse mesmo por enquanto não é não.(Morador de Nova Zelândia)

O povo aqui ainda é um povo que depende muito do estado, da esmola do estado, do assistencialismo do estado... então a política aqui, eu estive observando, aquele bom político é aquele que abraça, beija, eu promete um negocinho, que arruma emprego, quantos vereadores não já falaram, quando nós trabalhamos com eleição, que “nós estamos aqui pra arranjar emprego, o negócio é arranjar emprego, esse negócio de ficar fazendo aí... Eu preciso ganhar a eleição dando emprego, e ponto final”. Arrumando vaga na creche... (Repres. Poder Público)

(...) se ele [Audifax] andar dez metros ele tem que atender não sei quantas pessoas que ficam aí tudo pedindo, eles só chegam pra dizer que querem um emprego, querem uma escola, querem uma creche está com o filho não sei o que... Então ainda vai demorar um tempo pra mudar essa estrutura não é? (Repres. Poder Público)

(...) e então essas famílias assim, mais pobres, em situação de maior carência, são essas as preferidas pra gente ajudar... aí nós temos dificuldade porque vem político pedir, Coronel seilá das quantas, e as vezes da bronca na gente e na Vilma, que é a assistente social, e no psicólogo, porque acham que tem que colocar o filho da fulana... que as vezes é até a doméstica da casa deles... Mas as vezes você faz a visita e vê que aquele não é o que mais precisa, porque eles tem até quem peça por ele e tem aqueles que não tem nem quem peça por eles... (Repres. Poder Público)

Eu acho que sim. Eu acho que a própria juventude ela precisaria de ser melhor orientada para dentro das pastorais, para dentro das igrejas, através da própria sociedade, através dos diversos órgãos que tem...porque o jovem não tem essa cabeça livre. É preciso que alguém dê o pontapé inicial. (Repres. Poder Público)

Sérgio Vidigal assim depois que ele entrou, ele começou a fazer melhorias mesmo aqui no bairro e eu acho que foi a partir disso que o bairro começou a melhorar, é sem dúvidas isso que marca a história do bairro.(Morador de Vila Nova de Colares)

(...) os vereadores nunca se interessaram muito por esse bairro, é a questão que eu te falei, poucos votantes (...)(Morador de Alterozia)

Ah.... Tem a associação dos moradores. Tem a associação das pessoas que trabalham pelo bairro. As melhorias do bairro. Não sei me entrosar nesse negócio de associação dos moradores. Porque eu sempre fui estranha dessas coisas. Sempre fui de não me envolver não. (Morador de Feu Rosa)

Não não. Nós temos aqui a Associação de Moradores. Mas, eu fui nela, acho que duas vezes só. Porque, na minha opinião eles visam muito o lado deles. De ganhar dinheiro pra eles. Eles visam muito o bairro deles e não visam o nosso lado. (Morador de Nova Zelândia)

A gente participou no dia do evangelismo sobre o projeto, o prefeito distribuiu camisetas, teve o show no final do dia. Foi muito bom. A igreja tá trabalhando nesse assunto né, justamente sobre o combate à droga né. Porque combatendo as drogas a gente combate tudo né. E graças a Deus tem dado resultado né, porque nas igrejas a gente ouve as pessoas dizendo que eram viciadas em drogas. Agora essas pessoas se converteram dessa vida errante e resolveram seguir adiante em Cristo né". (Morador de Vila Nova de Colares)

E também tinha a questão política que era muito facilitadora. Nós tínhamos o então prefeito chamado José Maria Feu Rosa, que era o Pai dos Pobres. (...) Porque a área verde do bairro, ela foi doada pelo então prefeito José Maria Feu Rosa e por alguns espertalhões que foram lá, por serem amigos dele e, pegou um quarteirão maior e depois foram vendendo para tirar o seu lucro. Foram viver daquilo, de vender pedaço de terra. (Morador de Feu Rosa)

Bom, foi criada a associação, foi feito a ata da associação de moradores, havia uma certa pendência, mas na verdade é que havia sim mobilização e a prova é que as melhorias, e a mudança do bairro que nós temos hoje, são frutos das reivindicações da comunidade.... tem associação de moradores, associação de mães, enfim, no início aproveitava a reunião pra fazermos a distribuição do ticket de leite, aquele programa que foi implantado no governo de José Sarney, chamado de "Leite pras crianças"....a gente aproveitava e colocava as nossas necessidades e estávamos sempre reunindo para junto a prefeitura, junto ao governos do estado. (REPRODUÇÃO DO DISCURSO OFICIAL) "Então para um bairro que começou com as escolas em pequenas casas, de forma provisória, e hoje nós temos quatro grandes escolas e mais uma particular, e outras coisas mais que temos, e quando a gente percebe que isso é fruto do nosso trabalho, que essas conquistas.....sobretudo como fruto, ou como resultado da nossa dedicação, da nossa forma destemida, da nossa forma atrevida de cobrar e de insistir, e de bater na porta do governador, e de bater na porta do prefeito, as vezes até em mais de um lugar, no sentido de estar cobrando".....Eles não fazem nada, só vem aqui na política e pedem... Agora eles tão fazendo lá aquele ginásio lá de esportes lá, igual eles fizeram a quadra de areia, vai lá pra você ver como é que está... Não sou contra não, sou a favor do esporte, mas faz o essencial...Tem o presidente do bairro que de vez em quando vem aqui e a gente conversa aí eles falam "ah vai sair um dia". Aqui no bairro tem a associação dos moradores, mas assim, eles não fazem nada...o problema de saneamento aqui que a prefeitura nunca... Até hoje, eles dizem "o ano que vem faz, o ano que vem faz", aí chega a política.vem a próxima política e eles vem e mete a maquina aqui, vai abrir tudinho, ficou limpo aqui, limpinho, não tinha máquina nenhuma: Tá... Vão construir... Passou a política e ó: Esta aí ó... Aí esta

chegando a política outra vez e ele vem outra vez... Aí põe uma manilha ali, aí limpa e todo mundo vota neles... Chega na outra política põe duas manilhas... E até quando vai isso? ...“associação fechou, porque o presidente da associação era candidato, aí quando ele perdeu a eleição... Ele ganhou, aí ele mudou do bairro e abandonou a associação, aí ele fechou, não teve mais nada. (Morador de Feu Rosa)

Procura se beneficiar, ele como liderança ele só queria se beneficiar, comprar carro, e pro bairro ele não olhava, fez muito pouco. Ele não chamava eleição, a gente reuniu mais de cem pessoas, fizemos um abaixo assinado pedindo eleição e ele “não”, rasgava o papel assim... Entramos na justiça e tiramos ele então. consegui asfaltar o bairro inteiro, inteiro não, mas 95% do bairro está asfaltado hoje, graças ao meu trabalho e dos companheiros aí . (...) política é coisa pra jovem, que está começando agora e precisa se interar na política, política é bom, por quê? Ela arruma dinheiro, se o cara for corrupto ele arruma dinheiro, tem muita gente que quer assim(...) eleição fraudulenta. Você vê, a ultima eleição agora foi... foi essa mesmo que ele processou como eleição fraudulenta, ele entrou como candidato, fez a inscrição dele, muito mal feita, nós aceitamos assim mesmo pra não criar problema e tocamos o bonde pra frente...(Morador de Alterosa)

11- Falhas nos programas para jovens

(...) então a gente vai vendo assim, pelo que a gente conversa, pelo acompanhamento que a gente faz que é com as assistentes sociais realmente atende a quem precisa, mas o resultado disso a gente não tem condições ainda de estar fazendo essa avaliação.(Repres.Poder Público)

(...) porque nós descobrimos através dos SINE essa demanda, que eles tinham que pegar gente de fora, eu fiquei desesperada aí liguei pra empresa (...). (Repres.Poder Público)

Criasse um espaço já na visão dos jovens. Talvez se estude o perfil do jovem, se procure...Mas eu não tenho conhecimento que o próprio jovem tenha sido o autor daquela idéia, de ser uma proposta dele.(Repres.Poder Público)

Eu acho que a nossa secretaria da juventude, né? Não funciona ainda bem. Nossos departamentos estão caminhando. Ainda não estão totalmente inseridos. Então eu acho que quando estas políticas forem implementadas de fato, nós poderemos chegar a este estágio do próprio jovem dar esta contribuição. Porque é importante fazer aquilo que você gosta.(Repres.Poder Público)

(...) a diretora por ela ser minha professora antes ela conversava comigo, me chamava na sala dela, às vezes, eu perdia uma aula e ela me chamava lá: “E aí como você está? Não está andando em ‘mal’ companhia?” Conversava com a gente, né! Aí ela saiu, aí terminou tudo, acabou tudo.(Morador de Vila Nova de Colares)

Aí eles dão uns cursos lá para as pessoas carentes, mas eu vejo assim: aquilo ali é mais para as donas-de-casa, que não estão fazendo nada e querem fazer alguma coisa. (Morador de Vila Nova de Colares)

(...) eu acho que nosso bairro precisa é de coisas de verdade, projetos de verdade para trabalhos de verdade, coisas assim que dê realmente futuro aos jovens, que... Não ficar fazendo bordado, bordadinho, flor de meia... Sabe, devia ter alguma coisa assim boa mesmo, realmente boa, que tivesse profissionalização dos jovens para alguma coisa séria, não que não seja o trabalho é ótimo, o trabalho...(Morador de Vila Nova de Colares)

Eles dão um curso básico para você fazer, para você aprender, aí depois o que você vai fazer com isso é problema seu. (Morador de Vila Nova de Colares)

Criar um projeto para que esses jovens trabalhem, que tenha alguma coisa porque só o curso, eu acho que não resolve muita coisa não.(Morador de Vila Nova de Colares)

O uso de drogas começou com a vinda de colegas que moram em Feu Rosa e Vila Nova que vinham para o bairro através dos filhos de moradores que estudavam nesses bairros, por volta das 23 horas até de madrugada fica muitos jovens nas esquinas na maioria de 15 e 16 anos e os que eu conheço estão fora da escola. (Morador de Alteroza)

Ah, nós vivemos em um país democrático, exerça a sua cidadania”, que, no meu ponto de vista, na prática não funciona isso aí, democracia e cidadania... Eu acho que os governos tinham que fazer o seguinte, se empenhar mais, por exemplo, destinar uma verba pra criar um fundo lá, tirar essas crianças da rua, abrir um curso, não sei, ter um mecanismo pra tirar essas as crianças, então o governo diz “ah, mas eu vou fazer isso”, mas não faz, é só no papel porque na prática não funciona. (Morador de Feu Rosa)

A segurança. Quando eles reúnem em termo se segurança, reúne o governador, secretário de segurança, chefe de polícia, as portas fechadas, e aí é o seguinte, chamar um pessoal lá da UFES, chamar uma associação de idosos, chamar uma associação de moradores, um médico, chamar uns segmentos organizados e sentar, mas senta os quatro só, as portas fechadas, e discutem isso aí, então não funciona porque quem vai pra rua trabalhar são os pequenos, eles mesmo não vão não. Ih! Seu eu fosse falar eu ia falar a tarde todinha, tem muita coisa pra falar, de bombeiro, de defesa civil. (Morador de Feu Rosa)

Não precisaria nem de um projeto, precisaria apenas a compreensão da diretoria, que eles fossem mais comunicativo com os alunos, mais sérios e isso acaba virando confusão, acaba o aluno desistindo, igual o ano passado na nossa sala começou com 55 alunos e terminaram com 13, mas eles não tentam compreender o seu lado, “ah, eu trabalho até ao meio dia e não da tempo de chegar na escola”, se vira, você perde a primeira aula, aí você pensa “ eu vou ficar na escola por que? Porque pra eu trabalhar eu preciso estudar”. (Jovem - Moradora de Vila Nova De Colares)

As meninas são mais por gravidez, o meninos são por má companhia, porque se você tem má companhia você tem má influencia. São por esses motivos que levam os alunos a saírem, aí acabam fazendo supletivo, e supletivo é pior que estudar a noite. (Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

(...) eu fui nesse projeto aqui na escola Feu Rosa, o acervo cultural. e porque dentro da escola? vamos para a praça.(Morador de Feu Rosa)

12- A representação social deteriorada da Imagem do Jovem

A gente nem conhece, são garotos que vem de outros bairros...(Morador de Alteroza)

Em 2001, entrou um garoto, entrou alguém aqui, comigo dentro de casa... Eu não vi!(Morador de Alteroza)

Não, o que está marcante aqui é que tem muitos garotos envolvidos, muitos pais chorando, entende? Muitos pais que não são assim viciados são pessoas que são estruturadas, mas os filhos estão, entende? Já no vício. Isso aí é doloroso, têm vizinhas, tem vizinho bem próximo aí a segunda casa, o menino é drogado e a gente tem medo mais que tudo, porque não tem altura de telhado, não tem altura de muro quando ele fica alucinado.(Morador de Alteroza)

Assim... De problema desses meninos viciados em drogas, né! E a gente sabe qual é? Não dá para saber qual é, né? Porque vem o menino daqui foi morrer em Vila Nova de Colares... Então de lá é aquela roca de garotos e não tem só garoto não! Tem muita gente velho também que é safado...(Morador de Alteroza)

A gente vê nas escolas, a menina que tem namorado traficante é rainha... tem toda uma estrutura de poder...(Repres.Poder Público)

(...) embora o adolescente ele “incomoda” mais a sociedade, até pela própria característica, momento, e a fase né que ele tem todo os conceitos dele, as coisas que ele quer usar e tal, então ele...(Repres.Poder Público)

A juventude hoje, diferentemente do que foi a minha época, a minha juventude, a gente observa hoje não só aqui no Espírito Santo, mas no Brasil como um todo, ocorrendo uma inversão de valores.(Repres.Poder Público)

Cada vez mais os pais e as mães tendo que trabalhar deixam os filhos a cargo da escola, dependendo, de uma creche, dependendo da faixa etária, e aí não há aquele vínculo. Então cada vez mais a gente observa, na minha visão, que essa situação gera alguns descontroles (...)(Repres.Poder Público)

A gente vive no dia a dia, na nossa comunidade, nos nossos bairros, crianças que foram criados conosco, ou chegam da noite para o dia, todo simples, com uma pequena sandália, com um pequeno sapatinho, no outro dia ele está com um tênis de marca, com uma calça de marca. Esta com uma bicicleta último modelo, esta com um som. E a gente vai ver, está inserido no submundo da droga. E aí, começa aquela guerra de quadrilha que a gente vê o negócio horrorizado. Então para mim ele parte pela falta de estrutura da família. Para mim a família ela esta muito desestruturada.(Repres.Poder Público)

O nosso funk, não é a musica que tem problema. É a questão das condições financeiras da nossa juventude. Então ela se prepara a semana todinha para se enfrentar. Novo

Horizonte, Central Carapina, Feu Rosa, Jacaraípe. Então lá enquanto os jovens estão se preparando para embelezar o corpo, embelezar as músicas, para ser atração. Aqui eles estão se preparando para se digladiar. Aí quando termina, no decorrer você tem aquela serie de eventos negativos: mortes... (Repres.Poder Público)

Para ela ficar dentro de casa e tudo, até que ela já adaptou ao meio, mas é muito difícil porque as pessoas ficam xingando palavrões, pessoas sem posição de vida nenhuma, sem educação mesmo. Então é complicado para estar criando filhos, muito difícil. Eu 'coloquei ela' numa escolinha e no particular e tem dois anos, ela faz balé, entendeu? Para já estar modificando a mente dela, e para 'tá' melhorando... Para ela não crescer nesse mundinho aqui porque é bem pequeno.(Morador de Vila Nova de Colares)

Ah! Sei lá são pessoas assim que você percebe que são pessoas assim que tem dificuldades com os pais em casa, que não dá o braço a torcer, jovem mesmo, não quer saber de nada, de compromisso, só...(Morador de Vila Nova de Colares)

Uma quadra vai tirar o jovem da rua, com certeza, a finalidade é essa, atividade esportiva, o cara que ta fumando, que ta bebendo o moleque que está usando drogar na rua, se ele tiver uma atividade esportiva vai deixar a bebida, ele vai ficar, vai ter uma atividade e não vai ficar tão ocioso. (Morador de Alteroza)

E a gente tem encontrado nessas pesquisas que na maioria das vezes, principalmente dos jovens, que de alguma forma está ligado ao tráfico de drogas. Às vezes a gente não consegue identificar exatamente qual foi a motivação. Mas de alguma forma ele está ligado ao tráfico de drogas. É então nós temos essa observação. Muitos crimes hoje eles ocorrem em decorrência ao tráfico de drogas. (Repres. Policia)

Terrível isso que eu vou falar... Você pega um país em que você, é... Vender droga é muito mais rentoso do que trabalhar... Né? O camarada tem o exemplo do pai, trabalhou a vida inteira ganhando salário mínimo. Conseguiu construir uma casinha com a maior dificuldade... E aí ele pega e..., com pouco tempo que ele está na atividade, de droga, ele consegue muito mais do que o pai dele conseguiu na vida toda, porque é um lucro alto, né? É... O jovem, né? Ele pode achar que isso seja vantajoso. A diferença básica que tem nisso é que o pai dele viveu 70 anos. Né? Os anos 50... 60... E a possibilidade dele passar dos 21 é muito pouca. (...) Mas muito jovem prefere viver menos tempo nessas condições. De viver de droga. E ele tem carro, tem namorada, tem mulheres, tem armas... Do que viver 70 anos! Como o pai dele e a mãe dele viveram. Essa é uma das facetas também.(Repres. Policia)

Que a gente sabe que o adolescente é super dinâmico, gosta de novidade, se achar chato ele vai sair mesmo... (...) Porque a gente tem que ouvir o sujeito, até pra gente saber mais do sujeito.(Repres.Poder Público)

Acho que falta também um pouco de uma visão de futuro, uma característica dessa fase é não ter essa visão assim de futuro, o adolescente é muito focado no presente em geral.(Repres.Poder Público)

Tem muito menino aí na rua se drogando, em pontos de drogas. Talvez não, é com certeza que se existisse policiais na rua trabalhando, com certeza o tráfico ia diminuir bem.(Morador de Vila Nova de Colares)

Na terça-feira da semana passada o tenente Ricardo andou pelo bairro de bermuda, camisa e com uma pistola na cintura atrás de um jovem que mora perto da igreja católica, ele é usuário e disse no bar que iria matar o tenente, o tenente foi atrás do jovem e o agrediu na rua até cair no chão, ajoelhou o jovem e deu três tiros para cima, a polícia faz batidas nos jovens que ficam na esquinas e no bar perto aqui de casa, eles dizem que receberam denúncias, mas eu acho que eles fazem isso por conta própria e também quando o policial civil suspeita que o sujeito é usuário.(Morador de Alteroz)

Têm uns caras, têm uns molequinhos, têm uns traficantezinho, tem morte, mas não é aquilo também que neguinho fala, às vezes você fala onde é que você estuda, Ah eu estudo em Feu Rosa, Feu Rosa!! Pô lá em Feu Rosa.. Aí vai saber o que as pessoas pensam, a mesma coisa do bairro dele ou até pior ainda e ele pensa isso daqui, aonde era o bairro gente! (Morador de Feu Rosa)

Aí começou a vir o pessoal do funk também. Na época comecei a trabalhar com esse pessoal do funk. Tinha o Adão, que já tinha passagem pela polícia. Uns garotos de 16, 17 anos. (Morador de Feu Rosa)

Aquela época, as coisas funcionavam mais, as pessoas respeitavam mais, o adolescente não é? Ele tinha mais respeito aos idosos, os mais novos também tinham mais respeito, hoje com esse negócio do estatuto do adolescente é um problema, os caras não respeitam os idosos, não respeitam você, é um problema, e está difícil, o que é que o governo tinha que fazer era arrumar um mecanismo pra tirar essas crianças das ruas, abrir uma biblioteca igual, esqueci de te falar, vai ter uma biblioteca ali, o espaço já está alugado, vamos montar a biblioteca, a associação fez um convênio com a CST que ela vai doar os computadores e vai botar biblioteca pras crianças fazerem pesquisa, estudar, pra tirar aquelas crianças das ruas e tomar o tempo deles, não eles ficarem na rua, nas esquinas, fazendo coisa errada.(Morador de Feu Rosa)

Eles (menores) tem a casa deles, tem o lar deles, mas eles vão pra lá pra pedir comida, pedir dinheiro, assaltar, quer dizer, eles tem uma certa culpa, “ah é o menor”, mas o menor também ele é responsável porque é o seguinte, quando ele está assaltando ele estupra, seqüestra, ele está vendo aquilo ali, ele está praticando a ação, então se ele está praticando a ação ele tem consciência do que ele está fazendo, deveria mudar a lei, a promotora tava dizendo, deveria mudar a lei, pra ele ser punido igual a eu, se eu fizer uma coisa errada eu vou ser punido.(Morador de Feu Rosa)

Ah, geralmente são pessoas novas, você vê que as pessoas que se envolvem com crime, elas dificilmente fazem carreira e morrem idosos na cadeia, isso é privilégio só dos estelionatários, que geralmente vivem muito, e alguns outros golpistas. Agora, as pessoas que se envolvem com tráfico de drogas, com roubos, essas pessoas acabam morrendo muito cedo, os jovens principalmente que eles são muito afoitos depois que eles estão sob efeito de droga, quer seja maconha, cocaína, craque, eles são muito afoitos nas ações deles e acabam trocando tiro com a polícia, trocando tiro até com vítimas e acabam sendo vitimados cedo, quando não ocorrem divergências entre eles mesmos. (Repres. Polícia)

Elas não querem nada com nada, não querem saber de estudar, meninas novas de 12 anos que já tem relação sexual com homem que não tem... não é parceiro delas, com um e com outro, usam drogas, um dia desses mesmo usaram aqui na frente de casa, e não tem futuro nenhum no caso, são poucas que, quando eu vim pra cá “Arnaldo” a

*gente cresceu... cresceu não entendeu? São poucas que querem ter um futuro né?
(Jovem Moradora de Feu Rosa)*

Não, a minha escola não, ela é a coordenação por si, eu acho que igual eu falei, eu cheguei a falar com a diretora que quem faz a escola são os alunos, igual com quem faz o bairro é a gente, ela acha que a gente não tem direito de opinião, é muita intriga que tem um com o outro, os alunos com a diretoria, então ela não tem aquele incentivo de “ah, vamos estudar” igual, eles estão diminuindo os professores porque ta tendo muita evasão pela parte da tarde, então aumentaram a carga horária pra ver se isso melhora, eles estão tentando isso todos os meses, mas é porque não tem incentivo pros alunos ficarem na escola, só fica quem tem em mente “ eu quero terminar o ensino médio”.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Como eu disse, é por conta das drogas, porque as drogas é dinheiro fácil pra eles, então tem crianças de 12 anos fumando, crianças de 12 anos traficando, e o dinheiro do jeito que vem, vai, não adianta você chegar pra eles e conversar, eu tenho muitos conhecidos que falam “não, dinheiro suado é melhor, pelo menos você batalhou honestamente.” “ah não, é difícil,” é resposta deles é “eu ralo todo mês pra ganhar R\$350,00 no final do mês e aqui em dum dia eu posso tirar isso.” Mas aí acaba usando, acaba não pagando e acaba morrendo, porque quando eles ficam devendo eles morrem.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Tinha, muitas meninas, às vezes até grávida já chegou a falecer. (...) Às vezes pela mesma razão (drogas) elas chegavam a falecer, mas são mais meninos, mas já teve meninas que faleceram. (...) Meninas de 15, 17 anos. É, os namorados dela, todos usavam, aí as vezes morriam até de bobeira, porque estavam juntos, muitos falam né? “mistura com porcos o farelo come”, as vezes é por causa disso.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Não, é porque se eu andar com um tipo de pessoas que... eu não tem preconceito nenhum, a maioria são um amor de pessoas, mas se eu to andando com ele vai chegar amanhã e vai falar, “vai faz, usa”, se eu não usar no meio de monte de jovens eu sou careta, então se eu sei que isso pode acontecer, eu acho melhor evitar, então podem me chamar do que for que eu não vou ta nem ai.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Com dez anos tem criança no trafico, na violência aqui, dez, onze anos.(...) Não passa nem dos 17, é como eu falei, a faixa etária aqui é de 17 anos.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

13- Gravidez na Adolescência

E no caso do público de 7 a 14 anos, que é o menino que já está envolvido... Que já mexe com drogas, que eu acho que é a falta da estrutura familiar, tem um detalhe da população nossa aqui, que 60%... O ministério público fez uma pesquisa há uns dois anos atrás aqui... Um procurador, um promotor que é da vara da infância ele pegou alunos das escolas municipais, das escolas estaduais e ele verificou que 60% dos meninos não tem paternidade, que dizer, são famílias desestruturadas.(Repres.Poder Público)

(...) eu penso que nós estamos indo aí pra uma terceira geração de famílias de pessoas que tenham sido orientadas, porque as pessoas são mães muito cedo, as vezes com quatorze as vezes com quinze anos, e também as vezes que não conseguiram receber da família uma formação, não teve uma boa estrutura, numa linha de pobreza muito grande... (Repres.Poder Público)

(...) também é uma violência não ser responsável pelo filho. (Repres.Poder Público)

Agora eu saio na rua vendo as grávidas, cada dia mais você vê meninas mais novinhas engravidando, e tem razão de ser o índice maior mesmo, de tanto que eu vejo na rua, porque há um ano e meio atrás eu não prestava muita atenção né... Gente! É grande demais. E com isso aqui, um número alto de homens que vêm sozinhos, piora. Aí depois vai pro ministério publico, sem pai, sem... O ministério público tem os índices da Serra... (Repres.Poder Público)

Hoje já não tem mais isso não, hoje as meninas não 'brinca' mais como a gente 'brinca' antes, dava uma idade de 13 / 14 anos, as meninas já querem casar já, já quer arrumar um marido, já quer morar junto, já quer ter filhos e a gente ver as meninas aqui mesmo nessa rua.... Tem uma menina de 12 anos assim, eu pensei: "Pô! quando ela tiver este menino vai pensar que é a boneca dela, porque ela é tão pequenininha, tão pequenininha que nem parece...(Morador de Vila Nova de Colares)

(...) as crianças hoje estão deixando de ser crianças muito cedo, aí tem filhos logo, se envolvem em outras coisas.(Morador de Vila Nova de Colares)

(...) a gente dá um enfoque na questão da família, sempre a família sendo uma base pra essa pessoa, sempre estar trabalhando lado a lado com a família.(Repres.Poder Público)

Nesse caso específico que eu comentei com você ela falou que estava virando moda no bairro dela, tipo assim "As patricinhas do meu bairro estão todas engravidando", é como se dissesse assim: "Se os exemplos estão engravidando eu também vou engravidar". Eu não sei definir bem o porque, mas é certo que algumas até pra testar se são férteis ou não, surge a dúvida "Será que eu posso ser mãe?", e as vezes elas testam isso.(Repres.Poder Público)

Algumas querem mesmo sair de casa porque a estrutura familiar não anda bem e às vezes tendo um compromisso com algum outro rapaz ela vai sair daquela família e formar outra.(Repres.Poder Público)

Ah, era... tipo assim, legal. As partes boas eram os meninos de lá, tipo de putaria (não tenho certeza) Aí, se a gente contasse, ficasse contando, acabava ficando uma tragédia, né? Mas tirando isso tava tudo tranqüilo, pra mim tava tudo tranqüilo. Tudo bom. (Jovem / Morador de Nova Zelândia)

As vezes desinteresse, um namoro, outros porque eram obrigados, muitas grávidas... eu entrei na escola no primeiro ano, tinha seis meninas grávidas, e nenhuma concluiu o primeiro grau, estão todas tentando agora.(Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Assim, minha infância num foi boa, porque nos meu 12 anos eu já era mãe, mas eu já era casada com um rapaz de 28 anos..(Jovem Moradora de Feu Rosa)

Tenho amiga que fico grávida, tem 4 filhos e não conseguiu Bolsa Família também.(...) A gente pensa em sumir, deixa dá o neném pro zoutro ou tirar o neném. Você sabe muito bem... Eu só não pensei em sumir porque eu tinha meu pai e minha mãe. Entendeu? Porque senão eu acho que não agüentaria a pressão. Que é muito... Fica muito carente, sente só, como vou cuidar dessa criança, pedir fralda, comida, pedi uma coisa, aí vem pedi uma coisa e você não tem dinheiro pra comprar. É complicado. Não queria passar... Porque a minha infância não foi boa. (...) Acho que ninguém mandou você arrumar filho cedo, quem mandou você arrumar filho cedo? Ninguém. Arrumou tem que cuidar. Matar? Tem pessoas que tira, quer tirar... Eu falo pra você: se eu é... O caso de eu ter um filho hoje em dia, comigo mais velho assim. Eu não tiraria, mas se eu tivesse sozinha, como eu tive meu filho eu tiraria. Tiraria... Tiraria porque... Medo de não poder a uma criança... Medo de bota uma criança no mundo e não poder criar... Ah você vai deixar com quem? Não sabia trocar uma fralda, eu não sabia... Hoje em dia eu não sei nem amarrar o cabelo de uma criança, eu não sei... Se não fosse minha mãe. Aí aconteceu de eu ter filho, ficar 3 meses internada, quase morrer, aí que eu fiquei meio traumatizada de ter filho.(...) Teve amiga minha que tirou com 6 meses... Era um menino. Caiu dentro do vaso. Mas ficamo lá... Ficamo horrorizada... Mas ia fazer o que? Já tinha feito... Entregar pra policia? Bater? Matar? Entregamo na mão de Deus, Deus sabe o que faz.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

A cada dez mulheres aqui, oito estão grávidas, foi feita uma estatística, eu tive acesso a essa informação, é... de pais de cada vinte mulheres que vão fazer pré natal, mais de quinze são adolescentes e mãe solteiras, então é, bem... comum, é um dado bem alarmante...(...).....não tenho nada contra, nada errado um adolescente engravidar, a nível despreparação psicológica, emocional, financeira, as vezes um jovem de quatorze, treze anos... já no ultimo mês.....(...) Antigamente não tinha não[muito caso de gravidez na adolescência]... porque, eu lembro que eu ficava ali na..(incompreensível). Eu tinha acesso assim....olha você podia contar literalmente, passavam nove, passavam dez, oito eram grávidas, isso foi de uns quatro anos pra cá, talvez meninas que eu conheci com oito anos de idade, hoje elas estão com doze já são mães, conheci entre aspas né!? (...) Você via mas não era assim, hoje é... tem meninas de doze, treze anos... já tiveram filhos, estão com os filhos no colo já. Doze, treze anos, é uma fase pra ta brincado de boneca, brincando na rua estudando...qual tipo de ocorrência que está ocasionando isso?eu acho que é um ciclo vicioso,a raiz do problema é uma família sem estrutura. Por exemplo, essas meninas que hoje, tem doze, treze, quatorze anos... ela tem filhos, daqui a dez anos, os filhos delas já estarão adolescentes, eles provavelmente terão filhos também...Exatamente,Porque eles não tiveram...um estrutura... um espelho, algo pra se visualizar, um exemplo pratico, um pai legitimo,difícilmente essa criança com cinco anos mora com pai e mãe, irmãos. Então é como se fosse uma bola de neve... vai se proliferando...(Morador de Feu Rosa)

14- Visão da Polícia sobre a questão da segurança

(...) nós percebemos a polícia militar fazendo o policiamento preventivo, mas muitas vezes engajando no policiamento repressivo, às vezes o indivíduo roubou e a policia militar vai atrás, não seria uma função à princípio dela. E muitas vezes a policia civil que deveria estar trabalhando investigando, à paisana, buscando colher dados, às

vezes eles se vestem de preto ou de outra cor e põe um colete da polícia civil e fazem operações ostensivas de blitz e de outros aspectos.(Repres. Policia)

(...) eu acho muito interessante, que eles cobram muito da polícia, inclusive da policia militar que é preventiva, o combate a crime de homicídio, e o crime de homicídio é um crime que é difícil de ser combatido, ele é muito mais cultural do que medida de atuação policial.(Repres. Policia)

(...) uma senhora estava desesperada por causa da morte do filho dela, me chamou a atenção a forma com a qual a mãe se expressava por ver ali o corpo inerte do filho, foi aqui no bairro, foi algo que me chamou atenção enquanto pessoa e enquanto profissional, mas eu tenho que destacar que aquilo só me chamou a atenção porque eu estava aqui naquele momento e atuando naquela situação. Porque algo pra te chamar a atenção no meio urbano assim, tem que ser algo que foge à normalidade, e é isso que eu percebo, esse bairro aqui é um bairro normal como outros, inclusive como o que eu resido.(Repres. Policia)

Ela tem que ser uma policia cidadã. (...) Então o que você precisa que os comandos realmente tragam a policia para dentro da sociedade. E que a sociedade possa criar os modelos de segurança para nós. Não a própria policia ditar o modelo que ela quer fazer, mas que ela possa seguir uma orientação da sociedade sem preservar.... E até a própria corporação, ela tinha que mudar.(Repres. Poder Público)

E eles tem que entender que nós, enquanto policiais militares, somos funcionários de uma instituição que tem como finalidade preservar a segurança da sociedade. E pra preservar a segurança você tem que ter o respeito e a simpatia e a confiança dela. Se você não respeita, não confia, você não tem como contar com ela. Então ela tem que se inserir. Ela tem que participar.(Repres. Poder Público)

As comunidades vão mostrar pra polícia quais os locais que elas identificam como locais prioritários as, praças, hospitais, que aliado a uma estatística que a PM ela produz essa estatística ela vai! E aquilo ali vai ser confrontado com o que a comunidade passou.(Repres. Policia)

Essa Minha hipótese [risos] quanto mais a policia trabalha, quanto mais ela trabalhar, mais ela vai desagradar às pessoas. Sem dúvidas, se você tiver incomodando, por exemplo, você ta parando ali, fazendo uma blitz, você vai parar um ônibus lotado de gente chegando do trabalho, nove horas da noite. Com certeza ta todo mundo ali p da vida por que, nove horas da noite, duas horas andando de ônibus a policia vai pegar o cara vai mandar descer, vai tem pessoas ali que realmente o cara deve, um ou outro deve, mas a maioria pessoas honesta.(Repres. Policia)

Quantos homicídios poderiam ser evitados se realmente o evento terminasse a meia noite. São coisas que, após meia noite, quantas pessoas morrem? Será que elas morreram se terminasse o evento antes de meia noite? . Quantas pessoas morrem de acidente de trânsito, por que não saiu (sic) 2 horas da manhã, embriagados da noite e bateram com o carro. Talvez, se acabasse meia noite? [risos] São suposições, mais tem lógica, tem fundamentos, tem fundamento. Ah, casa noturnas abertas aqui área na Serra. Você sabe muito bem que muitos homicídios ocorrem também em decorrência da prostituição e de uso de drogas nos prostíbulos, então vamos acabar com os

prostíbulos. vai acabar vai desagradar uma parte das pessoas e talvez ate aumente numero de estupros, por exemplo.(Repres. Policia)

Uma época a gente instalou urnas em determinados locais, supermercados, material de construção, você chegava e botava um bilhetezinho dentro da urna de tempos em tempos, uma pessoa de confiança da administração companhia, pega a gente fazia e tal. Geralmente eram poucas, eram poucas as denúncias por que elas evitavam o máximo de se expor.(Repres. Policia)

(...) ligam pra policia militar por que esta ganhando neném em casa. A policia vai e auxilia, 'a fulano de tal'... Tem uma visão distorcida do que é polícia militar. Esquecem que existem, tem uma emergência 192 vem uma ambulância do SAMU. Não, ligam pra 190, por que acreditam que a polícia é pau pra todo obra.(Repres. Policia)

Ah, quando a pessoa ta com algum problema, polícia militar. Precisando da polícia pra resolver um problema de polícia não chama, por que vai agir com truculência ' ah, não chama a polícia não' 'ah chama a polícia' São coisas que se divergem. (Repres. Policia)

Por que o camarada tem que fazer três, quatro bicos no horário de folga. Quando chega 'no' serviço ele ta 'pocado'. Vai trabalhar, mas não vai produzir nada. Ficar dentro da viatura com braço cruzado. Qual o aproveitamento de uma cara desses... Tem que investir mesmo em recursos humanos e dar condições pra ele trabalhar.(Repres. Policia)

Vai prender um monte de vagabundo, daqui a pouco, ele vai pro bairro, monte de vagabundo que prendeu está lá, olhando pra cara dele, intimidando ele, a família. Deveria dar melhores condições, pro cara poder adquirir uma arma, pra adquirir um colete, um colete é 800 reais. Uma arma é 2000, 2000 e pouco. Fica caro, fica caro. é o preço que você paga também pra você ter uma sensação de segurança individual também. Tem essa, o policial trabalha pra dar uma sensação de segurança pra pessoas, mas ele tem que ter uma sensação de segurança dele. O que da isso pra ele é ele ter um arma. Uma coisa pra que ele não se sinta tão intimidado assim.(Repres. Policia)

Eu vejo assim, que o policial ele é frustrado por que, por que as coisas acontecem, ele é tido como culpado, por que ele não evitou, mas não é um problema dele, O problema não é somente da policia, não é somente da policia militar. A policia militar é uma parte de um todo. Essa sensação [é uma sensação assim, a primeira coisa que as pessoas lembram é da polícia militar, esquecem do todo. Eu acho isso ruim, pra gente, policial, por que acaba de uma certa forma denegrindo a imagem da instituição, como se a instituição é que não foi eficiente mas não é um problema institucional. Um problema maior, social. A culpa não tem que cair sobre a polícia militar. Acho que quem errou é ... talvez quem tem errado, de uma certa forma, é a própria sociedade. ela é a vitima mas tem uma parte de culpa.(Repres. Policia)

Porque tem gente que olha viatura na rua e acha que ele está indo pra onde ele quer, do jeito que ele quer. E não é assim que funciona. Tem um planejamento por trás disso tudo.(Repres. Policia)

E então tem uma RO [Rádio Ocorrência] que atende o bairro de Vila Nova e atende ali também. E não tem como você separar. Não tem como você botar uma viatura para um lado e uma viatura para outro. Se pudesse, a gente até faria. (Repres. Policia)

Que a solução está muito mais ligado à participação da comunidade com a polícia do que na verdade a presença física do policial. E mais, aliado a isso tudo, nós temos três viaturas que são apoio operacional. (Repres. Policia)

Pessoas envolvidas com segurança pública buscar estar estudando para entender o que ocorre. Para tentar explicar os fenômenos que ocorrem e atuar de uma maneira eficaz. E aí a gente começa a estabelecer as políticas de segurança. (Repres. Policia)

Agora um outro fator que nós podemos observar também é que o efetivo da polícia judiciária não acompanhou o crescimento da população, nós tivemos uma população na década de 70, 80, de vinte, trinta mil habitantes na Serra e hoje nós temos mais de 400 mil, e o nosso Q.O., o quadro organizacional nosso é de 1.990. Pra senhora ter uma idéia, em 2000 eu fui chefe do DPJ da Serra, passei por lá um ano e seis meses, eu tinha na crimes contra a vida, na ocasião, quatorze policiais, dois delegados e dois escrivões, daria um total de dezoito... Hoje eu tenho cinco policiais, dois delegados e dois escrivões, então não aumentou, então com isso, hoje nós temos cinco policiais pra investigar todinhos inquéritos policiais. A divisão toda, ela está hoje, com um pouco mais de doze mil inquéritos policiais divididos entre os homicídios. (Repres. Policia)

Então precisava de muito mais investimento, em especial em recursos humanos, porque recursos materiais nós até conseguimos fora do estado, mas recursos humanos é difícil, esse prédio aqui, por exemplo, era um sucato, e nós conseguimos através da CST, que gastou-se quase um milhão nesse prédio, e fez um local decente pra que nós possamos aí receber a população toda, as vítimas dos atentados, as testemunhas e parentes de vítimas... (Repres. Policia)

Antes da criação e da unificação da divisão de homicídios aqui nesse prédio, vários crimes de homicídio ficavam nas delegacias distritais, quando eu reassumi aqui, em 2003, comezinho de 2003, houve uma correção nas delegacias distritais e uma série de inquéritos de expedientes foram transferidos para a divisão sem sequer terem sido instaurados esse inquéritos das distritais, eu em um dia só arqueei aqui 700 portarias instaurando inquéritos policiais de crimes, inclusive, de autorias conhecidas, que saiu nas distritais, foram quase quatro mil de expediente que vieram para a divisão de uma vez só, então isso aqui inchou de uma natureza que eu fiquei aqui com quinze mil inquéritos policiais. (Repres. Policia)

14.1- Percepções sobre a polícia

Hoje seria... Hoje seria a demanda negativa na comunidade seria a segurança o resto está sob tudo controle. (Morador de Alterosa)

Então a gente não sabe, tem que saber, eu falo com eles: Boca fechada não entra mosca. Faz de conta que a gente está em São Paulo, porque a gente tinha mercearia e a gente sabia quem era bandido, não é! Aí Ana chama a polícia! Eu falava com a polícia: Se eu chamar você, vocês prendem o bandido e o bandido tem dinheiro, chega ali em Piraporinha você solta, dá mil reais para você e você solta, e eu não tenho dinheiro...

(...) Meu filho eu não de qual eu tenho medo, se é da polícia ou se é do bandido, né! (Morador de Alterosa)

Quando a minha filha nasceu, isso aí me marcou muito também, as meninas mentiram você está entendendo? Para uma pessoa, que ele era até o delegado da polícia aqui dentro, pedindo para me ver porque eu estava muito ruim, aí o que aconteceu? Ele lotou o carro, e chegou lá para ir me visitar, doze pessoas. (Morador de Feu Rosa)

A estrutura do DPM era muito fraca, o DPM não oferecia praticamente, na época [1997], não oferecia nenhuma condição para o pessoal trabalhar. (Morador de Feu Rosa)

Melhoraram bastante a segurança, colocaram bastante polícia aqui, até que a segurança melhorou bastante e permanece hoje, tem o sargento aí, inclusive até o presidente da Associação de Morador é o sargento que é o comandante da Companhia daqui, porque o DPM era só DPM depois passou a ser Companhia, a Companhia de Laranjeiras veio para cá... Pelo menos hoje a segurança 'tá' bom, 'tá' bom hoje está melhorada... Hoje a segurança aqui é bastante é boa mesmo. (Morador de Feu Rosa)

Então a policia aqui nem é policia ainda... policial só entra lá em bando... não entra viatura assim... porque entra, mas não sai. (Repres. Poder Público)

Você tem dificuldade de fazer uma denuncia, porque você não sente segurança nos órgãos que você esta denunciando. (Repres. Poder Público)

Às vezes você já vê o policial participando de uma Associação de Moradores, você vê o policial envolvido na vida pública, no parlamento, nos executivos, o que demonstra que ele esta se abrindo para a sociedade, que ele esta se abrindo à sociedade. (Repres. Poder Público)

Então a senhora teve o carro roubado e eu tive uma botija de gás roubada. Na visão do policial o carro é o mais importante. Mas você tem um seguro e pode comprar outro carro. E aquela botija que faz a comida de meus filhos, eu não posso comprar outra. (Repres. Poder Público)

Você tem uma policia cansada. Você tem uma policia que já não esta agüentando. Você tem uma policia que fica pedindo pneu, que fica pedindo gasolina. Aquilo é uma falta de organização, porque o estado tem recursos para isso. (Repres. Poder Público)

E a questão da droga né, nós temos que combater é o fornecedor... Porque o grande problema é o fornecedor... e a gente tem policia envolvida nisso né, mas... (Repres. Poder Público)

Ela tem que ser uma policia cidadã. (...) Então o que você precisa que os comandos realmente tragam a policia para dentro da sociedade. E que a sociedade possa criar os modelos de segurança para nós. Não a própria policia ditar o modelo que ela quer fazer, mas que ela possa seguir uma orientação da sociedade sem preservar.... E até a própria corporação, ela tinha que mudar. (Repres. Policia)

Ele tem que ter o trabalho dele enquanto policial militar, mas fora aquele horário de policial militar, ele tem que se comportar como um ente da sociedade e fazer parte dela para que a gente possa criar esta relação de confiança e deixar essa relação de truculência de arbitrariedade e de dono do poder...Eu faço, eu mando e você obedece!(Repres. Poder Público)

(...) eu fui pego pela terceira vez, eu 'tava' dormindo, aí a polícia chegou assim, aí me bateu bastante aqui na sala, me bateu bastante no meu quarto aqui assim. (Morador de Vila Nova de Colares)

(...) eles queriam me incriminar porque eles já estavam de olho na gente já tinha um tempão já, desde quando a gente começou assim e nunca conseguia pegar a gente porque a gente nunca dava 'mole', nunca vacilava, como se diz, nunca vacilava (...)
(Morador de Vila Nova de Colares)

A polícia entrava assim... Eles andavam muito com arma na rua naquela época assim e a gente ficava mais ou menos assim meio aterrorizado assim, isso talvez foi um incentivo de eu fazer aquilo que eu fazia (...)(Morador de Vila Nova de Colares)

Se bem que hoje em dia nem em policial a gente pode confiar, mas ainda assim para algumas pessoas ainda transmite um pouco de segurança, né! Que não há...(Morador de Vila Nova de Colares)

A gente vê muito envolvimento com drogas né, boquinha de fumo daqui, boquinha de fumo dali. Eu acho que se tivesse uma delegacia dentro do bairro, porque a gente vê que só a presença deles aí no bairro já melhorou e muito. Se tivesse uma delegacia a gente ficaria mais tranqüilo, melhoraria mais ainda. Igual eu que trabalho por conta própria ali na avenida principal, porque aqui nós não temos pracinha. A gente fica com medo né, e ficamos cismados com algumas coisas. Então a gente vai trabalhar porque não tem escolha né, mas se tivesse eu não iria.(Morador de Vila Nova de Colares)

Mas a maioria são uns cumpridores da lei e da ordem mesmo que acabam fazendo as maiores besteiras (envolvidos no tráfico) normalmente (...) O que eu quero dizer é que o cara já tem aquele perfil de vagabundo mesmo, e é claro que os caras vão chegar empurrando pra lá, puxando pra cá e também porque já tem os pontos né, onde ficam os grupinhos e tal, então a policia já sabe o que tá acontecendo.(Morador de Feu Rosa)

Aqui nós temos policiais que dão cobertura aos marginais, para tráfico de drogas, para assassinato. Eles sabem quem vai morrer e saem do bairro para o cara ir lá e matar. Já vi fazer ocorrência em Jacaraípe para o cara matar aqui. Então o crime aqui tem essa característica... Marginal por marginal era fácil de a gente combater....botava fogo nisso aqui, dava uma (?). Mas quando a própria polícia está envolvida aí fica difícil. Eles se comunicam! (...) traficantes aqui do bairro, por celular eles se comunicam. Esta chegando no começo bairro eles já sabem logo do gerente da droga, dali, da rua debaixo...Eles já ligam: - Olha, esconde tudo e joga ali para qualquer lado que nós estamos indo aí! Então como é que se combate a droga assim? Se quer ela para combater, esta avisando o cara a esconder a droga que ele mesmo entregou dentro da viatura.(Morador de Feu Rosa)

Hoje em dia a justiça nossa é tão lenta, tão fraca, que eles fazem as coisas e acham que vão ficar impune, que ninguém vai atrás, como não vão mesmo, é difícil, então por isso fazem né. É normal ,é normal, a pessoa ir ali, fazer o que faz ali a polícia vem, recolheu

o corpo e pronto, acabou, e quem assassinou esta solto, andando por aí. Até assim, a própria polícia quando vem buscar um corpo, que eles vem fazer o serviço eles ficam questionando com parentes daquele corpo que eles ganham muito mal pra fazer aquilo... Isso deixa a gente mais inseguro ainda no lugar que a gente mora, não tem segurança nem nada, se precisar de algum policial pra fazer alguma coisa, pra te ajudar em alguma coisa... Você não tem segurança... O DPJ é só pra dizer, nem pra ocorrência é, porque lá eles não prendem, não botam ninguém preso não... E eles fazem os assassinados do lado, tem crime do lado lá... E eles nem aí... Tem caso de assassinato aqui da policia, da polícia, não é o recolhimento do IML não, é a polícia, de demorar seis, sete horas, a polícia, pra chegar no local. Pra você ver como é o policiamento. (Morador de Feu Rosa)

(Policial amigo da família) Faz de tudo pra não trabalha aqui. (...) om medo né? porque no meio desse mundo tem aquela guerra né? policial e bandido. Então pra não gerar confusão faz de tudo pra não trabalhar aqui, ele fica na dele, eles tentam ser amigos, comunicativos. O medo dele é esse. (Jovem Moradora de Vila Nova de Colares)

Tem vez que os policial caba atrapalhando o comando da gente. Porque quando a gente mais precisa eles não vem. Uma briga de vizinho, de um esposo, alguém brigando com alguém eles não vem. Coisa que não tem nada a ver, eles vem e acaba prejudicando a gente. Que nem ontem, eu levei batida do nada. E eu não podia falar nada. Que que eu podia fazer? Nada. Teve um dia me ameaço dando na cara, falei: eu sei meus direito. Quer dizer, muita coisa mudou. Antigamente num fazia isso. Não era de fazer isso. Na rua da casa, parou. Não me revistou porque não deixei. Tem uma coisa que a gente acha abuso, aí quem ta perto da gente fica revoltado, por isso que eles fazem. Aí fica complicado! (...) Era 1:30 da tarde. Acabei de almoçar, desci pra conversar com um amigo meu, parou assim e deram a batida. Aí pegou meu telefone cutucou, porque tava escrito gostosa. Eu coloquei, porque eu me acho gostosa. Começou a debochar da minha cara ainda. Quer dizer... Abusa da gente e acha que ta tranqüilo. E quando a gente precisa dele, não tão nem aí. Se tiver alguém passando mal que nem meu irmão tava doente, precisando deles. Desapareceram. Pra julgar e para esculachar ele chama primeiro. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Ofenderam e eu deixei pra lá. Deixei pra lá porque não vale a pena. Ta errado e se você for dar queixa... Uma amiga minha, num é fanto, foi presa. Eles bateram, espancaram ela. Chego na delegacia o delegado mandou fazer o corpo delito pra resultar algum exame resultado disso. Não é só... Mas agredir uma pessoa... Tem que ter motivo para agredir... Não é chegar e bater... Não é nada.. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Ta! Com certeza. Vê um preto encostado, sem camisa, cabo! Meu irmão fica muito naquela esquina, eu meu irmão, um monte de menino. Só de ver um monte de preto, cabo. Eles são muito racista. Eles são da nossa cor, mas gosta de esculacha com a gente. Falar gracinha, deboche, a gente não pode falar nada. Eles tão fardado. Se falar tamo errado, capaz de apanhar. (...) Mesmo sendo mulhé. Passa a mão, eles passam não. Mas se dé mole eles passam. Amiga minha, rancaram a roupa dela no meio da rua. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

Minha prima esse dias, o marido dela quase matou ela, ligando, ligando apareceu? Mentira. Se morreu um defunto se joga. Pra vim demora, demora, demora, e quando vem ainda vem com gracinha. Raro o policial que vem com moral e vinha com delicadeza. É muito pouco... Muito difícil. Dava pra contar nos dedo. Eles acham que como eles tão com aquele farda e com revolver as cintura, nós somos porco. Tem que apanhar e pronto acabou. (Jovem Moradora de Feu Rosa)

A mulher tava nervosa sim. Nervosa. Olha aqui: seu filho vai aqui na gaiola que nem um cachorro. Se a senhora quiser, a senhora vai de ônibus... Se não tiver dinheiro para pagar a passagem, vai amanhã. Quem são eles pra falar assim com a mãe da pessoa? Não é fácil. Acho que tem que dá um pouco de respeito.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

(Os policiais) Se fosse da comunidade não ficava nem vivo. Só tem um só. Um que é suportável. São tudo de fora. Que sabe como é o bairro, porque se dé mole acaba morrendo. Só tem um policial que não bate, não... Hum, são 3. (...) Eles acham que é o dono do bairro. Eles acham que mandam, é o dono do bairro. Não sou contra, mas acho que eles pegam um pouco pesado, principalmente com mulé.(Jovem Moradora de Feu Rosa)

15-Aspectos Positivos dos bairros

Bom! A nossa vinda para... – você quer saber especificamente sobre o bairro de Alterozas? – se deu em virtude de conhecimento do bairro, da nossa região com o pólo industrial, né?! E um lugar que a gente achava que ia dar muita valorização e que daria um bom lugar em termos de qualidade de vida... Essa foi nossa busca por uma qualidade de vida melhor, por isso nós viemos morar aqui em Alterozas, investir em Alterozas.(Morador de Alteroza)

A gente não cita muito por que... Eu acho que não teria muita importância... Porque o que incomodava muito a gente era a falta de saneamento básico e o asfaltamento esse era o lado negativo e hoje a gente classifica como o melhor bairro da Serra para se morar, sem nenhum desmerecimento de outra comunidade.(Morador de Alteroza)

Pelo fato de já conhecer a Serra, eu sabia que a Serra estava em crescimento, por gostar da Serra, estar integrado socialmente na Serra por familiares e amigos é que esta perspectiva ela sempre foi positiva. De crescimento, né?! Todo mundo crescendo junto, economicamente e socialmente.(Morador de Alteroza)

As conquistas sociais que tivemos aqui, o ganho social que nós tivemos aqui nos deixou muito motivados a continuar na luta que nós tínhamos aqui... Foi a vinda da escola, a implantação das Igrejas na comunidade, que tem um trabalho social importante dentro da comunidade, a realização dos dois projetos mais caros que foi o saneamento básico e o asfaltamento, né?! Isso foi o que nos deixou mais satisfeitos.(Morador de Alteroza)

Olha foi engraçada viu! Era e ainda é, mas era uma verdadeira rocinha para mim, eu nunca tinha morado num lugar calmo assim (...)(Morador de Alteroza)

Aqui tem praia livre, lá, coitadinhos, se eles querem uma praia, eles têm que ir para Santos (...) Enfrentar duas, três horas de trânsito (...) eles iam para Jacaraípe a pé, fazendo caminhada, você acredita?(Morador de Alteroza)

Não, para ser sincera a você eu estava para casar e o meu patrão disse assim: olha eu vou te (sic) dar uma casa para você lá no bairro Feu Rosa, na Serra, que é um bairro que eu tive lá. Ele é engenheiro da Vale, né! - vai crescer muito (patrão). Eu disse: Deus me livre! Não quero nem morta, sabe! Mas aí Deus sabe que a gente não sabe o dia de amanhã, eu vim aqui na casa desse policial e dei uma volta com ele aqui pelo bairro e falei: Nossa esse bairro vai crescer muito! E olhei também o pessoal do Morro do Macaco, que morava mais para atrás, nós morávamos perto lá da rua onde nós colocamos o ônibus, né! A chegada mais do bairro. Aí eu olhei tinha aqueles cômodozinhos/ biombozinhos que chamava casinha de pombo, falei: Seu Senna, como que a gente mora aqui? E ele falou: Jôze, isso aqui vai crescer muito. Aí eu tive essa visão também, eu falei: Não, eu vou para lá porque a gente vai crescer naquele bairro, vamos trabalhar juntos...(Morador de Feu Rosa)

Mas quem vem aqui dentro, encanta com esta comunidade, as pessoas de fora. Para você ter uma idéia hoje tem muito mineiro que tem casa aqui que vem no verão para poder... A gente mora perto da praia, 5 minutos da praia, eu amo morar aqui dentro de Feu Rosa.(Morador de Feu Rosa)

Os vendedores brigavam com as empresas para poder fazer essa área, porque era uma área boa tinha bastante comércio, mais os comércios menores aquele negócio todo, tem uma área muito boa, uma área muito boa para comércio. Depois que surgiu uns comércios maiores na vizinhança aí caiu um pouco, enfraqueceu um pouco, hoje é um comércio razoável, mas não é como era a uns quatro, cinco anos atrás, diminui um pouco... O comércio 'tá' menor, agora voltou a melhorar novamente porque está acertando indústria aí tudo, aí então a indústria está fazendo com que o poder aquisitivo do pessoal aqui, melhorou um pouco, aí o comércio está se expandindo novamente, né!(Morador de Feu Rosa)

Mais ou menos assim... De bom aqui à bondade que nós 'encontrava', que nós temos aqui entre a gente, a tranqüilidade, né! Entre as pessoas, um bom relacionamento, só... As expectativas 'é' boa demais aqui, sempre teve.(Morador de Feu Rosa)

Tranqüilo porque é um lugar sossegado não tem zoada, não tem briga, não tem violência, graças a Deus! Aqui é tranqüilo.(Morador de Nova Zelândia)

Tem mais casas, não tinha asfalto e tem asfalto quando eu vim morar aqui não tinha, não tinha rede de esgoto, [hoje] tem, melhorou um pouco o que era bom, melhorou mais ainda. (Morador de Nova Zelândia)

Muito maravilhoso... Muito bom! E onde eu moro, este lugarzinho aqui, não tem coisa melhor, só no céu! (Morador de Nova Zelândia)

Sofremos muito sabe?! Mas estamos lutando até hoje... Agora graças a Deus! Aqui melhorou muito, agora temos ônibus, nós temos água, nós temos luz, telefone, graças a Deus! (Morador de Nova Zelândia)

Parece que até o ano passado ainda era melhor, quando o Sérgio Vidigal era prefeito, as coisas eram bem melhor do que agora, eu acho, porque agora, né! Nós 'tem' médico, 'tem' tudo agora, mas tiraram o psiquiatra e meu filho depende de psiquiatra,

e não temos mais aí no posto, mas em vista do que nós optamos pode falar que a Serra agora está bom demais.(Morador de Nova Zelândia)

Então eu acho que hoje quando você cria a secretaria de Defesa Social do Município da Serra e você busca as parcerias com os conselhos, você cria os projetos Educando para a Paz, você cria institutos extra, autarquias, você busca na Ufes, ou em outros institutos parceiras, você está dizendo que você está aberto ao diálogo e você está dizendo que você quer encontrar solução. (Repres. Poder Público)

Mudou, mudou demais. Hoje a gente dorme sossegado entendeu?! A minha casa não tem estrutura, praticamente, nenhuma assim para estar abrigando, você vê o lote é semi-aberto e a gente dorme tranqüilo, sem medo. Antigamente não, meu marido até dormia com alguma coisa debaixo da cama, acordava a noite toda, assustado, com medo, a gente não andava nas ruas direito com medo, quase nem saía por medo.(Moradores de Vila Nova de Colares)

Porque a gente não vê quase essas coisas acontecendo aqui, essas mortes, assalto, você não podia deixar sua casa sozinha, aberta... Entendeu? Um dia desses eu 'tava' lá dentro de casa e se tivesse aberta as pessoas entravam no quintal sem você ver, hoje não, hoje a gente já deixou esse respeito.(Morador de Vila Nova de Colares)

Mas eu acredito que a partir de agora nós vamos começar a sentir os resultados na área de segurança pública. Por ações em todos os níveis, porque ninguém mais suporta. E aí todo o mundo está se envolvendo. A União está se envolvendo, os estados estão se envolvendo. As prefeituras estão se envolvendo. O Ministério Público. A polícia civil. A polícia militar. Os corpos de bombeiros, muito diz respeito a eles. Então, todo o mundo está se envolvendo porque ninguém suporta mais. Porque a criminalidade, ela tem, ela tem, ela tem roubado nossa paz social. Né? (Repres. Policia)

E meu discurso é um discurso de otimismo. Eu não sou derrotado não. Eu acho que nós vamos achar a solução. Estamos buscando. As pessoas que estão lidando com segurança pública estão estudando.(Repres. Policia)

Porque nunca aconteceu nada de bom para o nosso bairro. Nunca. A não ser o asfaltamento que veio, e parou. E mais nada. O nosso bairro parou junto. Só isso. (Morador de Nova Zelândia)

A primeira impressão que eu tive quando eu cheguei aqui, com a fé de Deus, que o bairro no futuro ele ia ser um bairro de conjunto de grande potencia que esta sendo hoje, na área de educação, na área de transporte, segurança, como eu dizia a você anteriormente, não esta 100%, mas 50% graças a Deus está, e a tendência é melhorar mais ainda, se Deus quiser, melhorar mais ainda.(Morador de Feu Rosa)

As os fatos em si marcantes hoje a gente vê que Feu Rosa tem quase tudo, tem escola, tem DPM, ou seja, destacamento da polícia militar, nós temos uma unidade de saúde regional, e a praça central esta pra ser entregue, inaugurada, com várias opções de esporte, varias opções para a prática de várias modalidades esportivas, essa palavra é mais adequada. Esses fatos eles são extremamente marcantes porque o próprio crescimento do bairro (...) E todas essas coisas, todas essas mudanças elas são

importantes, importantes e marcantes porque elas são... Como é que eu poderia dizer... Elas representam o fruto do nosso trabalho, fruto na nossa dedicação, o fruto da nossa forma aguerrida de brigar pelos nossos direitos...(Antigo Morador do Morro do Macaco)

Aqui pra ser sincero, aqui no meu bairro, tudo foi importante. Pedacinho por pedacinho aqui desde a época que eu vim pra cá foi muito importante, então eu não tenho hora nenhuma negativa desde a época que decidi a vim pra cá só foi gratificante pra mim, eu não tenho nada que eu possa falar ao contrário do bairro, falar que eu tive problema com os vizinhos... Não tenho... Então tudo foi ótimo pra mim, tudo foi tranqüilo, graças a Deus...(Morador de Nova Zelândia)

De aspectos positivos nós podemos colocar isso, a solidariedade das pessoas(no passado), porque estavam todas, todas as pessoas estavam em dificuldade então havia aquele esforço no sentido de uma pessoa estar ajudando à outra, estarem se ajudando mutuamente, então havia essa amizade, essa solidariedade, essa empatia entre as pessoas em termos de aspecto positivo, e um olhava a casa do outro, aspectos próprios de uma cidade interiorana, hoje a realidade é outra....Em termos de aspectos positivos aconteceram muitas melhorias em termos de implementação, na praça central já construíram um ginásio para a prática esportes, um ginásio grande, as praticinas, enfim, a obra que está sendo feita na praça central, então houve assim, muitas melhorias.....A principal mudança que eu vi foram as escolas que eles construíram mas Não está resolvendo ainda o problema, porque é muita gente no bairro, mas tem escola. Aqui pra você achar um orelhão antigamente era difícil, e hoje tem, todo lugar que você vai tem um orelhão, essas coisas assim que melhorou. Mas assim, o policiamento antes era melhor que hoje. “ Positivo pra mim foi botar água, porque quando era água...as crianças viviam todas com diarreia porque pegavam água em qualquer lugar, água suja, qualquer água eles pegavam pra beber e pra tudo, então quando botou água foi uma maravilha, botaram água, botaram luz que não tinha, o asfalto que ele botou...(Morador de Feu Rosa)

Depois de 2000 pra cá teve policia aqui fazendo batida, todo dia eles estavam aí, o negócio mudou muito, veio o asfalto, agora falta umas coisinhas ainda O que mais marcou pra mim foi o dia que eles começaram a asfaltar esse bairro, foi muito marcante, porque tinha mais de dez anos que nós estávamos na poeira aqui, muito mais de dez anos, pelo menos um quinze anos que nós estávamos na poeira aí, o asfalto chegou aqui em 2000.(Morador de Alteroza)

A primeira impressão que eu tive quando eu cheguei aqui, com a fé de Deus, que o bairro no futuro ele ia ser um bairro de conjunto de grande potencia que esta sendo hoje, na área de educação, na área de transporte, segurança, como eu dizia a você anteriormente, não esta 100%, mas 50% graças a Deus está, e a tendência é melhorar mais ainda, se Deus quiser, melhorar mais ainda.(Morador de Feu Rosa)

Os fatos em si marcantes hoje a gente vê que Feu Rosa tem quase tudo, tem escola, tem DPM, ou seja, destacamento da polícia militar, nós temos uma unidade de saúde regional, e a praça central esta pra ser entregue, inaugurada, com várias opções de esporte, varias opções para a prática de várias modalidades esportivas, essa palavra é mais adequada. Esses fatos eles são extremamente marcantes porque o próprio crescimento do bairro (...) E todas essas coisas, todas essas mudanças elas são

importantes, importantes e marcantes porque elas são... Como é que eu poderia dizer... Elas representam o fruto do nosso trabalho, fruto na nossa dedicação, o fruto da nossa forma aguerrida de brigar pelos nossos direitos...(Antigo Morador do Morro do Macaco)

Aqui pra ser sincero, aqui no meu bairro, tudo foi importante. Pedacinho por pedacinho aqui desde a época que eu vim pra cá foi muito importante, então eu não tenho hora nenhuma negativa desde a época que decidi a vim pra cá só foi gratificante pra mim, eu não tenho nada que eu possa falar ao contrário do bairro, falar que eu tive problema com os vizinhos... Não tenho... Então tudo foi ótimo pra mim, tudo foi tranqüilo, graças a Deus. (Morador de Nova Zelândia)

Mas o bairro já é queimado, mas eu acho que tem muita coisa boa que antigamente não tinha. Entendeu? Igual nosso bairro hoje em dia, o posto de saúde fica trabalhando até à noite, num precisa ir pra fora, aqui mesmo atende. Tem ambulância. Até aqui eles vem. Eu não tenho o que reclamar do bairro mais. (..) Só fica faltando umas coisinhas assim, mas com o tempo vai ajeitando. Não da pra botar tudo do jeito que a gente quer. (Jovem moradora de Feu Rosa)

Há ... grandes projetos aqui, nós temos aqui ... é um projeto de escola, escola infantil, escola de futebol, projetos religiosos, onde visa resgatar os jovens, temos um trabalho em parceria, com famílias, de estudo, de pesquisas,... temos é... tem projetos da construção do estádio aqui da praça os meninos jovens buscam, aqui uns projetos de hip hop, de funk....seja lá qual for o projeto. Seja social, esportista, religioso, acho que você se envolve de verdade, e eu acho isso um ponto positivo.(Morador de Feu Rosa)

Na realidade, o Morro do Macaco era um aglomerado. Então o governo do estado, em convênio com a prefeitura de Vitória... Esses imóveis foram dados, mas a prefeitura pagou pelos imóveis. Mas também pagou num prazo acessível. Não me recordo agora, mas acho que uns quinze, vinte, vinte e cinco anos. Inclusive, todos esses financiamentos já foram quitados. A prefeitura e a Cohab encontraram uma forma de passar essas escrituras para o pessoal.(Repres. Cohab)

O oficial de justiça ia lá e fazia a negociação. O objetivo não era esse, o objetivo era dar a casa. O oficial de justiça chegava lá encontrava a família na miséria, não ia tomar. Via a condição da família, depois ela ia ser remanejada para outro imóvel, que ia dar recurso para ela. (Repres. Cohab)

(...) hoje em dia para eu estar com o prefeito, para estar com o público, eu não preciso estar apadrinhado a ninguém. hoje eu vou lá, marco minha a reunião, sou sempre muito bem atendido. a gente faz nosso orçamento participativo, escolhemos nossas prioridades. a prefeitura dá...(Morador de Feu Rosa)

8.7 - Teorias Clássicas e Contemporâneas da Criminalidade e Violência: Em busca de uma síntese e aplicação para a Região Metropolitana de Vitória

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho tem sido o de realizar uma abordagem das teorias da violência, em busca de fatores explicativos que possam ajudar a orientar a pesquisa empírica deste projeto.

Neste sentido, a abordagem deste relatório refere-se aos avanços conseguidos até o momento. As perguntas referem-se, primeiramente, sobre a que fatores seriam explicativos ao que chamamos de hiper-criminalidade[1, 2] no ES. Assim o que se pretende, de início é tratar, de um resumo da bibliografia sobre teorias da violência e suas diversas variáveis explicativas, bem como as possibilidades de refutação[3] para o caso do ES. Em termos sintéticos, podemos apontar o seguinte esquema de trabalho para este relatório:



Deste modo, apontamos o roteiro ao qual descrevemos a partir trata de dois aspectos chave, em primeiro lugar se fará, enquanto resultado parcial, (a) uma síntese dos fatores de violência detectados pela Escola Sociológica de Chicago [4-6] e (b) de uma análise comparativa das diversas teorias contemporâneas da violência[7] e (c) para fins de conclusão, que aspectos podem ser apontados para a análise de um modelo ecológico[7].

Não poderia deixar de citar, em uma abordagem antropológica, as contribuições de Soares[8-10], que em diversos artigos, tem apontado para o fenômeno da invisibilidade social dos jovens das periferias urbanas deste país. Os aspectos descritos pelo autor operam em um nível intersubjetivo e que dialogam com diversas teorias apontadas no quadro de Cerqueira & Lobão[7].

As explicações sobre criminalidade e violência em geral desenvolvem aspectos sofisticados de relação multi-causal com base em teorias simples. A busca de explicações para contextos específicos tem sido mais um fator de aglutinação de teorias e esforço de confirmação de hipóteses baseadas em teorias de médio alcance[11, 12] que a busca de uma teoria geral aplicável a qualquer caso. Assim, o que se pretende, por um lado, ao invés de uma teoria geral, é uma síntese das diversas teorias e, além disto, fazer considerações para o caso capixaba a fim de operacionalizar as hipóteses levantadas. Entretanto, uma vez estabelecido tal síntese, bem como as possibilidades de aplicação, é necessário estabelecer que mecanismos sociais[13, 14] encontram-se operando e de que modo, ou seja, é necessário compreender a relação entre as variáveis e qual o sentido da ação social envolvida na criminalidade e violência.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O materiais e métodos envolvidos nesta etapa de trabalho envolveram dois aspectos centrais:

1. Análise bibliográfica de teorias da violência. Esta etapa compreendeu a seleção e catalogação de textos de diversos autores, sendo montada uma base de dados com mais de 400 textos artigos em meio digital e seleção dos principais trabalhos, bem como a leitura de livros recentes que tratam da questão sobre violência, criminalidade e juventude no Brasil;
2. Visitas a campo a fim de observar aspectos da realidade social da região metropolitana nos bairros pesquisados. Neste caso os bairros estudados foram Feu Rosa/Vila Nova de Colares;
3. Reuniões de trabalho. As reuniões semanais do grupo de pesquisa mostraram-se importantes para nivelar a compreensão do trabalho de pesquisa e repartir conhecimento da literatura, uso de metodologias de mapeamento cognitivo/conceitual;
4. Sínteses teóricas e metodológicas. Tais elementos foram tomados como subprodutos desta pesquisa a fim de serem debatidos e incorporados pelo restante do grupo no trabalho de campo e nos relatórios de pesquisa.

3. RESULTADOS PRELIMINARES

a) Análise da criminalidade e violência pela Escola Sociológica de Chicago

Em obra recente[4-6], Freitas, bem como outros autores, propõe o retorno do estudo da cidade no contexto da criminalidade. É tal escolha que faz ganhar importância um retorno às concepções da Escola Sociológica de Chicago no que trata ao estudo da criminalidade, bem como os seus refinamentos posteriores para a sociologia do crime, delinqüência e controle social.

As cidades de Chicago, Nova Iorque e Filadélfia sofreram urbanização acelerada no séc. XIX. Em 1890, Chicago passa a ser a segunda cidade mais populosa dos EUA, crescendo de importância econômica em função dos centros industriais e comerciais. Assim, a expansão das cidades e suas modificações sob o efeito da industrialização, provocam o surgimento de novos fenômenos sociais, mudanças econômicas, demográfica e espacial, alterações dos costumes, formas de interação e controle social, em síntese, um novo ambiente que, marcado por grandes desigualdades e clivagens, ocorre o crescimento da criminalidade.

As novas oportunidades econômicas da cidade de Chicago atraem um número crescente de migrantes (principalmente negros vindos do Sul) e imigrantes. Os guetos aparecem como resultados das dificuldades das condições de vida destes migrantes, em especial o acesso à moradia (aos quais passam a residir em cortiços chamados de *tenement house* - casa de U\$ 10,00), e discriminação dos americanos na competição por emprego e status. As gangues passam a ser parte comum da vida dos jovens das classes menos favorecidas.

O diagnóstico da criminalidade, em um contexto de urbanização acelerada, oferecido pela Primeira Escola de Chicago é apresentado enquanto diminuição das forças tradicionais de controle social (igreja, escola e família), crescendo a importância do papel do Estado (escola pública e polícia). A partir daí, o crime passou a ser entendido como produto desta urbanização, relacionando a organização do espaço e a criminalidade.

Com isto, o crime passa a ser atribuído não a pessoa, mas ao “grupo” a que pertence, envolvendo aspectos físicos, sociais e culturais que criariam um vetor criminal. Para os teóricos da Escola de Chicago, todos os indivíduos são potencialmente criminais, sendo os fatores contextuais e de oportunidade capazes de oferecer explicações para a inserção

criminal. Já na segunda Escola de Chicago, amplia-se a crítica às instituições, envolvidas, também, no complexo dos fatores potencializadores da criminalidade.

Em termos de bases teóricas, além de uma forte influência da sociologia de Simmel, a Escola de Chicago aplicou os métodos da antropologia para o homem moderno, a valorização do estudo empírico e trabalho de campo, a criação do método de observação participante. As contribuições da psicologia social (o *interacionismo simbólico*, de George Herbert Mead). A partir disto há a criação da teoria da Ecologia Humana, de Robert Park e outros, para o qual o comportamento era influenciado, em grande parte, pelo ambiente físico e social, em uma perspectiva conformista, onde o indivíduo de acordo com os valores e normas do grupo. A teoria das Zonas Concêntricas, de Ernest Burgess, em que as regiões das cidades são explicadas em termos de comportamento e oportunidades criminais. Nesta última, Chicago é dividida em cinco zonas que se expandem a partir do centro, cada uma detendo características próprias e constante mobilidade, avançando no território das outras por meio de processos de invasão, dominação e sucessão.

Dentre as críticas, há a perda de explicação nas áreas consideradas não delitivas e a conduta não delitiva nas áreas delitivas, o caráter classista da análise, uma visão unificada da cultura da cidade (em um contexto de diferenças de classes, gênero, etnia e origem,) conceitos contraditórios como desorganização social e determinismo ambiental.

Entretanto, é a Teoria Ecológica que, a partir dos anos 30, foi cedendo espaço, mas também influenciando outras teorias individuais e econômicas; a contribuição à Teoria Estrutural-funcionalista do desvio e da anomia; a Teoria da Associação Diferencial; as Teorias Culturais e Subculturais; as Teorias do Aprendizado Cultural; a prevenção do crime mediante o desenho ambiental; e as Teorias do Controle. Entretanto, nos EUA, na década de 70 e 80 há uma revalorização da Teoria Ecológica.

Dentre as propostas, há a compreensão de um contexto em que os lares transformaram-se em apenas dormitórios, logo as propostas para o controle da criminalidade envolvem uma gama de ações tendo em vista aumentar os vínculos sociais positivos entre as pessoas a partir da infância (principalmente em jovens e crianças), numa tentativa de preencher o espaço formador que antes era ocupado pela família, o reforço das organizações comunitárias positivas, delegando maiores papéis à igreja, escola e instituições locais. Com isto, há um ceticismo em relação a propostas meramente

policiais e uma defesa de políticas preventivas. Para estes autores é o Estado que estaria encarregado de oferecer a proteção para o bem comum.

Freitas, ao contextualizar o caso das maiores cidades brasileiras - claramente polarizadas entre regiões pobres e ricas, bairros pobres e condomínios fechados, menor a maior infra-estrutura urbana - toma como parâmetro a Teoria das Zonas Concêntricas de Burgess. Surge então uma lógica da segregação, com a existência de comunidades ilhadas em função da distância social.

b) Teorias contemporâneas da criminalidade

São várias as teorias sociológicas contemporâneas que buscam explicar os contextos de inserção e vetores de criminalidade. Apesar disto, as teorias contemporâneas da criminalidade são devedoras, em grande parte, do legado da Escola de Chicago, A título de revisão, apontamos a seguir o quadro teórico adaptado de Cerqueira& Lobão [7] enquanto síntese da bibliografia internacional em conjunto com elementos da Escola de Chicago estudos da teoria. O quadro 1 a seguir busca, deste modo, resumir os conceitos pertinentes a cada uma das teorias

Quadro 1: Teorias contemporâneas da criminalidade

Dimensão	Teoria	Conceito
Macro-social	Teoria Geral da anomia	Impossibilidade de o indivíduo atingir metas desejadas por ele, basicamente uma diferenciação entre cultura (o socialmente desejável) e estrutura (oportunidades reais de efetivação de ambições sociais aceitas).
	Desorganização social	Abordagem sistêmica em torno das comunidades, entendida como um complexo sistema de rede de associações formais e informais.
Interacional	Aprendizado social	Os indivíduos determinam seus comportamentos a partir de suas experiências pessoais com relação a situações de conflito, por meio de interações pessoais e com base no processo de comunicação.
	Controle social	O que leva o indivíduo a não enveredar pelo caminho da criminalidade é a crença e a percepção do mesmo em concordância com o contrato social (acordos e valores vigentes), ou o elo com a sociedade.

Individual	Escolha racional	O indivíduo decide sua participação em atividades criminosas a partir da avaliação racional entre ganhos e perdas esperadas advindos das atividades ilícitas <i>vis-à-vis</i> o ganho alternativo no mercado legal.
	Auto-controle	O que leva o indivíduo a não enveredar pelo caminho da criminalidade? A crença e a percepção do mesmo em concordância com o contrato social (acordos e valores vigentes), ou o elo com a sociedade.
Ecológico: Todas	Uso de todas as teorias as teorias e variáveis, adaptação ao contexto do local e busca de rigor, buscando respostas contextuais.	

Fonte: Cerqueira, D. and W. Lobão, *Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos*[7]

Chama a atenção que, em um momento em que cada uma das teorias tomadas separadamente parecem “incompletas”, bem como mais incompleto ainda o fato de não adotar nenhuma perspectiva teórica, a busca de apontar para um modelo ecológico[7] induz a considerar tanto o conjunto das teorias pensando tanto em termos de seus conceitos, mas principalmente em suas variáveis intervenientes, a fim de compor a proposta. É neste sentido que o esforço desta análise teórica se dirige no Quadro 2 a seguir. Na última coluna há uma consideração se a variável abordada pode ser aplicada ao caso da região metropolitana de Vitória.

Quadro 2: Teorias, dimensões e variáveis e aplicação na hiper-criminalidade da Região Metropolitana de Vitória - ES

Dimensão	Sub-dimensão	Variáveis	Teorias Individuais		Teorias Interacionais		Teorias Macro-sociais			Análise quantitativa		Refutação: possível aplicação ao caso da RMGV/ES	
			Escolha racional	Auto-controle	Aprendizado social	Controle social	Teoria Geral da Anomia	Desorganização social	Escola sociológica de Chicago	Nº de vezes que as variáveis se repetem nas diversas teorias	Nº de citações sub-dimensões		
Individual	Degradação subjetiva	Sofrimento por discriminação racial				✓		✓	✓	3	8	SIM	
		Sofrimento cotidiano					✓			1		SIM	
		Eventos de vida negativos					✓			1		SIM	
		Sentimento de apatia		✓						1		SIM	
		Baixa auto-estima		✓						1		SIM	
		Baixo cumprimento de metas				✓				1		SIM	
	Não adaptação ao meio social	Baixos meios disponíveis frente às aspirações individuais					✓			1	6	SIM	
		Sentimento de oportunidades bloqueadas					✓			1		SIM	
		Discordâncias ou divergências sociais					✓			1		SIM	
		Baixa tolerância á frustração		✓						1		SIM	
		Frustração social derivada de perda de algo de valor					✓			1		SIM	
		Privação relativa					✓			1		SIM	
	Comportamento desviante	Crenças desviantes		✓						1	8	?	
		Ação incoseqüente		✓						1		SIM	
		Comportamento negligente		✓						1		SIM	
		Irritabilidade/temperamento explosivo		✓						1		SIM	
		Ameaças a outros				✓				1		SIM	
		Agressão física/crueldade		✓		✓				2		SIM	
		Precocidade sexual		✓						1		SIM	
	Interacional	Conflitos familiares	Desagregação familiar/ famlismo amoral					✓	✓	✓	3	12	SIM
			Interação negativa/conflito no ambiente familiar				✓		✓	3	SIM		
Baixa diálogo/supervisão familiar					✓	✓		✓	✓	4	SIM		
Baixa interação com a família						✓		✓	2	SIM			
Baixa coesão social		Ausência de redes de ajuda				✓	✓		✓	3	7	SIM	
		Baixa coesão nos grupos de amizades			✓				1	SIM			
		Baixa participação em redes sociais			✓				1	SIM			
		Baixa participação religiosa				✓		✓	2	NÃO			

Interacional	Interação com jovens criminalmente inseridos e inseridos	Grupos de adolescentes sem supervisão				✓		✓	✓	3	9	SIM				
		Amigos inseridos criminalmente				✓		✓	✓	4		SIM				
		Percepção positiva de amigos delinquentes				✓		✓		2		SIM				
	Tensão social	Discriminação contra migrantes						✓	✓	2	10	SIM				
		Discriminação por local de moradia*							✓	1		SIM				
		Conflito com adultos							✓	1		SIM				
		Desavenças com vizinhos						✓		✓		2	SIM			
		Focos de tensão social						✓		✓		2	SIM			
		Tensão no trabalho						✓		✓		2	SIM			
	Macro-social	Baixa eficiência estatal	Sistema educacional deficitário	Ineficiência do sistema educacional	Baixa atenção dos professores				✓	✓	✓	3	23	SIM		
Tensão na escola										✓	1	SIM				
Baixo desempenho escolar					✓	✓			✓		✓	4		SIM		
Baixos níveis agregados de educação					✓						✓	2		SIM		
Baixa qualidade de ensino					✓						✓	2		SIM		
Baixa integração ao sistema educacional				Percepção negativa da escola						✓		✓		2	SIM	
				Sensação de não pertencimento à escola						✓				1	SIM	
				Sentimento de solidão na escola						✓				1	SIM	
				Baixa magnitude das punições		✓								1	?	
Ineficácia do sistema de justiça			Baixa eficiência da polícia		✓						✓	2		SIM		
			Ineficiência dos aparelhos judiciários		✓						✓	2		SIM		
			Baixo acesso à justiça									0		SIM		
			Existência de grupos criminais para-estatais*									0		SIM		
			Ausência do Estado	Não acesso a programas de proteção e bem-estar social		✓								1	SIM	
				Baixa participação institucional							✓			1	SIM	
Descrédito das instituições estatais*											0	SIM				
Velocidade das transformações sociais			Transformações demográficas	Migrações					✓		✓	✓		3	12	SIM
				Urbanização acelerada					✓		✓	✓		3	SIM	
				Adensamento populacional		✓						✓		2	SIM	
				Existência de cortiços/ favelas/ invasões								✓		1	SIM	
				Mobilidade residencial						✓		✓		2	SIM	

Macrosocial	Transformações culturais	Concentração juvenil*						✓	1	3	SIM	
		Clivagem geracional*									0	SIM
		Expansão dos desejos de consumo*						✓			1	SIM
		Mudança nas relações de gênero*						✓			1	SIM
		Mudança no quadro de profissões*						✓			1	SIM
	Baixas oportunidades econômicas	Alta desigualdade da renda	✓						✓	2	10	SIM
		Baixa renda familiar per capita	✓							1		SIM
		Altas taxas de desemprego	✓					✓	✓	3		SIM
		Baixo status socioeconômico	✓				✓	✓	✓	4		SIM
	Violação de regras (normas e leis) **	Acesso e tráfico a drogas lícitas e ilícitas	✓	✓	✓	✓				4	15	SIM
		Contato com técnicas criminosas	✓	✓	✓					3		SIM
		Vandalismo/ destruição de propriedade		✓		✓				2		SIM
		Pequenos furtos	✓	✓	✓	✓				4		SIM
Reincidência/inércia criminal		✓			✓				2	SIM		
Nº de Variáveis por Teoria			16	14	9	21	17	11	35	Conjectura-se que das 71 variáveis apontadas 69 sejam aplicáveis ao caso da RMGV		
Nº de Citações por dimensão teórica			30	30	30	63	63	63	63			

* Variáveis acrescentadas para o caso do estado do Espírito Santo;

** A violação de regras (normas e leis) é considerada aqui como o próprio comportamento criminal, ainda que possivelmente em baixa intensidade, razão por que, apesar de compor as teorias, é citado em separado.

Fonte: Deivison Souza Cruz sobre artigo de (Cerqueira and Lobão 2004) e (Madeira and Freitas 2003)

5. DISCUSSÃO/CONCLUSÕES PRELIMINARES

O gráficos a seguir abordam alguns aspectos cognitivos do quadro anterior:

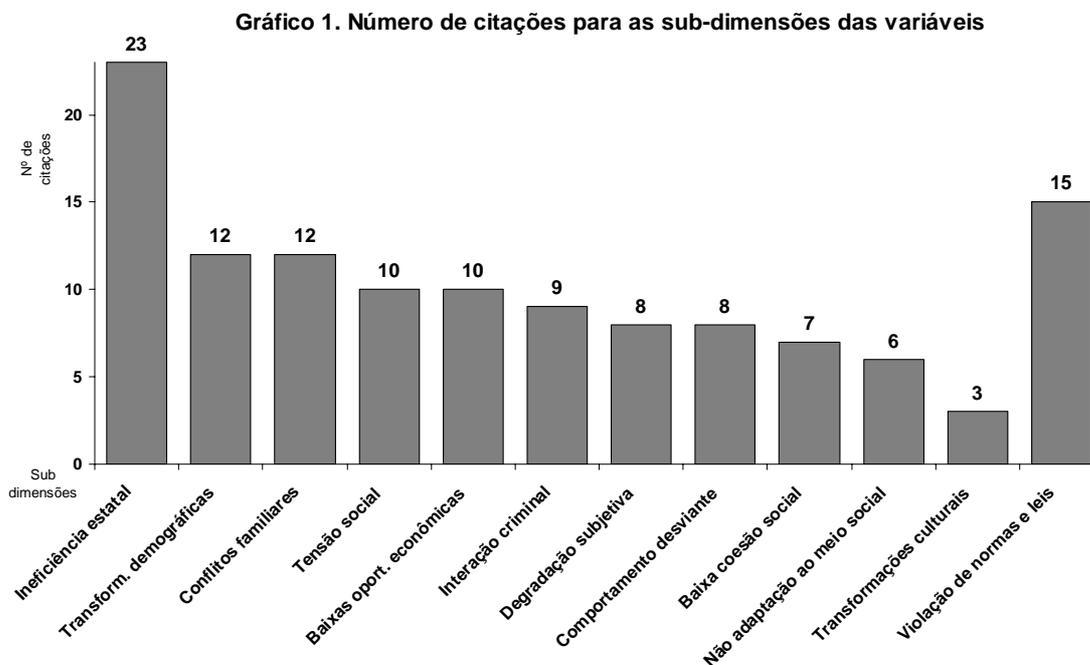


Gráfico 2: Agrupamento por dimensões das variáveis

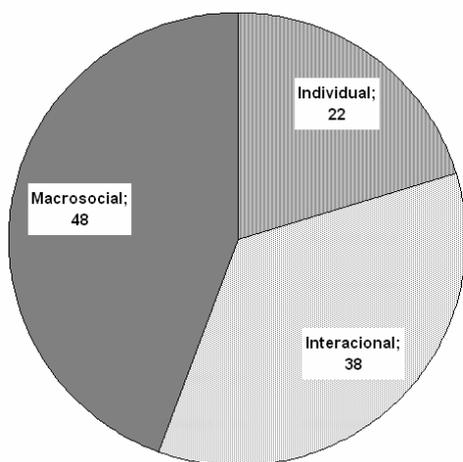
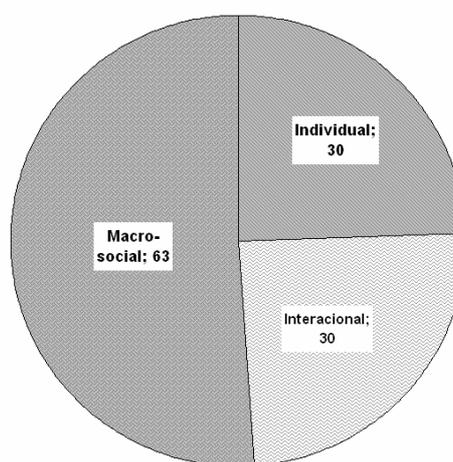


Gráfico 3: Número de citações de variáveis por dimensão teórica



É bom lembrar-mos que, ao fato de estarmos trabalhando com uma hipótese de hiper-criminalidade para o caso da Região Metropolitana da Grande Vitória, sendo que, sendo apontado uma situação extrema em termos empíricos, todas as abordagens teóricas não estariam descartadas de antemão. O que se atenta, de início é que tais sub-dimensões não

seriam mutuamente excludentes nem em termos teóricos e nem em casos empíricos. Para o caso do ES, é está multi-causalidade e sobreposição de fatores que viria a contribuir para a explicação da situação aberrante da RMGV.

Deste modo, as teorias sociológicas da violência atribuem, em sua grande parte, um grande papel ao Estado, visto que a sub-dimensão “ineficiência estatal” (sistema educacional deficitário, ineficácia do sistema de justiça, sensação de “ausência” do Estado) é citada quase duas vezes mais(23 citações) que qualquer outra dimensão tomada separadamente. Em segundo lugar são apontados as transformações demográficas(migrações, urbanização acelerada, adensamento populacional, existência de cortiços/ favelas/ invasões, mobilidade residencial, concentração juvenil) e conflitos familiares, com 12 citações cada, seguidas de tensão social e baixas oportunidades econômicas(10 citações). Interação criminal(9), degradação subjetiva e comportamento desviante (8 citações cada). Menos citados são o grau de coesão social(7), não adaptação social(6) e transformações culturais.

Em termos de dimensões agregadas, há um peso grande para os fatores macro-sociais. A ineficiência estatal e as transformações demográficas são atribuídas as principais hipóteses causais de violência nas diversas teorias. No gráfico 2 observa que, de modo agregado, os fatores macro-sociais(48 citações) e interacionais (38 citações) tem maior peso que os individuais(22 citações), o que é corroborado mais ainda quando se aborda, ao invés das sub-dimensões, as próprias teorias (Individuais, Interacionais e Macro-sociais) enquanto critério de classificação. Neste caso, há tanto um aumento do peso de fatores macro-sociais (63 citações) quanto de individuais (30 citações), enquanto que os fatores interacionais reduzem-se para 30 citações. Por fim, no que trata a última coluna do quadro. Aponta-se aqui, enquanto hipótese a ser aplicada em pesquisas empíricas, que a quase totalidade das variáveis parece ser aplicável ao caso da RMGV.

A criminalidade, embora envolva um conjunto complexo de atores, são aqueles considerados criminais tem sido o foco da análise. Todavia, este comportamento extremo é apenas o mais evidente de um conjunto de outros tipos de reações envolvendo as interações sociais no ambiente urbano. São tais fatores eminentemente sociológicos que se aponta neste trabalho.

Em relação à construção de um modelo de teste empírico e o modo como tais variáveis e dimensões parecem operar, chama atenção, principalmente o modo como à dimensão subjetiva dos indivíduos de baixo status social, em especial jovens negros e pobres, reagem ao meio externo estigmatizante[9, 15]. Tal meio externo, marcado por representações sociais e respostas de senso comum do tipo de “*profecias que se auto-cumprem*”[16].

E relação à continuidade do trabalho, espera-se montar um constructo teórico que possa ajudar a compreender o caso da RMGV para os tempos (a) década de 80 e cenário recente(2000 em diante) dentro de uma análise sistêmica[17], ao qual advoga-se que a reprodução da violência tem fatores de auto-perpetuação extremamente “fortes”, criando uma forma de socialização e sociabilidade eminentemente violenta[18]. A busca da construção de um questionário para testar em campo algumas das diversas hipóteses vem se realizando, faltando ainda, neste trabalho, ainda os trabalhos de tabulação e análise de dados.

5. BIBLIOGRAFIA

1. Cerqueira, D., W. Lobão, and A. Carvalho, *O JOGO DOS SETE MITOS E A MISÉRIA DA SEGURANÇA PÚBLICA NO BRASIL*, in *TEXTO PARA DISCUSSÃO*. 2005, Rio de Janeiro.
2. Lobão, W., D. Cerqueira, and A. Carvalho, *Estrutura socioeconômica, auto-realização, homicídios e dependência espacial no Brasil*. 2004: Rio de Janeiro.
3. Karl, P., *Conjecturas e Refutaciones*, Barcelona: Ed. Paidós.
4. Eufrazio, M.A. *A delimitação da sociologia na escola de Chicago*. in *Constituição de Fronteiras nas Ciências Sociais: tensão e extensão no campo metodológico*. 2004. Caxambu - MG.
5. Eufrazio, M.A. *Estrutura urbana e estudos locais*. in *A Formação das Identidades Coletivas: Comunidade, Lugar e Espírito*. 2004.
6. Madeira, L.M. and W.C.d.P. Freitas, *Resenha: Espaço urbano e criminalidade: lições da escola de Chicago*, in *Sociologias, Porto Alegre*. 2003. p. 370-377.
7. Cerqueira, D. and W. Lobão, *Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos*, in *DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro* 2004. p. 233-269.
8. Soares, L.E. and A.C. Miguez, *Uma viagem ao inferno: Luiz Eduardo Soares analisa para o jornal O DIA o funk proibido dos bailes promovidos pelo tráfico*. 200?

9. Soares, L.E., *Juventude e Violência no Brasil contemporâneo*, in *Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação* R. Novaes and P. Vannuci, Editors. 2006 Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo. p. 304.
10. Soares, L.E., *A Escola e as Manifestações da Violência*. ????
11. Merton, R.K., *Sobre teorias sociológicas de médio alcance*, in *Sociologia: Teoria e Estrutura*, R.K. Merton, Editor. 1970, Editora Mestre Jou: São Paulo. p. 50-83 de 758p.
12. Coleman, J.S., *Foundations of social theory*. 1990, Cambridge Belknap Press of Harvard University Press.
13. Elster, J., *Peças e engrenagens das Ciências Sociais*. .Publicação:. . 1994, Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará.
14. Ratton, J.L.A.J. and J.V.d. Morais, *Para ler Jon Elster: limites e possibilidades da explicação por mecanismos nas ciências sociais*, in *Dados*. 2003. p. 385-410.
15. Goffman, E., *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, ed. 4. 1988, Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
16. Merton, R.K., *A profecia que se cumpre por si mesma*, in *Sociologia: teoria e estrutura*, R.K. Merton, Editor. 1970, Editora Mestre Jou: São Paulo. p. 515-535.
17. Schwartzman, S., *O dom da eterna juventude*, in *Dados: Revista de Ciências Sociais*. 1971. p. 26-46.
18. Silva, L.A.M.d., *Criminalidade Violenta: Por uma Nova Perspectiva de Análise*, in *Revista de Sociologia e Política - UFPR - Curitiba*. 1999. p. 45-58.